ANTHOLOGIA

DA

Lingua Vernacula

ORGANISADA COMO

CURSO DE LITERATURA BRAZILEIRA

POR

Almachio Diniz

Professor da FACULDADE DE DIREITO DA BAHIA

1913

LIVRARIA CATILINA

DE ROMUALDO DOS SANTOS

LIVREIRO EDITOR

RUA SANTOS DUMONT, N. 6

BAHIA

LINGUA VERNACULA

PRINTED IN BRAZIL

L.Por.C
D585la

ANTHOLOGIA

DA

Lingua Vernacula

ORGANISADA COMO

CURSO DE LITERATURA BRAZILEIRA

PELO

DR. ALMACHIO DINIZ

Professor da Faculdade de Direito da Bahia

1913

LIVRARIA CATILINA

DE ROMUALDO DOS SANTOS

LIVREIRO EDITOR

RUA SANTOS DUMONT, N. 6

BAHIA

410116
23.2.43

«Não é pequeno serviço ajuntar o disperso, abreviar o longo, e afastar o selecto».

Macedo.— Eva e Ave.

Se queremos achar abertas veias
Do custoso metal que as fallas douta,
Visitemos as minas encetadas
Pelos nossos antigos escriptores.

Francisco Manuel.— Da Arte Poetica.

Floresça, falle, cante, ouça-se e viva
A portugueza lingua, e já onde fôr,
Senhora vá de si, soberba e altiva.

Antonio Ferreira.

Esmeramo-nos em repellir tudo que não respirasse a honestidade que cumpre manter no ensino, observando, como pais de familia e educadores, o maximo respeito, que, como disse um romano, todos devemos á puericia.

Fausto Barretto e Carlos de Laet.

PARTE PRIMEIRA

Os classicos da lingua portuguêsa

Gil Vicente

(1460—1536)

Gil Vicente, nascido em Guimarães (Portugal), fez seu curso de jurisprudencia na Universidade de Lisbôa (1), sendo professor de rethorica e figurando como aprimorado escriptor dramatico, no mais glorioso periodo da historia de Portugal. Por sua erudição foi-lhe bem posto o nome de *Plauto* português. As suas obras comprehendem: *Farças*, *Tragicomedias*, *Comedias*, *Obras de devoção* e *Obras Varias*. O seu primeiro trabalho tem a data de 1502.

Do « Auto da historia de Deos »

Entra hum Anjo, e a modo de argumento diz o seguinte introito.

Anjo

Ainda que todalas cousas passadas
Sejão notorias a Vossas Altezas,

(1) Nestes tempos era ahi que se achava a actual Universidade de Coimbra.

A historia de Deos tem taes profundezas,
Que nunca se perde em ser recontadas.
E porque o tenor
Da resurreição de Nosso Senhor
Tem as raizes naquelle pomar,
Ao pé d'aquella árvore que ouvistes contar,
Aonde Adão se fez peccador,
Convem se lembrar.
Portanto o exordio do auto presente
Começa tractando desta creação,
E como Lucifer tomou gran paixão
De Deos crear mundo tão resplandecente.
E assi a inveja
E a sua malicia d'inveja sobeja
Por ver nossos padres assi nobrecidos,
Feitos gloriosos, tão esclarecidos,
Que não pelos olhos lhe armárão peleja,
Mas pelos ouvidos.
Entrará primeiro o muito soberbo
Lucifer, anjo que foi dos maiores,
E Belial e Satanaz, senhores
De muita maldade de verbo a verbo.
Agora vereis
O que por diversos doctores lereis
D'*ab initio mundi* até á resurreição;
A' qual se endereça a final tenção

Dos versos seguintes. Não vos enfadeis,
Que breves serão. (2)

Epistola dedicatoria a D. João III

Os livros das obras que escriptas vi, Serenissimo Senhor, assi em metro, como em prosa, são tão florescidas de scientes materias, de graciosas invenções, de doces eloquencias e elegancias, que temendo a pobreza do meu engenho, porque naceo e vive sem possuir nenhua destas, determinava leixar minhas miserrimas obras por imprimir, porque os antigos e modernos não leixárão cousa boa por dizer, nem invenção linda por achar, nem graça por descubrir. Assi que, pera passar seguro da pena que minha ignorancia padecer não escusa, me fôra fermosa guarida não dizer senão o que elles disseram, ainda que eu ficasse como eco nos valles, que falla o que dizem, sem saber o que diz. Porém querendo eu no presente preambulo ajudar-me do seu costumado estilo, em querer louvar as excellencias de V. A., comò elles fazem aos senhores a quem suas obras endereção, que farei? sendo certo que, ainque fosse em mi so a sua oratoria tão facunda como em todos elles, e me fosse traspassado o espirito de David, não presumiria escrever de V. A. a minima parte de sua magnifica bondade, de sua

(2) Extrahido das *Obras de Gil Vicente*, nova edição correcta e emendada por J. V. Barretto Feio e J. G. Monteiro, Hamburgo, 1834. tomo primeiro. pags. 306-307.

nobilissima condição, de sua discreta mansidade, do perfeito zêlo da sua justiça, da sua paz, da sua guerra, da sua graça, gravidade, conselho, sabedoria, liberdade, prudencia, e finalmente do seu christianissimo firmamento. Outro se querendo navegar pola róta do seu exordio delles, pedindo a V. A. favor e emparo para que minha enferma escriptura não seja ferida de linguas damnosas; parece-me injusta oração pedir tão alto esteio pera tão baixo edificio; quanto mais que, ainda que digno fòra de tão nobre emparo, tenho considerado que Christo filho de Deos, sob emparo do poderio eternal do Padre, e todos seus bemaventurados Sanctos, não passárão por esta vida tão livres, que dos malditos detractores não fossem julgadas suas divinas obras por humanas leviandades, sua sancta doutrina por maxima ignorancia, sua manifesta bondade por falsa malicia, sua sanctissima graça por sorreticio èngano, sua excelça abstinencia por vil hypocrisia, sua celeste pobreza por terreno vicio. Pois rustico peregrino de mi, que espero eu? Livro meu que esperas tu? Porém te rogo que quando o ignorante malicioso te reprender, que lhe digas: se meu mestre aqui estivera, tu caláras. Finalmente que por escusar estas batalhas e por outros respeitos, estava sem proposito de imprimir minhas obras, se V. A. m'o não mandára, não por serem dinas de tão esclarecida lembrança, mas V. A. haveria respeito a serem muitas dellas de devação, e a serviço de Deos endereçadas, e não quiz que se perdessem,

como quer que cousa virtuosa, por pequena que seja, não lhe fica por fazer. Por cujo serviço trabalhei a copillação dellas com muita pena de minha velhice a gloria de minha vontade, que foi sempre mais desejose servir a V. A., que cubiçosa de outro nenhum descanso. (3)

(3) *Op. cit*, tomo terceiro, pags. 389-390.

Bernardim Ribeiro

(1475—1553)

Bernardim Ribeiro, nascido em Torrão (Portugal), afamou-se não só como um dos mais antigos romancistas portuguêses, escrevendo o—*Menina e moça* (4)—como tambem por ser um poeta de grande simplicidade natural, revelada em innumeras composições pastoris, merecendo, por isso mesmo, figurar no—*Cancioneiro geral*—de Garcia de Rezende. Attribúem-lhe uns a autoria das *Trovas de Crisfal* (5), o que outros contestam em favor de Christovam Falcão (6).

A Visão

(Romance)

Ao longo de uma ribeira,
Que vai pelo pé da serra,
Onde me a mi fez a guerra

(4) Este romance foi primeiramente publicado com o titulo de *Saudades de Bernardim Ribeiro*, e tem tido dezenas de edições, sendo reputado obra classica de nossa lingua.

(5) Ver o livro de Delfim Guimarães: *Bernardim Ribeiro*, Lisbôa, 1908, Guimarães & Comp., editores.

(6) Assim pensa o sr. Theophilo Braga, com justo ardor.

Muito tempo o grande amor,
Me levou a minha dor:
Já era tarde do dia;
E a agua della corria
Per antre (7) um um alto arvoredo,
Onde ás vezes ia quedo
O rio, e ás vezes não.
Entrada era do verão,
Quando começam as aves
Com seus cantares suaves
Fazer tudo gracioso;
Ao rugido saúdoso
Das aguas cantavam ellas.
Todalas (8) minhas querellas
Se me pozeram diante;
Alli morrer quizera ante, (9)
Que ver per onde passei:
Mas eu que digo? passei...
Antes inda heide passar
Emquanto hi houver pezar,
Que sempre o hi hade haver.
As aguas, que de correr
Não cessavam um momento,
Me trouxeram ó pensamento
Que assi eram minhas magoas,
D'onde sempre correm agoas

(7) *Antre* por *entre*.
(8) Todas as.
(9) Antes.

Por estes olhos mesquinhos,
Que teem abertos caminhos
Pelo meio do meu rósto;
E já não tenho outro gôsto
Na grande desdita minha;
O que eu cuidava que tinha
Foi-se-me assi não sei como;
D'onde eu certa crença tomo
Que para me leixar (10) veio.
Mas tendo-me assi alheio
De mi o que alli cuidava,
Da banda d'onde a agua estava
Vi um homem todo cão, (11)
Que lhe dava pelo chão
A barba e o cabello;
Ficando eu pasmado d'ello, (12)
Olhando elle para mi,
Fallou-me, e disse-me assi:
«Tambem vai esta agua ao Tejo».
N'isto olhei, vi meu desejo
Estar de trás, triste, só,
Todo coberto de dó
Chorando sem dizer nada,
A cara em sangue lavada,
Na bocca posta uma mão,

(10) Forma antiga de *deixar*.
(11) Como encanecido, de cabellos brancos.
(12) Variação antiquada de *elle*.

Como que a grande paixão
Sua falla lhe tolhia;
E o velho, que tudo via,
Vendo-me tambem chorar,
Começou assi fallar:
«Eu mesmo sam (13) teu cuidado,
Que, n'outra terra creado,
N'esta primeiro nasci;
Est'outro que está aqui
E' o teu desejo triste,
Que em má hora o tu viste,
Pois nunca te esquecerá;
A terra e mar passará
Traspassando a mágoa a ti:»
Quando lhe eu aquisto (14) ouvi,
Soltei suspiros ao choro;
Alli claramente o foro
Meus olhos tristes passaram
De um bem só qu'elles olharam,
Que outro nunca mais tiveram:
Nem o tive, nem m'o deram,
Nem o esperei sómente:
De só ver fui tam contente,
Que para mais esperar
Nuuca me deram logar.
E na quisto (15) triste estando

(13) Sou
(14) Isto
(15) Nisto

C'os olhos tristes olhando
D'aquellas bandas d'alem,
Olhei, e não vi ninguem.
Dei então a caminhar
Rio abaixo, até chegar
Acêrca (16) de Monte-mor.
Com meus males derredor,
Da banda do meio-dia,
Alli minha phantasia
D'antre (17) uns medrosos penedos,
Ond' aves que fazem medos
De noite os dias vão ter,
Me saiu a receber
C'uma mulher pelo braço,
Que, ao parecer, de cançaço
Não podia ter-se em si,
Dizendo: «Ves triste aqui
A triste lembrança tua.»
Minha vista então na sua
Puz, d'ella todo me enchi:
A prima (18) cousa que vi,
E a derradeira tambem;
Que no mundo vão e véem
Seus olhos verdes rasgados,
De lagrymas carregados,

(16) Visinho a, perto de
(17) D'entre
(18) A primeira.

Logo em vendo-os, pareciam
Que de lagrymas enchiam
Contino (19) as suas faces;
Que eram gran'tempo pazes
Antre mi e meus cuidados.
Louros cabellos ondados
Que um negro manto cobria:
Na tristeza parecia
Que lhe convinha morrer.
Os seus olhos de me ver
Como furtados tirou;
Depois em cheio me olhou:
Seus alvos peitos rasgando,
Em voz alta se aqueixando (20)
Disse assi mui so sentida:
«Pois que mor dor ha na vida,
Para que houve hi morrer?»
Calou-se sem mais dizer;
E de mi gemidos dando
Fui-me para ella chorando
Para haver de a consolar.
Nisto poz-se o sol ao ar,
E se fez a noite escura:
E eu disse mal á ventura,
E á vida que não morri;
E muito longe d'alli

(19) De continuo, continuamente!
(20) Queixando

Ouvi de um alto outeiro
Chamar Bernardim Ribeiro,
E dizer: « Olha onde estás!»
Olhei diante e detrás
E vi tudo escuridão;
Cerrei meus olhos então,
E nunca mais os abri;
Que depois que os eu perdi
Nunca vi tam grande bem;
Porém inda mal, porém!... (21)

Menina e moça

(CAPITULO I) (22)

Menina e moça, me levaram de casa de meu pae pera longes terras.

Qual fosse então a causa d'aquella minha levada,—era pequena,—não na soube. Agora, não lhe ponho outra, senão que já então paresce (23) havia de ser o que depois foi.

Vivi alli tanto tempo, quanto foi necessario para não poder viver em outra parte.

---

(21) *Parnaso Lusitano ou Poesias Selectas dos auctores portuguezes antigos e modernos*, Paris, 1827, tomo 3°. pags. 148 a 154.

(22) Boutermek considerou este primeiro capitulo do romance *Saudades* de Bernardim Ribeiro, como um verdadeiro prologo; o autor deu-lhe, porem, a designação de capitulo.

(23) Forma obsoleta de parece.

Muito contente fui eu naquella terra; mas,— coitada de mim!—que em breve espaço se mudou tudo aquello (24) que em longo tempo se buscou, e pera longo tempo se buscava.

Gran desaventura foi, a que me fez ser triste, ou a que, pola ventura, me fez ser leda. Mas, depois que eu vi tantas cousas trocadas per outras, e o prazer feito mágua maior,—a tanta paixão vim (25) que mais me pesava do bem que tive, que do mal que tinha.

Escolhi, pera meu contentamento (se antre (26) tristezas e saudades ha algum), vir-me viver a este monte, onde o logar e mingua da conversação da gente fosse como pera meu cuidado compria,—porque, grande erro fôra, depois de tantos nojos (27), quantos eu com estes meus olhos vi, aventurar-me ainda esperar do mundo o descanço que elle nunca deu a ninguem,—estando eu aqui só, tão longe de toda a outra gente, e de mim ainda mais longe; d'onde não vejo senão serras, de um cabo, que se não mudam nunca, e, do outro, aguas do mar, que nunca estão quedas; onde cuidava eu já que esquecia á desaventura,—porque ella, e depois eu, a todo poder que ambas podemos, não leixámos (28) em

(24) Aquillo.

(25) Ha variantes desta expressão, assim consignadas pelo sr. José Pessanha: *Que a tanta paixão vim*, nas edições de 1557, 1558, 1645, 1785 e 1852. *A tanta tristeza cheguei*, na ed. de 1559 e no ms. da R. Ac. de la H.

(26) Entre.

(27) No sentido de máguas, desgostos.

(28) Forma decahida de *deixamos*.

mim nada em que podesse nova mágoa ter logar (antes) havia muito tempo que tudo é povoado de tristezas, (29)—e com rezão (30).

Mas paresce que, em desaventuras, ha mudanças pera outras desaventuras; porque, do bem, não na havia pera outro bem.

E foi assi, que, por caso extranho, fui levado em parte, onde me foram ante os meus olhos apresentadas, em cousas alheas, todas minhas angustias; e o meu sentido d'ouvir não ficou sem sua parte da dor. (31).

---

(29) Ha variantes: *que é povoada de tristeças*, nas ed. de 1557, 1558, 1645, 1785, 1852.

(30) Forma desusada de *razão*.

(31) Fragmento extrahido do livro «Bernardim Ribeiro «*Menina e Moça*» (Saudades, edição dirigida e prefaciada por D. José Pessanha, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1891, pags. 3 a 6.

Sá de Miranda

(1495—1558)

Francisco de Sá de Miranda, nascido em Coimbra, ao depois de doutorado na universidade de Lisbôa, dedicou-se ás letras, revelando-se bom poeta e fino estylista, pelo que foi muito admirado pelas côrtes portuguêsas, onde viveu até a edade de quarenta annos. A sua obra compõe-se de poesias varias e duas comedias—*Vilhalpandos*—e—*Estrangeiros*. Gozou «dos fóros do homem mais douto que Portugal possuiu em em seu tempo» —escreveu Fernandes Pinheiro (32).

Psychis

Dura necessidade quando engrossa,
Como agua na ribeira,
Quem não foge, podendo, vendo-a vir?
Quem ha porêm que possa?
Cumpre de ter maneira,
Ou de pôr peito á agua, ou de fugir.
Buscando pelos vãos contos passados,

(32) Fernandes Pinheiro: Resumo de Historia Literaria, Rio, Garnier, editor, tomo 2.º pag. 42.

De que cante, que hei mêdo ao mau ensino,
Maior que a cantar mal versos rhymados;
Emfim, direi d'Amor cego e menino,
Por desastre malino
Como lhe aconteceu;
Mas se Amor foi vencido, Amor venceu.
Em tempo antigo, longe em terra extranha,
Um rei e uma rainha
Houveram filhas: a primeira veio
De belleza tamanha,
Que algua egual não tinha,
Somente a que despois foi a do meio;
Mas logo sobreveio
Inda outra, que éstas fez como ás estrellas
Faz o sol claro tanto que apparece:
Fallavam cavalleiros e donzellas,
Como nas cousas raras acontece:
A gente se lhe offr'ece
Como a deusa immortal;
Té do bem o sobejo sempre é mal.
Não soffreu tal offensa Amor altivo
Que fosse aos deuses feita,
Seu arco toma, os tiros apurou
De chumbo e d'ouro vivo,
Voando ao ar se deita,
E n'um momento tudo atravessou:
Mas enleiado ficou
Quando tal fermosura ante si viu;

Fugiu-lhe o coração, a setta cae,
E no pé, que diante ia, o feriu:
Chora o menino, e grita pela mae. (33)
Com tal conselho sae;
Faz um bosque incantado,
Alli geme e suspira magoado.
Ja antes disto aquella grande fama
Da formosa princeza,
A bellissima Venus receiosa,
Os seus archeiros chama,
Em secreta defesa,
As mostras são porêm d'estar ciosa: (34)
Quando pela amorosa
E delicada praia rumor corre,
Primeiro sem auctor, e sem certeza,
Que o poderoso Amor d'amores morre:
Mas logo se affirmou ja com clareza;
Co'a qual a mãe despreza,
Todo o respeito, e ceva
De brando somno a môça, e la lh'a leva.
Cai a noite do ceo, mas é dos lumes
Vencida, e fica dia,
Com que (acordando) viu ricas pinturas:
Ardem ricos perfumes,
Os cantares, que ouvia,
Eram para abrandar as pedras duras

(33) E' curiosa a rima: a palavra mãe desnaturalada para corresponder á palavra cae.
(34) Ciumenta.

Põe-se á meza, e figuras
Correm com vasos ricos e sem conto, (35)
Mansamente ordenadas sem peleja,
Tudo se faz alli prestes n'um ponto:
Que banquete quereis que o d'Amor seja?
Não acha alli a inveja,
Que possa desdenhar,
Nem apetite mais que desejar.
Mas, porque me vou eu ora detendo
Em cousas que o sentido
Deixa per um tam longo spaço atrás?
Respeito ao sol havendo,
Direi de um so partido,
Que amor logo tirou, mas duro assás.
Disse: «Não me verás,
Contente-te o que ves,» Ah sorte esquerda,
Cruel e cubiçoso pensamento!
Representou-se a Amor a grande perda
Do par que esvaecido é num momento:
Ha mister soffrimento
O mal, e inda o bem,
Pouco estimado so de quem o tem.
Promette do porvir ousadamente;
Fazem-se cumprimentos,
Que depois se cumpriram muito mal:
Deseja ella a sua gente

(35) Sem *conto* em lugar de *sem conta*.

Para assoalhar seus ventos, (36)
Quer-lhe mostrar, andando, o tal e o tal;
Cousa que tanto val,
C'os nossos coraçõesinhos pequenos.
Ora indo assi crescendo estes desejos,
A fermosura cada vez é menos;
Quanto dos mimos mais, mais dos entejos, (37)
Emfim, diz «Bens sobejos
Sem as minhas irmans,
Não sois riquezas não, mais visões vans.»
Ouviu, estremeceu Amor, porêm
Houve de dar licença,
Dizendo de vagar: «Pois assi quer,
Razão é que tambem
Agora n'isso vença
Quem sempre em tudo sóe de vencer.»
Véem-na as irmans a ver;
E vendo hi tanto de que ter inveja,
Confusas dizem: «Tristes mal-fadadas,
C'o que se perde aqui, c'o que sobeja,
Foramos todas bemáventuradas!
Nadas, menos que nadas
Nossas ricas riquezas
Como ésta as chamará pobres pobrezas! (38)
A moça amostra ca, e amostra la;

(36) No sentido de *exhibir suas riquezas*, de *ostentar seus haveres*.
(37) *Enjôos, fastios.*
(38) Lê-se no *Parnaso Lusitano*: «Estes dous versos sempre foram citados pelos conhecedores como modelos de elegancia, e singeleza antiga».

Do que não vêem lhes conta:
Toda de face andava, ellas do envés,
Não soffrem ver mais ja;
Não podem com a afronta,
Com tudo cedo irão dar a través.
O sol anda de pés,
Os prazeres tambem c'o elle desandam,
Tambem as que fingiam suspiravam:
Quem sabe os corações alheios que andam
Fazendo? Se quereis, inda choravam.
Mas onde se entornavam
Aquelles vasos d'agoa
Parecia irmandade, ella era magoa.
Não se podem ter mais. «Ora em tal vida
Que gôsto pódes ter
(Disse uma) triste irman nossa enganada?
Choramos-te perdida,
E vindo-te assi ver,
Tornamos-te a chorar por mal achada!»
A outra mais ousada
Tomando a mão, lhe disse: «Quem seria,
Que outra coisa cuidasse? se elle tanto
Te amasse, e se tal fosse, mostrar-se-hia:
Responder, que não quer, d'isso me espanto!
Ora eu nan (39) o levanto;
Mas diz que n'este lago
Se ve as noites vir voando um drago!»

(39) Forma abandonada de *não*.

Não disse mais. Os olhos, não sei mais,
E os geitos, que disseram
Fazendo casos: a môça enfraquece
Com suores mortais:
Todos emfim vieram (40)
Que quando ha tempo o dilatar empece.
Eis a barca apparece
Em que se hão d'ir, «Deixam-lhe lume acceso:
Ordenam-lhe o que faça antes que vão-se.
Veja-se em todo caso o tam defeso
E tam gabado sposo, então descance:
Outra vez as mãos dão-se;
Soltam ao vento a vella;
Fogem ellas c'o barco, co' a praia ella.
Ora, ja noite, chega Amor cançado,
Lança-se no seu leito,
A' boa fé descança, e dorme quêdo;
Da ifante o delicado
Singelo e brando peito
Vence-se, ora d'amor, ora de mêdo:
Descobre-se o segrêdo
D'Amor (cousa divina!) olhos humanos
Como ter-se podiam ao resplandor?
Malina inveja, que causou taes danos!
Deixa-o dormir: ah durma sempre Amor!
A simples com temor
Os passos desconcerta,

(40) Por convieram, assentaram.

Deu-lhe o fogo no peito, elle desperta
Quantos, e que suspiros dá de novo!
Os gritos amiuda;
O jardim deleitoso n'um momento
Em brejo escuro e covo (41)
(Quem o crerá?) se muda!
Que se fez de tam rico aparamento?
Cousas sem fundamento
Sempre em nada se tornam, assi a deshora:
A's más irmans, más furias infernais,
Como assanhadas bichas, lança fora:
A mesma paga sempre hajam as tais.
A môça que errou mais
Com singeleza, jouve (42)
Chorando em terra um tempo, e perdão houve.
E'sta canção que eu fiz
Cantando, minha em parte,
Ja algum acena, e diz:
«Não sei que eu d'isto ouvi ja n'outra parte?»
Perdão de parte a parte:
Vós, musas, me ensinastes,
Que, do que outrora ouvistes, nos cantastes. (43)

---

(41) Concavo, ou fundo.
(42) Jazeu.
(43) Transcripto do *Parnaso Lusitano*, tomo 3.°, pags. 155 a 162.

De «Os Estrangeiros»

Desque homem nasce té que morre, não trata cousa de mór peso que a do seu casamento, que cada dia rematamos tão levemente. Grande feito, que se te vendem um rocim manco ou uma mula maliciosa, logo hi são mil leis a te ajudar, e têm procuradores tanto que dizer e allegar; e na tua mulher, por quem deixamos os pais e as mães alli se nos desampara tudo e só a morte póde ser bôa. Pelo qual estive tanto tempo solteiro, vim aqui, com sós as lettras de que me a fortuna não póde roubar: com ellas me remediei, que a esses nossos direitos não se lhes póde negar o senhorio de todas as outras sciencias.

Os theologos jazem por todos esses mosteiros mendicantes, como se elles chamam Philosophos já passaram mal avindos uns c'os outros, com suas barbas e gravidade. Poetas tudo põem em flores, polo fruito não espereis. Os oradores nós os tiramos das suas vezes. Os astrologos sempre tratam do porvir, que elles nem ninguem sabe pouco, nem muito. Physicos ganham bem de comer, porêm é co'ourinho na mão. Artistas debatem sempre sobre a lan da porca, e antre todos estes não ha um homem de negocio: somente o jurisconsulto é o que pode tratar e rematar duvidas de substancia. Todavia frades entremetter-se queriam, mas não têm azas com que vôem, que a vontade não lhes fallece,

Só o jurista pode andar c'o peito alto e satisfeito de seu saber, quer seja para concertar as coisas d'esta vida quer da outra. Isto é o que te releva, e crê-me que te não busca ninguem senão o que te ha mister. (44)

(44) *Os Estrangeiros*, acto 3.º, scena 1.ª, vol. 2.º, pag. 116.

Joao de Barros

(1496—1570)

João de Barros, nascido em Vizeu, foi um dos mais fecundos escriptores de Portugal antigo. Mereceu por tudo isto o appellido de *Tito Livio* português. Entre as suas obras apontam-se: uma *Chronica do Emperador Clarimundo* (45); a monumental *Asia,* commumente conhecida por *Decadas,* e que é a mais brilhante historia dos feitos lusitanos no descobrimento e conquista das terras do Oriente. No fim da vida muito se amargurou com a pobreza inesperada e a morte de dois filhos num naufragio nas pedras que rodeiam a ilha do Maranhão.

Em Gôa

Chegando Affonso de Albuquerque á barra de Gôa com toda a sua frota, deixou em baixo as náos grandes da carga, e levou acima ao porto de Góa as de pequeno porte, que podiam levemente hir pelo rio. Na sahida

(45) *Chronica do Emperador Clarimundo,* donde os reis de Portugal descendem, tirada da lingua ungara em a nossa portuguêsa e dirigida ao esclarecido principe D. João, filho do muy poderoso rei D, Manuel.

do qual em terra a cidade lhe tinha feito um solemne recebimento, e quando foi a entrada da porta da cidade um Mestre Affonso, homem letrado, physico, que servia de Juiz Ordenario, lhe fez uma oração. A substancia da qual era, como elle ganhara aquella cidade aos Mouros, com que ácerca dos Reis e Principes da India, por ser ella uma das mais notaveis daquellas partes, a nação Portugueza, não somente tinha ganhado grão nome, mas ainda em ser sua era hum duro jugo, que cada um destes Principes tinha sobre o seu pescoço...

E em dizendo estas palavras o Capitão da cidade, lhe entregou as chaves della, e elle depois lh'as tornou a dar, e de si foi á Sé dar graças a Deus da mercê que lhe tinha feito em o trazer áquella cidade, onde estavam todos os seus desejos, e d'ahi ao seu aposento. Passados dois dias de sua chegada, começou elle a entender nas cousas da sua obrigação e officio pedindo razão a cada hum do que tinha feito, começando primeiro naquelles a que antes da sua partida tinha mandado alguma cousa, assim como a Diogo Fernandes de Beja, que mandára desfazer a fortaleza de Çocotará... (46).

(46) *Ornamentos da Memoria*, Rio, 1900, pag. 332.

Damiao de Goes

(1501—....)

Damião de Goes, nascido em Alemquer, era de origem flamenga, merecendo ser suppliciado pela Inquisição de Evora, em anno impreciso. Motivou isto especialmente a publicação de suas obras saturadas de espirito livre, mostrando grande sympathia pelas doutrinas de Luthero, Melanchton e outros heresiarchas da Allemanha. E' de sua lavra a *Chronica de D. Manuel.*

Antigualha na ilha do Corvo

Constrange tanto o testemunho das cousas antigas aos escriptores que, por dellas darem fé, posto que não façam muito a proposito do que tratam, são ás vezes forçados sahirem algum tanto fóra da ordem do que escrevem, para assim alumiarem o descuido e esquecimento em que a antiguidade dos tempos as poz. E por que eu a esta lei e obrigação tão honesta não posso fugir, necessario será dizer algumas particularidades da ilha dos Açores, posto que fossem achadas antes do nascimento d'elrei D. João, para no fim deste capitulo descobrir uma antigualha assás antiga, que em uma dellas em nossos dias se achou.

Destas ilhas a que mais está ao norte é a do Corvo, que terá uma legua de terra; os mareantes lhe chamam ilha do Marco, porque com ella (por ser uma serra alta) se demarcam, quando vêm demandar qualquer das outras. No cume desta serra, da parte do noroeste, se achou uma estatua de pedra, posta sobre uma lage, que era um homem em cima de um cavallo, em osso, e o homem vestido de uma capa como bedem, sem barrete, com uma mão na coma do cavallo e o braço direito estendido, e os dedos da mão encolhidos, salvo o dedo grande, a que os Latinos chamam index, com que apontava contra o poente. Esta imagem, que toda sahia maciça da mesma lage, mandou el-rei D Manoel tirar pelo natural por um seu criado debuxador, que se chamava Duarte d'Armas; e, depois que viu o debuxo, mandou um homem engenhoso, natural da cidade do Porto, que andara muito em França e Italia, que fosse a esta ilha, para com apparelhos que levou tirar aquella antigualha; o qual, quando della tornou, disse a el-rei que a achára desfeita de uma tormenta que fizera o inverno passado. Mas a verdade foi q̃e a quebraram por mau azo, e trouxeram pedaços della, a saber: a cabeça do homem, e o braço direito com a mão, e uma perna, e a cabeça do cavallo, e uma mão que estava dobrada e levantada, e um pedaço de uma perna; o que tudo esteve no guarda-roupa d'elrei alguns dias; mas o que se depois fez destas cousas, ou onde se puzeram, eu não o pude saber. Esta ilha do Corvo e Santo Antão

foram de João da Fonseca, escrivão da fazenda d'elrei D. Manoel, e delle as herdou seu filho Pero da Fonseca, escrivão da chancellaria do mesmo rei e d'elrei D. João III, seu filho; o qual Pero da Fonseca no anno de 1529 as foi ver, e soube dos moradores que na rocha abaixo, onde estivera a estatua, estavam entalhadas na mesma pedra da rocha umas lettras; e por o logar ser perigoso para poder ir aonde o lettreiro está, fez abaixar alguns homens por cordas bem atadas, os quaes imprimiram as lettras, que ainda a antiguidade de todo não tinha cégas, em cêra, que para isso levaram; com tudo, as que trouxeram impressas na cêra eram já mui gastadas, e quasi sem fórma; assim que por serem taes, ou por ventura por na companhia não haver pessôa que tivesse conhecimento mais que de lettras latinas, e este imperfeito, nenhum dos que alli se acharam presentes souberam dar a razão, nem do que as lettras diziam, nem ainda poderam conhecer que lettras fossem. Espanta-nos tanto esta antiquissima antigualha, por se achar no logar em que se achou, que se póde com razão dizer o que diz Salomão: Não haver cousa que ja não fosse, e que houve outros que já fizeram o que nós agora fazemos; — e, se as opiniões de alguns philosophos se houveram de crer, ou aos historicos gentios nesta parte se houvera de dar algum credito, facilmente se podera cahir em muitos erros, se deiles nos não desenganara a Sagrada Escriptura. (47)

(47) Chronica do Principe D. João, cap. IX.

Luiz de Camões

(1524—1580)

Luiz de Camões, nascido em Lisbôa, foi verdadeiramente o maior epico da lingua portuguèsa, legando á sua patria o monumental poema dos *Luziadas*, alem de um grande numero de sonetos e poesias outras, bem como tres comedias: *Amphytriões*, *Elrei Seleuco* e *Filodemo*. O seu amor por D. Catharina de Athayde se tornou celebre, e de seu ardor guerreiro lhe resultou perder um olho na campanha de Ceuta. Sobre a sua morte corre a lenda de haver sido num hospital, o que se vai contestando com vantagens. Do seu poema *Luziadas* póde ser dito que ficou sendo a maior obra da poetica de Portugal.

SONETO 19.º

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no céo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento ethèreo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,

Não te esqueças daquelle amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor, que me ficou
Da magua, sem remedio, de perder-te;

Roga a Deus, que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou (48)

O desemparo

Juncto de um sêcco duro esteril monte
Inutil e despido calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido,
Onde nem ave voa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome, do vulgo introduzido,
E' *feliz*, por antiphrase *infelice*;
O qual a natureza
Situou juncto á parte
Aonde um braço do alto mar reparte
A Abassia da Arabica aspereza,
Em que fundada foi já Berenice,

---

(48) Soneto XI, na collecção—*Sonetos de amor*—de Luiz de Camões, Rio, 1911 H. Garnier, editor, pag. 6.

Ficando á parte d'onde
O sol que n'ella ferve, se lhe esconde:
O cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do Austro vem correndo,
Limite faz, Arómata chamado:
Arómata outro tempo; que volvendo
A roda, a ruda lingua mal composta
Dos proprios, outro nome lhe tem dado.
Aqui no mar, que quer apresurado
Entrar pela garganta d'este braço,
Me trouxe um tempo, e teve
Minha fera ventura.
Aqui n'êsta remota espera e dura
Parte do mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse um breve spaço;
Porque ficasse a vida
Pelo mundo em pedaços repartida.
Aqui me achei gastando uns tristes dias,
Tristes, forçados, maus e solitarios,
De trabalho, de dor, e de ira cheios,
Não tendo, não, somente por contrarios
A vida, o sol ardente, as aguas frias,
Os ares grossos, férvidos e feios;
Mas os meus pensamentos, que são meios
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi;
Trazendo-me á memoria
Alguma já passada e breve gloria

Que eu ja no mundo vi quando vivi;
Por me dobrar dos males a aspereza;
Por mostrar-me que havia
No mundo muitas horas de alegria.
Aqui stive eu com estes pensamentos
Gastando tempo e vida; os quaes tam alto
Me subiam nas azas, que caía;
(Oh, vêde se seria leve o salto!)
De sonhados e vãos contentamentos,
Em desesperação de ver um dia.
O imaginar aqui se convertia
Em improvisos (49) choros, e em suspiros
Que rompiam os ares.
Aqui a alma captiva
Chagada toda, estava em carne viva,
De dores rodeiada, e de pezares,
Desemparada e descoberta aos tiros
Da suberba fortuna,
Suberba, inexorabil e importuna.
Não tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança alguma onde a cabeça
Um pouco reclinasse por descanso:
Tudo dor lhe era e causa que padeça;
Mas que pereça não; porque passasse
O que quiz o destino nunca Manso.
Oh que este irado mar, gemendo, amanso

(49) Não previsto.

Estes ventos da voz importunados
Parece que se enfréiam;
Somente o ceo severo
As estrellas e o fado sempre fero
Com meu perpétuo damno se recreiam;
Mostrando-se potentes e indignados
Contra um corpo terreno,
Bicho da terra vil e tam pequeno
Se de tantos trabalhos so tirasse
Saber inda porcerto que algum'hora
Lembrava a uns claros olhos que já vi;
E se ésta triste voz rompendo fora
As orelhas angelicas tocasse
D'aquella em cuja vista ja vivi;
A qual tornando um pouco sôbre si,
Revolvendo na mente presurosa
Os tempos ja passados
De meus doces errores,
De meus suaves males e furores,
Por ella padecidos e buscados;
E (pôsto que já tarde) piedosa
Um pouco lhe pezasse,
E la entre si por dura se julgasse:
Isto so que soubesse, me seria
Descanço para a vida que me fica;
Com isto afagaria o soffrimento.
Ah senhora! Ah senhora! e que tam rica
Estais, que ca tam longe de alegria

Me sustentais com doce fingimento!
Logo que vos figura o pensamento,
Foge todo o trabalho e toda a penna.
So com vossas lembranças
Me acho seguro e forte
Contra o rosto feroz da fera morte;
E logo se me junctam esperanças
Com que a fronte tornada mais serena
Torna os tormentos graves
Em saúdades brandas e suaves.
Aqui com ellas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respiram
Da parte d'onde stais, por vós, senhora;
A's aves, que alli voam, se vos viram?
Que fazieis? que staveis practicando?
Onde, como, com quem, que dia e qu'hora?
Alli a vida cançada se melhora,
Toma espiritos novos com que vença
A fortuna e trabalho,
So por tornar a ver-vos
So por ir a servir-vos, e querer-vos.
Diz-me o tempo que a tudo dará talho:
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreu, sem tento
Me abre as chagas de novo ao soffrimento.
Assi vivo; e se alguem te perguntasse,

Canção, porque não mouro ? (50)
Podes-lhe responder; que porque mouro. (51)

O Adamastor

Porêm ja cinco soes eram passados
Que d'alli nos partiramos, cortando
Os máres nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando;
Quando uma noite estando descuidados,
Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

Tam temerosa vinha, e carregada,
Que poz nos corações um grande medo:
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se désse em vão n'algum rochedo.
Ó, Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece que tormenta ?

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e valida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida:

(50) Por morro.
(51) Transcripto do volume 3º do *Parnaso Lusitano*, pags. 171 a 176.

Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
Cheios de terra e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

Tam grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo;
C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceu sahir do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mi e a todos, so de ouvi-lo e ve-lo.

E disse: O gente ousada mais que quantas
No mundo cometteram grandes cousas,
Tu que per guerras cruas, taes e tantas,
E, por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos máres ousas,
Que eu tanto tempo ha que guardo e tenho,
Nunca arados d'estranho ou proprio lenho:

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento:
Ouve os danos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento,

Per todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de subjugar com dura guerra.

Sabe que quantas naus ésta viagem
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão ésta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas:
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o damno que o perigo.

Aqui espero tomar, senão me engano,
De quem me descobriu summa vingança;
E não se acabará so n'isto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas naus vereis cada anno
(Se é verdade o que o meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

E do primeiro illustre que aventura
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna e nova sepultura,
Per juizes incognitos de Deos:
Aqui porá da Turca armada dura
Os suberbos e prosperos tropheos;
Comigo de seus danos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalheiro, enamorado
E comsigo trará a formosa dama,
Que amor por gran'mercê lhe terá dado:
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'um cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros, e preclaros,
A' calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Depois de ter pizada longamente
C'os delicados pés a areia ardente.

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na férvida e implacabil espessura
Alli, despois que as pedras abrandarem
Com lagrymas de dor, de mágoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão.

Mas ia per diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo

Corpo, certo me tem maravilhado.
A bocca e os olhos negros retorcendo,
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu com voz pesada e amára,
Como quem da pergunta lhe pesára:

Eu sou aquelle occulto e grande cabo,
A quem chamais vós outros Tormentorio;
Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Strabo,
Plinio, e quantos passaram, fui notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
N'este meu nunca visto promontorio,
Que para o pólo Antarctico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Não que puzesse serra sôbre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, per onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

Amores da alta esposa de Peleo
Me fizeram tomar tamanha empreza;
Todas as deusas desprezei do ceo,
So por amar das aguas a princeza:
Um dia a vi co'as filhas de Nereo,

Sahir nua na praia; e logo presa
A vontade senti de tal maneira,
Que inda não sinto cousa que mais queira.

Como fosse impossibil alcança-la
Pola grandeza feia de meu gesto,
Determinei per armas de toma-la
E a Doris este caso manifesto:
Do medo a deusa então por mi lhe falla;
Mas ella c'um formoso riso honesto
Respondeu: Qual será o amor bastante
De nympha que sustente o d'um gigante?

Com tudo por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que com minha honra escuse o dano:
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir não pude n'este engano,
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejos e esperanças.

Ja nescio, já da guerra desistindo,
Uma noite de Doris promettida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica, despida:
Como doudo corri, de longe abrindo
Os braços para aquella que era vida
D'este corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces e os cabellos.

Oh que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'um duro monte
De aspero mato e de espessura brava,
Estando c'um penedo fronte a fronte,
Que eu polo rosto angelico apertava:
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E junto d'um penedo outro penedo.

O' nympha a mais formosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me n'este engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
D'aqui me parto irado e quasi insano
Da mágoa e da deshonra alli passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

Eram ja n'este tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deuses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E como contra o ceo não valem mãos,
Eu que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo
Por meus atrevimentos o castigo.

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês e ésta figura

Per éstas longas aguas se estendenram:
Emfim, minha grandissima estatura
Neste remoto cabo converteram
Os deuses, e por mais dobradas mágoas,
Me anda Thetis cercando d'estas agoas.

Assi contava, e c'um medonho chôro
Subito d'ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro
Bramido, muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao sancto côro
Dos Anjos, que tam longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos que Adamastor contou futuros (52).

(52) Transcripto do *Parnaso Lusitano*, tomo 1,° pags. 28 a 35.

Frei Luiz de Souza

(1555—1632)

Frei Luiz de Souza, nascido em Santarem, foi secular com o nome de Manoel de Souza Coutinho, entrando para o claustro depois da morte de uma filha, no que foi acompanhado por sua esposa, creando-se, entretanto, uma lenda sobre o caso, mais tarde magnificamente dramatisada pelo Visconde de Almeida Garrett. Escreveu: *Historia de S. Domingos, Annaes de D. João III*, e *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.*

Duas mysteriosas visões

Poucos annos erão passados despois de assentado o Mosteiro, quando levantando-se huma noite algumas daquellas sanctas, e primeiras Madres, antes das horas de Matinas, segundo era costume de muitas; assi pera as anticiparem com aparelhos de espirito; como tambem pera que estivessem os livros, e tudo o mais aponto, quando soasse a meia noite, eis que achão tudo feito, quanto vinhão fazer, candieiro posto, livros abertos, e, o que foi mais, vêl-as não só acesas, mas de maneira ardidas, que mostrava-o haver muito espaço,

que ardião. Notarão com espanto tudo, e como não acharão outra nenhuma Freira no choro, pareceo-lhes novidade mysteriosa. Mas não sendo facil a gente sancta em cuidar milagres, mostrou o dia seguinte cousa, que as obrigou a crer, que o houvera. E foi assi, que espertando na mesma noite huma pobre molher vezinha da Igreja, viu tanta luz nas portas, que se persuadio ser manhã: levantou-se á pressa, tomou seu cantaro pera hir á fonte. Eis que pondo os pés na rua, vê aberta a Igreja; sente dentro musica, e vê luzes. Convidada da occasião, quiz fazer oração, e achou, que se cantava huma Missa, officiada com toda solemnidade de vozes, e festa. Assistindo a ella até se acabar, vio que por remate sahião os Sacerdotes, acompanhados de muita gente, em huma comprida procissão, na qual notava variedade de trajos, e cores: huns que vestião branco, outros carmesi, outros verde, e todos levavão cirios acesos: e dando volta á Igreja hião sinalando cruzes pelos cantos d'ella. Seguio a procissão hum espaço. Mas lembrada do serviço, que tinha pera fazer, tornava pera a Igreja em busca do cantaro, com que entrara; senão quando, como se fora cousa de sonho, desaparece a procissão, vê a Igreja fechada, acha-se sem o seu cantaro, e sem mais luz, que a da lua, que por muita, e clara, a fizera levantar, e sahir de casa, antes de tempo; este testemunho por ser de molher simpres, e de bôa vida; e se achar pola manhan o cantaro dentro da Igreja, visto de muito

povo, acrescentou a presunção de ser cousa sobrenatural o que as Freiras tinhão visto na mesma noite no seu choro. Juntava-se a distincção das cores, que a simplicidade da vezinha recontava, sem atinar na significação, e pessoas, que as vestião, que mostravão serem Virgens, Martyres, e Confessores, segundo o costume, que a Igreja sagrada, allumiada pelo Espirito Sancto, guarda em se ataviar em suas festas. Este successo, e visão devia dar principio a duas tradições recebidas nesta casa por toda as moradoras d'ella, e authorisada com antiguidade de muitos annos: huma, que atraz dissemos, de virem os Anjos assistir e cantar n'aquelle choro; a outra, a outra, que foi sagrada a Igreja não por mysterio de homens, senão de Anjos. (53)

(53) *Historia de S. Domingos*, 3ª. edição, Lisbôa, 1866, volume III, pags. 23-24.

Padre Antonio Vieira

(1608—1697)

Antonio Vieira, nascido em Lisbôa, foi o mais universal orador sagrado da lingua portuguêsa. Passou grande parte de sua vida no Brazil e no Extrangeiro. Pregou em Roma perante o Papa Clemente X. Esteve em carcere duas vezes: uma no Maranhão, e outra por força de mau julgamento feito pela Inquisição, que levou a mal passagens do Quinto Imperio. Delle disse alguem: «Pregador, ou São Paulo, ou Vieira». Os seus sermões estão publicados em quinze volumes; as suas cartas deram mais dous volumes; e é numerosa a sua producção esparsa e de menor valor.

A palavra de Deus

O trigo que semeou o prégador evangelico, diz Christo, que é a palavra de Deus. Os espinhos, as pedras, o caminho, e a terra bôa, em que o trigo cahiu, são os diversos corações dos homens. Os espinhos são os corações embaraçados com cuidados, com riquezas, com delicias; e n'estes afoga-se a palavra de Deus.

As pedras são os corações duros e obstinados; e

nestes secca-se a palavra de Deus, e se nasce, não cria raizes. Os caminhos são os corações inquietos e perturbados com a passagem e tropel das coisas do mundo, umas que vão, outras que vêm, outras que atravessam, e todas passam; e n'estes é pisada a palavra de Deus, porque ou a desattendem, ou a despresam. Finalmente, a terra bôa são os corações bons, ou os homens de bom coração; e nestes prende e fructifica a palavra divina, com tanta fecundidade e abundancia, que se colhe cento por um: *Et fructum fecit centuplum.*

Este grande fructificar da palavra de Deus, é o em que reparo hoje; e é uma duvida ou admiração que me traz suspenso e confuso depois que subo ao pulpito. Se a palavra de Deus é tão efficaz e tão poderosa, como vemos tão pouco fructo da palavra de Deus? Diz Christo que a palavra de Deus fructifica cento por um, e já eu me contentára com que fructificasse um por cento. Se com cada cem sermões se convertera e emendára um homem, já o mundo fôra santo. Este argumento de fé, fundado na auctoridade de Christo, se aperta ainda mais na experiencia, comparando os tempos passados com os presentes. Lêde as historias ecclesiasticas, e achal-as-heis todas cheias dos admiraveis effeitos da prégação da palavra de Deus. Tantos peccadores convertidos, tanta mudança de vida, tanta reformação de costumes; os grandes desprezando as riquezas e vaidades do mundo; os reis renunciando os

sceptros e as corôas; as mocidades e as gentilezas mettendo-se pelos desertos e pelas covas; e hoje? Nada disto. Nunca na egreja de Deus houve tantas pregações, nem tantos pregadores como hoje. Pois se tanto se semêa a palavra de Deus, como é tão pouco fructo? Não ha um homem que em um sermão entre em si e se resolva, não ha um moço que se arrependa, não ha um velho que se desengane, que é isto? Assim como Deus não é hoje menos Omnipotente, assim a sua palavra não é hoje menos poderosa, do que d'antes era. Pois se a palavra de Deus é tão poderosa; se a palavra de Deus tem hoje tantos prégadores, porque não vemos hoje nenhum fructo da palavra de Deus? Esta tão grande e tão importante duvida, será a materia do sermão. Quero começar prégando-me a mim. A mim será, e tambem a vós; a mim para aprender a pregar; a vós para que aprendaes a ouvir. (54)

Cinzas

Todos os embargos que se podiam pôr contra esta sentença universal (55), são os que ouvistes. Porem como ella foi pronunciada definitiva e declaradamente por Deus ao primeiro homem e a todos seus descendentes, nem admitte interpretação, nem póde ter duvi-

(54) *Sermões* do padre Antonio Vieira, Porto, 1907, Lello & Irmão, editores, vol. I., pags. 6-7.

(55) *Pulvis es.*

da. Mas como póde ser? Como póde ser, que eu que o digo, vós que o ouvis, e todos os que vivemos sejamos já pó? A razão é esta. O homem em qualquer estado que esteja, é certo que foi pó e ha de tornar a ser pó. Foi pó e ha de tornar a ser pó? Logo é pó. Porque tudo o que vive nesta vida, não é o que é, é o que foi, é o que ha-de ser. Ora vêde.

No dia aprasado em que Moysés e os Magos do Egypto haviam de fazer prova e ostentação de seus poderes diante del-rei Pharaó, Moysés estava só com Arão de uma parte, e todos os Magos de outra. Deu signal o rei; mandou Moysés a Arão que lançasse a sua vara em terra, e converteu-se subitamente em uma serpente viva e tão temerosa, como aquella de que o mesmo Moysés no deserto se não dava por seguro. Fizeram todos os Magos o mesmo; começam a saltar e a ferver serpentes, porem a de Moysés investiu e avançou a todas ellas intrepida e senhorilmente, e assim vivas como estavam,sem matar, nem despedaçar, comeu e enguliu a todas. Refere o caso a Escriptura, e diz estas palavras: *a vara de Arão comeu e enguliu as dos Egypcios.* Aqui reparo. Parece que não havia de dizer a vara, senão a serpente. A vara não tinha bocca para comer, nem dentes para mastigar, nem garganta para engulir, nem estomago para recolher tanta multidão de serpentes: a serpente em que a vara se converteu, sim, porque era um dragão vivo, voraz e terrivel, capaz de tamanha batalha e de tanta façanha. Pois porque diz o Texto

que a vara foi a que fez tudo isto, e não a serpente ? Porque cada um é o que foi, e o que ha-de ser. A vara de Moysés antes de ser serpente foi vara, e depois de ser serpente tornou a ser vara; e serpente que foi vara e ha-de tornar a ser vara, não é serpente é vara. E' verdade que a serpente naquelle tempo estava viva, e andava, e comia, e batalhava, e vencia, e triumphava; mas como tinha sido vara, e havia de tornar a ser vara, não era o que era, era o que fôra e o que havia de ser: vara. (56)

(56) *Op, cit.*, tomo 2°, pags. 153-154.

Padre Manuel Bernardes

(1644—1710)

Manuel Bernardes, nascido em Lisbôa, foi excellente pregador, e escreveu algumas obras, muito cheias de ponderações philosophicas: *Sermões e praticas*; *Luz e calor*; *Pão partido em pequeninos; Ultimos fins do homem; Nova Floresta;* e *Tratados varios*. Fez o curso de Philosophia na Universidade de Coimbra, bem como recebeu o grau de bacharel em direito canonico.

A amizade

XXVII

De Dionysio rei de Sicilia

Damão, condemnado á morte, impetrou ir primeiro a sua casa dispôr algumas cousas, ficando em refens no carcere seu grande amigo Pythias, que a isso se offereceu, debaixo da mesma pena, e, com effeito, Damão tornou, fielmente, ao tempo promettido. Vendo tão rara e verdadeira amizade, el-rei Dionysio o mais velho disse-lhes: *Eu perdôo o crime, a troco de que me admittaes tambem por vosso amigo.*

Reflexão

Todos tres obraram generosamente: Pythias, sujeitando-se ao perigo da morte pelos commodos de Damão; Damão, entregando a vida propria por livral-o desse perigo; Dionysio, perdoando o crime de um a troco da amizade de ambos. Se Pythias se não offerecera ao carcere, não lograra Damão o heroico lance de tornar a elle; e, porque tornou ao carcere, para perder a vida como criminoso, sahiu delle, para melhor a lograr como amigo do rei: Differentes e admiraveis titulos de contracto houve na correspondencia destas tres partes: Pythias fez as vezes de penhor; Damão as de paga; Dionysio as de doação e compra; de doação, porque não arrecadou a divida da justiça legal; de compra, porque por essa via adquiriu a possessão de tão preciosos amigos. Em Pythias resplandece a confiança que fez de Damão; em Damão a lealdade com que desempenhou a confiança de Pythias; em Dionysio a descrição com que premiou a fé de um para com o outro e solicitou para si a de ambos. Mais preso estava Damão fóra do carcere pela sua palavra do que nelle pelo seu delicto, e Pythias mais seguro nas cadeias sobre a fidelidade de Damão do que fóra dellas sobre a liberdade propria. Se Damão não tornasse, perdia Pythias a vida, mas não a honra e fama; antes tanto mais a augmentaria quanto vai do empenhar ao pagar e do affecto exposto ao effeito posto,

e, se perdia tambem a um amigo, pouco importava já que o perdesse, pois elle, salvando a vida propria á custa da alheia, não era fiel, e, estimando menos a honra do que a vida, não era seu igual, e, não sendo fiel nem seu igual, não era para amigo. Porem Damão, tornando, mostrou ser fiel e igual a Pythias; salvou a honra propria e a vida de ambos: a do amigo, repondo a sua; a sua, lucrando com este lance segundo amigo. Se um rei da terra, gentio e peccador, se agradou tanto de um lance de caridade que por elle perdoou delictos, o rei dos Céos, piissimo e santissimo, como não perdoará nossos peccados, movido do que tivermos com os nossos proximos ? (56 a)

(56 a) *Nova Floresta*, edição de 1909, do Porto, volume I, pags. 182-183.

Francisco M. do Nascimento

(Philinto Elysio)

(1734—1819)

Francisco Manoel do Nascimento, nascido em Lisbôa, recebeu o presbyterado logo que attingiu a edade legal. Denunciado como herege, soffreu grandes perseguições, expatriando-se e morrendo na Hollanda. Foi grande poeta lyrico. Delle disse Pato Moniz: «Este sim é o nosso Pindaro; harmonioso, energico, sublime, rapido, arrojado, impetuoso, e mil vezes original, nenhum tem elle que lhe seja superior». São conhecidas duas edições de suas obras completas: uma feita em Paris, 1817-1819, em 11 volumes, em 8° grande; e outra em Lisbôa, entre 1836 a 1840, em 22 volumes, em 16°.

Ad Sodales

(Fragmento)

Lá vem a Aurora, o manto apavonado
Lançando pelas c'rôas dos outeiros,
Soprando os brandos zephiros lhe ondeam
As faldas roçagantes;

Orvalhadas boninas
Cobiçam d'enfeital-a;
De verde leito de enleada murtha
Se ergue a sauda-la o rouxinol canoro.
Campos, com que prazer, com que saudade
Buscar-vos corro, escravo fugidio
Do imperio duro da violenta côrte!
Sede-me asylo, oh! bosques
D'afortunada sombra
Contra as douradas magoas,
Contra o riso traidor da vil lisonja,
Contra a voz indigente da cobiça.
Verdes álamos tremulos, cobri-me
De sombrio socego, e, tu ribeiro,
Que entre pardos penedos te espedaças,
Manda esquecido somno
Com teu rouco murmurio
A' mente inda abalada
Dos crebros sobresaltos veladores,
Dos turvos medos, subitas justiças.
No seio destas placidas campinas
Que bordou Flora com mimoso studo,
Venho despir os trajos dos desgostos.
Aqui renasce o sabio;
Aqui, das mãos graciosas
D'alegre liberdade,
Bebo em rustica taça escarmentado
Do tranquillo prazer o nectar puro (57).

(57) *Obras completas*, edição de Paris, 1817.

A' Liberdade

(Fragmento)

Que é que eu ouço, oh! deuses!
A minha eburnea lyra,
Que repousa depois que a clara gloria
Cantei soberbo do Albuquerque duro,
Não tocada resôa
E do vate incurioso a mão convida?
Respeitavel prodigio,
Acceito o auspicio fausto:
Feitos altos, a musa que te excita
Em grandiloquo metro me aparelha.
Já me assignala as cordas,
E ao meu sujeito ouvido o canto ajusta
Qual da Sicyonia praia
Parte o Agenorio incerto
Buscando a linda irman, mal-confiada,
No fallaz touro de nevada fronte;
E dobra ancioso as crespas
Pontas dos alongados promontorios
Per insolitos mares
Calcando insanos medos,
D'alem Colombo, d'aqui inclyto Gama,
Vão tremulas occidentaes bandeiras
Entre povos que ajoelham

Ante homens numes, ao trovão senhores.
Os Tritões insoffridos
Que os não rompidos mares
Com desatado arrojo, assim devasse
Do extremo accaso o morador afouto,
Depoem a ingrata nova
Ante o throno do cerulo tyranno.
Neptuno enfurecido
Do solio se arremeça,
E c'o braço potente abala o fundo
Do mar que se amontou, e se espedaça;
Que encapellado atira
De serra á serra os descorados lenhos,
Eis já, Cabral, descobres
Os Brasis não buscados
C'os salgados vestidos gotejando
Pesado beijas as douradas praias
E aos povos que te hospedam,
Ignaro do futuro, os grilhões lanças,
A bondade, a innocencia
Que immemoriaes impéram
Nos reinos não avaros d'aurea veia,
Dos costumes da Europa espavoridas
As gentes desemparam (58)
Miserandas..... (59)

---

(58) Desamparavam.
(59) *Op. cit.*

Os Novos Gamas

(Fragmento)

Debalde a natureza
Ao pertinace esforço se esquivava
De sustos povoando
O largo plaino dos desertos ares,
Desemperadas quédas
Oppondo, escarnecidas, por barreiras !
O disvello incançado
Que aguça a vista a sensação reflexa,
Arremeçado rompe
Pelos montões d'obstaculos, e investe
C'os penetraes velados,
A arrancar o segredo perigoso.
Para escalar os astros
Intexe (60) um globo, imitador dos orbes
Que gyram no ar vasio...
Eu mesmo vi. Obediente ao mando
Deixou airoso a terra:
Sobre as frentes dos homens assombrados
Levantado planeta
Sulcava as raras ondas majestoso;
(Em soberbo triumpho
A regrada sciencia aos ceos subia)

(60) Não se encontrou significação para este termo.

E furtando-se aos olhos
A nova estrella perfazia o gyro.
Tal Jupiter subido
Tira bizarro pelo ethereo campo,
Os satellites fidos
De um polo a outro polo passeando
Na clara estiva noite (61)

(61) *Op. cit.*

Jose Agostinho de Macedo

(1761 — 1831)

José Agostinho de Macedo, nascido em Beja, dedicou-se á vida monastica, sendo expulso por infracções da disciplina claustral, secularisando-se então. Foi pregador regio e escreveu varias obras, entre as quaes: *A meditação*, *Burros*, *A Natureza*, *Novo Argonauta*, *Newton*, etc. Foi sempre tido como um «devorado de ciumes ardentes, inimigo do merito que resplandecesse acima do seu, não perdoando aos vivos, nem poupando aos mortos».

Culto aos romanos

(Fragmento)

.....Como em polidos
Chrystaes que uniu Buffon do sol a chamma
Reverbera mais forte, activa e clara
D'avassallada Grecia assim resurte
No vasto imperio da potente Roma
Luz que espalhou reverberos mais vivos.
Nas duras artes da sanguinea guerra

Roma a Grecia excedeu; e excede a Grecia
Nas artes divinaes que a paz fomenta.
Voáram pelo globo altivas aguias,
A Lusitania as vê, o Hydaspe, as teme,
Chegam do Elba a foz, do Nilo a fonte.
Onde Roma fulmina o estrago e guerra,
Das sciencias co'a luz o imperio chega.
Qual dos guerreiros seus na excelsa fronte
Com as triumphantes mãos não prende e ennastra
Os verdes louros de Minerva e Marte?
Quando a espada depõe, sustenta a penna
O immortal Scipião; se lança os ferros
Ao vencido Perseu, d'entre os depojos
Só Paulo Emilio quer das doutas artes,
Da sciencia os depositos, aquelles
Volumes que Platão sagrara aos evos.
Quem ha que opponha a Tullio a Grecia, o mundo?
Tu mesmo, oh! vão Lucrecio, e tu Vanini,
E tu que igualas o mortal á planta,
Que instincto do mortal só vês dos brutos,
Oh! La-Mettrie phrenetico, contempla
Vê se a materia combinada póde
As grandes obras produzir d'um Tullio!
Reune de Demosthenes o genio
Ao genio de Platão e Stagirita;
Si é profundo Epicuro inda mais entra
Da natureza no sacrario immenso;
Si de consul a purpura arrastando

Magestoso na voz, no gesto augusto,
Nas mãos de Themis encadeia os raios
E os infiados reos salva da morte;
Si dobra o coração do invicto Cesar,
Si a patria dá Marcello, ao mundo o justo
Mais que Aristides virtuoso, honesto;
Si ao feroz Catilina o crime afeia,
O imperio firma e liberdade a Roma:
Nem Gorgias nem Pericles contemplaram
Tanto dos labios seus pendente o mundo!
Mais inda mais em Tusculo o respeito.
E si entre os labios de Theophrasto tinham
Deposto o favo as atticas abelhas
Com brando eloquio amenisando austeras
Veredas da razão; si luz profunda
De Xerophonte nos escriptos brilha;
Ambos excede Tullio, e excede a todos
Quando entre heróes e consules disputa:
E sóbe inda inda alem não póde agora
Sobre as azas dos seculos levada
Remontar-se, subir philosophia!

Na progressão do que é perfeito nunca
O ser humano se suspende e pára.
Eu vejo após um Cicero de Nero
O generoso mestre, o sabio, o forte
De Zeno, de Xenócrates austéro
Alumno e vencedor no engenho e vida
Mais sublime que Socrates na morte:

Recebe o vaso da cicuta e cala
Profundo Phocion, Seneca entorna
O quente sangue das rasgadas veias;
Tem já no rosto a morte, inda disputa,
E entrando nos umbraes da eternidade
Demonstra que é ventura o golpe extremo.
Tullio me assombra, sim, mas tu me ensinas,
Tudo o que sou te devo! E si a fortuna
Avara para mim risonho encaro,
Si muito abaixo da voluvel roda
Existo por estado, e muito acima
Por coração magnanimo me elevo,
Si orbes, si os males seus despreso e piso;
Si as solidões da Lybia e o Tejo ameno
São para mim morada indifferente:
Si com semblante igual me vira o mundo
Ou n'um profundo carcere, ou num throno,
Si os mesmos ceos descubro em toda a parte,
Si em toda parte piso a mesma terra,
Si descubro no escravo e no monarcha
Um individuo só da especie humana;
A teus escriptos immortaes o devo;
A' mente luz me dão, valor ao peito. (62)

(62) Agostinho de Macedo, *A meditação*.

Barbosa du Bocage

(1765—1805)

Manoel Maria de Barbosa du Bocage, nascido em Setubal, revelou precocemente os seus grandes talentos poeticos. Foi guarda-marinha, do que desertou, para passar a vida na mais completa bohemia, recusando as posições que se lhe offereceram. Soffreu grandes perseguições politicas e religiosas, sendo levado a carcere, de que se livrou por intercessão dos seus poderosos Mecenas. O alcoolismo pôz-lhe breve fim á existencia. Tudo concorreu para a feição epigrammatica, ironica e violenta de sua obra.

O macaco declamando

(Apologo)

Um mono, vendo-se um dia
Entre brutal multidão,
Dizem-lhe deu na cabeça
Fazer uma prégação.
Creio que seria o thema
Indigno de se tratar;
Mas isso pouco importava,

Porque o ponto era gritar,
Teve mil vivas mil palmas,
Proferindo á bocca cheia
Sentenças de quinze arrobas,
Palavras de legua e meia.
Isto acontece ao poeta,
Orador, e outros que taes;
Nescios o que entendem menos
E' o que celebram mais. (63)

Epigramma

(XVII)

Um philosopho enfermou;
Não tinha mal de perigo,
Mas soffreu a medicina
Por agradar a um amigo.
Consentiu que receitasse
Hypocratico impostor,
E logo para um creado
Disse, brando, e sem tremor:
«Não deixes lá na botica
Esse amargo fructo do erro;

---

(63) Obras de Bocage, edição de Santos & Vieira, Lisbôa, volume das *Glosas, Apologos, e Elogios*, pag. 81.

Inda tem mais serventia:
Suppre os escriptos de enterro» (64 a).

ODE

(XXI)

A Francisco Manoel do Nascimento

(Filinto Elysio)

Zoilos, estremecei, rugi, mordei-vos:
Filinto, o gran cantor, pregou meus versos.
Sobre a margem feliz do rio ovante,
D'onde, arrancando omnipotencia aos Fados,
Universal terror vibrando em raios,
Impoz tropel d'heroes silencio ao globo,
O immortal corypheu dos cysnes lusos
Na voz da lyra eterna alçou meu nome.
Adejae, versos meus, ao Sena ufano
D'altos, fastosos, marciaes portentos:
E ganhando amplo vôo após Filinto,
Posae na eternidade em torno a Jove.
Eis os tempos, a inveja, a morte, o Lethes
Demente, que os temeu, desapparecem:
Fadou-me o gran Filinto um vate, um numen;
Zoilos! Tremei!—Posteridade! és minha! (64 b)

(64 a) Op. cit., pag. 163.
(64 b) Volume das *Odes, Elogios* e *Idyllios*, pag. 76.

Insomnia

(Soneto)

Oh retrato da morte, oh Noute amiga
Por cuja escuridão suspiro ha tanto!
Calada testemunha de meu pranto,
De meus desgostos secretaria antiga.

Pois manda Amor, que a ti sómente os diga,
Dá-lhes pio agasalho no teu manto;
Ouve-os, como costumas, ouve, emquanto
Dorme a cruel, que a delirar me obriga:

E vós, oh cortezãos da escuridade,
Phantasmas vagos, mochos piadores,
Inimigos, como eu, da claridade!

Em bandos acudi aos meus clamores;
Quero a vossa medonha sociedade,
Quero fartar meu coração de horrores.

Inventario da casa do guarda-mór

(Soneto)

«Já que grita a barriga, e a ceia tarda
«Aqui em verso brando, humilde, e humano,

«Vamos ambos fazer, amigo Elmano,
«Leilão dos trastes que possúe o guarda».

Casaca velha, rota, suja, parda,
Feia, ruim, de amarellado panno;
Sapatos, que salou ha mais de um anno,
De que inda o remendão o importe aguarda:

Rouxinol, codorniz, e dois cochichos:
Seis panellas, tres trempes e dois tachos,
Dez perrucas, viuvas de rabichos;

Quatro cadellas *femeas*, dois cães *machos*,
Uma filha, mais feia que tres bichos;
Eis aqui seus serviços e despachos ! (65)

(65) *Sonetos*, de Bocage, edição brazileira, 1911.

Visconde de A. Garrett

(1799—1854)

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, nascido no Porto, revelou-se poeta muito cedo, e, ainda estudante de direito na universidade de Coimbra, já escrevia a tragedia *Merope* e o poema didatico *Retrato de Venus*. A sua obra foi numerosa, destacando-se della: *Camões*, poema-romance; *Auto de Gil Vicente*, *Alfageme de Santarem*, *Frei Luiz de Souza*, dramas; *Viagens na minha terra*, mixto de romance e critica; *Arco de Sant'Anna*, romance; *Tratado da educação*: *Bosquejo da historia da poesia e lingua portugueza*; *Flores sem fructo*, *Folhas cahidas*, poesias, etc. Figurou ao lado de Herculano e de Castilho na trindade romantica de Portugal. Foi deputado á Constituinte de 1837, attingindo as posições de ministro de estado e par do reino.

A morte de Catão

Personagens: Catão, Marco Bruto e Juba Catão

Catão

Meu filho! Ha poucas horas, ainda eu tinha
Outro filho... Levou-m'o a patria. Embora!

Caiu nesta hecatombe derradeira...
Fiquei eu só das victimas marcadas!
—Mas tu, tu és tambem meu filho... filho...
Da minha escolha, mais querida ainda,
Que orphão te poz o crime em meu regaço!

MARCO BRUTO

E eu hei de abandonar-te nas mãos d'elle!

JUBA

Abandona-lo! Aqui morremos ambos
Comtigo: e mais gloriosa morte...

CATÃO

Juba

T'uas obrigações são mais restrictas
Que as d'elle ainda. Onde o poder supremo
Se tolera n'um só,—todo lhe incumbe,
E' responsavel pelo encargo inteiro
Da republica. Deves-te a ella, principe;
Não és teu já.

MARCO-BRUTO

Meu pae, os teus preceitos
Foram, como os decretos soberanos
Dos deuses, para mim sempre. Mas hoje,
Não te obedeço. Eu d'aqui não saio.

JUBA

Nem eu. (*Silencio consideravel: Catão medita algum tempo*).

CATÃO

Ficae embóra: mas jurae-me
Que salvareis a vida.

JUBA

Juro.

MARCO-BRUTO

Juro.
Se...—Jurarei—se... Ah! Mas tu...

CATÃO

(*Tomando-o pela mão*)

Meu filho.
Marco-Bruto, meu filho... Oh! que este nome
E' de todos os nomes o mais doce!
Pela vez derradeira um pai te falla.
E tu não has-de ouvir as vozes d'elle!
Minha extrema vontade ha-de o meu filho
Desprezar de seu pae! O ultimo rogo
Já feito sobre a margem do sepulchro,
Has-de esquecel-o tu? Catão supplica,
Pede Catão, e Bruto não o attende!
Meu filho vem, recebe no teu peito
O longo, o saudoso adeus da campa,
Que só vae terminar na eternidade...

(Abraçando-o)

—Este abraço de morte inda é romano,

Estas mãos que te apertam não têm ferros!
Meu filho, adeus! Sê virtuoso sempre.
Não pódes ser romano,—mas sê homem.
Roma acabou-se, resta-te a virtude.
Já não tens patria,—mas tens honra ainda.
Vái, apenas o estado mais tranquillo
Das coisas o permitta, repousar-te
Nas avitas Sabinas: deixa o mundo
A Cesar, e tu vive socegado
Cultivando o teu campo. Glorioso
E' aquelle torrão que tantas vezes
O gran' Censor c'o as proprias mãos lavrava.
Dou-t'o em dote da filha a quem mais quero,
A minha Porcia: pela antiga usança
Da bôa e velha Roma foi creada;
Ama-a, que o vale. Eu t'a colloco e entrego,
Digna esposa de Bruto.—E adeus, meus filhos.

(*Abraçam-se todos tres*)

Recordae-vos de um pae que vos amava,
Para choral-o, não, que morreu livre;
Mas para vos lembrar de seus conselhos,
Para seguil-os sempre. Adeus!

(*Vai a tomar a espada de sobre o abaco, e não a acha*)

Traidores!
Que fizeste! Quereis ir entregar-me
Escravo, servo com as mãos atadas,

Aos algozes de Cezar, ou á infamia
Peior, maior, de seu perdão? Ingratos,
Vós meus filhos não sois: eu vos abjuro,
Vos renego.

Scena X

CATÃO, MARCO-BRUTO, JUBA, MANLIO

MANLIO

(*Trazendo a espada embrulhada na toga*)

Fui eu, fui eu: perdôa-me;
Não pude resistir... Cuidei...—Occulto

(*Apontando para uma porta interior*)

Vigiava d'alli... Mas já é tarde.
Meu amigo, estão já nesse atrio... Foge.
Foge, ou...

CATÃO

Fugir eu! Dá-me essa espada,

(*Manlio recúa: Catão alça a voz tremendamente*)

Dá-m'a

(*Manlio entrega a espada*)

Oh Roma, oh Roma! Oh minha patria.

(*Fere-se*)

Já não ha mais que a vida—ei-la: recebe-a;
Vamos, ao menos, junctos ao sepulchro...

(*Cae: tomam-no nos braços*)

MARCO-BRUTO

Meu pae!...

JUBA

Venceste, Cezar, o universo:
Não venceste, Catão. Dae-lhe esta gloria,
Iniquos deuses!

MANLIO

Expirastes, ó Roma!

CATÃO

Amigo, estes ultimos instantes,
Não m'os façaes amargos. Por piedade...
Essa dôr—a meus olhos—occultae-a...
Não me deis—morte... morte de—covarde...

(*Desfallece*)

MARCO-BRUTO

Oh meu pae!

(*Procuram estancar-lhe o sangue*)

MANLIO

Meu amigo! Que velhice,
Que extremos dias me guardava o fado!

(*Ouve-se alarido de soldados que se approximam: tiram todos as espadas*)

JUBA

Morramos defendendo este cadaver.

CATÃO (*Tornando a si*)

Impios!—o juramento...

Scena XI

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO, DECIO

(*Com legionarios de Cezar*)

DECIO

Paz! Clemencia!
Paz em nome de Cezar! Honra e gloria
Ao seu nobre inimigo, ao homem grande
Que o dictado magnanimo respeita,

(*Dá com os olhos em Catão*)

Ama, e...—Oh! que vejo! tu...

CATÃO (*Esforçando-se para fallar*)

Ja—na... da

Tenho... que receiar... de suas... iras...
Nem... de... seus beneficios... — Mas, amigos,
Vós trais-me! Porque... vedar-me o sangue?
Deixae-me—eu sei morrer.

(*Mette as mãos ambas na ferida, e, rasgando-a com o ultimo esforço, exclama:*)

Oh... Ro... ma!

(*Espira*) (66)

O Arco da Sancta

Mal pensa o voluntario academico, quando descendo rua de Sanct'Anna abaixo, o braço no armão da peça, e os olhos na alta janella d'onde, entre o festivo azul e branco, lhe sorri constitucional beldade; e elle vai misturando no alvoraçado pensamento, conquistas bellicas e amorosas, as damas que hade render e as guerrilhas que hade espatifar,—e mais que tudo, as historias que sôbre isso se hão de contar á noite no refeitorio dos Grillos —hoje, oh impiedade! convertido em casa de tripúdio e bambochata de maganos estudantes—mal pensa elle que terreno classico vai pisando, por que veneraveis padrões historicos vai passando sem os conhecer, que interessantissima scena romantica é essa em que, depois de tantos seculos, novo e não menos interessante actor, lhe coube vir figurar.

(66) *Obras* do Visconde de Almeida Garrett, tomo VI, Lisbôa, 1859.

Falta-te, é verdade, ó nobre e historica rua de Sanct'Anna, falta-te já aquelle teu respeitavel e devoto arco, precioso monumento da religião de nossos antepassados e que, certo é, mais te vedava a pouca luz do ceu « material » que tuas angustas dimensões deixam penetrar, mas era, elle em si mesmo, foco da espiritual luz de devoção que ardia no bemdito nicho consagrado á gloriosa sancta do teu nome.

Cahiste pois tú, ó arco de Sanct'Anna, como, em nossos tristes e minguados dias, vai cahindo quanto ha nobre e antigo ás mãos de innovadores plebeus, para quem nobiliarchias são chymeras, e os veneraveis characteres heraldicos de rei—d'armas—Portugal lingua morta e esquecida que nossa ignorancia despreza, hyeroglyphicos da terra dos Pharaós antes de descuberta a inscripção de Damieta!—Assentaram os miseraveis reformadores que uma pouca de luz mais e uma pouca de immundicie menos, em rua já de si tam escura e mal inchuta, era preferivel á conservação d'aquelle monumento em todos os sentidos respeitavel!

Com que « desapontamento » d'este meu coração, depois de tantos annos de ausencia, não andei eu procurando, em vão!... na rua de Sanct'Anna, uma das primeiras que a minha infancia conheceu, as gothicas feições d'aquelle arco?... e a alampada que lhe ardia continua, e os milhares de cera que lhe pendiam á roda, e toda aquella associação de coisas que me trazia á memo-

ria os felizes dias de minha descuidada Meninice!—Meninice, que passou, sem mocidade, a ésta tam trabalhosa, tam arida, despegada virilidade, em que não tardam as cans e as rugas a visitar-me com mais precoce velhice ainda!

Ai, rua de Sanct'Anna, rua de Sanct'Anna! qu'é do teu arco e da tua festa, quando se lhe armava aquelle palanque com que ficava uma egreja improvisada, e um choreto e um pulpito, aonde grasnava a musica, berrava o frade, e toda a visinhança tinha um dia de folgar?... E muito se rezava e muito se namorava e muito se comia e todos iam para o ceu.—Ora que o façam hoje! (67).

(67) *Obras* do Visconde de Almeida Garrett, tomo XII, *Arco de Sanct'Anna*, 1.º vol., Lisbôa, 1857.

Antonio Feliciano de Castilho

(1800—1876)

Antonio Feliciano de Castilho, nascido em Lisbôa, foi ao mesmo tempo poeta, critico, prosador, historiador, apesar da completa cegueira que o ferira aos seis annos de edade. Na sua vida de escriptor destacam-se verdadeiros periodos: o classico, quando escreveu os poemetos *Primavera* e *Amor e melancolia*, as *Cartas de Echo a Narciso*, e traduziu as *Metamorphoses* e os *Amores*, de Ovidio; a romantica, quando produziu os *Ciumes do Bardo* e a *Noite do Castello;* a velhice, quando fez as traducções dos *Fastos* de Ovidio e escreveu o *Outomno*. Alem dessas obras, a sua bibliographia comporta: *Quadros historicos*, *Tratado de Metrificação*, *Lyrica de Anacreonte*, traducção do *Fausto*, de Goethe, e de algumas comedias de Moliére. A sua individualidade literaria é muito discutida, havendo quem o apague dentre os vultos eminentes da literatura portuguêsa.

Cantico da noite

Sumiu-se o sol esplendido
Nas vagas rumorosas!

Em trevas o crepusculo
Foi desfolhando as rosas!
Pela ampla terra alarga-se
Calada solidão!
Parece o mundo um tumulo
Sob estrellado manto!
Alabastrina lampada,
Lá sobe a lua! Emtanto
Gemidos d'aves lugubres
Soando a espaços vão!

Hora dos melancolicos
Saudosos devaneios!
Hora que aos gostos intimos
Abres os castos seios!
Infunde em vossos animos
Inspirações da fé!
De noite, se um reverbéro
De Deus nos alumia,
Distilla-se de lagrimas
A prece, a prophecia!
Alma enlevada em extasis
Terrena já não é!

Antes que o somno tacito
Olhos nos serre, e os sonhos
Nos tomem no seu vortice,
Já rindo, e já medonhos,
Hora dos céos, conversa-me

No extincto e no porvir.
Onde os que amei? summiram-se.
Onde o que eu fui? deixou-me.
Delles, só vans memorias;
De mim, só resta um nome;
No abysmo do preterito
Desfez-se choro e rir.

Desfez-se! e quantas lagrimas
Brotaram de alegrias!
Desfez-se! e quantos jubilos
Nasceram de agonias!
Teu curso, ó Providencia,
Quem n'o previu jamais?
Que horas d'est'hora tacita
Me irão desabrochando?
Quantos nos fez cadaveres
Num leito o somno brando!
Vir-me-hão c'o a aurora proxima,
As saudações, os ais?

Se o penso, tremo, aterro-me;
Porem, se ao Pae Supremo
Remonto o meu espirito,
Exulto; já não tremo,
A alma lhe dou; reclino-me
No somno sem pavor,
Chama me? Ascendo á patria;
Poupa-me? Aspiro a ella.

Servir-te! ou ver-te, e amarmo-nos!
Que sorte, ó Deus, tão bella!
Vem, cerra as minhas palpebras,
Virgem do casto amor! (68).

Parallelo entre Bernardes e Vieira

E' Vieira sem contradicção mestre guapissimo de nossa lingua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém a si o propozesse como exemplar nem o indica, nem consta, nem se póde com inducção plausivel suspeitar; eram ambos engenhosos no discorrer, puros e esmerados no exprimir; — eis ahi a sua unica semelhança; — no demais pareciam-se como entre si se podem parecer duas arvores de especies diversissimas.

Lendo-as com attenção, sente-se que Vieira, ainda falando do ceo, tinha os olhos nos seus ouvintes; Bernardes, ainda fallando das creaturas, estava absorto no Creador. Vieira vivia para fóra, para a cidade, para a côrte, para o mundo, e Bernardes para a cella, para si, para o seu coração. Vieira estudava graças e louçainhas de estylo; achava-as, é verdade, tinha boa mão no affeiçoal-as e uma graça no vestil-as como poucos; Bernardes era como estas formosas de seu natural, que se não, cançam com alindamentos, a quem tudo fica bem; que

(68) *Estreias poetico musicaes*, pag 21.

brilham mais com uma flor apanhada acaso, do que outras com pedrarias de grande custo. Vieira fazia a eloquencia; a poesia procurava a Bernardes. Em Vieira morava o genio; em Bernardes, o amor, que, em sendo verdadeiro, tambem é genio. Vieira sacrificava tudo á sua necessidade suprema, ao empenho de ser original e unico, sacrificava-lhe a verdade; sacrificava-lhe a verosemelhança; sacrificava-lhe até a possibilidade; não hesitava em propôr o principio mais absurdo, como fosse ou parecesse novo, e como para lá não achava caminho pela logica, fabricava-o com pontes sobre pontes, através de um oceano de sophismas, de argucias, de puerilidades, de indecencias, de quasi heresias, e, contente de lá chegar por entre os applausos, não se detinha a reflectir se não tinha sido aquillo um grandissimo abuso da grande alma que Deus lhe dera, uma duplice vaidade aos olhos da religião e da philosophia, um exemplo ruim mais perigoso pelo agigantado de quem o dava; Bernardes não tomava these que da consciencia lhe não brotasse, e a desenvolvel-a applicava todas as suas faculdades intellectuaes, que eram muito, e todas as faculdades moraes, que eram mais tresdobradamente. Vieira zomba frequentes vezes da nossa credulidade; podemos desconfiar da convicção de Vieira, ainda quando nos falla certo; Bernardes é um amigo candido e liso, que, ainda quando nos illude, não nos mente (69).

(69) Livraria Classica: *Vida e obras de M. Bernardes.*

Alexandre Herculano

(1810-1877)

Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo, nascido em Lisbôa, conta-se como um dos maiores romanticos de Portugal e salientou-se, no seu tempo, pela sua acção philosophica nos dominios da religião. Dos seus livros de versos, o mais conhecido é a *Harpa do Crente*. Escreveu romances, entre outros: *Eurico, o presbytero*; *O monge de Cistér; O bobo*. Das suas obras de historiador, destacam-se: *Historia de Portugal; Historia da Inquisição;* e *Monumentos historicos*. Foi politico revolucionario, e manejou melhor a prosa do que o verso.

A cruz mutilada

Amo-te, oh cruz, no vertice firmada
De esplendidas egrejas,
Amo-te, quando á noite, sobre a campa,
Juncto ao cypreste alvejas;
Amo-te, sobre o altar, onde, entre incensos,
As preces te rodeiam;
Amo-te, quando em prestito festivo
As multidões te hasteiam;

Amo-te erguida no cruzeiro antigo,
No adro do presbyterio,
Ou quando o morto, impressa no ataúde,
Guias ao cemiterio;
Amo-te, oh cruz, até, quando no valle
Negrejas triste e só,
Nuncia do crime, a que deveu a terra
Do assassinado o pó:

. . . . . .

E eu te encontrei, num alcantil agreste,
Meia-quebrada, oh cruz. Sósinha estavas
Ao pôr do sol, e ao elevar-se a lua
Detrás do calvo cerro. A soledade
Não te póde valer a mão impia,
Que te ferio sem dó. As linhas puras
Do teu perfil, falhadas, tortuosas,
Oh mutilada cruz, falam de um crime
Sacrilego, brutal e ao impio inutil!
A tua sombra estampa-se no solo,
Como a sombra do antigo monumento,
Que o tempo quasi derrocou, truncada
No pedestal musgoso, em que te ergueram
Nossos avós, eu me assentei. Ao longe,
Do presbyterio rustico mandava
O sino os simples sons pelas quebradas
Da cordilheira, annunciando o instante
Da *Ave-Maria;* da oração singela,
Mas solemne, mas sancta, em que a voz do homem

Se mistura nos canticos saudosos,
Que a natureza envia ao céo no extremo
Raio de sol, passando fugitivo
Na tangente d'este orbe, ao qual trouxeste
Liberdade e progresso, e que te paga
Com a injuria e o despreso, e que te inveja
Até, na solidão, o esquecimento!

. . . . . .

Foi da sciencia incredula o sectario,
Acaso, oh cruz da serra, o que na face
Affrontas te gravou com mão professa?
Não! Foi o homem do povo, a quem consolo
Na miseria e na dôr constante has sido
Por bem dezoito seculos: foi esse
Por cujo amor surgias qual remorso
Nos sonhos do abastado ou do tyranno,
Bradando—*esmola!* a um—; *piedade!* ao outro.

Oh cruz, se desde o Golgotha não fôras
Symbolo eterno de uma crença eterna;
Se a nossa fé em ti fosse mantida
Dos oppressos de outr'ora os livres netos
Por sua ingratidão dignos de opprobrio,
Se não te amassem, ainda assim seriam.
Mas és nuncia do ceo, e elles te insultam,
Esquecidos das lagrimas perennes
Por trinta gerações, que guarda a campa,
Vertidas a teus pés nos dias torvos

Do seu viver d'escravidão! Deslumbram-se
De que, se a paz domestica, a pureza
Do leito conjugal bruta violencia
Não vai contaminar, se a filha virgem
Do humilde camponez não é ludibrio
Do opulento, do nobre, oh cruz, t'o devem;
Que por ti o cultor de ferteis campos
Colhe tranquillo da fadiga o premio
Sem que a voz d'um senhor, qual d'antes, dura
Lhe diga—« é meu, e és meu! A mim deleites,
Liberdade, abundancia: a ti, escravo,
O trabalho, a miseria unido á terra,
Que o suor d'essa fronte fertiliza
Emquanto, em dia de furor ou tédio,
Não me apraz com teus restos fecundá-la».

Quando calada a humanidade ouvia
Este atroz blasphemar, tu te elevaste
Lá do oriente, oh cruz, envolta em gloria,
E bradaste, tremendo, ao forte, ao rico...
« Mentira! » e o servo alevantou os olhos,
Onde a esperança scintillava, a medo,
E viu as faces do senhor retintas
Em pallidez mortal, e errar-lhe a vista
Trépida, vaga. A cruz no céo do oriente
Da liberdade annunciára a vinda.

Debalde o servo ingrato
No pó te derribou

E os restos te insultou,
Oh veneranda cruz:

Embora eu te não veja
Neste ermo pedestal;
E's sancta, és immortal;
Tu és a minha luz!

Nas almas generosas
Gravou-te a mão de Deus,
E, á noite, fez nos ceus
Teu vulto scintillar.

Os raios das estrellas
Cruzam o seu fulgor;
Nas horas do furor
As vagas cruza o mar.

Os ramos enlaçados
Do roble, choupo e til,
Cruzando em modos mil
Se vão entretecer.

Ferido, abre o guerreiro
Os braços, sólta um ai,
Pára, vacilla, e cái'
Para não mais se erguer.

Cruzado aperta ao seio
A mãe o filho seu,
Que busca, mal nasceu,
Fontes de vida e amor.

Surges, symbolo eterno,
No céo, na terra e mar,
Do forte no expirar,
E do viver no alvor! (70)

Recordações

Era por uma destas noites vagarosas do inverno em que o brilho do céo sem lua é vivo e tremulo; em que o gemer das selvas é profundo e longo; em que a soledade das praias e ribas fragosas do oceano é absoluta e tetrica.

Era a hora em que o homem está recolhido nas suas mesquinhas moradas; em que pelos cemiterios o orvalho se pendura do topo das cruzes e, sósinho, gotteja das bordas das campas; em que só elle chora os mortos. As larvas da imaginação e o gear nocturno affastam do campo santo a saudade da viuva e do orphão, a desesperação da amante, o coração despedaçado do amigo. Para se consolarem, os infelizes dormiam tranquillos nos seus leitos macios!... emquanto os vermes iam roendo esses cadaveres amarrados pelos grilhões da morte. Hypocritas dos affectos humanos, o somno enxugou-lhes as lagrimas!

E depois, as lousas eram já tão frias! Nos seios do

(70) *Harpa do crente.*

torrão humido o sudario do cadaver tinha apodrecido com elle.

Haverá paz no tumulo? Deus sabe o destino de cada homem. Para o que ahi repousa sei eu que ha na terra o esquecimento!

Os mares pareciam naquella hora recordar-se ainda do rugido harmonioso do estio, e a vaga arqueava-se, rolava e, espreguiçando-se pela praia, reflectia a espaços nas golfadas de escuma a luz indecisa dos céos.

E o animal que ri e chora, o rei da creação, a imagem da divindade, onde é que se escondera?

Tremia de frio em aposento cerrado, e sentia confrangido a brisa fresca do norte que passava nas trevas e sibilava contente nas sarças rasteiras dos maninhos desertos.

Sem duvida, o homem é forte e a mais excellente obra da creação. Gloria ao rei da natureza que tiritando geme!

Orgulho humano, qual és tu mais — feroz, estupido ou ridiculo? (71)

---

(71) *Eurico, o presbytero*, IV. Recordações, I.

PARTE SEGUNDA

Os escriptores brazileiros

(SECULOS XVI, XVII E XVIII)

I

PHASE DAS TRASLADAÇÕES LITERARIAS

Seculo XVI

Bento Teixeira Pinto

(Meiados de 1500)

Bento Teixeira Pinto, nascido em Pernambuco, em anno impreciso do seculo XVI, foi o primeiro poeta patrio que passou á posteridade. Foi durante muitos annos accusado da autoria das obras celebres — *Relação do Naufragio de Jorge de Albuquerque* — e — *Dialogo das grandezas do Brazil*. Sabe-se perfeitamente que foi apenas de sua lavra *A Prosopopeia*, poemeto laudatorio de Jorge de Albuquerque Coelho, governador de Pernambuco.

Descripção do Recife de Pernambuco

Pera a parte do sul, onde a pequena
Ursa se vê de guardas rodeada,
Onde o ceo luminoso, mais serena,
Tem sua influyção, e temperada.

Into (72) da nova Lusitania ordena
A natureza mãi bem attentada,
Um porto tão quieto e tão seguro,
Que para as curvas náos serve de muro.
E' este porto tal, por estar posta
Uma cinta de pedra inculta e viva,
Ao longo da soberba e larga costa,
Onde quebra Neptuno a furia esquiva.
Entre a praia e a pedra descomposta
O estanhado elemento se deriva
Com tanta mansidão, que uma fateixa
Basta ter á fatal Argos anneixa.
Em o meio desta obra alpestre e dura
Uma boca rompeu o mar inchado,
Que na lingua dos barbaros escura
Paranambuco — de todos é chamado:
De — *Paraná* — que é mar, — *puca*, rotura;
Feita com furia desse mar salgado,
Que, sem no derivar commetter mingua,
Cova do mar se chama em nossa lingua.
Para a entrada da barra, á parte esquerda,
Está uma lagem grande e espaçosa,
Que de piratas fôra total perda,
Si uma torre tivera sumptuosa.
Mas quem por seus serviços bons não herda,
Desgosta de fazer cousa lustrosa;
Que a condição do rei, que não é franco,

(72) Junto.

O vassalo — faz ser nas obras manco...
Sendo os deuses á lagem já chegados,
Estando o vento em calma, o mar quieto,
Depois de estarem todos sossegados,
Per mandado do rey, e por decreto.
Proteu no ceo, c'os olhos enlevados,
Como que investiga alto secreto,
Com voz bem emtoada, e bom meneyo,
Ao profundo silencio, larga o freio (73).

Vicente do Salvador

(1564—163...)

Fr. Vicente do Salvador, nascido em Matuim (reconcavo da Bahia), graduou-se em *utroque jure*, na Universidade de Coimbra, e passou grande parte de sua vida entregue á catechese de indigenas. Foi autor de dois livros, um extraviado — *Chronica da Custodia do Brazil*—e—*Historia do Brazil*—da qual lhe veiu todo o renome. A data precisa de seu fallecimento é ignorada, parecendo que ella se deu entre os annos de 1836 e 1839.

(73) Colhido na edição do Rio de Janeiro de 1873, e confrontado com o transcripto nos livros: *Historia da Literatura Brazileira* de Sylvio Roméro, e *A Literatura Brazileira* de Eduardo Perié.

Fundação do Rio de Janeiro

Posto que o governador Mem de Sá não estava ocioso na Bahia, não deixava de estar com o pensamento nas cousas do Rio de Janeiro, e assim, sacudindo-se de todas as mais, aprestou uma armada, e com o bispo Dom Pedro Leitão, que ia visitar as capitanias do Sul, que todas em aquelle tempo eram de sua diocese e jurisdicção, e com toda a mais luzida que poude levar desta cidade, se embarcou e chegou brevemente ao Rio, onde em dia de São Sebastião, vinte de janeiro do anno de mil quinhentos e sessenta e sete, acabou de lançar os inimigos de toda a enseada, e os seguiu dentro de suas terras, sujeitando-os a seu poder e arrasando dous logares em que se haviam fortificado os Francezes, posto que em um delles que foi na aldeia de um indio principal chamado *Iburuguassú-mirim*, que quer dizer «pau grande pequeno», lhe feriram seu sobrinho Estacio de Sá de uma mortifera frechada de que depois morreu.

Socegadas as cousas da guerra, escolheu o governador sitio accomodado ao edificio de uma nova cidade, a qual mandou fortalecer com quatro castellos, e a barra ou entrada do Rio com dous; chamou á cidade de S. Sebastião, não só por ser o nome de seu rei, senão por agradecimento dos beneficios recebidos do santo, pois a victoria passada se ganhou no dia de S. Sebastião; e em este dia, dous annos antes, partiu Estacio de Sá de S.

Vicente para o Rio do Janeiro, e começou a guerra invocando seu favor, o qual reconheceram bem os Portuguezes, assim em a batalha naval das canôas como em outras occasiões de perigo. Pelo que ainda em memoria da victoria das canôas se faz todos os annos em aquella bahia, defronte da cidade, no dia do glorioso S. Sebastião, uma escaramuça de canôas com grande grita dos Indios, que as remam e se combatem, cousa muito para ver.

O sitio em que Mem de Sá fundou a cidade de S. Sebastião, foi o cume de um monte donde facilmente se podiam defender dos inimigos, mas depois, estando a terra de paz, se estendeu pelo val ao longo do mar, de sorte que a praia lhe serve de rua principal; assim, sendo lá capitão-mór Affonso de Albuquerque, se achou uma manhã defronte da porta do convento do Carmo, que alli está, uma baleia morta, que de noite havia dado á costa; e as canôas que vêm das roças ou granjas dos moradores, ali ficam desembarcando, cada um á sua porta ou perto della com o que trazem, sem lhe custar trabalhos de carretos, como custa pela ladeira acima. Nem elles proprios lá subiram em todo o anno, e menos as mulheres, se não fora estar lá a egreja matriz, e a dos padres da Companhia, pela qual causa mora ainda lá alguma gente.

Fundada pois a cidade pelo governador Mem de Sá em o dito outeiro, ordenou logo que houvesse officiaes e ministros da milicia, justiça e fazenda; e porque haviam

ido na armada mercadores, que entre outras mercadorias levavam algumas pipas de vinho, mandou-lhes o governador que o vendesse atavernado; e pedindo elles que lhes pozesse a canada por um preço excessivo, tirou elle o capacete da cabeça com colera, e disse que sim mas que aquelle havia de ser o quartilho, e assim foi e é ainda hoje por onde se avaliam as medidas, donde vem serem tão grandes que a maior peroleira não leva mais de cinco quartilhos. (74)

(74) Do cap. 12º, livro terceiro, da *Historia do Brazil*, de Frei Vicente do Salvador, transcripto dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*.

Antonio de Sa

(1620 — 1678)

Antonio de Sá, nascido no Rio de Janeiro, abraçou a carreira ecclesiastica, sendo respeitado nos trocadilhos. Publicou varias orações, emquanto vivo, as quaes, depois de sua morte, foram reunidas em um volume, editado em Lisbôa, em 1750. Como orador mereceu o cognome de *Chrysostomo Brazileiro*, exhibindo-se, com vantagem, não só em Portugal e Brazil, mas tambem em Roma.

O homem e o christão

Entre todas as coisas do mundo que nossos olhos veem, ou nossos entendimentos alcançam, o maior milagre, e o mais notavel, é verdadeiramente o homem: oriente do ceo e da terra, contermino da eternidade e do tempo, vinculo do Creador e da creatura, na vida semelhante ás plantas, no sentido egual aos animaes, no entendimento companheiro dos anjos, na magestade quase um segundo Deus composto de duas naturezas,

tão diversas e tão adversas como são, o espirito e a carne, das quaes uma celestial e a outra terrena, uma é caduca e a outra immortal, uma é a imagem de Deus e a outra semelhança dos brutos; o espirito o faz pio, a carne o faz impio; o espirito o levanta ao céo, a carne o abate ao inferno; o espirito o reforma em Deus, a carne o transforma em animal; ha maior milagre do que o homem? Pois ainda ha outro maior milagre. A unica admiração, a maravilha unica entre todos os homens é o christão verdadeiro: é felicissimo porque espera em premio o céo, é infelicissimo porque está em desterro na terra; é fortissimo porque vence ao demonio, é fraquissimo porque ás vezes o vence a carne; é animosissimo porque não teme a morte, é pusillanime porque o afflige a vida; é nobillissimo porque é irmão de Christo, é villissimo porque é fabula do mundo; é prudentissimo porque sabe o caminho da salvação; é fidelissimo porque crê e não vê; é todo solicito porque nunca ama o descanço, é todo descuidado porque se deixa reger em tudo de Christo, padece continuos combates de fóra e goza continua paz de dentro, morre na vida e vive na morte; todas as coisas ama por Christo, e não ama a si mesmo por Christo, não o desvanece a fortuna, nem o entristece a desgraça; no mesmo tempo deseja morrer, e no mesmo tempo deseja viver, morrer para estar com Christo, e viver para servir a Christo. (75)

(75) Sermão da primeira sexta-feira da Quaresma, pregado na freguezia de Juliao, em Lisboa, em 1674.

Gregorio de Mattos Guerra

(1623 — 1696)

Gregorio de Mattos Guerra, nascido na Bahia, foi um dos maiores poetas bahianos, tão favorecido pelas musas, quanto desprotegido pela fortuna. O seu estro serviu-lhe para ridicularisar, sem condescendencias, homens, costumes ou factos que caissem em seu desagrado. Estudou em Coimbra, onde já se revelou bem o poeta que havia de despedir-se da classica cidade lusitana maldizendo-a em versos. Exerceu os empregos de thesoureiro-mór da Sé e vigario geral; e praticou a advocacia, sempre indispondo-se com todos, a nada perdoando, nem mesmo á sua propria esposa. Ao depois de muitas mudanças, de muitos tormentos, de desterros e miserias, falleceu em Pernambuco.

Soneto

Pequei, Senhor, mas não, porque hei peccado
Da vossa alta piedade me despido:
Antes quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto peccado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos ha offendido,
Vos tem para o perdão lisongeado.

Se uma ovelha perdida, já cobrada,
Gloria tal e prazer tão repentino
Vos deu, como affirmais na Sacra Historia,

Eu sou, Senhor, ovelha desgarrada:
Cobrai-a e não queiraes, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa gloria. (76)

Aos vicios

Eu sou aquelle que os passados annos
Cantei na minha lyra maldizente
Torpezas do Brazil, vicios e enganos.

Se bem que os cantei bastantemente,
Canto segunda vez na mesma lyra
O mesmo assumpto em plectro differente.

Já sinto que me inflamma e que me inspira
Thalia, que anjo é da minha guarda
Des'que Apollo mandou que me assistira.

(76) Transcripto do livro — *Gregorio de Mattos* — de Alencar Araripe Junior, Rio, 1894, pag. II.

Arda Bayona, e todo o mundo arda,
Que a quem de profissão falta a verdade
Nunca a dominga da verdade tarda.

Nenhum tempo exceptúa a christandade
Ao pobre peregrino do Parnaso
Para fallar em sua liberdade.

A narração ha de igualar o caso,
E se talvez o caso não iguala,
Não tenho por poeta o que é Pégaso.

De que póde servir calar quem cala?
Nunca se ha de fallar o que se sente?!
Sempre se ha de sentir o que se falla.

Qual homem póde haver tão paciente,
Que vendo o triste estado da Bahia,
Não chore, não suspire e não lamente?

Isto faz a discreta phantasia:
Discorre em um e outro desconcérto,
Condemna o roubo, increpa a hypocrisia.

O nescio, o ignorante, o inexperto,
Que não elege o bom, nem mau reprova,
Por tudo passa deslembrado e incerto.

E quando vê talvez na doce trova
Louvado o bem, o mal vituperado,
A tudo faz focinho, e nada approva.

Diz logo prudentaço e repousado:
— Fulano é um satyrico, é um louco,
De lingua má, de coração damnado.

Nescio, se d'isso entendes nada ou pouco,
Como mofas em riso e algazarras
Musas, que estimo ter, quando as invoco.

Se souberas fallar tambem falláras,
Tambem satyrisáras, se souberas,
E se fôras poeta, poetisáras.

A ignorancia dos homens d'estas eras
Sizudos faz ser uns, outros prudentes,
Que a mudez canonisa bestas féras.

Ha bons, por não poder ser insolentes,
Outros ha commedidos de medrosos,
Não mordem outros, não — por não ter dentes.

Quantos ha que os telhados têm vidrosos,
E deixam de atirar sua pedrada,
De sua mesma telha receiosos?

Uma só natureza nos foi dada;
Não creou Deus os naturaes diversos;
Um só Adão creou, e esse de nada.

Todos somos ruins, todos perversos,
Só nos distingue o vicio e a virtude,
De que uns são commensaes, outros adversos.

Quem maior a tiver do que eu ter pude,
Esse só me censure, esse me note,
Calem-se os mais, chiton, e haja saúde. (77)

Eusebio de Mattos

(1629 — 1692)

Eusebio de Mattos, nascido na Bahia, de onde nunca sahiu, era irmão de Gregorio de Mattos, tornando-se muito illustre por suas virtudes. Professou na Ordem de Jesus, de onde sahiu brigado, para tomar o habito de carmelita, o que fez com que o padre Antonio Vieira assim commentasse: « Pois muito mal fizeram os jesuitas, que tarde se criarão para a Companhia outros Mattos ». Escreveu sermões e praticas. Da sua obra destaca-se o volume *Ecce Homo*, collecção que é de praticas sobre Espinhos, Cordas, Cana, Chagas e Homem.

(77) Transcripto da *Litteratura Brazileira*, de Eduardo Perié, pags. 368, 369 e 370.

Ecce Homo (78)

Hoje, que tão demudado
Vos vejo, por meu amor,
Espero, emfim, meu Senhor,
Me hei de ver por ganhado.
Satisfazei meu cuidado,
Já que assim vos chego a ver;
Pois só vós podeis fazer,
No mal que sentindo estou,
Que deixe de ser quem sou,
E seja como hei de ser.

Já vejo aos homens clamar
Por nossa morte, impacientes;
E dos tormentos presentes,
Inda mais querem appellar,
Os termos se hão de trocar,

(78) A proposito desta poesia de Eusebio de Mattos, lê-se na *Biographia Historica* do sr. Felix Ferreira:

«O sr. Innocencio Francisco da Silva aponta muitos enganos em que cahiu o sr. Conselheiro Pereira da Silva em seus *Varões illustres do Brazil*; cumpre-nos tambem aqui por nossa vez apontar um lapso em que incorreu o sr. Innocencio julgando emendar o sr. Pereira da Silva. Diz o distincto bibliographo, no artigo relativo ao frei Eusebio de Mattos, estar o sr. Pereira da Silva em erro quando entre as poesias deste insigne poeta cita uma intitulada *Ecce Homo*, quando aliás esse titulo pertence a um volume de homilias de frei Eusebio. E' certo que esse volume existe e com tal titulo, mas tambem não é menos certo que entre as poesias attribuidas a frei Eusebio de Mattos e que vem no *Florilegio* de Warnhagem, ha uma sob o titulo *Ecce Homo*; o que admira não é que o sr. Pereira da Silva não visse aquelle volume de homilias, como extranha o sr. Innocencio, mas que este que certamente possúe o *Florilegio*, pois o menciona detalhadamente, não visse por sua vez essa poesia. Lapsos como este poderiamos apontar outros, etc.»

Que hoje a fé quer advertida,
Vendo em pena tão crescida,
A que é bem que se reporte,
Clamar porque vos dêm morte;
Clamar a vós me deis vida.

Pilatos compadecido
De vos ver como vos via,
Outra condição vestia
Para vos mostrar despido.
Eu tambem, amor querido,
Vendo excesso tão atroz,
E o estado em que vos poz
O impio povo ruim;
Já que vos despem por mim,
Me quero eu despir por vós.

Dispam-se contentos vãos,
Loucuras, cegas vaidades;
Atem-se as mãos ás maldades,
Se a bondade lhe atam mãos:
Fiquem pensamentos sãos
E a soberba se desfaça:
No peito a humildade nasça;
Morra a culpa, que me priva;
Porque não é bem que eu viva
Quando morre o author da graça.

Este é o homem (dizia
Pilatos, que se enternece)

Mas quem a Deus desconhece,
Mal conhecer-se podia.
A minha esperança fia
De vós, que alentos lhe dá
Uma fé que viva está;
Que de amor no desempenho,
Conheça o mal que em mim tenho
E veja o bem que em vós ha.

Correu-se a nuvem sagrada
D'essa vossa vestidura;
E do sol a formosura
Se mostrou toda eclypsada!
A flor, por homens pisada?
Oh que pena me causaes!
Pois quando assim vos mostraes,
Conheço, ó pae amoroso,
Que por serdes tão piedoso,
A tal piedade chegaes.

A barbara crueldade
Dos homens, Senhor, me admira;
Pois se vestem da mentira
Para despir a verdade:
Não querem ter piedade
Porque os cega a sem-razão;
Porem, não é muito, não,
Quando o seu rigor os prostra,
Que quem com paixão se mostra
Mal póde ter compaixão.

Hoje me guia o destino
A amar-vos; que não é bem
Tenha amor grosseiro a quem
Tem em vós amar tão fino:
Pois, quando a amar-vos me inclino,
Maior culpa, amada prenda,
Fôra amar-vos sem emenda;
Porque vendo esse amor vosso,
Se offender-vos ver não posso,
Como é bem que vos offenda? (79)

Padre Francisco de Souza

(1630 — 1724)

Padre Francisco de Souza, nascido na ilha de Itaparica (Bahia), entrou para a Ordem de Jesus, sendo assim justamente aproveitados, em Gôa, os seus revelados dotes de vivacidade e lucida intelligencia. Sempre que pregou foi com universaes applausos, conforme escreveu Barbosa Machado. Deixou um volume — *Do Oriente conquistado a Jesus Christo pelos padres da Companhia de Jesus, na Provincia de Gôa*, cujas primeiras partes foram editadas em Lisbôa, em 1710.

(79) Transcripto do *Florilegio literario*, de Varnhagen.

Sobre o falso rumor da morte de Xavier

Andando Xavier visitando a Christandade de Camorin, correu fama em Gôa logo depois de vir a nau Galega, que os Badegás o havião aprisionado, & martyrisado (80) pela Fé, & defensa dos Cristãos. Ouvidas estas novas, começaram todos a publicar repetidos elogios de suas heroycas virtudes, & não se fallava em outra cousa, senão na multidão de seus milagres, na verdade de suas profecias, no fervor da sua caridade, na confiança que tinha em Deus, no soffrimento dos trabalhos, & na pureza angelica de sua vida. Resolvião alguns de seus devotos, & amigos, irem buscar entre os inimigos as reliquias do santo corpo, & já deputavam para o dispendio até trinta mil cruzados, tratando muyto deveras de pedir, & lembrar ao Serenissimo Rey D. João que o fizesse escrever no catalogo dos santos. E se este imaginado martyrio produzia tam piadosos, & generosos affectos nos seculares, não era menor o fervor, que accendia nos nossos Religiosos. E assim como os soldados leaes, & valerosos, vendo morto no campo o seu general, se arrojam aos esquadrões inimigos, & com grande ousadia vingar sua morte com muytas dos contrarios, assim os Padres, & Irmãos assistentes no Collegio de S. Paulo, ouvindo a morte do seu Mestre, Superior, & Capitão manejarão com tanto valor, & brio as armas espirituaes

(80) Conserva-se a orthographia em que está impressa na edição de Lisbôa, 1910, Officina de Valentim da Costa Deslandes.

contra os vicios dos Christãos, & erros dos idolatras, que tornarão a restituir a Cidade ao primeyro estado, em que a pozera Xavier, logo quando veyo de Portugal, & não faltou hu David que derrubasse a seus pés o mayor Gigante da gentilidade Gôana. Hia o Padre Gaspar Barzeo pelas ruas de Goa, quando topou com Locu Bramane principalissimo, que coroado de numeroso cortejo de outros Bramanes gentios passeava pela Cidade, & mettendo-se entre elles movido interiormente por Deus os desafiou a disputar, ou da verdade da nossa Religião, ou da falsidade da sua d'elles; & não se mostrando os Bramanes menos propostos em aceytar, que o Padre em propôr o desafio, se foy travando a disputa com tanto credito da verdade, que não poderão os idolatras responder á evidencia das razoens naturaes accumuladas sobre o ponto controverso com singular eloquencia, & clareza. E se bem alguns d'elles mais livres, & atrevidos capeavão a confusão, & sentimento de se verem convencidos com artificiosa dissimulação, respondendo com graça & donayres, comtudo os mais prudentes, & commedidos, principalmente Locu cabeça de todos, não deyxarão de abrir os olhos á manifesta luz da verdade. E porque já o Padre Barzeo os tinha reduzido a não terem mais que dizer, se apartou d'elles, & á despedida lhes deyxou advertencias importantes, em que podessem meditar com animo sossegado, esperando ainda algum fructo d'aquella divina semente. Nem o enganou a esperança, porque passados dois dias o veyo demandar o Bramane Locu

pedindo-lhe o Bautismo, constrangido da força das razoens antecedentes examinadas á luz interior da Divina Graça, & muy solicito da salvação da sua alma. Vinham com elle outros muytos pertendentes do sagrado Bautismo, & entre elles sua mesma mulher, hum seu netto, & outro gentio dos principaes da terra. Recebidos com incomparavel alegria, & instruidos nos mysterios da Fé, & preceytos da ley de Christo, forão bautizados com solemnissima pompa na nossa Igreja de S. Paulo. O mesmo Governador foy Padrinho de Locu, que mudou o nome em Lucas, & acabado o Bautismo, montou sobre hum fermoso cavallo Arabio cuberto de ricos jaezes, & cortejado de toda Fidalguia Portugueza, correu as ruas da Cidade ornadas de varias sedas, adornos de palmas dispostos com aprazivel artificio, dando-lhe repetidos vivas o povo miúdo entre os alegres repiques dos sinos, & continuos tiros de artilharia. Porem o som mais fecundo erão as vozes dos gentios, que a vista da conversão da sua principal cabeça prometião de se fazer Christãos, & muytos cumprirão a promessa. Durou este triumpho da Fé oito dias, para dobrar com estas honrosas demonstrações a pertinacia gentilica, & por remate da festa deo o Governador ao Bramane o officio de Tanadar-Mór, hum dos principaes de Gôa na estimação, & na renda, & que sempre andou em fidalgos de respeyto. Augmentarão muyto as alegrias deste oytavario as novas da Vida de Xavier trazidas pelos

Padres Affonso Cypriano, & Manuel de Morses; multiplicou mais o gosto universal entrar o mesmo Santo a vinte & dois de outubro pela barra de Gôa. (81)

Manoel Botelho de Oliveira

(1636 — 1711)

Manoel Botelho de Oliveira, nascido na Bahia, logrou ser o primeiro brazileiro que publicou os seus livros. Em Coimbra, conquistou o gráo de licenciado em jurisprudencia. O seu livro de versos denominou-se: *Musica do Parnaso, dividido em quatro chôros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas, com o seu descante comico reduzido em duas comedias.* Foi accusado de gongorico em esse titulo, não obstante o que, por voto da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, foi incluido entre os classicos portuguêses.

A ilha da Maré

Jaz em obliqua fórma e prolongada
A terra da Maré, toda cercada

(81) *Do Oriente Conquistado*, Parte I, 43, edição de Lisbôa, 1710.

De Neptuno, que tendo o amor constante,
Lhe dá muitos abraços por amante;
E botando-lhe os braços dentro d'ella
A pretende gozar; por ser mui bella.

N'esta assistencia tanto a senhorêa,
E tanto a galantêa,
Que do mar de Maré tem o appellido,
Como quem presa o amor do seu querido;
E por gosto das prendas amorosas
Fica maré de rosas,
E vivendo nas ancias successivas
São do amor marés vivas;
E se nas mortas menos a conhece,
Maré de saudades lhe parece.
Vista por fóra é pouco appetecida,
Porem dentro habitada
E' muito bella, muito desejada,
E' como a concha tosca e deslustrosa,
Que dentro cria a perola formosa.

Erguem-se nella outeiros
Com soberbas de montes altaneiros,
Que os valles por humildes despresando,
As presumpções do mundo estão mostrando,
E querendo ser principes subidos
Ficam os valles a seus pés rendidos.
Por um e outro lado
Varios lenhos se vêm no mar salgado.

Uns vão buscando da cidade a via,
Outros d'ella se vão com alegria;
E na desigual ordem
Consiste a formosura na desordem.

Os pobres pescadores em saveiros,
Em canôas, ligeiros,
Fazem com tanto abalo
Do trabalho maritimo regalo;
Uns as redes estendem,
E varios peixes por pequenos prendem;
Que até nos peixes com verdade pura
Ser pequeno no mundo é desventura:
Outros no anzol fiados
Tem aos miseros peixes enganados,
Que sempre da vil isca cobiçosos
Perdem a propria vida por gulosos.

Aqui se cria o peixe regalado
Com tal sustancia, e gosto preparado,
Que sem tempero algum para appetite
Faz gostoso convite
E se póde dizer em graça rara
Que a mesma natureza os temperára.

Não falta aqui marisco saboroso
Para tirar fastio ao melindroso;
Os polvos radiantes,
Os lagostins flammantes,

Camarões excellentes,
Que são dos lagostins pobres parentes;
Retrogrados c'ranguejos,
Que formam pés das boccas com festejos,
Ostras, que alimentadas
Estão nas pedras, onde são geradas,
Emfim tanto marisco, em que não fallo,
Que é vario perrexil para o regalo.

As plantas sempre nella reverdecem,
E nas folhas parecem,
Desterrando do inverno os desfavores,
Esmeraldas de abril em seus verdores,
E d'ellas por adorno appetecido
Faz a divina Flora seu vestido.

As fruitas se produzem copiosas,
E são tão deleitosas
Que como junto ao mar o sitio é posto,
Lhes dá salgado o mar o sal do gosto.

As canas fertilmente se produzem,
E a tão breve discurso se reduzem,
Que, porque crescem muito,
Em doze mezes lhe sazona o fruito,
E não quer, quando o fruito se deseja,
Que sendo velha a cana, fertil seja.
As laranjas da terra
Pouco azedas são, antes se encerra

Tal doce n'estes pomos,
Que o tem clarificado nos seus gomos;
Mas as de Portugal entre alamedas
São primas dos limões, todas azedas.
Nas que chamam da China
Grande sabor se afina,
Mais que as da Europa doces e melhores,
E teem sempre a vantagem de maiores,
E n'esta maioria,
Como maiores são, teem mais valia.
Os limões não se prezam,
Antes por serem muitos se despresam.
Ah! se a Hollanda os gozara!
Por nenhuma provincia se trocára.
As cidras amarellas
Caindo estão de bellas,
E como são inchadas, presumidas,
E' bem que estejam pelo chão cahidas:
As uvas moscateis são tão gostosas,
Tão raras, tão mimosas,
Que de Lisbôa as vira, imaginara
Que alguem dos seus pomares as furtára;
D'ellas a producção por copiosa
Parece milagrosa,
Porque dando em um anno duas vezes,
Geram dous partos, sempre, em doze mezes
Os melões celebrados
Aqui tão docemente são gerados,
Que cada qual tanto sabor alenta,

Que são feitos de assucar e pimenta,
E como sabem bem com mil agrados,
Bem se póde dizer que são letrados;
Não fallo em Vilariça, nem Chamusca:
Porque todos offusca
O gosto d'estes, que esta terra abona
Como proprias delicias de Pomona.
As melancias com igual bondade
São de tal qualidade,
Que quando docemente nos recreia,
E' cada melancia uma colmeia,
E ás que tem Portugal lhe dão de rosto,
Por insulsas aboboras no gosto.
Aqui não faltam figos,
E os sollicitam passaros amigos,
Appetitosos de sua doce usura,
Porque cria appetites a doçura:
E quando acaso os matam,
Porque os figos maltratam,
Parece mariposas, que embebidas
Na chamma alegre, vão perdendo as vidas.

As romãs rubicundas quando abertas
A' vista agrados são, á lingua offertas,
São thesouro das fruitas entre affagos
Pois são rubis suaves os seus bagos.
As fruitas quasi todas nomeadas
São ao Brazil de Europa trasladadas,

Porque tenha o Brazil por mais façanhas
Alem das proprias fruitas, as estranhas.

E tratando das proprias, os coqueiros,
Galhardos e frondosos
Criam cocos gostosos:
E andou tão liberal a natureza
Que lhes deu por grandeza,
Não só para bebida, mas sustento,
O nectar doce, o candido alimento.
De varias côres são os cajús bellos
Uns são vermelhos, outros amarellos,
E como varios são nas varias côres,
Tambem se mostram varios nos sabores;
E criam a castanha,
Que é melhor que a de França, Italia, Hespanha.
As pitangas fecundas
São na côr rubicundas,
E no gosto picante comparadas
São de America ginjas disfarçadas.
As pitombas douradas, se as desejas,
São no gosto melhores que as cerejas,
E para terem o primor inteiro
A vantagem lhe levam pelo cheiro,
Os araçazes grandes ou pequenos,
Que na terra se criam mais ou menos,
Como as peras de Europa engrandecidas,
Como ellas variamente parecidas,
Tambem se fazem d'ellas

De varias castas marmelladas bellas.
As bananas no mundo conhecidas
Por fruito e mantimento appetecidas
Que o ceu para regalo e passatempo
Liberal as concede em todo o tempo;
Competem com maçãs ou baonesas,
Com peros verdeaes ou camoesas:
Tambem servem de pão aos moradores,
Se da farinha faltam os favores;
E' conducto tambem que dá sustento,
Como se fosse proprio mantimento;
De sorte que por graça ou por tributo
E' fruito, é como pão, serve em conducto;
A pimenta elegante
E' tanta, tão diversa e tão picante,
Para todo o tempero acommodada
Que é muito avantajada,
Por fresca, e por sadia
A' que na Asia se gera, Europa cria.
O mamão por frequente
Se cria vulgarmente
E não présa o mundo,
Porque é muito vulgar em ser fecundo.
O marcujá tambem gostoso e frio
Entre as fruitas merece nome e brio;
Tem nas pevides mais gostoso agrado
Do que assucar rosado;
E' bello, cordeal, e como é molle,

Qual suave manjar todo se engolle.
Vereis os ananazes
Que para rei das fruitas são capazes;
Vestem-se de escarlata
Com magestade grata,
Que para ter do imperio a gravidade,
Logram da corôa verde a magestade;
Mas quando tem a coroa verde levantada
De picantes espinhos adornada,
Nos mostram que entre reis, entre rainhas
Não ha corôa no mundo sem espinhas.
Este pomo celebra toda a gente,
E' muito mais que o pecego excellente,
Pois lhe leva a vantagem gracioso
Por maior, por mais doce e mais cheiroso.

Alem das fruitas, que esta terra cria,
Tambem não faltam outras na Bahia;
A mangava mimosa
Salpicada de tintas por formosa
Tem o cheiro famoso
Como se fôra almiscar oloroso;
Produz-se no matto
Sem querer da cultura o duro trato,
Que como em si toda a bondade apura,
Não quer dever aos homens a cultura.
Oh' que galharda fruita e soberana
Sem ter industria humana!

E se Jove as tirára dos pomares
Por Ambrosia as puzera entre os manjares!

Com a mangava bella a similhança
Do mucujé se alcança.
Que tambem se produz no matto inculto
Por soberano indulto,
E sem fazer ao mel injusto aggravo,
Na bocca se desfaz qual doce favo.

Outras fruitas dissera, porem basta
Das que tenho descripto a varia casta,
E vamos aos legumes, que plantados
São do Brazil sustentos duplicados:
Os mangarás que brancos ou vermelhos,
São da abundancia espelhos;
Os candidos inhames, se não minto,
Podem tirar a fome ao mais faminto.
As batatas que assadas ou cozidas
São muito appetecidas;
Dellas se faz a rica batatada
Das belgicas nações sollicitada.
Os carás, que de roxo estão vestidos,
São loyos dos legumes parecidos,
Dentro são alvos, cuja côr honesta
Se quiz cobrir de rôxo por modesta
A mandioca, que Thomé sagrado
Deu ao gentio amado,
Tem nas raizes a farinha occulta:

Que sempre o que é feliz, se difficulta.
E parece que a terra de amorosa
Se abraça com seu fruito delectosa;
D'ella se faz com tanta actividade
A farinha, que em facil brevidade
No mesmo dia sem trabalho muito
Se arranca, se desfaz, se cose o fruito;
D'ella se faz tambem com mais cuidado
O beyjú regalado,
Que feito tenro por curioso amigo,
Grande vantagem leva ao pão de trigo.
Os aypins se aparentam
Co' a mandioca, e tal favor alentam,
Que tem qualquer, cosido ou seja assado,
Das castanhas da Europa o mesmo agrado.
O milho que se planta sem fadigas,
Todo o anno nos dá faceis espigas,
E é tão fecundo em um, e em outro filho
Que são mãos liberaes as mãos de milho.
O arroz semeado
Fertilmente se vê multiplicado;
Calle-se de Valença por extranha
O que tributa a Hespanha,
Calle-se do Oriente
O que como o gentio, e a Lizia gente,
Que o do Brazil quando se vê cozido,
Como tem mais substancia, é mais crescido.

Tenho explicado as fructas e legumes,
Que dão a Portugal muitos ciumes;
Tenho recopilado
O que o Brazil contem para invejado.
E para preferir a toda terra,
Em si perfeitos quatro A A encerra.
Tem o primeiro A, nos arvoredos
Sempre verdes aos olhos, sempre ledos;
Tem o segundo A, nos ares puros,
Na temperie agradaveis e seguros;
Tem o terceiro A, nas aguas frias
Que refrescam o peito, e são sadias;
O quarto A, no assucar delectoso,
Que é do mundo o regalo mais mimoso,
São pois os quatro A A por singulares
Arvoredos, *assucar*, *aguas*, *ares*.

Nesta ilha está mui ledo, e mui vistoso
Um engenho famoso,
Que quando quiz o fado antigamente
Era rei dos engenhos preminente,
E quando Hollanda perfida e nociva
O queimou, renasceu qual Fenis viva.
Aqui se fabricaram tres capellas
Ditosamente bellas,
Uma se esmera em fortaleza tanta,
Que de abobada forte se levanta;
Da Senhora das Neves se appellida,

Renovando a piedade esclarecida,
Quando em devoto sonho se viu posto
O nevado candor no mez de agosto.
Outra capella vemos fabricada,
A Xavier illustre dedicada,
Que o Maldonado parocho entendido
Este edificio fez agradecido
A Xavier, que foi em sacro alento
Gloria da Egreja, do Japão portento.
Outra capella aqui se reconhece
Cujo nome a engrandece

Pois se dedica á Conceição sagrada
Da Virgem Pura, sempre immaculada,
Que foi por singular mais formosa
Sem manchas lua, sem espinhos rosa.
Esta ilha de Maré, ou de alegria,
Que é termo da Bahia,
Tem quasi tudo quanto o Brazil todo
Que de todo o Brazil é breve apodo;
E se algum tempo Citherea a achára,
Por essa sua Chipre desprezára,
Porem tem, com Maria verdadeira,
Outra Venus melhor por padroeira (82)

(82) Transcripto do *Florilegio Literario* de Varnhagen.

Nuno Marques Pereira

(1652—1728)

Padre Nuno Marques Pereira, nascido na Bahia, alem de naturalista, dedicou-se á literatura, em que, entretanto, não se salientou nem pelo estylo, que foi confuso, nem pelo valor literario. A sua obra principal foi o *Compendio narrativo do Peregrino da America*, cuja primeira edição foi de 1728.

Romance

Lá cantava o Sabiá;
Um recitado de amor
Em doce metro sonoro,
Que as mais aves despertou.

A este tempo se ouvia
N'um raminho o Curió,
Com sonora melodia,
E com requebros na voz.

O Mazombinho Canario,
Realengo em sua côr,
Deu taes passos de garganta,
Que a todos admirou.

Ao encontro lhe sahiu
Passarinho Bom-cantor,
De ramo em ramo saltando,
Só por ver sahir o sol.

De picado o Sanhaçú,
Tão alto solta a voz,
Que cantando a compasso,
Compasso não levantou.

A encarnada Tapiranga
Quando mais bem se explicou,
Foi por minuto da solfa;
Com mil requebros na voz.

A linda Guarinhatãa,
Chochorreando, compôz
Um solo bem afinado,
Que seu amor explicou.

O alegre passarinho,
Que se chama Papa-arroz,
Pelos seus metros canoros
Cantava ut, re, mi, fa, sol.

A Carricinha cantando,
Tanto seu tiple affinou,
Que nas clausulas da solfa
Se não viu cousa melhor.

E logo por estes ares
Remontando o Beija-flor
Tocando hia nas azas
Com donaire um bello som.

Valente Pica-pau
De um pau fez o tambor,
E com o bico tocava
Alvorada ao mesmo sol.

Despertando o Pitahuãa,
Com impulsos de rigor,
Disse logo: Bem te vi,
Deste lugar em que estou.

O Fradinho do deserto,
Contemplativo, mostrou
Que tambem sabe cantar
Os louvores do Senhor.

O Corujinha cantando,
Parecia um Rouxinol;
E sempre tão entoado,
Que nunca desafinou,

As Andorinhas no ar,
Com donaire e com primor,
Fizeram um lindo baile,
Que seu amor inventou.

O lindo Cocurutado,
Que bella voz, se mostrou,
Que era musico famoso
Do real côro do sol.

O pintado Pintasilgo,
Da solfa compositor,
Endeixas fez, e um Romance,
Que em pasmo a todos deixou.

As formosas Aracuãas,
Sem temer ao caçador,
Em altas vozes cantavam
Cada qual com bello som.

Sahiu de ponto a dançar
A Lavadeira, e mostrou
Era tão dextra na dança
Que pés na terra não pôz.

A formosa Juruti
No bico trouxe uma flor,
E com tão custosa galla,
Que as tenções arrebatou.

Sahiu de branco a Araponga
Com tão galhardo primor,
Que foi alvo das mais aves,
Pela alvura que mostrou.

Vieram em bandos logo,
Cantando com bom primor,
Periquitos, Papagaios,
Tocanos, e mais Paós.

N'esta suave harmonia
Se divulgava uma voz
Pelos ares, que dizia:
Arara, Arara de amor.

Não fallo aqui das mais aves,
Nem dos Sahuins, e Guigós,
Que com bailes de alegria
Festejam ao Creador (83).

Sebastiao da Rocha Pitta

(1660 — 1738)

Sebastião da Rocha Pitta, nascido na Bahia, estudou no collegio dos jesuitas, recebendo o grau de doutor em canones em Coimbra. Foi o primeiro autor de uma historia do Brazil, escrevendo tambem versos, que em nada se recommendam, e um romance em castelhano, paro-

(83) Do *Compendio narrativo do Peregrino da America*, edição de 1765.

diando o *Palmeirim de Inglaterra*. A sua *Historia do Brazil* é reputada um «trabalho descommunal para o seu tempo», e teve por titulo: *Historia da America Portuguêsa desde a sua descoberta até ao anno de 1724*. Dessa obra provieram-lhe: o titulo de membro da Academia Historica de Portugal e a dignidade de cavalheiro da ordem de Christo.

O Brazil

Do Novo Mundo, tantos seculos escondido, e de tantos sabios calumniado, onde não chegaram Hannon com suas navegações, Hercules Libyco com suas columnas, nem Hercules Thebano com as suas emprezas, he a melhor porção do Brazil, vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas; tributando aos seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino oiro, os seus troncos os mais suaves balsamos, e os seus mares o ambar mais selecto: admiravel paiz, a todas as luzes rico, onde prodigamente profusa a natureza se desentranha nas ferteis producções, que em opulencia da monarchia e beneficio do mundo apura a arte; brotando as suas canas espremido nectar, e dando as suas fructas sazonada ambrozia, de que fôram mentida sombra o licor e vianda, que aos seus falsos deuses attribuiu a culta gentilidade.

Em nenhuma outra região se mostra o céo mais sereno, nem madruga mais bella a aurora; o sol em nenhum outro hemispherio tem os raios tão dourados, nem os reflexos nocturnos tão brilhantes; as estrellas são as mais benignas e se mostram sempre alegres; os horisontes, ou nasça o sol, ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras; he emfim o Brazil terreal paraizo descoberto, onde têm nascimento e curso os mayores rios: domina salutifero clima; influem benignos astros, e respirão-se auras suavissimas, que o fazem fertil e povoado d'innumeraveis habitadores; posto que por ficar debaixo da torrida zona o desacreditassem e dessem por inhabitavel Aristoteles, Plinio e Cicero, e com gentios Padres da Igreja, Santo Agostinho e Beda, que a terem experiencia d'este feliz orbe seria famoso assumpto de suas elevadas pennas, aonde a minha recêa voar; posto que o amor da patria me da as azas, e a sua grandeza me dilata a esfera. (84)

A flor de maracujá

Das naturaes (flores) ha muitas admiradas, sendo a primeira a do maracujá, mysterioso parto da natureza que das mesmas partes de que compoz a flor lhe formou os instrumentos da sagrada paixão, fazendo-lhe nas folhas

(84) Fragmento da *Historia da America portugueza*.

cumuladas ao pé o Calvario; em outras peças a columna, os tres cravos, a corôa d'espinhos; pendentes em cinco braços, que em igual proporção se abrem da columna para a circumferencia, as cinco chagas; de cada tres com attenção se forma a cruz; e no ramo em que se prende o pé, se vê a lança. (85).

As fructas do Brazil

Das naturaes cultas ha infinitas; sendo primeiro o ananaz, que como o rey de todas, o coroou a natureza, com o diadema das suas mesmas folhas, as quaes em circulo lhe cingem a cabeça, e o rodeou d'espinhos, que, como archeiros, a guardam. As outras são as fragantes pitombas, como pequenas gemmas d'ovos; as pitangas do mesmo tamanho, mas golpeadas em gomos, humas rôxas, outras vermelhas, todas frescas e refrigerantes dos calores da febre. Os maracujás cordealissimos de cinco especies, mas de huma só qualidade, de cujo succo se fazem deliciosos sorvetes, e da casca perfeitas conservas. Os araçázes, tambem de cinco castas, dos quaes os perinhos e os merins se dão aos enfermos, e de todos se fazem presados doces com o nome de marmeladas, tão finas e selectas como as do reyno; todas muy brancas, e só as das goiabas carmezins, côr da sua massa (86).

(85) *Op. cit.*
(86) *Op. cit.*

Seculo XVIII

Santa Maria Itaparica

(1700—17...)

Frei Manoel de Santa Maria Itaparica, nascido em Itaparica (Bahia), morreu sem se saber quando, tendo professado muito moço no Convento de Paraguassú. Como poeta deixou um poema *Eustachidos*, alem de dois livros outros: *Um epigramma latino á morte do Rei Fidelissimo;* e uma *Canção funebre,* sobre o mesmo assumpto. Foi um nacionalista de força, o que se percebe claramente em todo aquelle seu poema.

Descripção da Ilha de Itaparica

Em um vasto me achei e novo mundo
De nós desconhecido e ignorado,
Em cujas praias bate um mar profundo
Nunca até'gora de algum lenho arado;
O clima alegre, fertil e jocundo
E o chão de arvores muitas povoado:
E no verdor das folhas julguei que era
Ali sempre continua a primavera.

D'ellas estavam pomos pendurados
Diversos na fragancia e na pintura,
Nem dos homens carecem ser plantados,
Mas agrestes se dão e sem cultura;
E entre os troncos muito levantados,
Que ainda a phantasia me figura
Havia um pau de tinta mui fecunda,
Transparente na côr, e rubicunda.

Passaros muitos de diversas côres
Se viam varias ondas transformando,
E dos troncos suavissimos licores
Em copia grande estavam dimanando:
Peixes vi na grandeza superiores,
E animaes quadrupedes saltando,
A terra tem do metal loiro as vêas,
Que de alguns rios se acha nas arêas.

E quando a vista estava apascentando
D'estas coisas na alegre formosura,
Um velho vi, que andava passeando
De desmarcada e incognita estatura;
Com sobresalto os olhos fui firmando
N'aquella sempre movel creatura,
E pareceu-me, se bem reparava,
Que varios rostos sempre me mostrava.

Tinha os cabellos brancos como a neve,
Pela velhice muito carcomidos
E só com pennas se trajava ao leve,
Porque lhe eram pezados mais vestidos;
Andava sempre, mas com passo breve,
Posto que os pés trazia envelhecidos,
Um baculo em as mãos accomodava,
Do qual para o passeio se ajudava.

Fiquei d'esta visão maravilhado,
Como quem de taes monstros não sabia,
E logo perguntei sobresaltado
Quem era, que buscava, e que queria?
Elle virando o rosto remendado
Da côr da escura noite e claro dia,
Quem eu era, respondeu, quem procurava,
E que Postero, disse, se chamava.

Esta que vês (continuou dizendo)
Terra aos teus escondida e occultada,
Quando eu velho fôr mais envelhecendo
De um rei grande ha de ser avassalada:
Não te posso dizer o como: e sendo
Esta noticia a outros reservada,
Basta saberes que sem romper muros
Será, passados seculos futuros.

Porem isso não foi o que a buscar-te
Me moveu, e a fallar-te d'esta moda,
Mas de outra coisa venho a iuformar-te,
Que muito mais do que isto te accomoda:
Bem póde começar d'ella a gozar-te,
Que para isso vou andando em roda,
E para que não estejas cuidadoso,
Quero dar-te a noticia presagioso.

N'aquella (e me mostrou uma grande ilha,
Formosa, fresca, fertil, e aprasivel,
A quem Neptuno o seu tridente humilha,
Quando o rigor do Austro é mais sensivel)
Ha de vestir a pueril mantilha,
Depois de n'ella ter a aura visivel,
Um, que para que a ti versos ordene,
Ha de beber da fonte de Hypocrene.

Este pois lá n'um seculo futuro,
Posto que d'ella ausente e apartado,
Porque c'os filhos sempre foi perjuro
O patrio chão, e os trata sem agrado,
Por devoção intrinseca e amor puro,
Talvez do Deus, que adoras, inspirado,
De ti e d'esses dois d'essa pousada
Ha de cantar em lyra temperada. (87)

(87) Esta poesia vem no fim do poema *Eustachidos*,

Antonio José da Silva

(1705—1739)

Antonio José da Silva, o Judeu, nascido no Rio de Janeiro, viveu apenas trinta e quatro annos, porque foi uma das victimas da Inquisição. Em tão poucos annos de vida escreveu: *Vida de Dom Qhichote; Esopaida ou vida de Esopo; Precipicios de Phaetonte; Amphytrião ou Jupiter e Alcomena; Encantos de Medéa; Labyrintho de Creta; Variedades de Proteo; Guerras do Alecrim e Mangerona; Obras do diabinho da mão furada.* Todas essas obras foram produzidas em Lisbôa, para onde se passára muito creança. Adoptou em todas as suas producções um lyrismo naturalista, combinado a fino espirito para pilheriar.

Glosa

(*Fragmento*)

Que importa que separe a fera morte
Os extremos que amor ligou na vida,
Si quanto mais violenta intima o corte
Vive a alma no affecto mais unida;
E posto te imagine, oh triste sorte!
Nos horrores de um tumulo escondida,

Nunca do peito meu te dividiste,
Alma minha gentil que te partiste...

Si no regio pensil flôr animada
Purpuras arrastava a galhardia,
Por isso na belleza inesperada
A duração ephemera existia:
Si está na formosura vinculada,
Esta da morte occulta sympathia,
Que muito te ausentasses levemente
Tão cedo d'esta vida descontente?

Como flor acabou quem roza era,
Porem nessa fragrancia transitoria
Não quiz ser flor na humana primavera,
Por viver seraphim na excelsa gloria:
Já que o desejo meu te considera,
Gozando n'esse empyreo alta victoria,
Apezar da saudosa dor vehemente
Repousa lá no ceu eternamente...

N'essa patria de raios luminosa,
D'onde immortal se adora a luz immensa;
Alegre viverás, alma ditosa,
Sem limite jamais na gloria extensa,
Que eu infeliz em ancia luctuosa
Farei no meu gemido a dor intensa;

Eterno gosa tu o bem que viste,
E viva eu cá na terra sempre triste... (88)

Um proemio

Estranhos são os meios que a fortuna toma para facilitar felicidade aos homens; dos mais pobres nascimentos muitas vezes os expõe ás dignidades supremas, e dos mais nobres e ricos precipita para as desgraças incomparaveis.

Baldadas são as diligencias contra este destino impenetravel e mysterioso, sem prejuiso da livre vontade; quantos demeritos com todo seteestrello estimados e preferidos! effeito monstruoso da fortuna, cujos sumptuosos edificios costumam fabricar sem alicerces, e por esta razão duram tão pouco!

Não é a penetração d'este segredo para a humana capacidade, mas concernente á nossa historia o principio do primeiro paragrapho; como se verá no meio que a fortuna tomou para enriquecer um affligido e pobre soldado.

Nem sempre se pódem escrever historias verdadeiras, politicas e exemplares; tambem do fabuloso e jocoso se colhe muito fructo, por ser salsa para desfastio da dou-

---

(88) *Florilegio Literario*, de Varnhagem.

trina que nella se póde envolver aos que se applicam mais á ociosidade illicita que á lição dos livros espirituaes e graves.

De que servem as fabulas, que os antigos escreveram, mais que de inventiva e assumpto de catholicas moralidades? que não profana a lição o fabuloso, quando se toma por motivo para inclinar ao acertado; nem reprovar ociosidades geralmente dos que prevaricam offende os merecimentos dos que seguem o dictame da razão, não soffrendo o genio curioso ociosidades, por não malograr o tempo. (89)

As variedades de Prothêo

Scena II

Gabinete. Saem Prothêo, e Carangueijo

PROTHÊO

Deixa-me, não me persigas, que não ha maior tormento para um infeliz, que a privação de retiro.

CARANGUÊJO

Senhor Prothêo, que mania é essa? Ao mesmo tempo que te vês propinquo a casar te vejo proximo a enloquecer?

---

(89) *Obras do diabinho da mão furada*, para espelho de seus enganos e desenganos, etc

Não esperavas com alvoroços a Dorida Princeza de Egnido? Não dizias muitas vezes lamentando nas costas do mar: (se é que o mar tem costas), vem querida Dorida; e se por faltas de agua encalhou o teu navio, as dos meus olhos te trarão ao reboque? Não andavas fazendo sonetos a uma ausencia, e cantando minuetos a uma saudade? Pois como agora depois de possuir o que desejavas, parece que não desejas o que possúes?

PROTHÊO

Tudo isso assim é; porem ás vezes ha incidentes tão fortes, que destróem o mais firme pensamento.

CARANGUÊJO

Por ventura, ou por desgraça, não é Dorida muito bella, e senhora de um Reino?

PROTHÊO

Assim é.

CARANGUÊJO

Pois que mais desejas? O certo é, que dá Deos nozes a quem não tem dentes.

PROTHÊO

Sabes tu o que é amor?

CARANGUÊJO

Oxalá que o não soubera tanto! Amar ainda que mal pergunte, nos homens é o mesmo querer bem; nas bestas muares, mormo; e nos outros animaes, apetite.

PROTHÊO

Pois como queres que não enloqueça, se eu tenho amor?

CARANGUEJO

Para que são esses terremotos, quando estás quasi propinquo a ter em seus braços a Senhora Dorida?

PROTHEO

Ah! se souberas que... mas não; sepulte-se commigo a causa do meu tormento.

CARANGUEJO

Se é por isso, diga-mo, que em mim ficará sepultado esse segredo.

PROTHEO

Bem sei, que não desmereces a estimação, que de ti faço; porem...

CARANGUEJO

Porem que? Com que estamos? Queres que to diga?

PROTHÊO

Não, não me prives da gloria de o pronunciar.

CARANGUÊJO

Isso é gloria do ceu da bocca.

PROTHÊO

Cyrene é a causa do meu tormento.

CARANGUÊJO

Não o disse eu? Oh como é certo o ditado da gallinha de minha visinha!

PROTHÊO

Confesso-te, que tal foi a violencia, com que me arrebatou a sua em tudo peregrina belleza, que não tive accordo para desmentir a inclinação: viste aquella perfeição, que immortalisando-se nas suas galhardias se fez adorar como Deidade! Viste aquelles olhos que se adoptaram astros para adornar a esphera da sua formosura! Viste aquella neve, que derretida de melhor estrella, soube congelar os corações! Viste aquelle ondeado epilogo de luzes, em cujos anneis presa a memoria não se lembra de outra egual maravilha? Viste...

CARANGUÊJO

Espere, Senhor, com quem fala? Isso é commigo?

PROTHÊO

Sim porque veja se tem desculpa a minha loucura.

CARANGUÈJO

Agora vejo, que isso é loucura refinada. Eu por ventura vi nada disso, que dizes? Eu vi astros, estrellas, deidades, nem luzes? Eu vi mais que uma mulher, ou uma Princeza, que tudo é mulher formosa sim, porem não agora lá cousa do seteestrello?

PROTHÊO

Cala-te, necio, que o teu genio grosseiro não sabe distinguir perfeições.

CARANGUÈJO

Eu cá no meu amor sigo outra philosophia mais natural; a formosura cá para mim ha de ser clara, palpavel, que todos a entendam, como as pastoras do tempo antigo.

PROTHEO

Oh quanto invejo a fortuna de Nereo, e quanto temo, que este incendio, em que me abraso, consumma sacrilegamente os sacrificios de ambos os Himeneus!

CARANGUEJO

E que determinas com essa desordenada inclinação?

PROTHÊO

Deixar a Dorida, e pertender a Cyrene apezar de todos os impossiveis.

CARANGUÊJO

E Nereo teu irmão, que dirá neste caso?

PROTHEO

Perdôe Nereo que eu não posso reter a violencia da minha inclinação; Numen superior parece que a domina.

CARANGUEJO

Em quanto a Nereo, já não é a duvida; porem Cyrene como ha de corresponder-te, se é noiva, e Princesa? e o fallar-lhe em amor será crime de lesa-magestade.

PROTHEO

Tudo vence o tempo.

CARANGUEJO

E se faltar o tempo?

PROTHEO

Não faltarão os extremos, pois sou Prothêo, que me saberei transformar em varias formas, para possuir os favores de Cyrene.

CARANGUÊJO

Se não fora Cyrene Princeza, te dissera, que te transformasses sempre em ouro que é a melhor forma para attrahir.

PROTHÊO

E não será desacerto participar-te a mesma virtude de transformar, pelo que pode succeder.

CARANGUEJO

Eu, Senhor?

PROTHEO

Sim, tu.

CARANGUEJO

Se eu sou capaz d'isso, já me começo a transformar na tua vontade, e me verás não só transformado, mas formado na faculdade amatoria; e ainda que sou Caranguêjo, farei muito, que ande para diante o teu amor. (*Vai-se*). (90)

Claudio Manoel da Costa

(1729—1789)

Claudio Manoel da Costa, nascido em Ribeirão do Carmo (Minas Geraes), hoje Marianna, formou-se em

(90) Das *Variedades de Protheo*, segundo a edição brazileira de João Ribeiro, Rio, 1911.

Coimbra, e fez parte da Inconfidencia Mineira, pelo que foi posto em carcere onde appareceu morto. Escreveu: *Villa Rica*, poema historico; *Ribeirão do Carmo*, poemeto allegorico; *Obras poeticas*, collectanea de diversas poesias. Algumas de suas producções foram escriptas em italiano. A Academia das Sciencias de Lisbôa já o considerou classico da lingua. Sob o pseudonymo de Pastor do Mondego cantou a sua *Nize* em versos lyricos, reputados harmoniosos e bem trabalhados.

Temei penhas...

Destes penhascos fez a natureza
O berço em que nasci: oh! quem cuidára
Que entre penhas tão dura se creára
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor que vence os tigres, por empresa
Tomou logo render-me; elle declara
Contra o meu coração guerra tão rara
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o damno
A que dava occasião minha brandura,
Nunca pude fugir ao cégo engano;

Vós que ostentaes a condição mais dura,
Temei penhas, temei: que amor tyranno
Onde ha mais resistencia mais se apura. (91)

Soneto

Não se passa, meu bem, na noite, e dia
Uma hora só, que a misera lembrança
Te não tenha presente na mudança,
Que fez, para meu mal, minha alegria.

Mil imagens debuxa e phantasia,
Com que mais me atormenta e mais me cança...
Pois se tão longe estou de uma esperança,
Que allivio póde dar-me esta porfia!

Tyranno foi commigo o fado ingrato,
Que crendo, em te roubar, pouca victoria,
Me deixou para sempre o teu retrato:

Eu me alegrára da passada gloria,
Se quando me faltou teu doce trato,
Me faltára tambem d'elle a memoria! (92)

---

(91) *Obras poeticas.*
(92) *Obras posticas.*

Santa Rita Durao

(1737—1784)

Fr. José de Santa Rita Durão, nascido em Cata Preta (Minas Geraes), mereceu de seus posteros uma das mais justas admirações, como grande poetá nacionalista, produzindo o poema mais brazileiro que se conhece, o *Caramurú*, como um resumo da vida de colonia do Brazil até aos seus dias. Começou a estudar no Rio de Janeiro, acabando o curso de theologia em Coimbra, depois do que entrou para a ordem dos Agostinhos. Foi professor da universidade de Coimbra, onde recitou em 1768 a oração de sapiencia.

A morte de Moema

E' fama então que a multidão formosa
das damas, que Diogo pretendiam,
vendo avançar-se a nau na via undosa,
e que a esperança de o alcançar perdiam
entre as ondas com ancia furiosa
nadando, o esposo pelo mar seguiam,
e nem tanta agua que fluctua vaga,
o ardor que o peito tem, banhando apaga.

Copiosa multidão da nau franceza
corre a ver o espectaculo assombrada:
e ignorando a occasião da extranha empreza,
pasma da turba feminil que nada:
uma que ás mais precede em gentileza
não vinha menos bella, do que irada:
Era Moema, que de inveja geme
e já vizinha á nau se apega ao leme.

—Barbaro (a bella diz) tigre e não homem...
Porem no tigre por cruel, que brame,
acha forças amor, que emfim o domem;
só a ti não domou, por mais que eu te ame:
furias, raios, coriscos, que o ar consomem,
como não consumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor com tedio e asco...
Ah! que o corisco és tu... raio... penhasco.

«Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
quando eu a fé rendia ao teu engano,
nem me offenderas a escutar-me altivo,
que é favor, dado a tempo, um desengano;
porem deixando o coração captivo
com fazer-te a meus rogos sempre humano,
fugiste-me, traidor, e d'esta sorte
paga meu fino amor tão crua morte?

«Tão dura ingratidão menos sentira
e esse fado cruel doce me fôra,

se a meu despeito triumphar não vira
essa indigna, essa infame, essa traidora:
por serva, por escrava te seguira,
se não temera de chamar senhora
a vil Paraguassú que, sem que o creia,
sobre ser-me inferior, é nescia e feia.

«Emfim, tens coração de ver-me afflicta,
fluctuar moribunda entre estas ondas,
nem o passado amor teu peito incita
a um ai sómente, com que aos meus respondas:
barbaro, se esta fé teu peito irrita,
(disse, vendo-o fugir) ah! não te escondas,
dispara sobre mim teu cruel raio!...»
E indo a dizer mais, cai n'um desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
pallida a côr, o aspecto moribundo,
com mão já sem vigor soltando o leme,
entre as salsas escumas desce ao fundo:
mas na onda do mar, que irado freme,
tornando a apparecer desde o profundo:
« Ah Diogo cruel ! » disse com magua
e sem mais vista ser, sorveu-se n'agua.

Choraram da Bahia as nymphas bellas,
que nadando a Moema acompanhavam;
e vendo que sem dór navegam d'ellas
á branca praia com furor tornavam:
nem póde o claro heróe sem pena vel-as

com tantas provas, que de amor lhe davam:
nem mais lhe lembra o nome de Moema,
sem que ou amante a chore, ou grato gema. (93)

José Basilio da Gama

(1740—1785)

José Basilio da Gama, nascido em São José do Rio das Mortes (Minas-Geraes), produziu um afamado poema, o *Uruguay*, que, em synthese, foi uma solemne opposição ao jesuitismo, condemnando não só os seus methodos, mas tambem a sua politica e a sua educação. Fizera isto, talvez, como uma demonstração publica de que não era jesuita, ao depois de ter sido preso como tal e ameaçado de deportação para Angola. Então, viveu sob a protecção do Marquez de Pombal, angariando nobreza e posições.

A morte de Lindoya

Entram emfim na mais remota e interna
parte do antigo bosque, escuro e negro,

(93) *O Caramurú*, transcripto, em orthographia actual, da edição de 1781.

onde ao pé de uma lapa cavernosa
cobre uma rouca fonte, que murmura,
curva talada de jasmins e rosas.
Este lugar delicioso e triste,
cançada de viver, tinha escolhido
para morrer a misera Lindoya.
Lá reclinada, como que dormia,
na branda relva, e nas mimosas flores,
tinha a face na mão, e a mão no tronco
de um funebre cipreste, que espalhava
melancolica sombra. Mais de perto
descobrem que se enrola no seu corpo
verde serpente, e lhe passeia, e cinge
pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobresaltados
e param cheios de temor ao longe,
e nem se atrevem a chamal-a, e temem
que desperte assustada e irrite o monstro,
e fuja, e apresse no fugir a morte.
Porem o destro Caitutú, que treme
do perigo da irmã, sem mais demora
dobrou as pontas do arco, e quiz trez vezes
soltar o tiro, e vacillou tres vezes
entre a ira, e o temor. Emfim sacode
o arco e faz voar a aguda setta,
que toca o peito de Lindoya, e fere
a serpente na testa, e a bocca, e os dentes

deixou cravados no vizinho tronco.
Açouta o campo co'a ligeira cauda
o irado monstro e em tortuosos gyros
se enrosca no cypreste, e vérte envolto
em negro sangue o livido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoya
o desgraçado irmão, que ao despertal-a
conhece, com que dôr! no frio rosto
os signaes do veneno, e vê ferido
pelo dente subtil o brando peito.
Os olhos, em que amor reinava um dia,
cheios de morte; e muda aquella lingua,
que ao surdo vento, e aos ceus tantas vezes
contou a larga historia de seus males.
Nos olhos Caitutú não soffre o pranto,
e rompe em profnndissimos suspiros,
lendo na testa da fronteira gruta
de sua mão já tremula gravado
o alheio crime e a voluntaria morte.
E' por todas as partes repetido
o suspirado nome de Cacambo.

Inda conserva o pallido semblante
um não sei que de maguado e triste,
que os corações mais duros enternece.
Tanto era bella no seu rosto a morte! (94).

(94) *Uruguay*, edição do Rio de Janeiro, de 1855.

Domingos Caldas Barbosa

(1740—1800)

Domingos Caldas Barbosa, nascido no Rio de Janeiro, salientou-se como improvisador de modinhas e feliz repentista, merecendo a consagração da popularidade em Lisbôa bem como no Brazil. As suas producções foram publicadas sob o titulo de: *Viola de Lereno*. Fundou a *Nova Arcadia*. Delle disse Silvio Romero: «Era um talento aberto ás boas impressões, alma simples, pouco apta ás villezas da sociedade em que viveu».

Soneto

Negras, nocturnas aves agoiraram
Este funesto, malfadado dia!
Dia em que a triste edade principia
De um triste, que as desgraças bafejaram;

Quanto ha de mau, em duros nós ataram
Atropos, Cloto e Láchesis impia, (95)
Que esta nodosa vida extende e fia
Para males que ainda não chegaram.

(95) Pronunciação forçada por causa da rima.

Tocou-me o berço a mão cruel e dura
Da céga e inconstante Potestade,
Que enche meus pobres dias de amargura:

Magoas, desgostos, marcam minha edade,
Mas esqueceu á minha má ventura,
Tirar-me o refrigerio da amizade. (96)

Thomaz Antonio Gonzaga

(1744—1807)

Thomaz Antonio Gonzaga, nascido no Porto, em Portugal, por isso não deixou de ser um dos verdadeiros poetas mineiros, pois filho de paes brazileiros, passou a infancia na Bahia e toda a edade adulta e viril em Minas Geraes. Tomou parte na Inconfidencia Mineira, sendo mandado para a Africa em 23 de maio de 1792, a bordo do navio *Princeza do Brazil*. Tornaram-se celebres os seus amores por *Marilia*, abandonada mais tarde por uma dama africana. A sua principal obra foi uma collecção de versos sob o titulo de *Marilia de Dirceu*, que conta perto de vinte edições.

(96) Transcripto dos *Sonetos Brazileiros*, de Laudelino Freire.

Lyra 1.ª da Parte II

Já não cinjo de louro a minha testa,
Nem sonoras canções o Deus me inspira:
Ah! que nem me resta
Uma já quebrada,
Mal sonora Lyra!

Mas, n'este mesmo estado, em que me vejo,
Pede, Marilia, Amor que vá cantar-te:
Cumpro o seu desejo;
E ao que resta supra
A paixão e a arte.

A fumaça, Marilia da candêa
Que a molhada parede ou suja, ou pinta,
Bem que tosca, e fêa,
Agora me póde
Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta;
Elle me diz, que faça do pé de uma
Má laranja ponta
E d'elle me sirva
Em logar de pluma.

Perder as uteis horas não, não devo;
Verás, Marilia, uma ideia nova:
Sim, eu já te escrevo,

Do que esta alma dicta
Quando amor approva.

Quem vive no regaço da ventura
Nada obra em te adorar, que assombro faça:
Mostra mais ternura
Quem te estima e morre
Nas mãos da desgraça.

N'esta cruel masmorra tenebrosa
Ainda vendo estou teus olhos bellos,
A testa formosa,
Os dentes nevados,
Os negros cabellos.

Vejo, Marilia, sim, e vejo ainda
A chusma dos Cupidos, que pendentes
D'essa bocca linda
Nos ares espalham
Suspiros ardentes.

Se alguem me perguntar, onde eu te vejo,
Responderei: *No peito*, que uns amores
De casto desejo
Aqui te pintarão
E são bons pintores.

Mal meus olhos te viram, ah! n'essa hora
Teu retrato fizeram, e tão forte,
Que entendo, que agora

Só póde apagal-o
O pulso da morte.

Isto escrevia, quando, ó Ceus, que vejo!
Descubro a ler-me os versos o deus louro:
Ah! dá-lhes um beijo,
E diz-me que valem
Mais que letras de ouro. (97)

Alvarenga Peixoto

(1744—1793)

Ignacio José de Alvarenga Peixoto, nascido no Rio de Janeiro, doutorou-se em leis em Coimbra, dedicando-se ás letras, ao mesmo tempo que exercia cargos publicos, o que deixou para se entregar á mineração. Escreveu um drama em versos—*Eneás no laco*; uma traducção de *Merope*; *Cartas chilenas*; e poesias colleccionadas sob a rubrica de *Obras poeticas*. Tomou parte na Inconfidencia Mineira, sendo preso, attribuindo-se-lhe a phrase—*Libertas quæ sera tamen*—creada para a bandeira republicana.

(97) *Marilia de Dirceu*, edição brazileira.

E' accusado de pusillanimidade nos interrogatorios a que foi submettido.

Estella e Nize

Eu vi a linda Estella e, namorado,
Fiz logo eterno voto de querel-a;
Mas vi depois a Nize, e é tão bella,
Que merece egualmente o meu cuidado.

A qual escolherei, se neste estado
Não posso distinguir Nize d'Estella?
Se Nize vir aqui, morro por ella;
Se Estella agora vir, fico abrazado.

Mas, ah! que aquella me despreza amante,
Pois sabe que estou preso em outros braços,
E esta não me quer por inconstante.

Vem, Cupido, soltar-me d'estes laços,
Ou faz de dois semblantes um semblante,
Ou divide o meu peito em dois pedaços. (98)

Ao Marquez de Lavradio

Honradas sombras dos maiores nossos,
Que estendestes a lusa monarchia,

---

(98) *Obras poeticas*, de I. J. Alvarenga Peixoto.

Do torrado equador á zona fria,
Por incultos sertões, por mares grossos;

Sahi a ver os sucessores vossos
Revestidos de gala e de alegria,
E nos prazeres do mais faustoso dia
Dai vigor novo aos carcomidos ossos.

Lá vem o grande Affonso a testa erguendo
A ver Carvalho, em cujos fortes braços
Crescem os netos, que lhe vão nascendo.

E o suspirado Almeida rompe os laços
Da fria morte, o neto invicto vendo
Seguir tão perto de Carvalho os passos! (99)

Silva Alvarenga

(1749—1814)

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, nascido em Villa Rica (Minas Geraes) exhuberou os seus talentos num lyrismo aprimorado, demonstrando, desde creança, grande vocação para a musica, conseguindo manejar bem a

(99) *Obras poeticas*, de I. J. Alvarenga Peixoto

flauta e o violino. Formou-se em canones, em Coimbra, e praticou a advocacia no Rio de Janeiro. Ahi estabeleceu uma sociedade litero-scientifica que foi perseguida pelo governo de então, levando-se Silva Alvarenga e seus companheiros á masmorra de uma fortaleza. Ainda assim o poeta não esmoreceu. A sua obra poetica contem muitos versos lyricos e satyricos.

Soneto

Que saudoso lugar!... Em roda as flores
Nascem por entre a relva; estes pinheiros,
Parecem suspirar tambem de amores...
O zephyro respira; o sol formoso

Vai dos troncos as sombras aportando,
Que já se inclina o carro luminoso...
O rouxinol te está desafiando:
Querem-te ouvir os verdes arvorêdos

Que o vento faz mover de quando em quando,
E a musa que de amor sabe os segredos...
Risonhas flores, que um estreito laço

Formais de vossos ramos na floresta,
Sei que *Glaura* vos ama... pela sesta
Deixai-vos desfolhar no seu regaço. (100)

(100) *Obras poeticas*, de Silva Alvarenga.

A' Lua

Como vens tão vagarosa,
Oh formosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar!
Geme, oh! ceus, mangueira antiga,
Ao mover-se o rouco vento,
E renova o meu tormento
Que me obriga a suspirar!
Entre pallidos desmaios
Me achará teu rosto lindo
Que se eleva reflectindo
Puros raios sobre o mar. (101)

Antonio de Moraes Silva

(1755—1824)

Antonio de Moraes Silva, nascido no Rio de Janeiro, recebeu o gráu de doutor em leis, em Coimbra, e porque ali fôsse grandemente chasqueado por sua má pronuncia e mau português, entregou-se ao estudo acurado

(101) *Obras poeticas.*

dos classicos dando a lume, em 1789, o seu *Diccionario da Lingua Portugueza*, obra que, embora tendo senões, alcançou a palma por mais de seculo. As suas outras obras foram traducções. Exerceu o cargo de desembargador na Relação da Bahia, indo morrer em Pernambuco, num engenho de sua propriedade.

Prologo do Autor á primeira impressão

A ignorancia em que eu me achava das coisas da Patria, fez que lançasse mão dos nossos bons Autores, para nelles me instruir, e por seu auxilio me tirar da vergonha, que tal negligencia deve causar a todo homem ingenuo. Appliquei-me pois á lição delles, e succedia-me isto em terra extranha, onde me levárão trabalhos, desconhecido, sem recommendação, e marcado com o ferrête da desgraça, origem de ludibrios, e vituperios, com que se afoitão aos infelizes as almas triviáes. Não é porem do toque destas a do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Luiz Pinto de Souza Coutinho, Senhor de Balsemão, Tendáes, e Ferreiros, Varão benemerito da Humanidade, e da Patria, a quem sobre infinitos beneficios, e os mayores que se podem pretender neste mundo, devo o de me franquear a sua muy escolhida, e copiosa Livraria. Nella achei boa copia dos nossos Livros Classicos, de cuja leitura vim a conhecer me era necessario estudar a Lingua

materna, que eu, como muita gente, presumia saber arrazoadamente. Entendi tambem, que conversando muito os taes Autores é que poderia fazer alguns progressos, e fui continuo em os revolver por mais de seis annos. Acompanhei este estudo com os auxilios de Bluteau, que achei muitas vezes em falta de vocabulos, e frases; e mui frequentemente sobejo em dissertações desapropositadas, e estranhas do assumpto, que fazem avolumar tanto a sua Obra.

Este ultimo reparo me animou a escolher para meu uso tudo o que elle traz propriamente Portuguez, deixando somente os termos da Mythologia, os da Historia antiga, e da Geografia, á imitação dos melhores Diccionaristas das Linguas vivas. E ainda eu quizera omittir muitos vocabulos de cargos, officios, navios, e outras coisas da Asia, e Ethiopia, que vem nas Historias daquellas partes, explicados ai mesmo pelos Autores, e de que ninguem usou depois: receyei, que me accusassem dessa omissão, e lá os conservei.

Do que recolhi das minhas leituras fui suprindo as faltas, e diminuições, que nelle achava; e quem tiver lido o Bluteau, e conferir com o seu este meu trabalho, achará que não foi pouco o que ajuntei; e mais podéra accrescentar, se as minhas circunstancias me não levassem forçado a outras applicações mais fructuosas. Todavia não venderei ao Público por grande o serviço que lhe fiz; basta que conheça, que lhe poupei a despeza de

10 volumes raros; que lhe dou o bom que nelles há, muito melhorado, e por uma decima parte, ou pouco mais do seu custo, com a commodidade de não andar revolvendo tantos tomos; e isto é alguma coisa, em quanto não apparece outra melhor.

Os Autores, com que autorizei os Artigos addidos, são Portuguezes castiços, e de bom Seculo pela mayor parte bem sei que os Criticos tem cada um os seus mimosos, e quizerão que com elles lhe allegassem; mas eu não advinho, nem ainda assim fora possivel satisfazer a todos. Contento-me com autoridade classica, que abone o sentido, e a naturalidade da palavra, e creyo que para afiançar de Portuguez, v. g o termo *abobadado*, tanto presta Barros, como Duarte Nunes de Leão, quasi seu contemporáneo, mui lido nos Livros Portuguezes, e què trabalhou muito na Lingua.

Quanto á Ortografia que segui, declaro altamente, e de bom som que na mayor parte a sigo contra o meu parecer, e porque assim o querem. Eu sou pola Ortografia Filosofica, a qual fundada na analise dos sons proprios, ou vogáes, e na de suas modificações polos consoantes, pede que a cada um se dê um só signal, ou lettra privativa, distincta, e que não represente nenhum outro som, ou consoante. Deste voto erão João de Barros, o celebre Duclos, e o immortal Fránklin tão abalisado na carreira Filosofica, e Politica, cujos nomes aponto para confusão dos que não valem tanto como estes, nem como Tullio, Cesar, e Augusto, que tambem grammaticárão.

Não tenho mais que preambular, e concluirei com pedir aos homens judiciosos, e versados neste genero de Litteratura, que relevem os meus erros, e descuidos: a quem não tem discernimento, e tem a sua Livraria, ou cabeça bem expurgada de Livros, e Erudições Portuguezas, que por decóro seu se dê por suspeito na causa, se não quizer que o reconheção por incompetente. (102)

Nota

Os Puristas Portuguezes não concordão á cerca do merecimento dos nossos Classicos: uns querem, que Vieira (grande mestre da lingua na verdade) seja oraculo na propriedade, pureza, e até na Ortografia das palavrás; há-de-se usar de *amfóra*, *busano*, e escrever *açacalado*, porque são de Vieira: outros tem-no por Autor suspeito na pureza da Lingua, e não consentem que valha o que não traz o cunho, e sello de Lopes, Zurara, Castanheda, Fr. Marcos de Lisbôa, Pinheiro, etc. Estes senhores esquecem-se por ventura do que Horacio recommenda na *Epist.* 2. L. 2, v. 115 e seguintes, e na *Poetica* desde o v. 45 até 72? Conforme a estes principios ajuntei aqui o antiquado, para se achar a explicação, e se poderem resuscitar vocabulos antiquados, ou antes esquecidos nos 60 annos, em que estivemos sujeitos a Hespanha, e quando o Portuguez andava no desuso, que refere Manoel de

(102) Transcripto da 5.ª edição, feita em Lisbôa, na Typographia de Antonio José da Rocha, em 1844.

Gallegos, no Prologo do seu Poema; e tambem collegi-os termos innovados das Artes, e Sciencias, como *v. g.* os da *Mechanica*, traduzida pelo doutissimo P. José Monteiro da Rocha, Professor da Universidade de Coimbra, e os que lá na dita Universidade correm na Historia Natural, Quimica, etc. quanto aos outros, que vem nas Leis modernas, como todos os devem entender, acho que eu os devo aqui explicar: alguns tirei da educação Chronologica, e outros papeis da Real Mesa Censoria, e Ministeriaes, que tem uma especie de sello, ou cunho público. Rarissima vez cito algum usado do Candido Lusitano, na *Atalia* de Racine, que traduzia sobre-excellentemente, ou pelo Optimo Poeta Pedro Antonio Correya Garção, os quaes ambos, como aquelles que erão mui bem versados nos bons estudos patrios, e da Lingua materna, são bons abonadores dos vocabulos, *quæ genitor produxerit usus:* mas de Garção cuido que não merece igual apreço o que escreveo em prosa. Sobre a necessidade de formar novos vocabulos, *V. Leão*, *Orig. pag.* 185. Eu os collegidas obras dos melhores autores dos nossos dias grandes ingenhos, bem cultivados em toda a doutrina, erudição, e poesia Grega e Romana, e na das nações modernas mais ricas de producções dignas dos seculos mais polidos da antiguidade, os quaes tem tanto saber, e gosto para enriquecer a lingua, como os nossos melhores mestres. Estes não cairão na pedantaria de se sojugarem a uma idade classica, o que seria absurdo em uma lingua viva, e mais agora que nos imos enriquecendo de ideyas filosoficas, e

de noções relativas ao Commercio, Artes, Manufacturas, á Sciencia Politica, e Economica, e a um sem numero de ramos de saber, e erudição, cada um dos quaes faz algum vulto em Diccionarios peculiares de qualquer d'elles (103)

Alexandre Rodrigues Ferreira

(1756—1815)

Alexandre Rodrigues Ferreira, nascido na Bahia, diplomou-se em direito, pela Universidade de Coimbra, dedicando-se ao estudo das sciencias naturaes. Escreveu muito, mas quase toda a sua obra está inedita. Delle disse Sylvio Roméro: «A collecção dos trabalhos de Rodrigues Ferreira é enorme; o bahiano escreveu tanto como Buffon». Bem lhe coube o nome de sabio, entre os homens de seu tempo, nenhum se lhe avantajando em conhecimentos scientificos.

Sobre costumes de indios

Ha quem pretenda que da contexture da sua pelle e de sua constituição physica depende o serem elles

(103) Op. cit., idem, idem.

menos sensiveis ás dores do que nós. O certo é que por motivo de uma dor se não ouve gemer um indio; antes é capaz de soffrer a amputação de um braço ou de uma perna sem dar o menor suspiro. Não é que a elles lhes faltem ou os acenos ou vozes com que manifestarem ou os seus gestos, ou as suas dores; mas é que elles mesmos; fóra dos transportes da crapula ou do tumulto das paixões, não são homens que desperdicem palavras. Costumados a pensar pouco, tambem falam pouco; d'onde vem que, o aspecto de um tapuya é o de um homem serio e melancolico. O seu mesmo falar é tão lento, como são lentas as suas cogitações; não se vê n'elles que prestam uma demasiada attenção ao que se lhes diz; com aquella mesma taciturnidade com que se deitam, com essa accordam, e, si não têm que fazer, n'ella perseveram dias inteiros.

Quem não está costumado a communicar com franqueza os seus sentimentos, é naturalmente desconfiado, a ninguem abre seu coração, de ninguem se fia, e o seu caracter em todas as suas deliberações é o da reserva. O que bem o mostra a experiencia, porque para a execução de seus planos, por exemplo, para uma fuga, para uma sublevação, nada é capaz de abalar aquella inimitavel constancia, com que entre elles se guarda a insidiosa maxima de um impenetravel segredo e de uma refinada dissimulação. Andando ou trabalhando, sinão são indios creados entre os brancos, não se lhes ouve cantar nem gemer:

Canta o caminhante ledo
No caminho trabalhoso,
Por entre espesso arvoredo;
E de noite o temeroso
Cantando refreia o medo.

Canta o preso docemente,
Os duros grilhões tocando;
Canta o segador contente,
E o trabalhador cantando
O trabalho menos sente.

Porem isto em tapuyas de nenhuma sorte se verifica, sendo que ou para a prosa ou para o verso não deixa haver nas suas linguas suficiente energia e propriedade. (103 bis)

José da Silva Lisboa

(1756—1835)

José da Silva Lisboa, o Visconde de Cayrú, nascido na Bahia, mereceu ser denominado de *pai da economia politica brazileira*, tendo sido egualmente o primeiro professor dessa disciplina entre nós. Foi um verdadeiro polygrapho, tendo um estylo classico mas inductil e fas-

(103 bis) *Chorographia*, de Mello Moraes, vol. II, pag. 270.

tidioso. Estudou na Universidade de Coimbra; ensinou philosophia e grego na Bahia; e publicou alguns livros, entre os quaes: *Principios de direito mercantil*; *Historia dos principaes successos politicos do imperio do Brazil*; *Principios de Economia Politica; Constituição moral e deveres do cidadão*, *etc.* Exerceu grande influencia politica no seu tempo.

Um prologo

Para se animar o verdadeiro espirito commercial já em 1804 dei á luz em Lisbôa um compendio de *Principios de Economia Politica*, como parte dos *Principios de Direito Mercantil*, conforme ao promettido; ahi annunciando tenção de offerecer obra mais ampla, se o publico désse aceite e favor a esse esboço dos systemas economicos dos escriptores que até então eram reputados os coryphêus de tão interessante litteratura. Como esta, porem, d'ahi em diante teve grandes avanços, pelos numerosos escriptos dados á luz em Inglaterra e França, que são os Estados havidos pelos mais rivaes da Europa, e que ostentam honorifica emulação nos estudos do bem-commum; e tambem pelos memoraveis diplomas dos gabinetes e senados de nações maritimas, que tem convertido a attenção dos sabios e estadistas para este ramo dos conhecimentos humanos, de cujos progressos racionalmente se espera o estabelecimento do melhor *systema social*, e a civilisação geral; submetto

á indulgencia da nação a compilação que fiz do que achei de mais instructivo, e menos problematico, no que até agora se tem offerecido á discussão da republica das lettras, na esperança de servir de subsidio aos que não tiverem a opportunidade de consultar as obras originaes, que indicarei para os que se resolverem a aprofundar a sciencia. Recommendo, porem, com preferencia os escriptores inglezes nesta materia; não só porque nesta nação ha mais imparcial tribunal da opinião publica, sendo livre dizer-se o *pro* e o *contra*, e, no conflicto das animosidades politicas e litterarias dos outros paizes, a verdade póde surgir mais acrisolada e prevaleça; senão tambem porque até esta preferencia é hoje quasi geralmente reconhecida, por ser o paiz de mais extenção de estudos do bem-commum.

Vali-me com preferencia das doutrinas de *Smith*, *Malthus*, *Ricardo*, que sobresahem, como escriptores originaes, profundos e didacticos, e que se pódem intitular os *triumviros da economia politica;* por terem elevado á dignidade de sciencia esta litteratura, e contribuido para o seu progresso com rapidez, e maior numero de principios exactos, mostrando os erros das antecedentes opiniões communs. *Smith* a caracterisou com um *ramo da sciencia do legislador e homem de estado*. *Malthus* affirma ser a unica sciencia de que talvez se possa dizer, que a ignorancia dos seus capitaes aphorismos não é só privação de bem, mas grande e positivo mal. *Ricardo* se propôz resolver o que chama *principal problema* da impor-

tante sciencia da economia politica, o determinar as leis, que, nos differentes estados da sociedade, progressivo, estacionario, ou retrogrado, regulam a distribuição dos productos da terra segundo as proporções que competem ás suas differentes classes a titulo de salario, proveito, e renda. Todos estes insignes mestres fazem ver, que, na ordem social nada é vago, e arbitrario, e tudo depende de leis constituidas pela intelligencia infinita, que ligou o physico ao moral, e segurou a observancia das mesmas leis por immutaveis sancções de miseria ou felicidade, vida ou morte, dos individuos ou estados.

Ainda que procurei a *bôa razão* em quaesquer obras das nações lettradas, comtudo ingenuamente confesso a minha predilecção, (bem que autorisada) ás dos escriptores da nação amiga e alliada da corôa portugueza, na materia presente. Para satisfazer aos cortados, direi em apologia, que tenho por excusa (si é necessaria) o imparcial juizo da celebre *Stael*, admirada escriptora da Europa neste seculo, que, fazendo justiça aos famosos autores da espirituosa nação franceza, apregoou a preeminencia dos da judiciosa nação ingleza, nas doutrinas que mais interessão á sociedade civil, assim dizendo na sua obra de 1812, *Da literatura considerada nas suas relações com as intituições sociaes*: «Os inglezes se tem adiantado nas sciencias philosophicas, como na industria commercial, com ajuda da paciencia e do tempo: o espirito de calculo que regulariza na sua applicação as combinações abstractas; a moralidade, que é a mais experi-

mental de todas as idéas humanas; o interesse do commercio; o amor da liberdade ordenada, tem sempre dirigido os inglezes a *resultados praticos*. Que obras tem emprehendido para servir utilmente aos homens; para educação dos meninos; para allivio dos necessitados; *para a economia politica*, legislação criminal, e sciencias moraes! Que philosophia nas especulações! Que respeito á experiencia na escolha dos meios! Raras vezes ha na França quem se lisongêie de influir por bons escriptos sobre as instituições de seu paiz: sómente se cuida em ostentar engenho, até nas discussões mais serias. Ainda um systema verdadeiro é exaggerado em paradoxos, etc.»

Nestes estudos fiz particularmente empenho de examinar um dos mais importantes problemas de economia politica, indicado por *Smith* logo na *Introducção* da sua obra, mas não desenvolvido por elle, nem até o presente, pelos seguintes economistas, sendo aliás de uma consequencia que vae alem de todo o calculo: a saber: «si para a riqueza e prosperidade das nações mais contribúe, e em que proporções, a *quantidade do trabalho*, ou a *quantidade da intelligencia* na animação e direcção da geral industria!» Isto é ainda um *desideratum* na republica das lettras.

Intento mostrar, que o officio de economista deve ser, não o carregar a sociedade de trabalhos mecanicos, braçaes e penosos; mas inquirir os efficazes meios de os alliviar indefinidamente, pelo estudo das leis e obras do Creador, substituindo o *trabalho da natureza* ao tra-

balho da humanidade; afim de que a natureza seja a *principal obreira* nos estados cultos, cooperando cada individuo, com o seu especial talento e exercicio das faculdades do espirito e corpo, em conhecer e applicar as potencias e vias com que ella opéra na producção, fórma, e transferencia das cousas visiveis, valendo-se dellas em seu beneficio, para assegurar a necessaria e conveniente copia dos bens da vida; afim de *terem os homens a maior riqueza possivel, com o menor trabalho possivel.*

Este problema é digno de se meditar, e se fazer diligencia de se resolver, para se estabelecer o *principio transcendente* da economia politica. Elle não é de simples curiosidade especulativa, mas de summa importancia pratica. Se todos os governos se convencessem, que a intelligencia nas operações da sociedade é quasi *tudo* para o acerto, e influxo na bôa ordem dos povos, e na riqueza e potencia dos estados, seriam incessantemente desvelados na educação nacional, para propagar as luzes das artes e sciencias, que habilitam a todas as classes, á util cooperação social, tendo cada vez mais, em ajuda de suas tarefas, o auxilio da natureza, para subsministrar-lhes os mais poderosos e perfeitos agentes e instrumentos do trabalho necessario. Assim se reconhecerá, que a economia politica é verdadeiramente *phisica social* e *dynamica civil*, fundando-se a relativa civilisação, e opulencia dos paizes, no seu comparativo calculo de emprego das forças do espirito e corpo na industria nacional.

Esta theoria é com especialidade interessante nesta parte do Mundo Novo, pois ainda que a natureza seja benigna aos habitantes dos tropicos, ajudando muito ao trabalhador com a fertilidade da terra, e frescura das viraçÕes; comtudo, estando na região do sol, não lhes dá a robustez corporal dos paizes frios, em que os homens melhor supportam os trabalhos duros. Cumpre-lhes pois adquirir superiores forças intellectuaes, para usarem mais do *imperio do animo* que do *serviço do corpo*, tendo sempre por se a natural obreira, para os supprimentos e gozos da vida. Alem disto tem poucos braços para o immenso territorio: convem valerem-se dos engenhos, não olhando, como até agora, para Africa, mas constantemente para a Europa, a mãi dos grandes varões, que fundaram as colonias d'America, e que tem pela providencia indissoluveis laços de união politica e mercantil, para mutua dependencia de suas producções, na admiravel distribuição com que o creador variou os climas e dons de sua ineffavel bondade, afim do bem-commum de todas as partes da terra. (104)

Balthasar da Silva Lisboa

(1761—1840)

Balthasar da Silva Lisbôa, nascido na Bahia, fez largos estudos de jurisprudencia, historia e sciencias

(104) *Estudos de Bem Commum e Economia Politica*, prologo.

naturaes, especialmente da botanica, não importando que fôsse formado em direito. Exerceu diversos cargos publicos, entre os quaes o de professor da Faculdade de São Paulo. E' numerosa a sua obra, della destacando-se como principaes: *Principios de physica vegetal*; *Memoria sobre a provincia da Bahia; Descripção das arvores de construcção pelos caracteres botanicos; Annaes do Rio de Janeiro*, em sete tomos, etc.

Estudos americanos

Os Jesuitas e outros missionarios que penetraram o interior de tão vastos paizes, desde o Rio da Prata até o das Amazonas, jamais puderam descubrir algum monumento que confirmasse d'onde vieram os seus habitantes, e tanto mais é impossivel assignalal-o, não tendo os indigenas o uso de escrever, nem monumentos, ou hyeroglifos, que determinassem esta questão tão difficil, como é de saber porque povos se fez a passagem para este continente e mais porções da America meridional e septentrional; não obstante serem os mais civilisados, entre estes os peruvianos e mexicanos, comtudo jamais se acharam ao menos tradições oraes da origem de seu nascimento. E' por conseguinte temeridade assignalar-lhes alguma origem, havendo lido as obras do padre Gregorio Garcia, sobre a origem dos indios do novo mundo impresso em Valença de Hespanha em 1607, e a historia natural e moral das Indias pelo padre José

da Costa. Uns attribuiram a origem aos europeus, outros aos africanos, muitos outros aos asiaticos, varios aos scythas, aos tartaros, aos ethyopes, aos phenicios, aos carthaginezes, aos celtas, aos antigos gallos, suecos, dinamarquezes, inglezes, irlandezes e allemães. Outros com Gomara aos de Cananéa, expulsos de suas possessões pelos hebrèos no tempo de Josué, varios com Thevet suppuzeram a passagem para a America do Norte d'Asia, que os israelitas foram trazidos da Media pelo rei Salmanazar, isto é, desde a distribuição do reino de Israel.

Grocio na sua obra sobre a origem dos americanos, publicada em 1642, suppoz provir dos povos da Europa e da Asia, affirmando que o isthmo de Panamá, que une a parte septentrional com a meridional, era considerado como uma barreira impenetravel, que separava os habitantes de uma parte da communicação da outra; persuadiu-se que quasi toda a America septentrional, á excepção de Yucatan, fôra povoada pelos noruegas, que passaram por Islandia, Groelandia, Estotilandia e Noremberga: que os allemães seguiram aquelle exemplo, para repartirem entre si os paizes ferteis, tendo achado em Yucatan o uso da circumcisão, e até do baptismo; que os povoadores da America foram os nossos christãos da Ethyopia. Suppôz descendentes dos chinezes os peruvianos, por causa da semelhança, costumes, leis e outras vãs conjecturas, desmentidas por sabios viajantes e por Laet. Affirmou o padre Costa, que muito

tempo viveu no Perú, e Garcilasso da Veiga sendo descendente por sua mãi do sangue dos Incas, que aquelles povos não conheceram caracteres nem algum genero de escriptura. Bastava a differença das côres entre os ethyopes que são negros e os habitantes de Yucatan que o não são, para provar-se que estes não provinham d'aquelles. Não tem força o dizer-se que os povos vindo da Ethyopia teriam mudado de côr com o tempo, vivendo em um paiz menos ardente; vemos, é verdade, perderem algumas pessoas brancas alguma cousa de sua alvura natural nos paizes quentes, porem não ha exemplos de descendentes de pessoas negras se fazerem brancos em um paiz frio, segundo a expressão de Jeremias—*Si mutare potest ethyopes pellem suam, aut leopardus varietates potest.* Se pode o ethyope mudar a pelle e o leopardo a variedade das suas côres. (105)

Souza Caldas

(1762—1814)

Padre Antonio Pereira de Souza Caldas, nascido no Rio de Janeiro, dedicou-se á poesia, escrevendo varios trabalhos, entre os quaes uma ode ao *Homem Selvagem*, que lhe deu alguns mezes de prisão, e uma traducção dos *Psalmos de David*, alem de outras odes e canções.

(105) *Annaes do Rio de Janeiro*, tomo I, pag. 121

A immortalidade da alma

Porque choras, Fileno? Enxuga o pranto
Que rega teu semblante, onde a amizade
De seus dedos gravou o terno toque.
Ah! não queiras cortar minha esperança,
E de dôr embeber minha alegria.
Tu cuidas que a mão fria
Da morte, congelando os frouxos membros
Nos abysmos do nada inescrutaveis
Vae de todo afogar minha existencia?
E' outro o meu destino, outra a promessa
Do espirito que em mim vive e me anima.
A horrenda sepultura
Conter não póde a luz brilhante e pura,
Que soberana rege o corpo inerte...
Não descobres em ti um sentimento
Sublime e grandioso, que parece
Tua vida extender além da morte?
Attesta... escuta bem... Olha... examina...
Em ti deve existir: eu não te engano...
Tu me dizes que existe... Ah! meu Fileno
Como é doce a lembrança
D'essa vida immortal em que, banhado
De ineffavel prazer, o justo goza
Do seu Deus a presença magestosa!

Desperta, ó morte:
Que te detem?

Teu cruel braço
Esforça e vem.

Vem, por piedade,
Já transpassar-me
E avisinhar-me
Do Summo Bem.

E queres que eu prefira
Humanos passatempos ao momento,
Em que raia a feliz eternidade?
Um Deus de amor m'inflamma;
E já no peito meu mal cabe a chamma
Que docemente o coração me abraza.
Eu vôo por elle: elle só póde
Minha alma, sequiosa do infinito,
De todo saciar: este desejo
Me torna saboroso
O calix que tu julgas amargoso.
Fileno, doce amigo, a mão extende,
A minha aperta: não te assuste o vel-a
De mortal frio já passada e languida.
Mais duravel que a vida,
E' d'amizade a teia delicada,
Se a virtude a teceu...Em fim, ó morte,
Tu me mostras a foice inexoravel.
Amarga este momento: eu não t'o nego,
Meu amante Fileno: a voz já presa
Sinto faltar-me; o sangue

Nas veias congelar-se; pelo rosto
Me cae frio suor; a luz mal posso
Das trevas distinguir; e suffocado
O coração desmaia.
Vem, immortalidade—vem, ó grande,
Sublime pensamento,
Adoçar o meu ultimo momento.

O' Nume infinito
Que aspiro a gozar,
O meu peito afflicto
Enche de valor.

Suave esperança
De sorte melhor,
Quanto d'este instante
Adoças o horror! (106)

Jose' Bonifacio

(1765—1838)

José Bonifacio de Andrada e Silva, o Patriarcha, nascido em Santos (São Paulo), bacharelou-se em direito e em philosophia. Quando se proclamou a independencia do Brazil foi eleito deputado ás Côrtes. Exerceu um cargo de ministro. sendo tutor de D. Pedro II.

(106) Transcripto do *Compendio de Hist. da Lit. Braz*, de Sylvio Romero.

Dedicou-se ao estudo da mineralogia, descubrindo as novas especies mineraes: *petalite*, *spodumene*, *scapolite*, *kryolite*, *salite*, *indicolite*, *altochroite*, etc. A par do grande scientista que foi, tambem fez agradaveis versos. Escreveu varias memorias, e uma *Representação á Assembléa Constituinte do Brazil sobre a escravatura*.

Ser e não ser

Se te procuro, fujo de avistar-te,
E se te quero, evito mais querer-te,
Desejo quasi ... quasi aborrecer-te,
E se te fujo, estás em toda parte.

Distante, corro logo a procurar-te,
E perco a voz e fico mudo ao ver-te,
Se me lembro de ti, tento esquecer-te,
E se te esqueço, cuido mais amar-te.

O pensamento assim partido ao meio,
E o coração assim tambem partido,
Chamo-te e fujo, quero-te e receio!

Morto por ti, eu vivo dividido,
Entre o meu e o teu ser sinto-me alheio,
E sem saber de mim, vivo perdido! (107).

(107) Transcripto dos *Sonetos Brazileiros*, de Laudelino Freire.

Representação sobre a escravatura

(*Fragmento*)

Como cidadão livre e deputado da nação, dous objectos me parecem ser, fóra a Constituição, de maior interesse para a prosperidade futura do Imperio. O primeiro é um novo regulamento para promover a civilisação geral dos indios do Brazil, que farão com o andar do tempo inuteis os escravos; o segundo uma nova lei sobre o commercio da escravatura e tratamento dos miseraveis captivos. Proponho-me mostrar a necessidade de abolir o trafico da escravatura, de melhorar a sorte dos actuaes captivos e de promover a sua progressiva emancipação... Cumpre progredir sem pavor na carreira da justiça e da regeneração politica, mas cumpre que sejamos precavidos e prudentes... Como poderá haver uma Constituição liberal e duradoura em um paiz continuamente habitado por uma multidão immensa de escravos brutaes e inimigos? Comecemos desde já esta grande obra pela expiação de nossos crimes e pecados velhos... E' preciso que cessem de uma vez os roubos, incendios e guerras que fomentamos entre os selvagens d'Africa. E' preciso que não venham mais a nossos portos milhares e milhares de negros, que morriam abafados no porão de nossos navios, mais apinhados que fardos de fazenda. E' preciso que cessem de uma vez todas estas mortes e martyrios sem conto com que flagellavamos e flagellamos ainda esses desgraçados em nosso proprio territorio.

E' tempo, e mais que tempo, que acabemos com trafico tão barbaro e carniceiro; é tempo tambem que vamos acabando gradualmente até os ultimos vestigios da escravidão entre nós, para que venhamos a formar em poucas gerações uma nação homogenea, sem o que nunca seremos verdadeiramente livres, respeitaveis e felizes. E' da maior necessidade ir acabando tanta heterogeneidade physica e civil.

Cuidemos, pois, desde já em combinar sabiamente tantos elementos discordes e contrarios, e em *amalgamar* tantos metaes diversos, para que saia um todo homogeneo e compacto, que se não esfarelle ao pequeno toque de qualquer nova convulsão politica. Mas, que sciencia chimica, e que dexteridade não são precisas dos operadores de tão grande e difficil manipulação! (108)

Francisco Vilela Barbosa

(1769—1846)

Francisco Vilela Barbosa, nascido no Rio de Janeiro, cursou mathematicas em Coimbra, exerceu cargos de importancia em Lisbôa, e dedicou-se á politica no Brazil. Escreveu alguns livros, entre os quaes se encontram: *Poemas; Cantata á Primavera; Elementos de geometria*, etc.

(108) *Representação sobre a escravatura*, edição de Paris, de 1825.

Lyra

Auras, que mansas vibraes
As azas nestes retiros,
Manda amor, vos alimentem
Meus ternissimos suspiros.
Mas se quereis
Matar ardores,
Temei supiros
Abrazadores.

Ecos, que, nestes rochedos,
Ha muito estaes escondidos,
Manda amor que vos despertem
Os meus ais, e os meus gemidos.
Mas se causar
Não quereis dôr,
Não repitaes
Queixas de amor.

Regatos, que ides correndo
Tão pobres de vossas aguas,
Manda amor, que vos augmentem
O meu pranto, e as minhas maguas.
Mas se quereis
Puros crystaes,
Prantos de amor
Não recebaes.

Auras, ecos e regatos,
Pois amor póde em vós tanto,
Recebei compadecidos
Meus suspiros, ais e pranto,
Amor vos dê
Frescura amena,
Alegres sons,
Onda serena. (109)

Mariano Jose' Pereira da Fonseca

(1773—1848)

Mariano José Pereira da Fonseca, Marquez de Maricá, nascido no Rio de Janeiro, é reputado um dos mais salientes moralistas da lingua portuguêsa. Foi ministro e senador do Imperio. Deixou seis, ou mais, collecções de maximas, publicadas depois que se recolheu á vida privada.

Maximas

Huns homens sobem por leves como os vapores e gazes, outros como os projectis pela força do engenho e dos talentos.

(109) Transcripto do *Compendio da Hist. da Lit. Brazileira*, de Sylvio Roméro.

Ha muitos homens que se queixam da ingratidão humana para se inculcarem bemfeitores infelizes, ou se dispensarem de ser bemfazentes e caridosos.

Ninguem considera a sua ventura superior ao seu merito, mas todos se queixam das injustiças dos homens e da fortuna.

Mudamos de paixões mas não vivemos sem ellas.

Quando o povo não acredita na probidade, a immoralidade é geral.

A maledicencia é, uma occupação e lenitivo para os descontentes.

Como o espaço comprehende todos os corpos, a ambição abrange todas as paixões.

Um seculo censura o outro seculo, como em nossa vida uma edade condemna a outra edade.

A victoria de uma facção politica é ordinariamente o principio da sua decadencia pelo abuso que a acompanha.

Os tufões levantam aos ares os corpos leves e insignificantes, e prostrâm em terra os graves e volumosos:

as revoluções politicas produzem algumas vezes os mesmos effeitos.

O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe, e aprende o que ignora.

Na fermentação dos povos como na dos liquidos, as escumas e impurezas sobrenadam e ficam de cima, por mais ou menos tempo, até que descem ou se evaporam.

O pai de familia é sensivel em muitas pessôas: soffre e goza simultaneamente em muitas existencias e individualidades.

Os que mais blasonam de honra e probidade são como os poltrões que se inculcam de valentes.

A philosophia, quando não extingue, dilue o patriotismo.

Para bem falar, não é o saber que falta a muitas pessôas, mas a protervia e a filaúcia da ignorancia.

Devemos tratar os homens com a mesma cautela, resguardo e desconfiança, de que usamos em colher as rosas.

A nossa vida é quasi toda um sonho, e sonhamos accordados mais vezes que dormindo.

Ter privança com os que governam é contrahir responsabilidade no mal que fazem, sem partilhar o louvor do bem que operam.

A lisonja é o mal que adoça todos os incommodos azedumes e importunidades dos empregos eminentes.

Os anarchistas são como os jogadores infelizes ou inhabeis, que, baralhando muito as cartas, ou mudando de baralhos, esperam melhorar de fortuna e condição.

Não haveria historia mais insipida e insignificante que a dos homens, si todos tivessem juizo.

O estudo confere sciencia, mas a meditação originalidade.

Ha pessôas que não podem elevar-se a lugares eminentes sem entontecer ou desatinar.

Ha muitos homens que para escaparem de si mesmos importunam aos outros com visitas.

A civilisação moderna é devida mais á derrubada de erros antigos accumulados, que á descoberta de verdades novas.

Os arrufos entre amantes pódem ser renovações de amor, mas entre os amigos são deteriorações da amizade.

Ninguem é mais adulado que os tyrannos: o medo faz mais lisonjeiros que o amor.

As ideias novas são para muita gente como as fructas verdes que travam na bocca.

Ha opiniões perseguidas que se podem comparar com as arvores decotadas que vegetam depois com mais vigor e profusão.

Os espiritos methodicos são ordinariamente os menos sublimes e transcendentes.

Os eventos extraordinarios não deixam de ser naturaes, assim como um féto monstruoso não deixa de ser producto da natureza.

A bravura é taciturna, mas a cobardia garrulenta.

Renhimos quasi sempre, porque não definimos.

A falsa sciencia não augmenta o nosso saber, aggrava a nossa ignorancia.

O erro maximo dos philosophos foi pretender sempre que os povos philosophassem.

Os tolos passam muitas vezes por accesso a velhacos, e procuram neste predicamento indemnisar-se com usura das perdas que soffreram no primeiro estado.

O homem que despreza a opinião publica é muito tolo ou muito sabio.

Os erros circulam entre os homens como as moedas de cobre, as verdades como os dobrões de ouro.

E' bem singular o imperio que têm os velhacos sobre os tolos: o seu ascendente irresistivel é comparavel á fascinação das serpentes para com os animaes que lhes servem de alimento.

Ninguem mente tanto nem mais do que a historia.

A liberdade, que nunca é sufficiente para os maus, é sempre sobeja para os bons.

Os homens em sociedade são como as pedras em uma abobada, resistem e se ajudam simultaneamente.

A mysantropia é a satyra da especie humana.

O enthusiasmo é um genero de loucura que conduz algumas vezes ao heroismo, e muitas outras a grandes crimes e malfeitorias.

Os homens, por não desagradar aos maus de que se temem, abandonam muitas vezes os bons a quem respeitam (110).

---

(110) *Collecção Completa das Maximas, Pensamentos e Reflexões*, do Marquez de Maricá, Rio, 1850.

Domingos Borges de Barros

(1779—1855)

Domingos Borges de Barros, Visconde da Pedra Branca, nascido na Bahia, entreteve relações pessoaes com Filinto Elysio, Bocage e José Agostinho de Macedo, quando esteve em Portugal, formando-se em jurisprudencia. Pensa-se que por motivo de suas ideias liberaes foi preso. Foi deputado em 1820 ás cortes de Lisbôa. Escreveu: *Poesias offerecidas ás senhoras brazileiras por um bahiano; Novas poesias offerecidas. etc; Os tumulos*, poemeto. Foi poeta de intenso lyrismo subjectivista.

Os tumulos

Fragmento

Esfriou nos meus labios o sorriso...
Myrtos, ornae amantes venturosos,
Em torno a mim cyprestes mil negrejem.
Um ai alheio o misero consola,
Ninguem um ai me dá, ninguem me escuta!
E compaixão procuro?... anhelo a morte:
A morte é refrigerio da desgraça,
E para o justo a noite de um bom dia,
A morte espanta só quando pensada...

Memoria, o que és tu? bem ou tormento?
Porque lembras a dôr, sem dar-lhes allivio,
E o prazer porque, si mais não torna?
Rodage intellectual o pensamento,
A despeito de nós, ou marcha ou pára;
Dá-lhe impulso, invisivel movimento.
Potencia d'alma, é no teu crepusculo
Onde antigas lembranças vão perder-se...
Saudade esperançosa que disfarças
Os prazeres d'auzencia e a morte illudes,
Que fingida doçura dás ás lagrimas,
Que n'um ai, n'um suspiro dás allivio,

Que desenhas aos olhos da memoria
Meigos abraços, sitios deliciosos
Os sitios onde bem vivemos juntos,
Onde tranquillos, bonançosos dias,
Passavam como o limpido Jacuipe,
Sitios amigos que commigo choram
Tão alegres então, hoje tão tristes
Sitios que o nascimento aformoseam,
Arvores que plantamos esperando
Gosar de vossa sombra, vossos fructos,
Tão frondosas estaes, e onde está elle!...
Saudade, triste enlevo da ternura,
Deixa correr meu pranto, não me roubes,
Fagueiras illusões, deixa-as commigo.
Não as tires de mim, são meu sustento;
Ralam-me o coração, e eu gósto d'ellas,

Dão-me frio prazer, mas não se apagam...
Vem magia da vida, vem saudade,
Com teu segredo de animar chorando.
.....
Do velho pae e do viuvo esposo
O frio adeus perfume de esperança.. (111)

Caetano Lopes de Moura

(1780—1860)

Caetano Lopes de Moura, nascido na Bahia, estudou medicina em Coimbra e em Paris. Como medico, fez parte da legião lusitana que serviu a Napoleão Bonaparte. Trabalhou abundantemente. Delle ha diversos trabalhos originaes e traducções. Entre estas apontam-se: *Cartas de Heloisa e Abelardo; Diccionario historico de Milliet* de S. Adolphe; *Geographia universal*, de Balbi, etc. Entre aquelles: *Harmonias da creação; Mythologia da mocidade; Epitome chronologico da Historia do Brazil; Historia de Napoleão Bonaparte.* Alem disto, cuidou de reedições de antigas obras, como do *Lusiadas*, de Camões, etc.

(111) Transcripto da 1.ª edição da *Historia da Litteratura Brazileira*, de Sylvio Romêro.

Das «Harmonias da Creação»

Assim considerado, não ha estudo mais deleitoso, nem mais digno do emprego das nobres faculdades do nosso entendimento do que o do planeta, que nos foi assignalado por morada, e a investigação das causas dos inummeraveis e estupendos phenomenos, que se nos offerecem tanto em sua superficie, como em seu interior, uns pertencentes ao dominio da natureza inorganica, outros concernentes aos differentes systemas de vida.

Estas investigações engolfam a alma em mares de prazer, por isso que em toda parte deparamos com novas provas do poder e intelligencia divina, e que para onde quer que caminhemos faz-nos companhia a Divindade, a causa primeira de tndo, e vamos de certo modo praticando com ella sobre quanto se dignou tirar do nada.

Se penetramos nas lobregas moradas da natureza inorganica, nellas veremos brilhar o poder e sabedoria do Creador; se rompendo por entre as rochas primitivas do globo, descemos a certo gráo de profundidade, topamos infallivelmente com o granito, mole immensa e base fundamental da vasta ossada do nosso planeta; sobre estes alicerces se ergue uma dilatada serie de camadas ou estratificações sotopostas umas ás outras numa ordem constante e invariavel; horizontaes nas terras chans, e mais ou menos verticaes nas adjacencias das serras e montanhas. Constam estas camadas dos detri-

ctos das massas graniticas, que se desprenderam e se desagregaram com o andar dos seculos pela acção por extremo dissolvente dos mares primitivos, e juncta-mente influencia dos agentes atmosphericos; estes depositos sedimentosos, no cabo d'um tempo indeterminado, vieram a solidificar-se por effeito de diversas causas, como uma pressão violenta, um calor interior e a precipitação de diversos cementos calcareos, e converteram-se afinal em schistos, em marmores, pedra lioz, e em rochas, que variam grandemente na textura e adherencia das moleculas constituintes.

Para dar ser a estas camadas, serviu-se o Creador de dous principios antagonistas, de dous agentes de grandissima energia, da agua e do fogo. No decurso d'um periodo de tempo, cuja supputação não cabe na alçada de nosso entendimento, rios, ribeiras, torrentes, que nenhuma comparação podem ter com as que hoje em dia conhecemos, depositaram em camadas mais ou menos espessas, mais ou menos regulares, nas varzeas, valles, lagôas, golfos e leito dos mares, differentes materiaes que accarretaram nas ondas, ao mesmo tempo que a erupção dos vulcões subterraneos, cooperando juntamente com as aguas para aquella nunca interrompida tarefa, fizeram surgir do centro da terra em todas as epocas immensas moles, que obrigaram as torrentes e rios a tomarem novos rumos e um curso mais arrebatado; d'onde se originaram novos detritos e a formação de novas estratificações, até que por fim a acção

simultanea d'estas duas poderosas causas efficientes effectuou a formação de nossos continentes, elevando-os acima do nivel do mar e fez com que a superficie d'elles apresentasse o relevo notavel, que nelles produzem os valles, planicies e montes, fontes de tantos e tão harmoniosos effeitos. (112)

Mont'Alverne

(1784—1858)

Frei Francisco de Mont'Alverne, nascido no Rio de Janeiro, dedicou-se á philosophia e á oratoria sagrada. Como philosopho foi mau autor. Deixou-nos um mau livro: *Compendio de Philosophia*, Rio, 1859. Como pregador teve grande admiração contemporanea. Professou em 1802. Começou a pregar em 1806; cegou em 1836; e pregou, a instancias de D. Pedro II, pela ultima vez, em 1854, portanto aos setenta annos de edade, produzindo então o celebrado *Panegyrico de S. Pedro de Alcantara*. E' apregoada a sua elegancia declamatoria, requintada, aliás no seu ultimo sermão.

(112) *Harmonias da creação*, Paris, 1860 pags. 3-4.

Do «Panegyrico de S. Pedro de Alcantara»

Não, não poderei terminar o quadro que acabei de bosquejar; compellido por uma força irresistivel a encetar de novo a carreira que percorri vinte e seis annos, quando a imaginação está extincta, quando a robustez da intelligencia está enfraquecida por tantos esforços, quando não vejo as galas do sanctuario, e eu mesmo pareço extranho áquelles que escutam, como desempenhar esse passado tão fertil em reminiscencia? como reproduzir esses transportes, esse enlevo com que realcei as festas da religião e da patria? E' tarde!... E' muito tarde! Seria impossivel reconhecer um carro de triumpho neste pulpito que ha dezoito annos é para mim um pensamento sinistro; uma recordação afflictiva, um phantasma infenso e importuno, a pyra em que arderam meus olhos e cujos degraus desci só e silencioso para esconder-me no retiro do claustro. Os bardos do Thabor, os cantores do Hermon e do Sinai, batidos da tribulação, devorados dos pezares, não ouvindo mais os echos repetirem as estrophes dos seus canticos nas quebradas de suas montanhas pitorescas, e escutando a voz do deserto que levava ao longe a melodia dos seus hymnos, penduravam os seus alaúdes nos salgueiros, que bordavam o rio da escravidão; e, quando os homens que apreciavam as suas composições, quando aquelles que se deleitavam com os perfumes de seu estylo e a belleza de suas imagens, vinham pedir-lhes a reproducção dessas epopéas

em que se perpetuavam as memorias de seus antepassados e as maravilhas do Todo-Poderoso,—elles cobriam suas faces humidecidas do pranto e abandonavam as cordas froixas e desafinadas de seus instrumentos musicos ao vento das tempestades.

Religião divina, mysteriosa e encantadora, tu que dirigiste meus passos na vereda escabrosa da eloquencia, tu a quem devo todas as minhas inspirações, tu, minha estrella, minha consolação, meu unico refugio, toma esta corôa...Se dos espinhos que a cercam rebentar alguma flor, si das silvas que a enlaçam reverdecerem algumas folhas, se um enfeite, se um adorno renascer destas vergonteas já seccas;—deposita-os nas mãos do imperador, para que os suspenda como um trophéo sobre o altar do grande homem a quem elle deve o seu nome e o Brazil a protecção mais decidida. (113)

O systema de philosophia

Vê-se, pois, que o meu systema é o sensualismo; mas depois do apparecimento do idealismo, o sensualismo não se póde manter seguro nos seus dominios exclusivos. Todavia, ambos estes systemas offereciam erros que os seus sectarios se lançavam em rosto mutu-

(113) *Panegyrico de S. Pedro de Alcantara*, proferido na Capella imperial em 19 de Outubro de 1854.

amente. *Um d'estes genios, nascidos para revelar os prodigios da razão humana, se levantou como um Deus, no meio do cahos, em que se crusavam, e combatiam todos os elementos philosophicos, empregando a extenção de sua vista, e sublime comprehensão, reconstruiu a philosophia, apresentando as verdades de que o espirito humano esteve sempre de posse.* Os systemas exclusivos foram proscriptos por M. Victor Cousin. O sensualismo e o ideialismo, a escola de Locke e a philosophia escosseza derão-se as mãos; e a razão pura de Kant sentando-se no logar da reflexão de Locke, offereceu os verdadeiros elementos do espirito humano, as legitimas fontes das ideias, e resolveu os mais difficeis problemas da psychologia, que dividiam o mundo philosophico. Felizmente, para mim, a theoria das forças e da actividade da alma, das sensações, da attenção, baseando-se no elemento idealista, apontavam-me bastante da escola sensualista. Mas a theoria da reflexão e da origem das ideias offerece o lado vulneravel do sensualismo. E' o que demonstrou M. Cousin na sua analyse ou ensino sobre o *entendimento humano* de Locke, e em outras obras. O systema sublime de M. Cousin apenas é conhecido no Brazil, e por desgraça, seus trabalhos philosophicos ainda não estão completos, e nem impressas, ou conhecidas aqui as suas obras posteriores. Eu forcejarei entretanto por aproveitar o que elle tem feito e *restaurar* com elle o systema philosophico. (114)

(114) *Compendio de philosophia*, pag. 90.

Natividade Saldanha

(1796—1830)

José da Natividade Saldanha, nascido em Pernambuco, foi um dos maiores poetas brazileiros no começo do seculo XIX. Tomou parte nos movimentos revolucionarios da *Republica do Equador*, exilando-se no extrangeiro e percorrendo diversos paizes. Escreveu versos com lyrismo e patriotismo.

Soneto

A' sombra deste cedro venerando
Momentos mil gosaste encantadores...
Aqui mesmo sentado entre os verdores
Te achou mil vezes Pedro suspirando...

Parece-me que estou'inda escutando
Teus suspiros, teus ais e teus clamores...
Parece-me que a *fonte dos Amores*
Inda está de queixosa murmurando!...

Aqui viveu Ignez!... E reclinada
A' borda d'esta fonte clara e pura,
Foi, que horrivel memoria! traspassada!

Mortaes, gemei de magua e de ternura;
N'esta rara belleza, não manchada,
Foi culpa amor, foi crime a formosura... (115)

Soneto

(*Aos revolucionarios de 1817*)

Filhos da Patria, jovens brazileiros,
Que as bandeiras seguis do marcio nume,
Lembrem-vos Guararapes e esse cume,
Onde brilharam Dias e Negreiros.

Lembrem-vos esses golpes tão certeiros
Que ás mais cultas nações deram ciume;
Seu exemplo segui, segui seu lume,
Filhos da Patria, jovens brazileiros.

Esses, que alvejam campos, niveos ossos
Dando a vida por vós constante e forte,
Inda se presam de chamar-se nossos;

Ao fiel cidadão prospéra a sorte:
Sejam iguaes aos seus feitos os vossos,
Imitai vossos pais até na morte. (116)

---

(115) Transcripto da *Historia da Literatura Brazileira*, de Sylvio Romero
(116) Idem, idem.

Antonio Pereira Reboucas

(1798—1880)

Antonio Pereira Rebouças, nascido na Bahia, era mestiço, de pelle muito escura, ascendendo intellectualmente por apreciavel autodidactismo. Exerceu o jornalismo, foi deputado provincial e geral, e praticou a advocacia. As suas obras são de jurista, de orador parlamentar e de politico: *Observações sobre a Consolidação das Leis Civis do doutor Augusto Teixeira de Freitas*; *Representação para ser advogado forense; Recordações da vida parlamentar; Recordações patrioticas*, etc.

Sobre o tutor do Imperador

Bem tendes visto e ouvido o objecto da renuncia, a parte do relatorio a que se refere o parecer em discussão. Agora ouvireis a força substancial desse relatorio, e o juizo que eu faço do seu conteúdo. Assim como a cargo do tutor de Sua Magestade, se acham a Pessoa do mesmo Augusto Monarcha, todos os seus bens, e, como estes, todos os seus domesticos; assim tambem a cargo do governo se acha a segurança da Pessoa Imperial com tudo quanto lhe respeita; se acham as fortalezas, as guarnições d'ellas, as guardas de todos os logares da capital

e provincia, o comportamento de todos os empregados respectivos. O governo soube o que a capital *ha muito presentia*, pois que na capital se achava e fazia parte da capital; e, sabendo-o, não o preveniu.

Logo, o Governo é *connivente*. Estaes admirados, senhores? Pois eu vou seguindo o dilemma de que se serviu o ministro da justiça para deturpar em nossa presença e no Brazil inteiro o illustre Tutor do Monarcha em menoridade. Prosigo: Toda a capital ha muito presentia o mal que nada menos importava do que a desthronisação do nosso Augusto Monarcha. O governo não presentiu. Logo o governo é tão inepto, que não soube o que a capital ha muito presentia—Servirão aos ministro os raciocinios? Deixarão de ser congruentes.

Se cremos o relatorio do ministro de Justiça, é indubitavel que o governo ou, pelo menos, o proprio ministro sabia palmarmente de ambas as conspirações, do concerto e plano dos conspiradores, etc.. Segundo os principios do ministro da justiça, manifestados no seu relatorio, quem sabe de alguma conspiração, e não a previne, é connivente.

O ministro da justiça soube, e não preveniu as conspirações para o dia 3 e 17 de abril. Logo, o ministro da justiça é connivente. As conspirações eram presentidas em toda a capital. O ministro da justiça é inépto. As guarnições das fortalezas, as guardas, etc., estão a cargo do governo, ellas se revoltaram. Logo, o governo é connivente ou inépto.

Entretanto, que o ministro da justiça confessa que o governo sabia das conspirações e dos conspiradores, bem como dos seus planos, e affecta, que não tendo meios legaes para destruil-os, viu-se *na dura necessidade de apromptar-se sómente para o combate;* pretende, todavia, que o Tutor de Sua Magestade o Imperador tivesse meios para prevenir o que se não prova que elle soubesse existir.

....
.....
.....

Nem ao menos o tutor imperial, seja considerado como simples homem, seja como empregado, merece que lhe permitta o direito de defesa, commum a todo homem e a todo empregado? E um ministro... Esse é repetidas vezes ouvido, todas as garantias lhe são poucas.

Senhores, referirei, se me concedeis, um facto, que a proposito me occorre, contra o gosto dos que se arrepellam contra os exemplos historicos. Cesar intentava levar Ligario ao ultimo supplicio; sua sentença estava de antemão proferida. Mas Cesar não se atreveu expôr a victima ao sacrificio sem que o assassinato fosse disfarçado com a apparencia ostensiva das formulas, e Marco Tullio subiu á defesa. Então o tyrano deixou cair a sentença da mão assassina e Ligario foi salvo. Este facto prova: 1º que os despotas, não sendo estolidos, procuram disfarçar com as formulas os crimes, que in-

tentam perpetrar impunemente; 2' que as formulas são de tal efficacia que chegam a arrancar das mãos do mais estudado tyrano o instrumento proprio do assassinato.

E admittireis a denuncia do ministro da justiça mediante o seu relatorio, tal como vol-o tenho demonstrado? Admittireis o parecer das commissões, incompetente, injusto, e subversivo como se vos offerece?

Por mim, senhores, eu vos affirmo que no relatorio encontro sufficiente corpo de delicto para ser accusado o ministro da justiça pela sua propria confissão; e não o accuso directamente porque prevejo a inutilidade e inconveniencia de o fazer por agora. Appello para a intelligencia e moral, para os deveres que nos ligam á honra e á patria. Espancadas as sombras do egoismo, ver-se-ão á luz da razão fria todos os horrores, que as trevas das paixões encobrem. Voto contra todo o parecer. (117)

Manoel Odorico Mendes

(1799—1864)

Manoel Odorico Mendes, nascido no Maranhão, logrou ser a um tempo poeta, literato, politico e jornalista. Estreou-se em Portugal, sob uma feição classica muito

(117) *Recordações da vida parlamentar*, vol. I, pags. 77 e seguinte.

caracteristica, que o póz, muitas vezes, em atrazo, relativamente ao seu tempo. Da sua obra sobrevivem: poesias e artigos esparsos, entre aquellas o *Hymno á tarde*, e entre estes o estudo sobre o *Palmeirim de Inglaterra*; traducções da *Illiada* e *Odysséa*, de Homero; da *Eneida*, *Bucolicas* e *Georgicas*, de Virgilio; e da *Merope* e *Tancredo*, de Voltaire.

Hymno á tarde

Que hora amavel! Espiram os favonios;
Transmonta o sol; o rio se espreguiça;
E, a cinzenta alcatifa desdobrando
Pelas azues diaphanas campinas,
Na carroça de chumbo assoma a tarde...
Salve, moça tão meiga e socegada;
Salve, formosa virgem pudibunda,
Que insinúas co'os olhos doce affecto,
Não criminosa abrazadora chamma!
Em ti repousa a triste humana prole
Do trabalhado dia, nem já lavra
Juiz severo a barbara sentença,
Que ha-de a fraqueza conduzir ao tumulo.
Lasso o colono, mal avista ao longe
A irmã da noite, côa-lhe nos membros
Placido allivio:—posta a dura enxada,
Limpa o suor que em bagas vae cahindo...

Que ventura! A mulher o espera anciosa
Co'os filhinhos em braço e já deslembra,
O homem dos campos a diurna lidà;
Com entranhas de pae ledo abençôa
A progenie gentil que a olho pula.
Não vês como o phantasma do silencio
Erra, e pára o bulicio dos viventes?
Só quebra esta mudez o pastor simples,
Que, trazendo o rebanho dos pastios,
Com a suspirosa frauta ameiga os bosques...
Feliz! que nunca o ruido dos banquetes
Do extrangeiro escutou, nem alta noite
Foi á porta bater de alheio albergue.
Acha no humilde colmo os seus penates;
Como acha o grande em soberbões palacios.
Ali tambem no ouvido lhe estremecem
De mãe, de amigo os maviosos nomes;
Conviva dos festins da natureza,
Vê perfazerem-se as funcções mais altas:
—O homem nascer, morrer, e deixar prantos...
Agora ia entre prados, após Laura,
O ardido vate magoando as cordas;
E a selvatica virgem, recolhendo
A grave dôr christã, que a assoberbava,
Do mancebo cedia á paixão nobre,
Grande e sublime, como os troncos do ermo...
Ai! misera Atalá!... mas rasga o fogo,
E o sino sôa pelas brenhas broncas,

Tarde, serena e pura, que lembranças,
Não nos vens despertar no seio d'alma?
Amiga terna, dize-me, onde colhes
O balsamo que esparges nas feridas
Do coração? Que apenas dás rebate
Cala-se a dôr; só geras no imo peito
Mansa melancolia, qual ressumbra
Em que sob os seus pés tem visto as flôres
Irem murchando, e a treva do infortunio,
Ante os olhos medonha condençar-se.
Longe dos patrios lares, quem não sente
Os arrebóes da tarde contemplando
Um subito alvoroço? Então pendiamos
Dos contos arroubados que verteram
Propicios deoses nos maternos labios,
E branda mão apercebia o berço
Em que ternos vagidos affagava
Infausto annuncio de vindouras penas.
Sobre o poial sentada a fiel serva
Que vezes atentei chamando ao pouso
A ave tão util que arrebanha os filhos,
E adeja e canta, e pressurosa acode!
Co'a turba de innocentes companheiros,
Agora sobre a encosta da collina,
A casta lua como mãi saudavamos.
E supplicando que nos fôsse amparo,
Em jubilosa grita o ar rompiamos.
Mas da puricia o genio prazenteiro

Já transpôz a montanha; e com seus risos
Recentes gerações vae bafejando.
A quem ficou a angustia, que moderas
Oh! compassiva tarde? Olha-te o escravo,
Sopeia em si os agros pezadumes:
Ao som dos ferros o instrumento rude
Tange. bem como em Africa adorada,
Quando (tão livre!) o filho do deserto
Lá te aguardava; e o echo da floresta,
Da ave o gorgeio, o trepido regato,
Zunindo os ventos, murmurando as sombras,
Tudo, em cadencia harmonica, lhe rouba
A alma em magico sonho embevecida.
Não mais, oh musa, basta; que da noite
Os pardos horizontes se tingiram,
E me pesa e carrega a escuridade.
Oh! venha a feliz éra que da patria,
N'essas fecundas, dilatadas veigas,
Tu mais suave a lyra me temperes:
Da singela Eponina acompanhado,
Na escura gruta que nos cava o tempo,
Hei-de ao valle ensinar canções melifluas,
Nos lindos olhos, nos mimosos beiços,
Nos alvos pomos, no ademan altivo,
Irei tomar as côres que retratem
Da natureza os intimos segredos.
Do ardor da esposa; do sorrir da filha;
Do rio que espontaneo se offerece;

Da terra que dá fructo sem o arado;
Da arvore agreste que na densa grenha
Abriga da pendente tempestade,
A sobre olhar aprenderei haveres,
A fazer boa sombra ao peregrino,
A dar quartel a errado viandante.
Lá estendendo pelos livres ares
Longas vistas, nas dobras do futuro,
Entreverei o derradeiro dia...
Venha; que acha os despojos do homem justo.
Oh! esperança, toma-me em teus braços;
Com a imagem da patria me consola! (118)

(118) *Minerva Brasiliense*, n. 12, de 15 de abril de 1844, pag. 367.

II

PHASE DAS FORMAÇÕES LITERARIAS

(*Seculo XIX*)

Francisco Moniz Barretto

(1804—1868)

Francisco Moniz Barretto, nascido na Bahia, cognominou-se o *Bocage Brazileiro*, pela espontaneidade e pelo chiste com que improvisou o verso. Sobre a sua apreciada individualidade ha para se ler o curioso livro—*Moniz Barretto, o repentista*—publicado, em 1887, por um seu dedicado filho.

E' paio

Quem crê da bella, a quem ama,
Quando raivosa ciuma,
No faniquito ou desmaio,
E afflicto por ella chama...
Não ha duvida nenhuma,
E' paio

.....

Sujeito que faz á mesa
Discursos de legua e meia

Em estylo inchado e cambaio,
E de verbosa riqueza
Se inculca, e se pavoneia,
E' paio.

O que, tratando com gente
Da patria lingua, em francez
Falla como papagaio,
E acha isso mais decente
Que fallar em portuguez,
E' paio

Moço eivado do juizo,
Que revê-se em seu semblante,
Como quizerdes, chamai-o;
Para mim não é *Narciso,*
Tem um nome mais frisante,
E' paio

O que tem de ir a salões,
E o que ha de lá dizer
Parafusa, e faz ensaio
De gestos e posições,
Esse (não tem mais que ver)
E' paio

Quem hoje ainda porfia
Em colher no Pindo flores,
E leva de maio a maio

Sempre co'a a bolsa vasia
E' o qu'eu sou, meus senhores,
E' paio.

Mais que as letras vale a trêta;
Só esta dá lauta meza,
Carro, cavallo e lacaio;
Quem faz a vida de poeta,
Acabando na pobreza,
E' paio. (119)

Manoel de Araujo Porto-Alegre

(1806—1882)

Manoel de Araujo Porto-Alegre, nascido no Rio Pardo (Rio Grande do Sul), porque tivesse de lutar muito contra os desanimos, as intrigas e as perseguições dos homens de seu tempo, abandonou a carreira de pintor e de esculptor, preferindo a de poeta, quando produziu um volume de nome—*Brazilianas*—e um poema—*Colombo*. Alcançou, por deferencia pessoal do Imperador, o titulo de Barão de São Angelo.

(119) Transcripto das *Paginas esquecidas*, de *Os Annaes*, revista do Rio de Janeiro, num. 23, de 23 de março de 1905.

Colombo

(*Fragmento do Prologo*)

Troam na Iberia os hymnos da victoria
Que Fernando e Izabel do Mouro houveram,
Jaz vencida Granada! A cruz guerreira
Da moderna cruzada resplandece
No rubro cimo da atalaia altiva,
Que domina de Alhambra os regios muros
E os zimborios vidrados das mesquitas,
Assentados no gremio augusto e bello
Da abatida sultana do Occidente!
Jaz vencido o koran: no santo aprisco
Repousa a Hespanha á sombra do Evangelho.
Na ridente esplanada, ovantes, firmes,
Como troncos de ferro, ao sol fulguram
Pautados esquadrões, lucidas armas
Rebombam no horizonte em densas nuvens
Os estrondos da rouca artilheria,
Que dos rinchos equineos augmentados,
E do rijo clangor das marcias tubas,
D'alto a baixo as montanhas estremecem!
Sobre o craneo hibernal das Alpuxarras
Estala o diadema eterno e frigido
De niveas carambinas; geme a terra;
Revolve o Darso o antigo leito, e mescla
De aureas palhetas as sangrentas aguas,
Onde exangues cadaveres fluctuam.

Retremem os zimborios esmaltados
Dos islamicos templos. Pavorosa
A sombra de Almansor, banhado em sangue,
Do poente jazigo em que dormia,
Se ergue, e lá foge ao funeral de um throno
Que o seu berço escudára em cem batalhas.
Jaz vencida Granada!... (120)

A destruição das Florestas

(*Fragmento*)

Na mão do escravo acicalado ferro
Brilha, e reflecte do africano vulto
Sorriso delator de interno gozo!
E sofrego acudindo á voz do incola,
Que na cornea busina o madrugara,
Antes que a aurora os montes contornasse,
Na frondente floresta se aprofunda.
Brada contente a parceiral caterva,
Prompta agitando as foices e os machados
Que no ar lampejam, qual sinistros raios,
Mede co'a vista os seculares troncos,
D'esses gigantes que laceram nuvens;
Que tantas estações, e tantas éras,
Os ceos e a terra em porfiada lide

---

(120) *Colombo*, 1º volume, *Prologo*.

Donosos empregaram na estructura,
Que tem por coração cerne de ferro,
Onde verazes os annaes do mundo
Em multiplices rolos se recatam.
Prorompe o capataz com gesto fero,
Afras canções do peito borbotando,
Que alentam do machado o golpe; troa
O hymno devastador, que em curta quadra
Lança por terra mil possantes troncos,
Timbre dos evos, pompa da natura.
Nos largos botareos, que a base escoram,
E no solo se entranham tripartidos,
Como ingentes giboias no profundo,
Talha o machado a corpolenta crosta.
Treme o chão, treme o ar, geme e se esfolha,
A cup'la verdegai do amplo madeiro,
E convulso largando os verdes fructos,
Granisa o bosque com medonho estrondo,
Que as aves mánda ao céo, e á toca as féras;
Rija celeuma de confusas vozes
Applaude a queda dos pujantes lenhos.
Como uma anta feroz, sibilo agudo
Arma c'os dedos os sovados labios
O ledo capataz, e açula a turba,
Com novo metro e variado modo,
A de um golpe extinguir o parque excelso,
Que incolume surgiu do cataclismo! (120 bis)

(120 bis) *Brasilianas*, Vienna, 1863, pags. 45 e seguintes.

Maciel Monteiro

(1808—1867)

Antonio Peregrino Maciel Monteiro, nascido em Pernambuco, ao mesmo tempo que politico, orador e diplomata, teve uma bella organisação de poeta, conhecida por algumas dezenas de versos que lhe sobreviveram. Exerceu as funcções de ministro dos extrangeiros e presidiu a Camara dos Deputados. Viveu para amar, attribuindo-se mesmo a sua morte, em Lisbôa, onde era ministro plenipotenciario do Brazil, a desgostos amorosos.

Soneto

Formosa, qual pincel em téla fina
Debuxar jamais pôde, ou nunca ousara;
Formosa, qual jamais desabrochára
Em primavera rosa purpurina;

Formosa, qual si a propria mão divina
Lhe alinhára o contorno e a forma varia;
Formosa, qual jamais no ceo brilhára
Astro gentil, estrella peregrina;

Formosa, qual si a natureza e a arte,
Dando as mãos em seus dons, em seus lavores
Jamais soube (121) imitar no todo, ou parte;

Mulher celeste, ó anjo de primores!
Quem póde ver-te, sem querer amar-te?
Quem póde amar-te sem morrer de amores? (122)

Sobre o trafico

Senhores! Nas circumstancias gravissimas em que este anno se reuniram as camaras legislativas; quando estas têm de proferir um voto de approvação ou de reprovação ácerca da politica seguida pelo governo; repufo um dever indeclinavel da parte de todos os representantes que costumam occupar a tribuna em taes occasiões, o explicarem-se com clareza ácerca dos negocios publicos; porque entendo que é da somma de todas as adhesões explicitas, de todos os testemunhos de confiança, francamente manifestados em favor do governo, que derivam os elementos de força, os principios de vitalidade em que o governo do paiz se deve apoiar para proseguir na politica que tem encetado, si por ventura essa politica mereceu o assentimento, os suffragios do parlamento brazileiro.

---

(121) E' um dos casos mais lamentaveis na poesia, que um soneto tão bom quanto este de Maciel Monteiro, se encontre claudicando tão ferozmente na grammatica. Nem é justificativa a metrica do verso.

(122) *Paginas de ouro da Poesia Brazileira*, de Alberto de Oliveira, Rio, 1911

A camara não extranhará sem duvida ouvir-me mais uma vez assegurar que estou de accordo com a politica do governo em todos os pontos substanciaes; que venho aqui hoje professar os mesmos principios que sempre professei, manter as mesmas allianças que sempre tive. Sou, é verdade, um veterano, um invalido, que, arredado dos arraiaes em que o conflicto se atêa com furor e com impeto, guarda, fielmente, as portas de um hospital, vivendo das suas antigas glorias; mas um veterano, um invalido que não abandona as suas bandeiras, essas bandeiras que o guiaram tantas vezes ao combate em defeza da monarchia, das instituições, da ordem, e da liberdade regrada. Ainda quando, porem, eu não estivera de perfeita conformidade com a politica do governo, um facto avulta nessa politica de tamanha magnitude, de tanto alcance, que, em consideração a esse facto, eu não poderia deixar de vir hoje prestar ao governo do meu paiz o meu apoio, meu concurso. Quero falar, senhores, da extincção do trafico.

Nunca me apaixonei, nunca me inflammei nas declamações fervidas do abbade Reynal, de Gregoire e de outros negrophilos; mas sempre detestei a escravidão; a minha natureza como que se revolta á sombra de qualquer jugo. Entretanto, entrando na carreira publica, não só por tal motivo, como pelo compromisso que o paiz tinha contrahido em virtude do tratado de 1826, e em reverencia á lei de 1837, sempre me reputei abolicionista, sempre entendi que esse tratado devia ser fiel-

mente cumprido, que essa lei devia ser rigorosamente executada; e quando os successos do meu paiz, antes do que o meu fraco merito, me levaram aos conselhos da corôa, procurei por todos os meios ao meu alcance tornar uma realidade esse tratado, e essa lei! Quem compulsar os documentos da secretaria dos negocios extrangeiros nessa epoca, achará alguns vestigios que provam a opinião que acabei de estabelecer. Com effeito, o gabineite de então já previa os males que deviam resultar da continuação desse commercio illegal e antichristão, e já nesse tempo se procurou dar garantias á repressão, tornar essa repressão cada vez mais vigorosa. Pelo juizo da commissão mixta estabelecida então ao imperio, as regras do processo não estavam claramente definidas, havia duvidas a respeito das questões de embargos; todas estas duvidas foram resolvidas pelo ministerio de então de modo que o julgamento dos criminosos tornou-se mais seguro e effectivo.

Esta opinião, senhores, que eu professava, era tambem compartida por outros; o paiz tambem tinha, por assim dizer, o instincto da abolição; esse sentimento continuava a elaborar-se no animo de todos os homens pensadores. Elles viam que o futuro do paiz se achava compromettido pela continuação do trafico, sobretudo nos tres ultimos annos que precederam ao de 1848, todos foram conhecendo que o trabalho escravo não podia resistir com o trabalho livre, e emquanto o trafico fosse tolerado, debalde aquelle poderia ser substituido por

este: tão absurda alliança foi reputada impossivel; e todos aquelles que olhavam para o Brazil, não como uma vasta colonia, mas como um paiz que tinha um futuro, uma civilisação a esperar, professavam a opinião de que o trafico devia ser abolido, devia cessar. (123)

Joaquim Caetano da Silva

(1810—1873)

Joaquim Caetano da Silva, nascido no Rio Grande do Sul, em Guarda do Serrito, bacharelou-se em letras, em Paris, e doutorou-se em medicina. Escreveu: *Quelques idées de philosophie médicale; Fragment d'un mémoïre sur la chute des corps; Lista de quatrocentas e noventa palavras que Moraes escrevera em seu Diccionario, etc.; Supplemento ao Diccionario de Moraes; Grammatica Portugueza; Mecanismo da lingua grega; Questões americanas*, etc. Delle disse Sylvio Roméro: «é a gloria mais doce, mais pura, mais desinteressada do Brazil».

(123) *Annaes da Camara dos Deputados*, 1851.

A lei da gravidade

Quando as questões scientificas se costumavam encarar quasi exclusivamente com os olhos da alma, assentavam os philosophos que não podia o descenso dos graves deixar de fazer-se na razão directa das massas. Mas quando começaram a rehabilitar-se os cinco sentidos corporaes, tiveram os sabios de mudar de opinião, porque assim o exigiram imperiosas experiencias. Primeiro que todos o immortal Galileo, observando que uma leve bola de cêra, largada de cima da torre do Piza, chegára ao chão quasi ao mesmo tempo que pesadas bolas metallicas do mesmo volume, colligiu que esta differença de rapidez, já que de nenhum modo se achava em proporção com a differença das massas, seria occasionada pela resistencia do ar, e que, a não ser este obstaculo, differença nenhuma se notaria. Ainda mais se persuadiram os sabios de que assim era na verdade, quando viram corroborada esta experiencia de Galileo pela experiencia mais rigorosa de Désaguliers, o qual, largando de cima da cupula de São Paulo de Londres, altura de 272 pés inglezes, duas bolas de igual volume, mas cujas massas estavam na proporção de 1 para 19, observou que a differença da rapidez era unicamente como de 1 para 3. Passou finalmente a persuação a ser convicção, quando o immortal Newton mostrou que, encerrando-se em um tubo de vidro de cinco a seis pés de comprimento, um consideravel pedaço de chumbo e uma pequenina

porção de rama de penna, se neste tubo se fazia o vacuo, nenhuma discrepancia se percebia no descenço de massas tão deseguaes; e logo que se ia novamente introduzindo o ar, quanto mais ar entrava, tanto mais devagar caia a pluma. Desde então até hoje unanimemente proclamaram todos os tratados de physica, como uma verdade inconcussa, que *no vacuo exerce-se a gravidade sem respeito ás massas;* e isto fazem, não só os estimaveis doutos que se limitam a propagar as descobertas alheias, mas ainda a selecta minoria dos mais profundos pensadores; sendo entre todos doutrina tão corrente que até já passou do sanctuario da sciencia para os dominios da literatura, como se póde ver nos preciosos synonimos, com que, alem de outros thesouros, tem opulentado as letras portuguezas o muito veneravel eminentissimo cardeal patriarcha de Lisbôa.

Entretanto, se, ao contemplarmos esta formula da lei da gravidade, nos acudir á lembrança a grande lei da attracção planetaria, talvez ajuizemos que, assim como seria infructuoso olhar para a natureza só com os olhos de dentro, tão pouco será razoavel fitar nella só os de fóra.

No vacuo exerce-se a attracção planetaria na razão directa das massas e inversa do quadrado das distancias. Eis ahi a grande descuberta de Newton em astronomia; eis ahi o grande principio que, porfiadamente rebatido pelos extremos discipulos de Descartes, de todos triumphou cabalmente, e de tal modo influe, ha mais de um

seculo, no animo de todos os astronomos, que se por ventura nos calculos que levantam sobre este alicerce lhes argúe a observação algum erro, firmemente permanecem convencidos que foi, não por vicio da lei geral, mas por causa de alguma particularidade menos bem averiguada. (124)

Domingos de Magalhaes

(1811—1882)

Domingos José Gonsalves de Magalhães, Visconde de Araguaya, nascido no Rio de Janeiro, ascendeu no romantismo brazileiro tanto quanto Garrett no português. Diplomado em medicina, viajou por toda a Europa. Como poeta logrou um destaque fóra do commum. Entre outras obras, escreveu: *Suspiros poeticos e Saudades; Mysterios; Urania; A confederação dos Tamoyos*; *Antonio José ou o Poeta e a Inquisição; Olgiato; Ensaio sobre a historia da literatura brazileira*; *Factos do espirito humano*. etc. Poeta, dramaturgo e philosopho, foi tambem diplomata, exercendo cargos de importancia, como o de ministro brazileiro junto á Santa Sé, em Roma.

(124. *Minerva Brasiliense*, de 1.º de dezembro de 1843.

Napoleão em Waterloo

Eis aqui o logar, onde eclipsou-se
O meteoro fatal ás regias frontes!
E nessa hora em que a gloria se obumbrava,
Alem o sol em trevas se envolvia,
Rubro estava o horizonte, e a terra rubra!
Dois astros ao occaso caminhavam;
Tocado ao seu zenith haviam ambos;
Ambos eguaes no brilho, ambos na quéda,
Tão grandes, como em horas de triumpho!

Waterloo!. . Waterloo!... Lição sublime
Este nome revela á Humanidade:
Um oceano de pó, de fogo e fumo
Aqui varreu o exercito invencivel,
Como a explosão outrora do Vesuvio
Até seus tectos inundou Pompeia!
O pastor, que apascenta seu rebanho,
O corvo, que sanguineo pasto busca,
Sobre o leão de granito esvoaçando,
O echo da floresta, e o peregrino
Que indagador visita estes lugares:
Waterloo!... Waterloo!... dizendo, passam.

Aqui morreram de Marengo os bravos!
Entretanto esse heróe de mil batalhas,
Que o destino dos reis nas mãos continha,

Esse heróe que com a ponta de seu gladio,
No mappa das nações traçava as raias,
Entre os seus marechaes ordens dictava!
O halito inflammado de seu peito
Suffocava as phalanges inimigas,
E a coragem nas suas accendia.

Sim, aqui estava o genio das victorias
Medindo o campo com seus olhos de aguia!
O infernal retim-tim do embate de armas,
Os trovões dos canhões que ribombavam,
O sibilo das balas que gemiam,
O horror, a confusão, gritos, suspiros,
Eram como uma orchestra a seus ouvidos!
Nada o turbava. Abobadas de balas,
Pelo inimigo aos centos disparadas,
A seus pés se curvaram respeitosas,
Quaes submissos leões, e nem ousando
Tocal-o, ao seu ginête os pés lambiam!...
Oh! Porque não venceu? Facil lhe fôra!
Foi destino, ou traição? A aguia sublime
Que devassava o céo, com vôo altivo,
Desde as margens do Sena até o Nilo,
Assombrando as nações com as largas azas,
Porque se nivelou aqui com os homens?

Oh! porque não venceu? O anjo da gloria
O hymno da victoria ouviu tres vezes,
E tres vezes bradou:—«E' cedo ainda!»

A espada lhe gemia na bainha,
E inquieto relinchava o audaz ginête,
Que soia escutar o horror da guerra,
E o fumo respirar de mil bombardas;
Na pugna os esquadrões se encarniçavam,
Roncavam pelos ares os pelouros,
Mil vermelhos fuzis se emmaranhavam,
Encruzadas espadas, e as baionetas,
E as lanças faiscaram retinindo.
Elle só, impassivel, como a rocha,
Qual de ferro fundido estatua equestre,
Que invisivel poder, magico anima,
Via seus batalhões cair feridos,
Como muros de bronze, por cem raios,
E no ceu seu destino decifrava...

Pela ultima vez, com a espada em punho,
Rutilante na pugna se arremessa;
Seu braço é tempestade, a espada é raio!
Mas invencivel mão lhe toca o peito!
E' a mão do Senhor—barreira ingente:
—«Basta, guerreiro! tua gloria é minha;
Tua força em mim está; tens completado
Tua augusta missão!—E's homem.—Para!»

Eram poucos, é certo; mas que importa?
Que importa que Grouchy, surdo ás trombetas,
Surdo aos trovões da guerra, que bradavam:
—«Grouchy! Grouchy! a nós, eia! ligeiro!

O teu imperador aqui te aguarda!
Ah! não deixes teus bravos companheiros
Contra a enchente luctar, que mal vencida
Uma após outra em turbilhões se eleva,
Como vagas do oceano encapellado,
Que furibundas se alçam, luctam, batem
Contra o penedo, e como em pó recuam,
E de novo no pleito se arremessam».

Eram poucos, é certo; e contra os poucos
Armados as nações aqui pugnavam!
Mas esses poucos vencedores foram
Em Iena, em Montmirail, em Austerlitz,
Ante elles o Thador e os Alpes, curvos,
Viram passar as aguias vencedoras!
E o Rheno, e o Manzanar, e o Adige, e o Euphrates
Embalde á sua marcha se oppuzeram.

Eram os poucos que, jamais vencidos,
Os seus dias contavam por batalhas,
E de cans se cobriram nos combates;
O sol do Egypto ardente assoberbaram,
A peste em Jaffa, a sêde nos desertos,
A fome e os gelos dos Moscovios campos:
Poucos, que se não rendem, mas que morrem!
Oh! que para vencer bastantes eram!
A terra em vão contra elles pleiteára,
Se Deus, que os via, não dissesse—«Basta!».

Dia fatal de opprobrio aos vencedores!
Vergonha eterna á geração que insulta
O leão que magnanimo se entrega!

Eil-o sentado em cima do rochedo,
Ouvindo o echo funebre das ondas,
Que murmuram seu cantico de morte;
Braços cruzados sobre o largo peito,
Qual naufrago escapado da tormenta,
Que as vagas sobre o escolho regeitaram;
Ou qual marmorea estatua sobre um tumulo.
Que grande ideia o occupa, e turbilhona,
Naquella alma tão grande como o mundo?

Elle vê esses reis, que levantára
Da linha de seus bravos, o trairem.
Ao longe mil pygmeus elle divisa,
Que mutilam sua obra gigantesca;
Como do Macedonio outrora o imperio
Entre si repartiram os escravos.
Então um riso de ira e de despeito
Lhe salpica o semblante de piedade.

O grito inda innocente de seu filho
Sôa em seu coração, e de seus olhos
A lagrima primeira se deslisa;
E de tantas corôas que ajustara,
Para doptar seu filho, só lhe resta
Esse nome, que o mundo inteiro sabe!

Ah! tudo elle perdeu! a esposa, o filho,
A patria, o mundo, e seus fieis soldados.
Mas firme era sua alma como o marmore,
Onde o raio batia e recuava!
Jamais, jamais mortal subiu tão alto!
Elle foi o primeiro sobre a terra:
Só, elle brilha sobranceiro a tudo,
Como sobre a columna de Vendôme
Sua estatua de bronze ao céo se eleva.
—A cima delle, Deus—Deus tão sómente!

Da liberdade foi o mensageiro.
Sua espada, cometa dos tyrannos,
Foi o sol, que guiou a humanidade.
Nós um bem lhe devemos, que gosamos;
E a geração futura, agradecida,
—Napoleão! dirá, cheia de assombro. (125)

De "A Confederação dos Tamoyos"

Canto Quinto

A canôa em que fôra Jagoanharo
Por mandado de Aimbire a São Vicente,
Já das aguas vencendo a correnteza,
Tinha chegado á ilha desejada,

(125) Transcripto das *Paginas de ouro da Literatura Brazileira*, de Alberto de Oliveira, Rio, 1911.

Onde o mancebo impavido esperava
Achar Tibiriçá, dar-lhe a mensagem.
O Indio embaixador chegando á praia
De Tacaré, que jaz visinha á villa,
De que foi fundador Martim Affonso,
Soube de uns guayanas, que conhecera,
Onde achar poderia o seu Cacique.
Um delles o guiou da Igreja á porta,
E de fóra o mostrou, que de joelhos
Com grande devoção orando estava.
Cantavam os néophytos em côro,
Separados os homens das mulheres,
E o venerando Anchieta os dirigia.

Jagoanharo esperava: mas suspenso,
Ouvindo os echos dos sagrados hymnos
Que o sanctuario enchiam de harmonia,
P'ra dentro olhou, e curioso e attento,
Sem sentir, pouco a pouco foi entrando
Pelo encanto da musica attrahido,
Até que á par do tio ajoelhou-se.
Os altares de flores enfeitados,
As tochas e as alampadas accesas,
O odor do incenso, os cantos que soavam
Ao som de nunca ouvidos instrumentos,
Todo aquelle apparato jamais visto
De tal maneira fascinado o tinha,
Qu'elle olhando p'ra o tio foi erguendo
As mãos postas pr'a o céo, e parecia

Mais que todos contricto penitente!
Tibiriçá, que attento o altar fitava,
Só quando as sacras preces terminaram
Erguendo-se encarou com Jagoanharo,
E attonito ficou com tal sorpreza.
« Como! disse elle, aqui!... Tu a meu lado!
Na casa do senhor!... Feliz si buscas
O baptismo e a fé! E quão ditoso
Serei eu, si me escolhes por padrinho!
E teu pai?... Meu irmão, onde está elle?
Desejará tambem vir humilhar-se
Aos pés do altar do Redemptor do mundo?
Falla, sobrinho, dize... Mas primeiro
Quero, por ver-te aqui tão bem disposto
A receber a luz de Jesus-Christo,
Dar graças a meu Deos!» E assim dizendo
De novo se ajoelha, os braços abre,
E porque Jagoanharo o comprehenda,
Recita em lingua Tupica um verseto,
Que o zeloso Anchieta compozera:
«Gloria ao unico Deos, ao Pae Eterno!
A ti, Senhor, que em tua alta bondade
Brilhar fizeste a luz entre os gentios,
E por teus sacerdotes nos mandaste
A verdade de Christo e os bens da graça.»
E assim dizendo, beija a cruz de Christo
Que do collo lhe pende em rubra fita,
Premio do seu valor no féro ataque

Do forte Coligny contra os Francezes.
Depois:— vamos agora, disse, vamos
Em casa repousar; lá quero ouvir-te,
E noticias saber da nossa gente.

Em caminho lhe foi mostrando as cousas
Mais dignas de attenção na nova villa;
«Aqui moram, dizia, os santos padres,
A quem devemos tanto; elles ensinam
O caminho de Deus aos nossos filhos,
E só em fazer bem vivem pensando;
E tão humanos são, e amigos nossos,
Que só por isso os seus já os odeiam.
Não são como os Payés que vos enganam
Com embustes e vans feitiçarias.

«Eis a casa do bom Martim Affonso,
Meu padrinho, e senhor do que estás vendo.
Elle aqui não está, que o Rei mandou-o
Governar outros povos mui distantes,
Lá onde alem dos mares nasce o dia.
Todos estes sertões que atravessaste
Desde a Paranaguá, terras e rios,
Até o Macahé, tudo isto é d'elle,
Que o nosso Rei lhe dêo, que é seu amigo».
—«E quem dêo, o mancebo lhe pergunta,
E quem dèo a esse Rei a terra nossa,
Para tiral-a a nós que aqui nascemos,
E dal-a a seu prazer aos seus amigos?»

«O Rei, lhe volta o tio, não precisa
Que ninguem lhe dê nada; tudo é delle.
O Rei tira, o Rei dá, o Rei é dono
Das terras e do mar: é senhor nosso.»

—«Então o Rei, replica-lhe o sobrinho,
E' mais do que Tupan? Desejo vel-o!»

«Si é mais do que Tupan! brada o Cacique:
O que é Tupan? Deos é que póde tudo.
E depois delle o Rei; o resto é nada...
Mas não, tambem os padres pódem muito.»

—«Dize: e o Rei come e bebe, e tambem morre?»
«Sim, come, bebe, e morre».
—«Então é homem!»
Promptamente o selvagem lhe returque.

«Homem, sim; mas de Deos na terra imagem,
E curvar-nos devemos a seu mando.

Vês tu aquella casa? Alli habita
O Portuguez Ramalho, que é meu genro:
Has de vel-o e a mulher e os meus netinhos.
Isto mostrando o chefe convertido,
Só não mostrou o carcere da villa,
Onde, como animaes, os pobres Indios
A' fome, á sêde, e á força se amansavam. (126)

.....

(126) *A Confederação dos Tamoyos*, 1. edição, Rio, 1857, pags. 199 a 136.

Joao Francisco Lisboa

(1812—1863)

João Francisco Lisbôa, nascido no Maranhão, foi, segundo Innocencio da Silva, «um espirito penetrante, que reunia as theorias a uma dicção copiosa, castiça e fluente». Exerceu, com brilhantismo, o jornalismo, redigindo especialmente o *Jornal de Timon*. Deixou um livro inedito—*A vida do Padre Antonio Vieira*. Manejou a satyra com grande penetração, e servindo-se nas suas obras de saber e erudição apreciaveis.

Sobre o Maranhão

Concentremos agora em um quadro mais estreito e succinto, com que melhor prendam a attenção, todas estas considerações, dispersas e um pouco extensas, que acabamos de fazer sobre as differentes phases e aspectos da vida colonial. O que é que se offerece á observação sob o ponto de vista politico, intellectual e moral? Leis confusas, incompletas, contradictorias, oppressivas, contendo algumas boas disposições parciaes, de resto impotentes para obviar á influencia perniciosa dos primeiros geraes dominantes, falsos e viciosos; a sua anarchia intrinseca, singularmente alimentada na execução, pelas infracções incessantes e permanentes a que a ignorancia, a prepo-

tencia e a corrupção impelliam os governadores; as camaras e os magistrados ociosos, enchendo o tempo com manejos e intrigas politicas e particulares, e associando-se ao systema geral de oppressão e tyrannia, bem que ordinariamente avessos entre si e em direcção opposta á dos governadores, em vez de manterem a dignidade propria e os fóros dos cidadãos;—poderes rivaes e reluctantes, inuteis para a fiscalisação e o equilibrio, admiraveis e efficacissimos para os conflictos, os tumultos e as revoltas; os frades e ecclesiasticos em geral, sem excepção dos principes e dignidades da igreja, fomentando por todos os meios a sedição e a discordia, e violando na pratica os principios de liberdade que no ardor das luctas pelo predominio apregoavam a favor dos indios; a immolação ora lenta e gradual, ora instantanea e fulminante d'esta raça infeliz; as guerras extrangeiras; as capitanias reunidas separadas outra vez reunidas; a residencia dos governadores emfim transferida continuamente de uma para outra capital; eis ahi, por uma das suas faces, os accidentes ordinarios d'essa vida mesquinha e tormentosa que nos propozemos a esboçar.

A maior parte d'estes e de outros muitos males, prendiam na questão abrasadora dos indios; e as leis, perpetua e monstruosa affirmação e negação dos mesmos principios, favoneando ora a liberdade, ora o captiveiro, entretinham esta funesta preoccupação, impellindo os cidadãos, alternativamente animados e illudidos em suas esperanças, da energia e do furor á prostração e á ignavia.

Infatuados da sua nobreza, igualmente pungidos pelo orgulho e pela miseria, e tão ávidos de riquezas como incapazes de grangeal-as pelos meios licitos e ordinarios, elles só honravam a ociosidade, as guerras, as matanças e as espoliações; o trabalho, cousa baixa e vil, carregava exclusivamente sobre os escravos.

Privados alem d'isso de toda e qualquer distracção, a não serem algumas raras festividades de caracter religioso, extenuados do toda a casta de vexações, poucos em numero, e quasi bloqueados naquelles remotos e estreitos presidios; vendo-se, medindo-se e encontrando-se a cada passo, é facil imaginar a que grau de exasperação não subiriam os seus odios mesquinhos, envenenados de mais a mais periodicamente, nas residencias e devassas janeirinhas—campo aberto a todas as funcções para se degladearem, e vasto laboratorio de calumnia e diffamação, elevado pelas leis ao caracter de instituição regular e permanente. (127)

Teixeira e Souza

(1812—1861)

Antonio Gonsalves Teixeira e Souza, nascido no Cabo Frio (Rio de Janeiro), começou modestamente

(127) *Obras*, vol 3., pags. 171-172.

como carpinteiro, chegando a ser escrivão do commercio, no Rio, ao depois de ter sido mestre-escola em sua terra natal. Escreveu: *Cornelia; O cavalheiro teutonico*; *Canticos lyricos; A independencia do Brazil; Os tres dias de um noivado;* e os romances: *O filho do pescador; Tardes de um pintor, ou as intrigas de um Jesuita*; *Gonsaga ou a Conjuração de Tiradentes*; *A Providencia; Maria, ou a menina roubada*; e *As fatalidades de dous jovens.*

De «Os tres dias de um noivado»

«Si acaso te não conheces
Por formosa, ó minha amada,
Vai á beira de uma fonte,
E te verás retratada:
Quando, pelo sol corada,
A pastar por entre flores
O teu rebanho levares;
Dirão estes lavradores:
—Ali veiu quem faz formosa
A nossa aldeia ditosa!»

«Si accaso te não conheces
Por formoso, ó meu amado,
Vai ás ribeiras do rio,
E te verás retratado:

Verás o rio apressado
Só de inveja suspirar,
E tua imagem formosa
Nas ondas querer levar:
Das raparigas na idéa
Serás o bello d'Aldêa».

«Eu sou em tudo ditoso
E tu linda, ó minha amada;
Tens os olhos matadores
Como a rolinha engraçada».

«E' feito de lindas flores
Nosso ninho, ó meu amado,
E junto á terna rolinha
Tu poisarás descançado».

«Sou um pass'ro que luzir
Vendo d'aurora os encantos,
Pelo prado alegremente
Solta seus festivos cantos:
Eu te adoro, ó minha amada,
Eu te amo, como a ave
Ama a luz da madrugada!
Tu és quem minha alma adora,
E's minha brilhante aurora».

«Sou a flor, que á noite, o seio
Fecha ás sombras descorada,
E que o abre a receber

O pranto da madrugada:
Eu te amo, como a flor,
Ao orvalho, que lhe presta
Mais graça, mais viço e côr:
Tu tens de meu seio, a posse,
Tu és meu orvalho doce.»

«Como a bella laranjeira
Entre as arv'res mais airosa,
Assim é entre as do campo
A minha amada formosa».

«Como o cedro na montanha
Entre as arv'res mais airoso,
Assim é entre os do campo
O meu amado formoso». (128)

A noite de sabbado

Era em a noite de sabbado, que deveria ter logar o encantamento de Laura em favor do sr. Estevão; elle, o amante pertinaz; e caprichoso da sra. Thereza, devia assistir a essa grande patifaria, que ia ter logar.

Nesse dia, para o lado do Oeste o ceu cobriu-se de uma muralha de nuvens, em cujo centro o genio da tor-

(128) *Os Tres dias de um noivado*, Rio, 1844, pags. 31-38

menta, com mãos de fogo, parecia fabricar os horrores de medonha trovoada. Firmando sua grossa base muito alem do horizonte apparente, a nuvem elevava suas comiadas até o cume dos ceos; seus lados estendiam-se amplamente ameaçando o Sul, e ameaçando o Norte. Uma crespa fimbria de um alvo reluzente, como a prata ferida pelo Sol, orlava o lados, e os cimos desta montanha aérea, em cujo bojo occultava a natureza um tanto de seus horrores; no centro, onde elles mais gravitavam, e a seu pezar, talvez, se continham, porque a hora não era ainda chegada; nem uma côr da vida, deslisada por um só raio da luz, ostentava as suas bellezas, a morte ali se embalava inquieta, rebuçada nas côres do tumulo.

Os ventos tinham encolhido suas azas, e mudos e quietos espectadores, equilibrados nos ares, esperavam, como assustados, a hora tremenda do desmantelamento horrivel! Das seis horas por deante alguns longinquos e roucos trovões começaram a abalar os ares. Pelas dez horas da noite a tempestade proclamou-se a despota dos elementos, e perturbou-se a seu capricho! Uma nova ordem principiou a reinar na natureza.

Os ventos da tempestade abriram suas funestas azas, e batendo com ellas de encontro ás nuvens, as fizeram no espaço abalroar com estampido horroroso. Ao golpe do trovão a terra estremeceu de pávida! O som retumbou nas abobadas dos ceus, os abysmos repercutiram seus

echos! As nuvens continuaram a quebrar-se com ribombo medonho, e de seu despedaçado bojo jorravam espadanas de fogo, que ou se despedaçavam nos ares contra as azas dos ventos, ou vinham quebrar-se na terra entre os seus mesmos estragos! Debalde ao redomoinhar dos furacões contrariavam as florestas com velhos troncos de seculares arvores; debalde, que suas galas de primavera arrebatavam-lhe, como bellos trophéos, os despotas dos ares! As aguas dos ceus, ou nessa mesma fórma, ou transformadas em pedras, açoutavam, com ameudado bater, a superficie da terra.

Um dia, quando os astros saudosos de uma bella e longa existencia de tantos milhões de dias, empallidecerem no espaço, e forem anniquilados pela chamma primitiva, que os deve consumir para entrarem, talvez para sempre, no abysmo do ser; a natureza entoará um hymno de morte, e esse hymno serão os gemidos dos elementos agonisantes, porque pela ultima vez então as nuvens, gemendo, rolarão no espaço; pela ultima vez os mares gemerão irados sobre as praias; pela ultima vez, os trovões, gemendo, despedaçarão as nuvens; pela ultima vez os raios, gemendo, chamuscarão os atmos!

A natureza, pois, uma vez por outra ensaia alguma strophe, ou alguma nota de seu grande hymno final, cantico funebre que deve entoar quando o Eterno, á face dos anjos e dos justos, pronunciar para a creação

a phrase tremenda, já pronunciada no cimo do Calvario: *Consummatum est!*

E, pois, nesta noite temerosa tinha logar um de seus pavorosos ensaios! (129)

Martins Penna

(1815—1848)

Luiz Carlos Martins Penna, nascido no Rio de Janeiro, tinha todos os indicios de um verdadeiro artista. Exerceu cargos publicos e foi adido de primeira classe á legação brazileira em Londres. Escreveu grande numero de peças theatraes, chronicas de jornal, e um romance historico—*Duguay Trouin*. Cultivou a pintura, a architectura, a estatuaria e a musica, manejando bem as linguas francêsa, inglêsa, e italiana. Entre as suas peças theatraes apontam-se: *O Juiz de Paz da Roça*, *A familia e a festa da roça*, *O Judas em sabbado de Alleluia*, *Os irmãos das almas*, *O cigano*, *O Noviço*, *O Caixeiro da Taverna*, *A Barriga de meu tio*, *etc.*

(129) *Maria, ou a menina roubada*, cap. VIII.

A questão das vocações

Carlos.—O tempo acostumar!... eis ahi porque vemos entre nós tantos absurdos e disparates! Este tem geito para sapateiro, pois vá estudar medicina... excellente medico... aquelle tem inclinação para comico, pois não senhor, será politico... Ora ainda isso vá. Este outro só tem geito para caiador ou borrador, nada, é officio que não presta... seja diplomata que borra tudo quanto faz. Aquelle outro chama-lhe toda a propensão para a ladroeira; manda o bom senso que se corrija o sujeitinho, mas isto não se faz; seja thesoureiro de repartição fiscal, e lá se vão os cobres da nação á garra... Esse outro tem uma grande carga de preguiça e indolencia, e só serviria para leigo de convento, no emtanto vemos o bom do mandrião empregado publico, comendo com as mãos encruzadas sobre a pança o pingue ordenado da nação...

Emilia.—Tens muita razão, assim é...

Carlos.—Este nasceu para poeta ou escriptor, com uma imaginação fogosa e independente, capaz de grandes coisas, mas não póde seguir a sua inclinação, porque poetas e escriptores morrem de miseria no Brazil!... e assim o obriga a necessidade a ser o mais somenos amanuense em uma repartição publica e a copiar cinco horas por dia os mais somniferos papeis... o que acontece?—Em breve matam-lhe a intelligencia, e fazem do

homem pensante machina estupida... e assim se gasta uma vida!... *E' preciso, é já tempo que alguem olhe para isso... e alguem que possa...*

EMILIA.—Mas, Carlos, hoje te estou desconhecendo.

CARLOS.—A contradicção em que vivo tem me exasperado! E como queres tu que eu não fale quando vejo, aqui um pessimo cirurgião que poderia ser bom alveitar; ali um ignorante general que poderia ser excellente enfermeiro; acolá um periodiqueiro que só serviria para arreeiro, tão desboccado e insolente é, etc., etc... *Tudo está fóra dos seus eixos...*

EMILIA.—Mas que queres tu que se faça?

CARLOS.—Que não se constranja ninguem; *que se estudem os homens e que haja uma bem entendida protecção;* e que sobretudo se *despreze o patronato*, que assenta o jumento nos bancos das academias, e amarra o homem de talento á mangedora...(130)

F. A. DE VARNHAGEN

FRANCISCO ADOLPHO VARNHAGEN, nascido no Rio de Janeiro, foi um dos maiores historiadores do nosso Paiz,

(130) Do *Noviço*, scena II, do Acto I.º

sendo um dos seus mais fecundos escriptores, tanto quanto fez elle mais de cem livros e folhetos, por toda a parte por onde passou. Entre essas publicações distinguem-se: *Historia do Brazil*; *Historia Geographica da America; Literatura e cancioneiro portuguezes da edade media; Ethnographia e linguistica americana; Historia da literatura brazileira*. Como obras de cada uma dessas partes da systematisação creada por Sylvio Roméro, ha um grande numero de trabalhos. Teve o titulo de Visconde de Porto Seguro, exerceu a carreira diplomamatica, fallecendo em Vienna d'Austria.

Descripção do Brazil

Occupa o Brazil actualmente em extensão quasi metade do importante continente peninsular da America Meridional e até certo ponto se assemelha a este ultimo todo e se acha como elle identicamente collocado. Estende-se desde o Atlantico até junto aos pés dos Andes, e quasi desde as aguas do Prata ás cabeceiras das vertentes mais septentrionaes do Amazonas; por tal fórma que á medida que se affasta do pólo visinho para o norte se vae alargando, cada vez mais para um e outro lado, notoriamente para o occidente.

Por toda a extensão que abraçam esses dois primeiros rios da terra, se erguem serranias que produzem

variegados valles, por cujos leitos correm outros tantos rios caudaes. Metade proximamente do territorio mais a noroeste é retalhado em todos sentidos pelas aguas do mencionado Amazonas e de seus possantes braços. Essas aguas vão com tanta furia arrojar-se ao mar quasi debaixo da equinocial que durante certa distancia da costa deixam as ondas d'elle de ser salgadas.

A' superficie d'esse rei dos rios fluctuam immensas ilhas cobertas de arvoredo, que fazem recordar fabulosas Cyclades. A estas roubam ás vezes as correntes, a terra e as arvores, para engrandecerem outras ilhas, ou para mais abaixo as restituirem á mesma terra firme d'onde as haviam desprendido.

Os grandes tributarios da margem direita do Amazonas procedem de serras ou chapadas que se elevam proximamente numa paragem central de todo o territorio, da qual vão ao mar pelo Rio da Prata outras vertentes, depois de contornarem e lindarem em parte o paiz com suas aguas. D'essas serras tambem ou de suas ramificações, baixam directamente sobre a costa oriental rios mais ou menos consideraveis, que em virtude da pouca distancia que percorrem manando de tão alto, vão caindo de andar em andar e de taboleiro em taboleiro, galgando obstaculos em que se formam ora saltos e cachoeiras, ora simples itaipavas ou rebentações com grande detrimento da navegação fluvial, que não poude a principio ser aproveitada alem de certos limites em ajuda da civilisação. Aquella paragem central de clima

ameno em todos os mezes do anno, e de facil communicação nos differentes sentidos, apenas se removam alguns obstaculos naturaes,—tão enormes para as forças do homem primitivo, como insignificantissimos para a mechanica em nossos dias,—parece como indicada pela natureza para vir a ser o ponto mais importante no amago do sertão d'este continente,—um emporio do nosso commercio interior em seculos futuros, pelo menos. (131)

Mello Moraes Pae

(1816—1882)

Alexandre José de Mello Moraes, nascido em Alagôas, doutorou-se em medicina, na Bahia, propagando ardentemente, como um dos primeiros, a homeopathia. Exerceu o mandato de deputado geral e escreveu: *O Brazil Historico*; *Historia do Brazil-reino e do Brazil-imperio*, *A independencia e o imperio do Brazil*, e *Corographia historica, chronographica, genealogica, nobiliaria e politica do Imperio do Brazil;* e *Chronica Geral do Brazil*, de publicação posthuma, em 1886.

(131) *Historia Geral do Brazil*, vol, 1.º, pags. 89-90, 1.ª edição.

Começo da guerra entre o general Madeira e a força brazileira

O máo comportamento dos portuguezes na Bahia e das côrtes derão occasião, desde logo, a apoderar-se do povo bahiano a maior disposição para despedaçar os élos da união luso-brazileira.

Este sentimento se manifestava visivelmente, e a soldadesca lusitana, para atear a rivalidade, engrupando-se em diversas partes da capital, dirigia affrontosos epithetos de—morrão os cabras—, espancavão os soldados do paiz, que inermes transitavão e desapercebidos; e por isso reunindo-se alguns destes em represalia, com iguaes vozerias, davão—morrão os carneiros (132).—Travando-se em alguns pontos tão renhida lucta, que foi mistér expedirem-se fortes patrulhas, ao mando de officiaes, para apaziguar os contendores conduzindo-se os feridos ao hospital e os aggressores para os respectivos quarteis; resultando de taes conflictos a morte dos soldados de artilharia José Clemente e Manoel Soares, que isoladamente, com denodo, baterão-se com a chusma de soldados lusitanos que os perseguião.

Toda a cidade continuava a ser policiada por muitas patrulhas dobradas dos contingentes dos corpos ao commando de officiaes apoderados do systema de vinganças

(132) «Chamavão-os carneiros—por terem o fardamento de lã branca»-annotou o proprio autor.

d'entre as massas, estigmatizada por desenfreada soldadesca, tomando o governo a precaução de fazer collocar duas peças de artilharia no largo do Theatro, sob o commando do capitão Leão, lusitano, guarnecidas por infantaria portugueza, cuja medida exacerbou aos nacionaes, dentre os quaes alguns, por mofa, sem duvida, durante a noite, tiravão algumas vezes os soquetes das peças e deixavão em seu logar pelles de carneiros. De tão frequentes luctas parciaes, o resultado deveria ser uma guerra de exterminio. Agitados os espiritos, na tarde do dia 17 de Fevereiro de 1822 um grande numero de cidadãos no forte de S. Pedro, em harmonia com o regimento de artilharia commandado pelo coronel Bernardino Alves de Araujo Filho, mandando chamar ao brigadeiro Manoel Pedro de Freitas Guimarães, que se achava em uma chacara na Barra, alheio aos movimentos que se estavão dando, formou-se um conselho de officiaes para se precaverem contra a attitude ameaçadora em que se achava o novo governador das armas com as forças lusas e a cavallaria do paiz, alem dos demais corpos da guarnição sob seu commando.

Decidio-se a defensiva em quanto outras providencias se praticavão, e forão postas duas bocas de fogo no Trem dos Afflictos, sob a direção dos capitães José Alves da Silva e José Ignacio de Mello, coadjuvados pelos tenentes Antonio Marcellino da Çosta Dorea e Manoel Joaquim Xavier; sendo outra postada na rua das Mercês, contigua ao forte de S. Pedro, sob o com-

mando do tenente Bernardo José de Noronha, formando a linha de defesa por se considerar infallivel e imminente a aggressão.

Na tarde do dia 18 sahirão da fortaleza de S. Pedro e do quartel da legião de caçadores em Santo Antonio da Mouraria grandes piquetes, e se forão postar nas immediações do quartel do batalhão n. 12, em S. Bento; e o general Madeira, receioso de que fosse atacado mandou que marchassem outros piquetes daquelle corpo a ficarem fronteiras as sentinellas avançadas de ambos, e sem muito esperar, um dos piquetes que marchavão do forte de S. Pedro, fez fogo, e foi correspondido pelo inimigo. No entanto, Madeira, acompanhado da gente ordinaria e pela maruja percorrendo as ruas da cidade, gritavão—fóra a camara, morra Manoel Pedro!

A cidade já era um arraial de guerra, e pela manhã do dia 19 se reunirão aos brazileiros mais de 100 homens dos regimentos 3 e 4 de milicias de pardos e pretos, capitaneados pelo sargento de artilharia Francisco Vicente Vianna, evadidos da fortaleza de S. Pedro, com o projecto de trazerem o fardamento do brigadeiro Manoel Pedro de Freitas Guimarães, existente em sua casa á rua do Rosario de João Pereira, os quaes, com illusorias ordens superiores, compellirão ao tenente Bernardo José de Noronha, que estava na guarda daquelle ponto, com a peça do seu commando, a avançar ás 8 horas da manhã em protecção daquelles.

Logo que se approximarão da igreja do Rosario forão aggredidos pelas avançadas do general Madeira, travando-se um renhido combate, lutando com forças superiores até o final desfeixo por não consentir o commandante do regimento a abertura do portão a seus commandados, que resolutos procuravão romper o obstaculo que se lhes antepunha em defesa de seus companheiros de armas prestes a succumbir! (133)

Pereira da Silva

(1819—1898)

João Manoel Pereira da Silva, nascido no Rio de Janeiro, formou-se em direito, em Pariz. A sua obra foi vasta, por elle mesmo systematisada em quatro series: *historicas*, comprehendendo varios volumes, entre os quaes: *Varões illustres do Brazil durante os tempos coloniaes. A historia e a legenda*, e *Historia da Fundação do Imperio Brazileiro*; *literarias*, entre as quaes, *Felinto Etysio e sua epoca*, etc.; *politicas*, onde estão os *Discursos Parlamentares*; e de *fantasia*, onde estão os romances e o seu poema *Gonzaga*. Foi deputado geral, senador do Imperio e membro da Academia Brazileira de Letras.

(133) *Historia do Brazil-Reino e Brazil-Imperio*, tomo I, Rio, 1871, pags. 128-129.

As finanças do Brazil

E' pessimo systema de partido e acto de pouco patriotismo desacreditar as finanças do seu paiz. Pode-se, deve-se mesmo censurar medidas e providencias, com que se não esteja de accordo, manifestar-lhes os defeitos, e apontar os remedios mais appropriados aos soffrimentos, que perturbam a situação, ou momentanea ou permanente. Constitúe tambem um feito criticavel o de inspirar-se pelo espirito da politica, quando se trata de questões economicas e financeiras, que a todos pertence e a todos interessam igualmente.

Apreciando nesta occasião a situação financeira actual e o emprestimo ultimo de 50.000:000$000 pedido ao paiz pelo nobre Sr. ministro da Fazenda, seguiremos unicamente os impulsos da convicção, illuminando-a com as noções e principios da sciencia. Não ha duvidar: as finanças do Brazil não se acham em estado agradavel. Vem o mal de trás e tem progredido sem que se lhe tenha applicado o remedio conveniente. Releva, porem, não desesperar com tão infausto presente. Para obter do futuro que se mostre favoravel, é dever nosso concorrermos todos, coadjuvando-nos e instruindo-nos mutuamente.

Enorme divida consolidada interna e externa consome-nos só em juros annuaes, pouco mais ou menos, a metade da renda nacional. A outra metade quasi

que se esvae nos dispendios com o pessoal empregado nas repartições publicas. Um deficit annuo excede constantemente a renda, e só póde ser saldado com recursos extraordinarios, que encarecem de continuo e multiplicam os sacrificios a que somos constrangidos, compromettendo cada vez mais o presente e o futuro.

Parae!—Eis a primeira voz que se deve levantar no paiz:—Estudae e reorganizae a administração, cortando todas as despezas dispensaveis, adiando todos os projectos e emprezas que não provarem já urgentes vantagens—cumpre ser a segunda exigencia publica—Apreciae as forças vivas e actuaes da nação, para as coadjuvar afim de não diminuirem, para as fomentar, afim de não extinguirem-se—será o terceiro brado necessario. (134)

Norberto de Souza

(1820—1891)

Joaquim Norberto de Souza Silva, nascido no Rio de Janeiro, foi um verdadeiro polygrapho, porquanto escreveu poesia, critica literaria, historia, novella e theatro. Para o theatro produziu: *Amador Bueno* e *Clytem-*

(134) *Revista Brazileira*, primeiro anno, tomo I, Rio, 1879, pags. 394-395.

nestra. Deu um volume de *Romances e Novellas*. A sua obra mais notavel foi, entretanto, o *Censo Geral do* Imperio, primeiro trabalho que tivemos no genero.

Ballata

Nasci, como ave marinha,
Sobre estas ondas do mar;
Na triste minha barquinha
Cresci da onda ao embalar.

Na minha infancia innocente
Por terras nuvens tomei,
E d'essa illusão contente
Mil vezes—Terra!—gritei.

Ao silvo da tempestade
As ondas via dansar,
Cheio de temeridade
Punha-me logo a rezar.

Amei a briza, que asinha
Foi-me tormenta cruel;
Amei a onda marinha,
Foi-me qual onda infiel.

Amei depois uma estrella
Que no ceu via brilhar,

Eu, inda mais grata e bella,
Sobre as aguas scintillar,

Na terra um dia encontrando
De meu amor lhe falei.
Porem á terra voltando
Em vão por ella busquei.

Mas ainda como estrella
No ceu a vejo brilhar,
Ou inda mais grata e bella,
Sobre as aguas scintillar.

Na minha patria inconstante,
No oceano, vou morrer,
Onde pousa a minha amante
Sobre as aguas vir me ver!... (135)

Sobre D. Barbara Heliodora

O coronel Ignacio José de Alvarenga, alma afinada pela lyra da poesia, jamais, deixou de cultivar o talento com que Deus o distinguira; porem sua esposa no meio de seus deveres caseiros, de sua missão de mãe, esqueceu-se de seus versos e votou-se de todo o coração á educação de sua filha Maria Ephigenia, tão formosa

(135) *Minerva Brazilienſe*, pag. 397.

aos doze annos que lhe deram o nome de princeza do Brazil, e essa antonomasia tornou-se popular.

Apesar da falta de recursos que havia no logar para uma educação acima da mediocre, D. Barbara Heliodora empregou todos os meios a seu alcance e a peso de ouro logrou que viessem se estabelecer na sua villa, junto do seu domicilio, os melhores mestres que existiam na capitania, e emquanto os filhos varões se entregavam aos brincos infantis, aos jogos pueris, pois eram ainda de tenra edade, a formosa menina estudava e se aperfeiçoava não só na sua lingua como nas estrangeiras e ainda nas bellas-artes; a dança, a musica, o desenho illustravam-lhe o espirito e lhe serviam de agradavel entretenimento. A' maneira, porem, que a distincta e virtuosa mãe redobrava de esforços e se extremava pela educação de sua filha, crescia-lhe o amor maternal, excedia-se em affeição, exaggerava os seus carinhos. Já não a amava, adorava-a e exigia dos mestres não só toda a paciencia como deferencia para com aquella que, dizia ella, devia ser tratada como princeza. (136)

Laurindo Rabello

(1820—1864)

Laurindo José da Silva Rabello, nascido no Rio de Janeiro, doutorando-se em medicina, entrou para o exer-

(136) *Brazileiras celebres*, pags. 184-185.

cito e foi professor da Escola Militar. Passou, ainda assim, a vida em extrema penuria, jamais abandonando a satyra, que manejou poderosamente. Foi um grande elegiaco.

A' Bahia

I

Se o trovador, que outr'ora.
Como filho querido, nos teus braços
Amorosa apertaste,
De ti merece ainda uma lembrança,
Patria, querida patria da minha alma,
Terreno abençoado onde, aos milhares,
Prantos que derramei brotaram risos,
Recebe neste canto um reverbero
Das chammas da amisade
Eterna que por ti arde em meu peito.

II

Ao lindo sol da gloria, que teus campos
Liberal fertilisa,
Minha primeira luz não deve os raios,
Nem teus jardins me deram
Flôres com que adornasse o pobre berço;
Lá das campinas tuas não medimos

Nem eu, nem socios meus, brincando alegres,
Velocidade e forças
Na carreira e nas luctas esforçados:
As mal pronunciadas
Preces minhas sumir-se no infinito
Não foram do teu ceo, quando cansada
A Tarde no Occidente despe a purpura
Que o Nascente lhe deu, chamando-a—Aurora;
Nessa hora, em que a briza da saudade
Suspiro da saudosa Natureza,
Com brando movimento agita as folhas
Extremas do arvoredo, os passarinhos
Volvem aos ninhos apressados vôos,
E dubia luz, com trevas misturada,
Pouco a pouco se esvae entre as cinzentas
Montanhas vaporosas; nessa hora,
Em que todo o universo, extasiado
N'um culto involuntario,
Parece ver passar o Anjo do Tempo,
Que vae, guarda da terra, a Deus dar conta
Dos trabalhos diurnos; nessa hora,
Em que a melancolia afaga os peitos,
Em que a alma se contrahe ouvindo a quéda
Do pó que mede a vida,
E, transido de magoa, o campanario
Deixa cahir as lagrimas metallicas
No sepulcro do dia.
Amei onde nasci. Essa esperança

Tão doce e feiticeira
Que na edade viril desponta n'alma;
Essa ideia de fogo, onde releva
A mão da phantasia imagem de anjo
Que nos seduz e arrasta,
Tive-a no meu torrão. O mesmo astro
Que no berço me viu, viu meus amores.
O ameno Mon-Serrate, a fresca Barra,
O mistico Bomfim não asylaram
Meus primeiros segredos de ternura;
Essa historia de enleios toda guardam
Amigas margens do meu patrio Rio,
Que até no curso rapido desenha
A rapidez das ditas,
Do gozo, do prazer que tive nella.
O nascimento, a infancia,
Os primeiros amores,
Não, não te devo a ti, terra querida;
Mas a divida immensa
Deste amor desvelado que me déste,
Sem temor de baixeza, me consente
Chamar-te—minha patria.

III

Quando, pela desgraça arremessado
No solo teu, sem nome, pobre enfermo,
Quasi a esmolar um pão, busquei teus filhos,
Illesos do desprezo que aos felizes

A desgraça suggere,
Irmãos, não só amigos,
Pais, não só protectores me abraçaram;
As portas da sciencia,
Que a chave da indigencia me fechára,
Tuas mãos generosas
Abriram francas a meu livre ingresso;
E a vida almejavas ver-me o termo
Da difficil viagem,
Enxugar-me na fronte illuminada
O suor da fadiga,
E a corôa de espinhos
Que a sorte me cingiu tornar de louros.

IV

O Berço do nascimento
Ou em palacio opulento
Trajando a gala real,
Ou cama de palhas feita
Onde a escrava o filho deita
Enrolado no sendal;
O Céo que a primeira prece,
De tarde ou quando amanhece,
A criança ouvia rezar,
Quer puro, e ledo sorrindo,
Quer furioso bramindo,
Fuzilando a trovejar;
O logar onde primeiro

O coração todo inteiro,
Amor dizendo, se abriu;
Prado florente e risonho,
Ou valle escuro e medonho,
Que sangue humano tingiu;
A patria, emfim, tem encantos,
Tão seductores e tantos,
Que não se póde vencer!
E' uma visão divina,
Que a vida nos illumina,
E nos segue até morrer;
Mas tambem o porto amigo
Onde nos braços comsigo
A amizade nos levou,
E d'alma, toda chagada,
As feridas consternada
Uma por uma curou;
Onde dextras apertamos
Em que pasmados achamos
O calor só natural
A chamma que o céo atêa,
Quando vêa, sobre vêa
Sente sangue paternal;
Essa terra bemfazeja,
Inda que patria não seja,
Igual attractivo tem;
E o estranho protegido
Pode, sendo agradecido,

Chamal-a patria tambem.
Lisonja, adulação, alcunhe embora,
O vulgo o puro amor que te consagro,
O culto que te rendo;
Recebeste o meu pranto no teu seio,
Da fortuna engeitado perfilhaste-me
Patria, teu filho sou, e assim te adoro. (137)

Joaquim Manuel de Macedo

(1820—1882)

Joaquim Manuel de Macedo, nascido em Itaborahy (Rio de Janeiro), doutor em medicina, professor do Collegio de Pedro II, e deputado geral, mais do que tudo isso foi poeta, romancista e theatrurgo, podendo, como tal, ser posto ao lado de Martins Penna. Dos seus romances deram-lhe nome immortal: *A moreninha*, *O moço loiro*, *A Baroneza do Amor* e *Nina*. Do seu theatro, apontam-se como as mais importantes peças: *O Phantasma Branco*, e *Cincinato quebra-louças*. E *Nebulosa* é a sua principal obra poetica.

(137) *Obras poeticas*, de Laurindo José da Silva Rabello, pags. 154 a 159.

A Nebulosa

Fragmento

Como duas columnas de guerreiros
Gigantes feros, que avançando irados
Param ambas a um tempo antes da luta,
Deixando ao turvo olhar espaço breve,
Duas filas de rochas escarpadas
Tinham, rasgando o pélago raivoso,
Frente a frente estacado. Inabalaveis
Os pés fincavam no profundo abysmo,
E em suas frontes remoinhavam nuvens,
Quaes de vingança tenebrosos planos.
Curta passagem concedida ás aguas
Entre os petreos colossos s'estreitava;
Fóra rugia o mar, e alem das rochas
Mansa e bella enseiada se escondia;
Pela estreita garganta s'escoavam
Para o seio abrigado ondas serenas
Do oceano traidor fugindo a medo,
Como piedosas inspiradas virgens,
Que do mundo escapando, o claustro asylo
Dentro estava a enseada; em frente as rochas
Como atalaias de mansão vedada;
Niveas praias, que as ondas galanteam,
Os flancos lh'engraçavam; densos bosques,
Florestas seculares, altos montes,

A campinas ridentes succedendo,
Por encantada terra s'entranhavam,
No sitio infiltra a solidão magias;
Breves passos do mar via-se apenas
De um pescador cabana preguiçosa.
E ali por entre as ondas se desdobra,
Qual um Tritão que debruçado aferra,
Meio n'agua submerso e todo em somno,
Longo espinhaço de troncada rocha.
Pára no meio de outros que o semelham
Peças mil que ou d'essencia são vizinhos,
Ou já penhasco enorme um só formaram,
Que o tempo em cem penhascos dividira;
Mais alto do que os outros, sobranceiro
Ao pégo, que raivoso aos pés lhe atira
Ondas bravas de colera espumando,
Um rochedo elevado, aspero e negro,
Velho pae de familia de granito,
Audaz se arroj' á frente, o vulto eleva
Sobre o mar que a rugir lhe açoita as plantas,
Emquanto afogam-lhe o cabeço as nuvens. (138)

O saráo de Thomazia

Este mundo é um grande campo, esta vida uma longa batalha, mercê de quem, todos se combatem, embora a cada especie e ainda a cada sexo caiba o seu

(138) Do poema *A Nebulosa*.

genero de peleja particular, assim como a cada classe sua estrategia peculiar. Os homens que têm para si tomado o que ha de mais grave, e talvez de mais difficil na ordem da sociedade, se dão batalha por diversos modos: e pois o politico se bate no parlamento, e nas ante-salas de palacio; o diplomata nos brilhantes salões; o literato no prélo; os artistas nas exposições, etc. As senhoras não podião deixar de ter no mundo o seu campo de guerra; ellas o têm: o mote de todas é um só—quero agradar—,e o triumpho de uma significa a derrota de todas as outras

Ellas pelejão, mostrando-se. No theatro ellas pelejam, mas no theatro só são vistas por metade: no passeio ellas pelejão, mas no passeio só de relance se mostrão: seu grande campo é pois a noite de saráo. Então desde a flôr do cabello até o bico do sapato tudo se ostenta. Então se luta; luta-se uma noite inteira espirito contra espirito, gracejo contra gracejo, ironia contra ironia; então se oppõe seda a seda, joia a joia, brilhantismo a brilhantismo, então se dança e se canta, se olha e se sorri, se falla e suspira com estudo, com arte e intenção. Uma flôr vale ali uma espada, uma amiga serve ás vezes de escudo, um leque póde fallar de longe, um lenço branco vale mais que tudo isso.

E a batalha é geral: não ha camarada, nem parenta, que não possa ser uma rival; ás vezes é uma prima, uma irmã mesma a inimiga, a quem se hostiliza, a quem

se não dá treguas, a quem se faz opposição na sala e se persegue até no *toilette*.

E o triumpho?... o triumpho está na imaginação: ao entrar no carro, ao apoiar-se d'ella em casa, ao despir seus atavios, que forão suas armas, ao deitar-se no leito de repouso, a moça suspira fatigada, e diz—agradei—! Eis sua victoria.

Pois uma dessas interessantes batalhas, em que damas são lidadoras, e armas os encantos d'ellas, se dava com vigor em casa de Venancio. (139)

Goncalves Dias

(1823—1864)

Antonio Gonçalves Dias, nascido no Maranhão, estudou na universidade de Coimbra. De seu valor poetico diz Sylvio Roméro: «Neste extraordinario mestiço todas as cordas da lyra vibraram unisonas. Fundo e fórma, a natureza e o homem, vida civilisada e vida selvagem, scenas das cidades e scenas da roça, tudo, tudo se apurou e refulgiu, passando pela voz desse vate insigne.» Deixou larga producção: *Marabá*, *Mãe d'agua*, *Leito de*

(139) *O moço loiro*, romance, tomo I, pags. 147-148.

folhas verdes, *Gigante de Pedra*, *Y-Juca-Pirama*, *Tymbiras*, *Sextilhas de Frei Antonio*, alem de muitas peças de theatro e trabalhos outros de prosa. Morreu de um naufragio, na barra do Maranhão. Foi um grande romantico, por vezes dedicando-se ao indianismo reinante.

Posseidon

Sobre o mar que sem fim se desdobrava
Tremia a luz do sol; no porto, ao longe
Branquejava o navio
Que transportar-me deveria á Patria.

Não era o vento de feição. Tranquillo
Sentava-me eu nas dunas alvejantes
Na solitaria praia
A ler os cantos da Odyssea, os carmes
Antigos, mas eternamen tebellos
D'immortal juventude, e dessas folhas
Do salitre das ondas salpicadas
Subia-me risonho
O halito dos Deoses,
A primavera esplendida da vida,
E do Hellas o céo resplandecente.

Meu nobre coração acompanhava
Nos seus errores e afflições o filho
Prudente de Laerte; de tristezas

Cortado, e cabisbaixo, junto d'elle,
No lar hospitaleiro,
Onde as rainhas purpura fiavão,
Sentava-me, ajudando-o nas mentiras,
E a esquivar ditoso
Braços de nymphas, covas de gigantes
Acompanhava-o na cymerea noite
Por entre tempestades e naufragios
E soffria miserias indiziveis!

E suspirei: Quanto és cruel, Posseidon!
Tremenda é tua colera!
E a mim proprio me anceia
O meo retorno á Patria!

Mal proferira estas palavras, quando
O mar de luz espuma,
E d'entre as brancas ondas vai surgindo
Do Deus do mar a fronte
C'rôada de caniços,
E diz-me zombeteiro:

De mim nada receies, poetastro,
Em caso algum injuriar desejo
O teu pobre chaveco,
Nem anciar teos preciosos dias
Com balanços por demais medonhos;
Pois tu, meu bom poeta,
Nunca contra ti me encheste d'ira,

Nem uma torre só, nem a somenos
De Priamo alluiste,
Nem trepaste de Troya os sacros muros,
Nem um só cabellinho sapecaste
Dos cilios de meo filho Polyfemo,
E nunca sobretudo protejeste
Rica de bons conselhos
Palas Athene, Deosa da Prudencia!
Assim fallou Posseidon,
E assim fallando se afundou nos mares;
Mas ás grosseiras chufas do marujo
Por debaixo das ondas
Amphitrite, a divina regateira,
E as parvoas filhas de Nereo—se rirão! (140)

Uma scena do "Leonor de Mendonça"

(Scena IV)

LAURA

Emfim, eis-me aqui!

O VELHO ALCOFORADO

Boa noite, Laura.

---

(140) *Poesias posthumas*, pags. 95 a 97.

LAURA

A vossa benção, meu pai.

O VELHO ALCOFORADO

Deos te abençõe filha. Pois sahiste á deshoras sósinha?

LAURA

Levei commigo a velha Martha, e o nosso velho criado nos acompanhava.

O VELHO ALCOFORADO

E onde foste?

LAURA

Primeiro á sepultura de minha mãe!

O VELHO ALCOFORADO

Boa filha! não te esqueceste que amanhã é o dia de finados! E depois?

LAURA

Fui visitar as minhas amigas para lhes dizer que o nosso Antonio se partia amanhã. Talvez me demorasse mais tempo; mas como pensei que estaveis cá sem mim, voltei mais que depressa para a vossa companhia.

O VELHO ALCOFORADO

E Deos sabe quão pesada me seria a velhice sem ti, minha Laura! Os meus ouvidos já se fizeram a ouvir a tua voz affectuosa, e os meus olhos descançam com prazer sobre o teu rosto. E's boa filha, Laura.

LAURA

Sois vós que sois bom pai!

O VELHO ALCOFORADO

E porque não bom amigo?

LAURA

Oh! e um amigo bem indulgente... Não dizes nada, Antonio?

ALCOFORADO

Que te direi eu minha irmã?

LAURA

Não ouvis que pergunta é aquella, meu pai!

O que me dirás tu? Que tens muita pena de nos deixar, e que voltarás bem depressa para a nossa companhia.

ALCOFORADO

Boa irmã! Sentirás muitas saudades minhas?

LAURA

Muitas. (*Mais baixo*) Antonio não sejas temerario; não morras por lá!

ALCOFORADO

Terias muito pezar?

LAURA

Talvez te não sobrevivesse.

O VELHO ALCOFORADO, *severo.*

Laura!

LAURA, *ajoelhando-se.*

Perdão!

O VELHO ALCOFORADO

Só o pobre velho é que não precisa de nenhum dos seus filhos bem amados que lhe cerre os olhos na sua hora derradeira!

LAURA

Perdão, meu pai! Vós sois forte e prudente, e não soffrereis com a morte de dois dos vossos filhos que se esquecerem de vós para só cuidar de si.

O VELHO ALCOFORADO

Ingrata! de que me servirá a minha prudencia contra o esquecimento de meus filhos?... De que me servirá a minha força, quando não fôrdes todos em redor de mim, vós que fortaleceis a minha velhice, e que sois a minha só consolação?... Porem de que me queixo eu?.. O bom filho é aquelle que trata a seu pae com respeito, que o não ame, pouco importa.

ALCOFORADO

Sois injusto, meu pai!

O VELHO ALCOFORADO

Tendes razão, Antonio; eu me esquecia de vós. Seja Deos louvado, que ainda tenho um filho!

LAURA

Meu pai, olhai para as minhas lagrimas, e vêde se ellas não merecem compaixão!

O VELHO ALCOFORADO

Eis-me tambem a chorar como uma criança. Levanta-te, filha: o pobre velho tresvariou com as vossas palavras loucas e fui injusto para comtigo. Tu és uma bôa filha e amas bem a teu pai!

LAURA

De todo meu coração.

O VELHO ALCOFORADO

E em todo tempo te has de lembrar que elle precisa da tua vida nos poucos dias que lhe restam para vegetar sobre a terra, não é assim?

LAURA

Sim, bom pai.

O VELHO ALCOFORADO

Deos foi misericordioso para commigo. Lédo e tranquillo, são de corpo e de espirito, vou caminhando para a eternidade acalentado pela voz de meus filhos. O prazer que desfructo é precursor da vida celeste, e a minha velhice é a aurora da bemaventurança. Louvado seja o Senhor! (141)

Bernardo Guimaraes

(1827—1885)

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, nascido em Minas Geraes, passou a vida em bohemia, causa, talvez, de seu profundo lyrismo, que teve varios aspectos; phi-

(141) Do drama *Leonor de Mendonça*, acto II scena IV. Transcripto do volume *Theatro*, das *Obras Posthumas* de Gonçalves Dias, pags. 204 a 208.

losophico, naturalista, amoroso e humorista. E assim foi poeta, e assim foi romancista. São muito populares os seus tres romances: *O seminarista*. *Isaura ou a escrava fugida*, e *O garimpeiro*. Foi um dos mais genuinos escriptores brazileiros.

Soneto

Eu vi dos polos o gigante alado,
Sobre um montão de pallidos coriscos,
Sem fazer caso dos bulcões ariscos,
Devorando em silencio a mão do fado.

Cinco fatias de tufão gelado,
Figuravam na mesa entre os petiscos
Envolto em crepe de fataes rabiscos
Campeava o sophisma ensanguentado.

Quem és? Que assim me cercas de episodios
Lhe perguntei com voz de syllogismo,
Brandindo um facho de trovões serodios!

Eu sou, me disse, aquelle anachronismo
Que a vil caterva de sulphurios odios,
Nas trevas sepultei de um solecismo. (141 bis)

(141 bis) Dos *Sonetos Brazileiros*, de Laudelino Freire.

A Cavalhada

A villa do Patrocinio está em uma das mais lindas e apraziveis situações. Occupa o alto e os lançantes de uma collina de pendor suave, encostada de um lado ao topo de uma serra, e gozando pelos outros lados da mais risonha e extensa perspectiva, de largos e formosos horizontes.

Nas vesperas da festa, a que nos reportamos (ha de haver mais de viute annos), a alegre e faceira villa estava mesmo louçã e garrida, como menina da roça, que se enfeita com alegre soffreguidão para ir á festa na povoação visinha. As fazendas e arraialetes, num raio de leguas em redor, tinham ficado despovoados. As casas da pequena villa já não eram sufficientes para accomodar tanta gente; os ranchos improvisados e cobertos de capim; as barracas e os carros de bois, outras barracas ambulantes, com seu toldo de couro, agrupados em desordem pelas campinas e vargedos visinhos, abrigavam uma multidão de familias sertanejas, que ao sol sempre brilhante daquellas paragens, onde se desconhecem as neblinas e aguaceiros, alardeavam seus vestidos de côres vivas e variegadas, seus grossos rosarios e trancelins de ouro com pesados relicarios e medalhas pendentes do pescoço, derramando-se pelo seio com incrivel profusão. Os rapazes montados em lindos poldros ou em possantes

mulas ajaezadas de prataria, as esporeavam pelas ruas, procurando fazer admirar as excellentes qualidades de suas cavalgaduras, e o seu desempeno e galhardia em dirigil-as. As violas, violões e guitarras resoavam por todos os cantos daquella villa que sempre foi notavel por seu gosto pelas symphonias e serenatas.

A arena ou circo, em que se deviam correr as cavalhadas, era no meio do largo da Matriz, em uma esplanada que fica na parte mais eminente do outeiro em que está situada a villa. Era um arco circular de cento e vinte passos, mais ou menos, de diametro, em torno do qual os particulares iam construindo em desordem e sem symetria alguma seus palanques toldados e guarnecidos em roda de colchas de damasco, de seda e de chita de variadas e brilhantes côres.

Dois dias antes da festa, á tarde, fazia sua entrada na villa pela estrada do sertão uma familia, que entre outras muitas que iam chegando, attrahiu particularmente a attenção do povo que vagava pelas ruas, e que se apinhava pelas portas e janellas. Era um homem idoso, tendo a seu lado uma joven e gentil cavalleira, que cavalgava com summa graça um lindo ginete branco, uma menina de nove a dez annos, e alguns pagens e mocamas a cavallo. (142)

(142) Do romance *O Garimpeiro*, II, pags. 16 a 18.

José de Alencar

(1829—1877)

José Martiniano de Alencar, nascido no Ceará, está ao lado de Gonçalves Dias, no romantismo brazileiro. Produziu uma vasta obra em vinte e cinco annos de trabalhos. Preoccupou-se muito com as fulgurações de seu estylo, quer no romance, onde produziu: *Sonhos de ouro*, *Pata da gazela*, *Diva*, *Luciola*, *Senhora*, *Til*, *Tronco do Ipé*, *Guarany*, *Minas de Prata*, *Iracema*, *Ubirajára*, *Encarnação*, *Cinco minutos*, *Viuvinha*, etc; quer na poesia, onde produziu *Filhos de Tupan*, etc.; no theatro, *Mãe*, *Verso e reverso*. *O demonio familiar*, etc.; quer nas chronicas e folhetins, *Ao correr da penna*, *Cartas de Erasmo*, etc. A sua carreira politica foi das mais brilhantes, obtendo, aos trinta annos, o titulo de Conselho. Sobre a sua personalidade está publicada excellente monographia de Araripe Junior.

Os filhos de Tupan

(*Fragmento*)

IV

No mesmo sitio, firme e incombalido,
Delubro de granito ali resurto,

O passo não promove, nem retrae
Iruama. A seus pés curva-se a morte
Em pilhas de inimigos que convulsam,
Negra e funebre pompa, lhe esvoaça
Sobre a cabeça a nuvem dos abutres
De carniça famintos. Lassa e inerte
De malferir na clava pousa a dextra.

Como sinistro queda o Chimborazo
Depois que vomitou rios de chammas:
Em braza coalha a fluida lava ardente
Pela escarpada encosta; o grosso rolo
Do espesso fumo da cratéra exhala
E prestes a romper do seio ignivomo
Nova explosão lhe ferve nas entranhas:
Tal queda em guerra o abaetê sinistro.

Surdo tremor de terra vem rolando.
E' do Oromo o tropel; levanta ao longe
Escuro turbilhão. Figura nuvem:
Mais perto é serra; e mais, hirsuta brenha;
Agora monstro horrendo de mil frontes.
Já se diviza emfim senho de povo.
Mariraca assomou, prosegue, avulta.

Como o gallo da serra o grito solta
E arranca sobre a fera que o perturba,
Contra o fero varão, Cambir investe
Por entre a chusma. A setta do seu arco

Passou lanhando a face do guerreiro.
Qual importuna vespa o Oromo a enxota
E medonho sorri. Treme Cendira
Pelo filho; arremette céga e rabida,
Cobrindo-o com o seu corpo ao prompto golpe,

Que desce já, zunindo pelos ares.
Mas o braço potente alça Iruama
Filho e mãe de improvizo arrebatados
Roçam-lhe a calva, galgam-lhe as espaduas
De um só revez da mão varrendo a turba
O chefe avança emfim. O Oromo estaca. (143)

Scena intima

Eram onze horas da manhã.

Amelia estudava ao piano os exercicios de Herz. As janellas cerradas deixavam entrar frouxa a claridade, coada pela cassa transparente das cortinas.

Nesse crepusculo artificial, a belleza da moça tomava uns tons suaves e meigos, que mais seduziam.

Os lindos cabellos ainda humidos do banho, cobriam-lhe as espaduas de uma tunica de veludo castanho. O bajo de casa que trazia no seu desalinho matutino,

---

(143) Transcripto da *Revista da Academia Brazileira de Letras*, anno II, num. 3, pags. 11-12, Rio, 1911

conchegado á cutis, coloria-se com os reflexos rosados do collo mimoso.

Tanta graça e formosura, realçadas pela singeleza do trajo e pela naturalidade da posição ficavam ali occultas na doce penumbra da sala e recatadas á admiração. A's duas horas Amelia costumava subir á sua alcova para se pentear; e o gracioso desalinho desapparecia, substituido por um trajo mais apurado e elegante. Era a flor singela que o vento desfolha na matta, e passa ephemera e desconhecida.

Tantas moças despendem um avultado cabedal de sorrisos, de olhares e gestos, e põem em contribuição a sêda, a renda e a moda para realçarem sua formosura! Mal sabem, entretanto, que nunca são ellas tão bonitas e feiticeiras como em certo momento de seductora negligencia, quando parece que a belleza desabrocha de seu gracioso botão.

A porta da sala abriu-se, e deu entrada ao Sr. Salles Pereira.

O aspecto do negociante era grave; mas da gravidade serena que annuncia uma preoccupação agradavel. Trazia nas mãos uma carta aberta. Amelia assustou-se vendo entrar na sala o pai, que ella suppunha na cidade. Como todos os negociantes, o Sr. Salles Pereira passava a manhã em seu escriptorio; partia logo, depois do almoço e só voltava á hora do jantar. A sorpreza da moça era pois natural.

—Ah! papae! exclamára ella, voltando-se ao rumor da porta. Já veiu do escriptorio?

—Ainda não fui; respondeu Salles Pereira sorrindo. Recebi uma carta, que me obrigou a demorar-me até agora para conversar com tua mãe e... comtigo, a quem o objecto mais interessa.

—A mim? O que será, papae? Algum convite de baile?

—Lê, disse o negociante apresentando-lhe a carta.

Amelia correu os olhos pelo papel, e seu rosto cobriu-se de vivos rubores. O coração palpitava-lhe com tanta força que debuchava no linho o contorno dos lindos seios.

A carta era de Horacio que pedia ao negociante a mão da filha. (144)

A hospitalidade

O sol já descia para as montanhas quando terminou a festa da hospitalidade na cabana de Itaquê.

Os moacaras partiram. Itaquê voltando á sua occupação, deixou o hospede senhor de sua vontade para fazer o que lhe agradasse.

Vieram os jovens pescadores da taba com os anzóes e gequis saber do hospede que peixe elle preferia.

---

(144) De *A pata da gazella*, XI, pags. 109 a 111.

Depois delles chegaram os jovens caçadores que antes de partir para a floresta vinham receber os desejos do hospede.

Por fim approximaram-se as mulheres que já tinham rompido o fio da virgindade, mas não eram nem esposas, nem amantes de guerreiros.

Essas eram as mulheres livres, que davam seu amor e o retiravam quando queriam, mas não recebiam a protecção de um guerreiro nem podiam jamais ser mães da prole.

Os filhos concebidos no proprio seio só tinham por mãe a esposa, que o guerreiro tomou por companheira de sua existencia e raiz de sua geração.

O rito da hospitalidade entre os filhos da floresta manda que se dê ao estrangeiro amigo tudo que deleita ao guerreiro.

Por isso vinham as moças offerecer a Jurandyr sua belleza, para que elle escolhesse entre ellas uma companheira, que partilhasse sua rêde na cabana hospedeira.

Todas se tinham enfeitado com seus mais bellos ornatos, para agradar aos olhos de Jurandyr; pois não havia para ellas maior gloria do que a de merecer o amor do extrangeiro.

Umas traziam as tranças urdidas com pennas vistosas dos passaros de sua predilecção; outras haviam per-

fumado da essencia do sassafraz os cabellos soltos, que derramavam sua fragancia ao sopro da brisa.

Chegando diante do estrangeiro, começaram uma dansa amorosa para mostrar a graça de seu corpo. Aquellas que tinham a voz doce cantavam em louvor de Jurandyr.

Aracy fôra buscar seu balaio de palha vermelha, e sentára-se no terreiro, junto á porta da cabana. Seus dedos ageis enfiavam as sementes de jequerity, de que fazia um ramal para seu collo gentil.

Emquanto compunha o collar, a virgem percebia que os olhos de Jurandyr abandonavam os encantos das mulheres, e buscavam seu rosto.

Mas ella voltava-se para a floresta; com o trinado de seus labios chamava o crajuá, que voava no olho da palmeira. O passarinho illudido vinha, cuidando ouvir o canto da companheira.

Jurandyr apartou as mulheres e disse:

—As moças tocantins são formosas, qualquer d'ellas alegraria o somno do estrangeiro. Mas Jurandyr não veiu á cabana de Itaquê para gozar do amor de uma noite; elle veiu buscar a esposa que ha de acompanhal-o até á morte, e a virgem que escolheu para mãe de seus filhos.

Quando Aracy ouviu estas palavras cobriu-se de sorrisos, como o guajerú se cobre de suas flores alvas e perfumadas com os orvalhos da manhã.

Jurandyr voltou-se então para a virgem caçadora:

—Estrella do dia, Aracy, conduze-me á presença de Itaquê. E' tempo que elle saiba o segredo do estrangeiro.

—Os sonhos disseram a Aracy duas noites seguidas, que o joven caçador chegaria á cabana de Itaquê; ella te esperou. Quando os meus olhos te viram sentado entre os moacaras, logo conheceram que tu vinhas buscar a esposa.

O estrangeiro respondeu:

—Jurandyr chegou á taba dos seus, e recebeu um nome de guerra e o grande arco de sua nação. Mas a cabana do chefe estava deserta; e sua rêde não lhe guardou o somno tranquillo do guerreiro. Elle ouviu tua voz que o chamava virgem tocantim, e ergueu-se; tua luz o guiou filha do sol, e o trouxe á tua presença. (145)

Alvares de Azevedo

(1831—1852)

Manoel Antonio Alvares de Azevedo, nascido no Rio de Janeiro, estudou direito em São Paulo, e, apezar

(145) Do *Ubirajára*, cap. IV, pags. 68 a 71.

de ter vivido muito pouco, foi um dos maiores vultos do romantismo brazileiro. O seu tom principal foi a melancolia, que se derramou largamente em todas as producções da sua *Lyra dos vinte annos*, bem como no *Poema do frade* e outros escriptos. Deixou um drama—*Macario*—e uma fantasia literaria, muito querida e muito lida, que é a *Noite da Taverna*. Chama-se *byronismo* o processo de que usou, especialmente dessa ultima producção. E' conhecida a sua ultima phrase de moribundo: «Que fatilidade, meu pai!»

Soneto

Pallida, á luz da lampada sombria,
Sobre um leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ella dormia!

Era virgem do mar, na escuma fria
Pela maré das aguas embalada...
Era um anjo entre nuvens d'alvorada,
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bella! o seio palpitando ..
Negros olhos, as palpebras abrindo...
Formas núas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti as noites eu velei chorando,
Por ti nos sonhos morrerei sorrindo! (146)

Uma noite do seculo

—Silencio, moços! acabai com essas cantilenas horriveis! Não vêdes que as mulheres dormem ebrias e macilentas como defuntos? Não sentis que o somno da embriaguez peza negro n'aquellas palpebras onde a belleza sigillou os olhares da volupia?

—Cala-te, Johann! emquanto as mulheres dormem e Arnold—o louro, cambalêa e adormece murmurando as canções de orgia de Tieck, que musica mais bella que o alarido da saturnal? Quando as nuvens correm negras no céo como um bando de corvos errantes e a lua desmaia como a luz de uma lampada sobre a alvura de uma belleza que dorme, que melhor noite que a passada ao reflexo das taças?

—Es' um louco, Bertram! não é a lua que lá vai macilenta: é o relampago que passa e ri de escarneo ás agonias do povo que morre...aos soluços que seguem as mortualhas do cholera!

—O cholera! e que importa? Não ha por ora vida bastante nas veias do homem? não borbulha a febre ainda

---

(146) Da primeira parte da *Lyra dos vinte annos*.

ás ondas do vinho? não reluz em todo o seu fogo a lampada da vida na lanterna do craneo?

—Vinho! vinho! Não vês que as taças estão vazias, e bebemos o vácuo como um somnambulo?

—E' o Fichtismo na embriaguez! Espiritualista bebe a immortalidade da embriaguez!

—Oh! vazio! meu copo está vazio! Olá, taverneira, não vês que as garrafas estão exgotadas? Não sabes, desgraçada, que os labios da garrafa são como os da mulher: só valem beijos emquanto o fogo do vinho ou o fogo do amor os borrifa de lava?

—O vinho acabou-se nos copos, Bertram, mas o fumo ondula ainda nos cachimbos! Após dos vapores do vinho, os vapores da fumaça! Senhores, em nome de todas as nossas reminiscencias, de todos os nossos sonhos que mentirão, de todas as nossas esperanças que desbotarão, uma saúde! A taverneira ahi nos trouxe mais vinho: uma saúde! O fumo é a imagem do idealismo, é o transumpto de tudo quanta ha mais vaporoso n'aquelle espiritualismo que nos falla da immortalidade da alma! e pois, ao fumo das Antilhas, á immortalidade da alma!

—Bravo! bravo!

Um urrah triplice respondeu ao moço meio ebrio. (147)

(147) Obras de Manoel Antonio Alvares de Azevedo, tomo terceiro, pags. 331 a 338.

Junqueira Freire

(1832—1855)

Luiz José Junqueira Freire, nascido na Bahia, teve a existencia de vinte e tres annos dados os seus ultimos tempos á vida monastica. Foi um excellente lyrista, e das suas producções ha algumas de apreço: *Porque canto*, *Meu filho no claustro*, *A flor murcha no altar*, *A orpham na costura, etc.* Caiu como uma victima de sua educação.

A orphã na costura

Minha mãe era bonita
Era toda a minha dita
Era todo o meu amor.
Seu cabello era tão louro
Que nem uma fita de ouro
Tinha tamanho esplendor.

Suas madeixas luzidas
Lhe caiam tão compridas
Que vinham-lhe os pés beijar:
Quando ouvia as minhas queixas,
Em suas aureas madeixas
Ella vinha-me embrulhar.

Tambem quando toda fria
A minha alma estremecia,
Quando ausente estava o sol,
Os seus cabellos compridos,
Como fios aquecidos,
Serviam-me de lençol.

Minha mãe era bonita
Era toda a minha dita
Era todo o meu amor.
Seus olhos eram suaves,
Como o gorgeio das aves,
Sobre a choça do pastor.

Minha mãi era mui bella,
Eu me lembro tanto della,
De tudo quanto era seu!
Tenho em meu peito guardadas
Suas palavras sagradas
Co'os risos que ella me deu.

Os meus passos vacilantes
Foram por largos instantes
Ensinados pelos seus.
Os meus labios, mudos, quedos,
Abertos pelos seus dedos,
Pronunciaram-me:—Deus!—

Mais tarde—quando acordava,
Quando a aurora despontava,

Erguia-me sua mão,
Falando pela voz della,
Eu repetia, singela,
Uma formosa oração.

Minha mãe era mui bella,
—Eu me lembro tanto della,
De tudo quanto era seu!
Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era tudo e tudo meu.

Estes pontos que eu imprimo
Estas quadrinhas que eu rimo,
Foi ella que me ensinou,
As vozes que eu pronuncio
Os contos que eu balbucio,
Foi ella que m'os formou.

Minha mãe!—diz-me esta vida,
Diz-me tambem esta lida
Este retroz, esta lã!
Minha mãe!—diz-me este canto;
Minha mãe!—diz-me este pranto;
Tudo me diz:—Minha mãe!

Minha mãe era mui bella.
—Eu me lembro tanto della,
E tudo quanto era seu!

Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era tudo e tudo meu. (148)

Agrario de Menezes

(1834—1863)

Agrario de Souza Menezes, nascido na Bahia, viveu para o theatro e morreu no theatro, porque não só em vinte e nove annos escreveu cerca de vinte peças theatraes, como tambem morreu repentinamente, no Theatro São João, da Bahia. Era formado em direito. Das suas peças são reputadas melhores: *Calabar; Os miseraveis; A festa do Bomfim*, etc. Sylvio Roméro dil-o o «primeiro dos nossos dramatistas de segunda ordem».

Uma scena de "Os Miseraveis"

Satyro, *entrando e cortejando.*—Meus senhores... (*Nenhum lhe dá attenção. Adeanta-se para o balcão*) Vende aqui a constituição politica do imperio?

(148) Transcripto de *Os annaes*, num. 92, anno 3.°, do Rio, 1906, pags. 461.

Braulio.—Qual imperio?...

Satyro.—Do Brazil.

Braulio.—Não vendo, não.

Satyro.—Que me diz, homem?

Braulio.—Digo-lhe que ninguem a compra. E' hoje uma obra desacreditada e que está fóra da moda.

Satyro.—E aonde haverá della, sabe dizer-me?

Braulio.—No Brazil ha de ser difficil achal-a.

Satyro.—Pois bem: mandarei ver si se encontra na Europa a tal constituição brazileira. Diga-me mais: tem os *Amores de Ovidio*?

Braulio.—Tenho, sim, senhor... (*Tira da estante um volume e dá-lhe*).

Satyro.—*abrindo o livro*: —Dizem-me que isto é divertido... (*Lê o livro*).

Braulio.—Divertido e moral.

Satyro.—Oh! E' ouro sobre azul!... (*Pausa*). Mas, meu amigo, em que lingua está escripto esta obra? Parece-me inglez...

Braulio.—E' latim, sr. Padre.

Satyro, *disfarçando*.—Ora... Ora!... Onde estava eu que nem reparei neste *ego*!... (*Restitúe o livro*). Está bom; já vi: não me serve. Vamos a outra parte. Tem as

ultimas poesias de Bocage?... Mas olhe que quero em portuguez...

BRAULIO.—Não, senhor, não tenho.

SATYRO.—Tem o *Retrato de Venus?*

BRAULIO.—Tambem não; mas tenho o livro de um celebre cavalheiro...

SATYRO.—Que obra é esta?

BRAULIO.—E' uma obra muito orthodoxa e sentimental. V. Revma. quer?...

SATYRO.—Sendo assim, venha.

BRAULIO.—Aqui está (*Dá-lhe o livro*)

SATYRO, *abrindo o livro.*—Tem estampas?

BRAULIO.—E muito finas.

SATYRO, *examinando.*—Aqui está uma...

BRAULIO.—E que tal?

SATYRO.—E' interessante!... Este é que é o tal *Ferrabraz?*

BRAULIO.—Ha de ser.

SATYRO.—Tem assim a cara de homem resoluto...

BRAULIO.—Dissoluto, não.

SATYRO.—Resoluto, disse eu.

BRAULIO.—Ah! isto sim.

Satyro *fechando o livro.*—Agora veja o meu assento.

Braulio.—Com muito prazer (*Abre um livro grande de escripturação*).

Praxedes, *dobrando a gazeta.*—Sabes por quem é escripta esta gazeta?

Gonzaga.—Dizem que por um padre venal e corrompido, cujo nome traduz perfeitamente a pessôa.

Praxedes.—E como se chama?

Gonzaga.—O padre Satyro.

Satyro, *á parte.*—Estes sujeitos falam de mim... (*Alto*) Ande depressa, sr. Braulio...

Braulio.—Paciencia, padre: estou vendo se descubro o seu assento. (149)

Luiz Delphino

(1834—1911)

Luiz Delphino dos Santos, nascido no Desterro, (Santa Catharina), doutorou-se em medicina, exercendo a clinica, o que não impossibilitou que fosse bom poeta. Exerceu o mandato de deputado na Constituinte Brazi-

(149) *Os miseraveis*, acto 3°, scena 3ª.

leira de 1891. O seu livro de versos, em autographo, foi devorado por um incendio.

A cidade da luz

Vós que buscaes a senda da esperança.
Entrae: aqui ha mundos luminosos
Num céu, que a mão, por mais pequena, alcança,

A alma aqui se refaz de ethereos gosos;
Vindes para o paiz da primavera,
Vós, que deixais os mundos tenebrosos.

Tanta luz aqui dentro vos espera,
Que saireis estrellas redivivas,
Como as que brilham na azulada esphera.

Almas, das trevas lugubres captivas,
Abri as vossas azas rutilantes
Entrai, bando de pombas fugitivas.

Nas curvas d'estes porticos gigantes
Haveis de ler uma inscripção, que alente
Os vossos vôos inda vacillantes.

E' aqui o paiz do amor ardente.
Quem entra, leva um peso aos pés atado,
Como o mergulhador do mar do Oriente,

Que sobe á tona leve e festejado,
E vem de tantas perolas coberto,
Que nem se lembra do labor passado.

Para encravar um eden no deserto,
Fazer um sol de um monte de granito,
E para vêr melhor o céu de perto,

Encontrar uma escada no Infinito,
Entrar pela estellifera voragem,
Ser razão o fanal, verdade o mytho,

E armada de tenaz, feroz coragem,
Arrancando os enygmas da vida,
Cavar nas trévas lucida passagem...

A isto esta cidade vos convida.
Entrai; por mais que a noite em vós se note
Tereis um astro á frente na sahida.

Da cidade moderna é luz o mote,
Que na porta da entrada arde e flammeja.
Entrai! a escola é cathedral, igreja;
Hostia—sciencia; o mestre—sacerdote. (150)

Franklin Dorea

(1886—1906)

Franklin Americo de Menezes Dorea, Barão de Loreto, nascido na Bahia, figurou altamente na politica

(150) Transcripto do livro *A litteratura brazileira* de Valentim Magalhães, Lisboa, 1807, pags. 183 a 185.

brazileira, ao depois de formado em direito: foi presidente do Piauhy, do Maranhão e de Pernambuco; ministro da guerra, ministro do Imperio, deputado geral. Pertenceu á Academia Brazileira de Letras.

A estatua de Moysés

Moysés, que, transportado, em extase, medita
Nas palavras que ouviu a Jehovah clemente,
Desce o monte Sinae, a face refulgente,
Com as taboas da lei pelo Senhor escripta.

Ao povo d'Israel, que deslumbrado o fita,
Magestoso elle expõe a Alliança recente
Feita por Jehovah sobre o Sinae ardente,
E já da lei sem par as grandes regras dicta.

Miguel Angelo assim na phantasia admira
O Chefe hebreu; depois, do marmore lhe tira
As formas colossaes o creador cinzel.

E no marmore bello, eis, Moysés redivivo
Ditar parece ainda, imperioso, altivo,
O decalogo santo ao povo d'Israel. (151)

(151) Do livro *Sonetos Brazileiros*, de Laudelino Freire.

Do prologo dos «Enlevos»

Ora, em uma linda manhã, eu subia pelos outeiros, e d'ahi esperava pelo raiar do sol, para fital-o na intensidade de seu brilho. O raiar do sol é a scena mais animada e alegre, que ainda contemplei, fora das cidades; é, portanto, a que mais me tem impressionado.

Prefiro-a á do occaso, que é de uma tristeza monotona, que opprime e abafa o espirito. Ora, eu ia ao povoado dos pescadores, rendeiros de meu pae, escutar-lhes a narração de sua vida no mar, cercada de trabalhos, tempestades e perigos; entreter-me com a confidencia dos episodios romanescos de seus amores e de suas superstições.

Gastava horas inteiras deste modo, sentado á popa de uma canôa encalhada na areia, ou reclinado sobre palhas macias debaixo de uma arvore copada, que elles costumam plantar em frente das pobres habitações, para abriga-los com a doce sombra, quando levam em terra a concertar seus apparelhos de pescaria, ou a fabricar novos.

Outras tardes eu as preenchia com passeios caprichosos pelo centro inculto da ilha, onde vagava á tôa, puerilmente preoccupado do quanto ia vendo e ouvindo.

Muitas, emfim, eram destinadas para ligeiras viagens por mar, que eu fazia só, ou em companhia de minha

familia, a algum ponto da ilha, ou ás ilhas da visinhança, Boa parte da noite deslisava-se-me em conversações intimas e faceis, em algum outro entretenimento. Depois, recolhia-me ao quarto, para ler, escrever, scismar. (152)

Casimiro de Abreu

(1837—1860)

Casimiro de Abreu, nascido no Rio de Janeiro, teve a curta existencia de vinte e tres annos, correspondendo, assim, a morte ás suas inclinações de romantico e sentimental. Deixou um livro de versos—*Primaveras*, que é bem um espelho de sua alma melancolica. A sua obra em prosa é pequena: *A virgem loura* (paginas do coração); e *Camilla* (memorias d'uma viagem, fragmentos).

Balsamo

Eu vi-a lacrimosa sobre as pedras
Rojar-se essa mulher que a dor ferira!
A morte lhe roubara d'um só golpe
Marido e filho, encaneceu-lhe a fronte,

E deixou-a sósinha e desgrenhada
—Estatua d'afflicção aos pés d'um tumulo!

(152) *Enlevos*, prologo, pags. XI e seg.

O esqualido coveiro p'ra dous corpos
Ergueu a mesma enxada, e n'essa noite
A mesma cova os teve!
E a mãe chorava,
E mais alto que o choro erguia as vozes!

No entanto o sacerdote—fronte branca
Pelo gelo dos annos—a seu lado
Tentava consolal-a.
A mãe afflicta,
Sublime d'esse bello desespero,
As vozes não lhe ouvia; a dor suprema
Toldava-lhe a razão no duro trance.

Oh padre!—disse a pobre s'estorcendo
Co'a voz cortada dos soluços d'alma:
«—Onde o balsamo, as falas d'esperança,
«O allivio á minha dor?!»
Grave e solemne,
O padre não falou—mostrou-lhe o céu! (153)

Carneiro Ribeiro

(1839)

Ernesto Carneiro Ribeiro, nascido em Itaparica (Bahia), doutorou-se em medicina e dedicou-se ao ma-

(153) Das *Obras completas* de Casimiro de Abreu, Edição dirigida por Said Alli, pags. 59.

gisterio de linguas, sobresaindo o seu cultivo e o seu preparo na lingua portuguêsa, sobre o que tem escripto vantajosamente alguns volumes, entre os quaes: *Serões grammaticaes*; *Grammatica elementar*; *Origem e filiação da lingua portugueza*; *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza;* e *A redacção do projecto de Codigo Civil e a replica do sr. Ruy Barbosa.*

O Padre Antonio Vieira

Nenhum homem mereceu mais de seos contemporaneos, nenhum tem mais titulos a ser appellidado genio nas lettras, nenhum é mais digno dos applausos e das ovações com que a posteridade genuflexa, ha dois seculos, lhe honra e venera a memoria, do que aquelle que constitue o assumpto do discurso que ora vos dirijo, e tão benevola e generosamente attendeis. E', Senhores, o Padre Antonio Vieira.

Permitti que, antes de vos delinear o vulto magestoso cujo nome commemoramos hoje, antes de vos apresentar o pallido bosquejo do grande engenho, que tanto honrou a roupeta do jesuita, quanto illustrou a penna do litterato e os agudos conceitos do politico e diplomata, do homem que a tantas luzes podemos estudar e considerar, me congratule com o *Instituto Geographico e Historico*, essa nobre instituição, que com tanto lustre vae enrique-

cendo os annaes litterarios deste Estado, me congratule com a Bahia, dê parabens a mim mesmo, por ter a ditosa e inesperada honra de ser, ante este luzido e selecto auditorio, o apregoador de uma das variadissimas qualidades que enaltecem esse immortal burilador da palavra.

A Bahia, a *mater nutrix* do talento e dos grandes commettimentos, que jamais regateou louvores ao merito, nem honras ás virtudes peregrinas, a Bahia, coração largo, vasto, immenso, que vibra a todos os grandes sentimentos e estremece a todas as grandes commoções, a Bahia, que tem lagrimas e suspiros para todos os soffrimentos, flores e palmas de applausos para todas as conquistas das sciencias e das artes, do saber e da virtude, mãe affectuosa e estremecida, que no mesmo regaço amoravel aninha, como se forão seos filhos, todos aquelles em cuja fronte se estampa o sello divino com que se assignalão os espiritos singulares, seja qual fôr o aspecto por que os miremos e se elles nos manifestem, commemorando hoje o nome illustre de Antonio Vieira, vem pagar uma grande divida de honra, jogando uma braçada de flores sobre a loisa veneranda do grande civilisador e evangelisador de seos sertões, que, no virginal de suas florestas, no caudaloso de seos rios, em sua viçosa, ridente e luxuriante natureza, no anilado de seo céo, sempre azul e puro, haurio as primeiras inspirações do genio, ensaiou os primeiros adejos d'aguia, alentou, aqueceo e inflammou os primeiros arroubos de eloquencia, com que mais tarde assombrava os ouvintes, nas

praças, nas ruas, nas côrtes, nos templos, em toda a parte em que se fazia ouvir o facundo verbo que o immortalisou.

Celebrando, pouco ha, o tricentenario de Anchieta, que na historia dos tempos coloniaes do Brazil se destaca como proeminente figura, a operosa terra, berço dos Andradas, mostra, no brilhantismo com que solemnisou essa data, que o germen do bem, quando se planta no coração do povo, não é como a semente do semeador do Evangelho, que cahio em sólo duro e safaro e se dispersou nos ares, varrida dos ventos, senão como a que, cahindo em terreno fecundo e bom, brotou, se desenvolveo, florio e fructificou; celebrando hoje o bicentenario de Antonio Vieira, a Bahia onde lhe madrugarão os esplendores alviçareiros dos primeiros arrebóes da aurora do genio, não cede a palma a sua irmã do sul, e, com a magestade de dois seculos de gratidão e reconhecimento, vem unanime inclinar-se ante o nome que constitúe o padrão monumental de duas nacionalidades, que se abração e confraternisão na mesma ideia e no mesmo sentimento.

Homens ha que o são tantas vezes, quantas as varias manifestações da actividade intellectual, a que especialmente entregão o espirito, manifestações que são os eixos polares de todas as suas producções, em cujo ambito gira todo o seo engenho fecundo e inventivo. Tal foi o Padre Antonio Vieira: ao mesmo passo catechista e apostolo, orador e philosopho, professor e litterato,

diplomata e politico, patriota e mestre da lingua; sempre grande, sempre de intuitos alevantados, sempre igual a si mesmo, sempre o mesmo Vieira. (154)

Tobias Barretto

(1839—1889)

Tobias Barretto de Menezes, nascido em Sergipe, foi um talento verdadeiramente revolucionario, no direito, na poesia, e na philosophia. Doutorou-se em direito e foi professor da Faculdade do Recife. Escreveu: *Estudos allemães; Menores e loucos; Estudos de direito*, e *Dias e noites*, alem de um grande numero de memorias e estudos. Na philosophia, introduziu o methodo monistico; no direito, applicou as forças de sua philosophia; e na poesia, consubstanciou em escola o condoreirismo de Castro Alves.

Presentimento

Meu Deus!... não mais este laurel de espinho,
Não mais a dor, que o coração devasta;

(154) Conferencia feita a 13 de Julho de 1897, sobre «*Padre Antonio Vieira considerado como classico da lingua Portugueza.*»

Minha alma é farta de martyrios... basta!
Deixai esta ave procurar seu ninho.
No meu sepulcro não terei as rosas,
As doces preces que os felizes têm;
Pobres hervinhas brotarão viçosas,
E o esquecimento brotará tambem.

Tudo conspira para o meu tormento;
Soffrendo, aos poucos minha fé se apaga:
Morte!... é a phrase que soluça a vaga,
Triste noticia que me traz o vento...
Nem sobre a campa colherei saudosas
Gottas de pranto que derrame alguem;
Pobres hervinhas brotarão viçosas,
E o esquecimento brotará tambem.

Estranha nuvem denigriu-me a sorte,
Do mar da vida revoltou-me as aguas;
As ondas batem sobre as minhas maguas,
E as brisas fallam sobre a minha morte.
No chão dos tumulos expressões penosas
Por mim dizel-as não virá ninguem;
Pobres hervinhas brotarão viçosas,
E o esquecimento brotará tambem.

Meu Deus!... não posso caminhar sosinho
Por entre as sombras que esta vida encerra,
Minha alma anciosa quer voar da terra,
Deixai esta ave procurar seu ninho.
No pó que habito não terei as rosas,

As doces preces que os felizes têm;
Pobres hervinhas brotarão viçosas
E o esquecimento brotará tambem. (155)

Ideia do direito

.....

Mas, senhores doutores, eu creio que na propria mente do legislador nunca repousou semelhante ideia, a ideia singular de serem todos aquelles, que se acham encarregados da honrosa missão que hoje me cabe, sempre condemnados a entoar o mesmo hymno, a recitar o mesmo epithalamio, por esta especie de *noivado scientifico*, como dizia um romantico de antiga data, em uma palavra, condemnados a repetìr em *estylo de brinde*, as mesmas phrases consagradas, para accentuar a importancia de um facto, que ninguem contesta e o verdadeiro uso de um titulo, que todo mundo sabe qual seja. Não, sehores doutores, não foi, nem podia ser este o intuito do legislador.

Eu o creio firmemente.

E, d'accordo com esta crença, arrastado pelo espirito da epoca, em nome das novas ideias, que voam de outros mundos, e, bom grado ou mau grado nosso, hão de encontrar agasalho em nossas cabeças, julgo tambem

---

(155) Do livro *Dias e Noites*, 1.ª edição.

aqui dever exercer uma funcção superior ao modesto papel ecclesiastico de um *mestre de ceremonias.*

A occasião é solemne, sim; mas justamente por isso ella abre caminho a alguma cousa de menos vulgar do que uma felicitação, a alguma cousa de mais elevado mesmo do que o grau que recebestes; é a defesa da sciencia que professamos, e em que acabaes de ser doutorados, a defesa que lhe devemos, em relação ao juizo desfavoravel que d'ella actualmente se forma, em relação aos ataques, de que ella é alvo, sem excluir todavia a confissão dos seus defeitos e a critica dos seus desvios.

Na presente conjunctura, bem quer me parecer que nenhum assumpto melhor se prestaria a formar o conteúdo da minha allocução, nem eu poderia achar um modo mais apropriado de congratular-me comvosco.

Se porem estou enganado, antecipo-me em pedir desculpa do que possa o meu discurso conter, não por certo de anomalo e inconveniente, mas porventura de excentrico e inadequado ás circumstancias do momento.

Entretanto, permitti-me uma ligeira observação.

Ainda hoje, senhores doutores, nas bibliothecas de velhos claustros encontram-se palimpsestos, onde se vê, por cima desenhada a historia de um thaumaturgo, a historia de um santo miraculoso, que morreu de penitencia e maceração, ao passo que, por baixo, sorriem serenos os bellos versos da *Ars amandi* de Ovidio, onde apparece, na parte superior, um breviario, cheio de melancolia; repleto de adoração, e, na parte inferior, uma comedia aristophanica; emcima, depara-se-nos o orgão,

que acompanha o *de profundis,* e logo em baixo o bello Anacreonte, seduzindo lindas moças; em cima, traçam-se as regras da grande arte de torturar hereges, e em baixo um velho pagão explica o capitulo do amor platonico .. Ora pois, senhores doutores: seria acaso para censurar que minhas palavras produzissem uma impressão semelhante?

E' um discurso de *duas vistas,* se assim posso dizer, um palimpsesto, se quizerem: por um lado o cumprimento exacto de um sacro programma de festa, mas tambem, por outro lado, alguma cousa de mais profano, que fica fóra do horisonte de uma solemnidade academica; por um lado, a face calma de um espirito submisso, que por amor da ordem, por amor da disciplina, não duvidaria curvar-se para reconhecer e confessar de joelhos a immobilidade da terra, ou o progresso dos nossos estudos. mas tambem, por outro lado, a feição turbulenta de um rebelde intransigente, que não hesita em proferir o seu *eppure se muove*—e dizer ao mundo inteiro: nós estamos atrasados. (156)

Pedro Luiz

(1839—1884)

Pedro Luiz Pereira de Souza, nascido no Rio de Janeiro, politico, jornalista e poeta, obteve fama por quatro

(156) *Estudos de direito,* pags. 449 a 451

poesias que escreveu: *Terribilis Dea*, *Voluntarios da morte*, *Nunes Machado* e *Sombra de Tiradentes*. Na politica, exerceu varios cargos entre os quaes o de presidente da Bahia.

O que eu quero

Eu quero nesta vida um sonho lindo
Que passe como a nuvem côr de rosa,
Hei-de dizer, depois cerrando os olhos
—Oh! flor do cemiterio, és bem formosa.

Não quero muito não: á fresca sombra
Do viçoso jardim da mocidade,
Quero dois dias m'embalar tranquillo
Gozando amor em doce liberdade.

Quero ver sempre o céo puro e sereno,
Nuvens de amar e o sol sempre dourado,
E aos doces beijos da mulher que eu amo
Hão de ir morrendo as dôres do passado.

Debaixo da mangueira eu hei de vel-a
Ao meio dia languida dormindo,
Soltos cabellos fluctuando ao vento,
No seu sonho gentil irá sorrindo.

A' noite quando a lua dos amores
Vier chorar debaixo do arvoredo,

Encostada indolente no meu hombro
Ella ha de ouvir-me virginal segredo.

Oh! sombra dos amores tão formosa
Como é viva e formosa a borboleta,
Eu serei para ti—a doce aragem,
Tu serás para mim—a violeta.

Quero dois dias—na macia gramma
Reclinado a sonhar sobre um canteiro!
Passarei minhas horas perfumadas
Como a candida flor do jasmineiro.

Será vida bem curta, porem bella!
Sem ambição, sem glorias e sem dores,
Basta um raio do sol tendo ao meu lado
Uns labios de mulher e algumas flores.

Posso morrer depois, e que m'importa
Tendo a vida corrido vaporosa?
Que hei de murmurar, cerrando os olhos,
O' flor do cemiterio, és bem formosa! (157)

Machado de Assis

(1839—1908)

Joaquim Maria Machado de Assis, nascido no Rio de Janeiro, fez carreira como funccionario publico, che-

(157) Transcripto da *Historia da Litteratura Brazileira*, de Sylvio Romero.

gando a director de repartição. Foi um dos maiores escriptores do seculo ultimo no Brazil. Escreveu poesia, conto, romance, theatro e critica. Foi romantico ao começo e realista (158) na ultima phase de sua vida. Deixou livros de contos: *Historias sem data*; *Varias historias*; *Contos fluminenses; Historias da meia-noite; Paginas recolhidas; Papeis avulsos* e *Reliquias de casa velha*. Deixou romances: *Dom Casmurro; Esaú e Jacob*; *Memorial de Ayres; Helena; Resurreição; Memorias posthumas de Braz Cubas*; *Quincas Borba; Yayá Garcia*, e *A mão e a luva*. Deixou de poesias: *Chrisalidas*; *Phalenas; Americanas; Occidentaes*; e *Poesias completas*. Deixou de theatro: *O caminho da porta; O protocollo; Quase ministro; Os deuses de casaca; Tu só, tu puro amor; Não consultes medico;* e *Lição de botanica*. Alguns escriptos esparsos. Foi presidente perpetuo da Academia Brazileira de Letras.

A Carolina (159)

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descanças dessa longa vida,

(158) No seu verdadeiro sentido, ao molde dos grandes escriptores inglêses dos ultimos tempos.

(159) E' reputado este soneto a obra-prima do grande escriptor.

Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquelle affecto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existencia appetecida
E n'um recanto poz um mundo inteiro.

Trago-te flores,—restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos mal feridos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos. (160)

José de Anchieta

Esse que as vestes asperas cingia,
E a viva flor da ardente juventude
Dentro do peito a todos escondia;

Que em paginas de areia vasta e rude
Os versos escrevia e encommendava
A' mente, como esforço de virtude;

Esse nos rios de Babel achava,
Jerusalem, os cantos primitivos,
E novamente aos ares os cantava.

---

(160) Dedicatoria do livro—*Reliquias de Casa Velha*, Rio, 1906.

Não procedia então como os captivos
De Syão, consumidos de saudade,
Velados de tristeza, e pensativos.

Os cantos de outro clima e de outra edade
Ensinava sorrindo ás novas gentes,
Pela lingua do amor e da piedade.

E iam caindo os versos excellentes
No abençoado chão, e iam caindo
Do mesmo modo as mysticas sementes.

Nas florestas os passaros, ouvindo
O nome de Jesus e os seus louvores
Iam cantando o mesmo canto lindo.

Eram as notas como alheias flores
Que verdejam no meio de verduras
De diversas origens e primores.

Anchieta, soltando as vozes puras,
Achas outra Syão neste hemispherio,
E a mesma fé e igual amor apuras.

Certo, ferindo as cordas do psalterio,
Unicamente contas divulgal-a
A palavra christã e o seu mysterio

Trepar não cuidas a luzente escala
Que aos heroes cabe e leva á clara esphera
Onde eterna se faz a humana fala.

Onde os tempos não são esta chimera
Que apenas brilha e logo se esvaece
Como folhas de escassa primavera.

Onde nada se perde nem se esquece,
E no dorso dos seculos trazido
O nome de Anchieta resplandece
Ao vivo nome do Brasil unido. (161)

Meninice

Guiomar tivera humilde nascimento; era filha de um empregado subalterno não sei de que repartição do Estado, homem probo, que morreu quando ella contava apenas sete annos, legando á viuva o cuidado de a educar e manter. A viuva era mulher energica e resoluta, enxugou as lagrimas com a manga do modesto vestido, olhou de frente para a situação e determinou-se á lucta e á victoria.

A madrinha de Guiomar não lhe faltou naquelle duro transe, e olhou para ellas, como entendia que era seu dever. A solicitude, porem, não foi tão constante a principio como veiu a ser depois; outros cuidados de familia lhe chamavam a attenção.

Guiomar annunciava desde pequena as graças que o tempo lhe desabrochou e perfez. Era uma creaturinha

---

(161) *Poesias completas*, 1.ª edição, pags. 327 a 329.

galante e delicada, assaz intelligente e viva, um pouco travêssa, de certo, mas muito menos do que é usual na infancia. Sua mãe depois que lhe morrera o marido, não tinha outro cuidado na terra, nem outra ambição mais, que a de vel-a prendada e feliz. Ella mesma lhe ensinou a ler mal, como ella sabia,—e a coser e bordar, e o pouco mais que possuia de seu officio de mulher. Guiomar não tinha difficuldade nenhuma em reter o que a mãe lhe ensinava, e com tal affinco lidava por aprender, que a viuva,—ao menos nessa parte,—sentia-se venturosa. Has de ser a minha doutora, dizia-lhe muita vez; e esta simples expressão de ternura alegrava a menina e lhe servia de incentivo á applicação. (162)

Do « Memorial de Ayres »

24 de Junho.

Hontem conversei com a senhora do Aguia á cerca das antigas noites de S. João, Santo Antonio e S. Pedro, e mais as suas sortes e fogueiras. D. Carmo pegou do assumpto para tratar ainda do filho postiço. Leve o diabo tal filho. A filha postiça é que hade estar a esta hora mui triste no cazarão da fazenda, onde certamente passou as antigas noites de S. João de donzela esperançada e credula. A deste anno sem pae deve ser aborrecida, não tendo mãe que o continue, nem marido que os supra. Um tio não basta para tanta cousa.

---

(162) Amostra do primitivo estylo do escriptor: *A mão e a luva*, pags. 41-42.

Tambem eu tirei sortes outrora. Com pouco se fingia de Destino,—um livro, um rimador de quadras e um par de dados. «Se ha de despozar a pessoa a quem ama», dizia o titulo da pagina, por exemplo; deitavam-se os dados, os numeros eram cinco e dous, sete; ia-se á quadra setima, e lia-se. Supponhamos que se lia... Vá, risco a quadra que cheguei a escrever aqui. Geralmente era engraçada,—pelo menos, mas tambem troçava com a pessoa que consultava o Destino. Todos riam; alguns criam deveras; em todo caso passavam-se as horas até chegar o somno. E ali vinha este velho camareiro da humanidade, que os pagãos chamaram Morpheu, e que a pagãos e christãos, e até a incréos fecha os olhos com os seus eternos dedos de chumbo. Agora, meu somno amigo, só tu virás daqui a uma ou duas horas, sem livros de sortes nem dados. Quando muito trarás sonhos, e já não serão os mesmos de outro tempo. (163)

Os deuses de casaca

Scena X

MERCURIO, *depois* MARTE, APOLLO

MERCURIO, *só.*

Eu doente? de que? E' singular!

---

(163) *Memorial de Ayres*, Amostra da ultima feição do estylo do escriptor, 1.ª edição, pags. 85-86.

(Indo ao vinho)

Um gole!

Não ha vinho nenhum que uma dôr não console

Bebe silencioso

Hebe tornou-se humana!

MARTE, *a Apollo*

E' Mercurio.

APOLLO, *a Marte*

Medita.

Em que será?

MARTE

Não sei.

MERCURIO, *sem vel-os.*

Oh! Como me palpita

O coração!

APOLLO, *a Mercurio.*

Que é isso?

MERCURIO

Ah! não sei... divagava...

Como custa a passar o tempo! Eu precisava

De sair e não sei... Jove não voltará

MARTE

Porque não? Hade vir.

APOLLO *comsigo*

O ceus! o que terá?
Silencio profundo.
Estou disposto!

MARTE

Estou disposto!

MERCURIO

Estou disposto!

Scena XI

OS MESMOS, JUPITER

JUPITER

Meus filhos, boa nova!

Os tres voltam a cara

Então? voltais-me o rosto?

MERCURIO

Nós, meu pai?

APOLLO

Eu, meu pae?

MARTE

Eu não...

JUPITER

Vós todos, sim!
Ah! fraqueais talvez! Um espirito ruim
Penetrou entre nós, e a todos vós tentando
Da vanguarda do ceu vos anda esperando.

MARTE

Oh! não, porem...

JUPITER

Porem?

MARTE

Eu falarei mais claro
No conselho.

JUPITER

Ah! E tu?

APOLLO

Eu o mesmo declaro

Jupiter a Mercurio

Tua declaração?

MERCURIO

E' do mesmo teor.

JUPITER

O'tresentos de Sparta! O'tempos de valor!
Eram homens comtudo...

APOLLO

Isso mesmo: é humano.
Era a força do persa e a força do spartano.
Eram homens de um lado e homens de outro lado;
A terra sob os pés; o conflicto egualado.
Agora o caso é outro. Os deuses demittidos
Buscam reconquistar os dominios perdidos.
Ha deuses do outro lado? Ha homens. Neste caso
Não teremos a lucta em campo aberto e raso.

JUPITER

Assim, pois?

APOLLO

Assim, pois, já que os homens não podem
Aos deuses elevar-se, os deuses se accomodem
Sejam homens tambem.

MARTE

Apoiado!

MERCURIO

Apoiado!

JUPITER

Durmo ou velo? Que ouvi!

MARTE

O caso é desgraçado.
Mas a verdade é esta, esta e não outra.

JUPITER

Assim
Desmantela-se o Olympo!

MERCURIO

Espirito ruim
Não ha, nem ha fraqueza, ou triste covardia.
Ha desejo real de concluir um dia
Esta lucta cruel, esteril, sem proveito.
Deste real desejo, é este, o' pai, o effeito.

JUPITER

Estou perdido! (164)

Fagundes Varella

(1841—1875)

Luiz Nicoláo Fagundes Varella, nascido no Rio de Janeiro, foi realmente um grande poeta. Estudou direito

(164) Dos "*Deuses de casaca*", vol. *Theatro*, Rio, 1911, pags. 205 a 209.

em S. Paulo, indo terminar em Olinda. A sua carreira literaria prejudicou-se bastante com a morte prematura de sua esposa. Ainda assim, escreveu elle: *Vozes da America*, *Nocturnas*, *Pendão auriverde*, *Cantos religiosos* e *Avulsas*, que compõem o primeiro volume de suas *Obras Completas*; *Cantos e Fantazias*, *Cantos meridionaes* e *Cantos do ermo e da cidade*, que são o segundo volume; *Anchieta ou o Evangelho nas selvas*, e *Diario de Lazaro*, que fazem o terceiro volume. De sua obra disse Sylvio Romero: «E' a mais completa systematisação do delirio de que ha exemplo em poesia brazileira».

A' estatua equestre

Ergue-te ousado sobre o chão da praça,
Homem de bronze, imagem de monarcha,
Simulacro fatal!
Pisa inda as turbas humilhadas, como
As duras patas do corcel que montas
O chão do pedestal.

Cançadas nunca de oppressores ferros.
Livres de um jugo, de outro jugo escravas,
As massas enervadas
Do pó resgatam seus tyrannos mortos,
E á luz do sol inundam de louvores,
Por terra debruçadas!

Raça de Ilotas, que fizestes pois
Da férvida scentelha que no seio
Vos pôz a divindade?
Porque relêdes o passado escuro,
Quando devêras derribar os thronos
Cantando a liberdade?

Vota-se á treva o busto dos Andradas,
Some-se a gloria de ferventes martyres
Na lama do hervaçal!
Mas fria a estatua pisa a turba, como
As duras patas do corcel de bronze
O chão do pedestal!

Oh terra do Brazil! diamante vivido
Da corôa soberba de Colombo,
Bella estrella do sul,
Porque tão cedo declinaes a fronte
E a fimbria do vestido ennegreceis
No limo do paúl?

Porque tão cedo enregelaes o seio
N'essas frias geadas que predizem
A morte das nações,
E os pulsos presos, e a vontade escrava,
Do martyr a memoria e a voz dos bardos
Cobris de maldições?

Erguei-vos d'esse livido marasmo,
Affrontae o negrume das tormentas.

O horror da tyrannia!
Si agora em bronze eternisaes senhores,
Gravai nos bronzes o brazão dos livres,
Saudai um novo dia!

Embora o mundo me proclame louco,
Embora á fronte com furor me gravem
Stigma infernal,
Não posso calmo ver pisar-se as turbas,
Como o corcel de levantada estatua
O chão do pedestal!. (165)

Franklin Tavora

(1842—1888)

João Franklin da Silveira Tavora, nascido no Ceará, merece bem, segundo Sylvio Roméro, «figurar como o chefe do *naturalismo tradicionalista* e *campesino* na novelistica brazileira.» Foi um fecundo escriptor. Deixou um pequeno numero de romances, dos quaes são salientes: *O Sacrificio; O Cabelleira; O Matuto; Lourenço*, etc. Escreveu critica e dois livros de historia brazileira, alem de dramas e comedias.

(165) Fagundes Varella, *Obras completas*, vol. I, pags. 219-220.

Sacrificio

I

Todas as vezes que passo pela estrada de João de Barros, no Recife, acode-me a memoria o valle de Santarem, onde Garrett deu vida e movimento á «Menina dos rouxinóes», á «Joaninha de olhos verdes», que «reflectiam o viço do prado, a frescura e animação do bosque, a fluctuação e a transparencia do mar».

Em logar do alamo, do freixo e da faia que «entrelaçam os ramos amigos»; em lugar da «musqueta que pendura os seus festões»; em vez da «congossa e dos fetos que vestem e alcatifam o chão», no valle descripto pelo poeta, as mangueiras formam na estrada com suas abobadas de folhagem sombras amenas e deleitosas; as cajazeiras, cujos troncos se cobrem de naturaes relevos, erguem ao céo os galhos finos, guarnecidos de folhas miudas que se assemelham ás verdes franjas dos templos; o jatobá solitario abre os galhos, como abriria os braços um gigante para luctar. Ha na estrada, como no valle, a madre-silva e a malva-rosa do vallado. Ha moitas de cinamomos, touças de mangericões e alecrins que matizam o vasto chão. Ha os formosissimos risos do prado, que penduram dos portões ou dos muros dos sitios as longas ramadas com flores, escarlates pela manhan, arroxeadas de tarde, avelludadas sempre e a modo de resplandescentes, como si a mão de artista insigne as

houvesse polido e esmaltado com os reflexos da aurora e as côres do sol poente.

Não deitam por alli rouxinóes desgarradas toadas em regular desafio; os xexeus e os sabiás porém com seus cantos trazem a solidão em permanente festa; o cajueiral tem harmonias; o laranjal intermittentes rumores saudosos; a paisagem, horizontes verdes e ondulantes.

Para mais realçar a suavidade do quadro, em vez da casa antiga onde cantavam os taes rouxinóes, vê-se nos fins da estrada a graciosa capella de Nossa Senhora da Conceição, que é o principal ornamento daquelle primoroso eden. Atravez das janellas da sagrada habitação vozes inspiradas de elegantes e innocentes virgens vão resoar no vasto arvoredo por occasião das novenas que os devotos e os visinhos da santa celebram em Dezembro, epoca em que a estrada augmenta de delicias, porque os cajueiros e as jaqueiras embalsamam com seus aromas o ambiente, e é tudo alli alegre, florido, e tudo falla de paixões moderadas sem desejos deshonestos.

Mas não é sómente nos mimos da natureza que a estrada pittoresca rivaliza com o ameno valle. Tambem alli se gerou um drama ternissimo, tambem nella se passou uma historia de gentil suavidade e triste harmonia, que convém se ponha por escriptura nas lettras do nosso idioma.... (166)

(166) Começo do romance *Sacrificio*, na *Revista Brazileira*, Rio, 1879, tomo I, pags. 20—21.

Visconde de Taunay

(1843—1898)

Alfredo Escragnolle Taunay, visconde de Taunay, nascido no Rio de Janeiro, tanto figurou na politica quanto nas letras. Publicou algumas obras, entre as quaes: *Innocencia* e *A retirada da Laguna*, os seus melhores livros; *Scenas de viagens*; *A mocidade de Trajano*; *Manuscripto de uma mulher*; *Ouro sobre azul*; *Narrativas militares*, etc. Deixou tambem um volume de critica: *Estudos criticos*. Foi membro da Academia Brazileira de Letras.

Papilio innocentia

Meyer, que estava sentado na soleira da porta com as compridas pernas encolhidas, ergueu-se precipitadamente ao avistar Cyrino e correu ao seu encontro.

Trazia o coração no rosto, um coração cheio de alegria e triumpho.

—Oh! sr. doutor, exclamou, todo risonho, venha, venha ver uma preciosidade... uma descoberta... especie nova... não ha em parte alguma... Ouviu? Coisa assim vale um thesouro... E fui eu que o descobri.

Nem sequer *Júque* me ajudou... pois estava deitado e dormindo... Não é verdade, sr. Pereira?

—Veja, murmurava o mineiro, que barulhada faz elle com o tal aniceto... Ao menos, se fosse um animal grande!

—E' uma especie... nova... completamente nova! Mas já tem nome... Baptizei-a logo... Vou lhe mostrar... Espere um instaate...

E, entrando na sala, voltou sem demora com uma caixinha quadrada de folha de Flandres, que trazia com toda a reverencia e cujo tampo abriu cuidadosamente.

Da propria garganta sahiu um grito de admiração, que Cyrino acompanhou, embora com menos enthusiasmo.

Pregada em larga taboa de pita, via-se formosa e grande borboleta, com as azas meio abertas, como que disposta a tomar vôo.

Eram essas azas de maravilhoso colorido; as superiores, do branco mais puro e luzidio; as de baixo, de um azul metallico de brilho vivissimo.

Dir-se-ia a combinação aprimorada dos dois mais bellos lepidopteros das mattas virgens do Rio de Janeiro, Laertes e Adonis, estes azues como ceruleo cantinho do céu, aquelles alvinitentes como petalas de magnolia recem-desabrochada.

Era sem contestação lindissimo especimen, verdadeiro capricho da esplendida natureza daquelles páramos. Tambem Meyer não tinha mão em si de contente.

—Este insecto, preleccionou elle como se o ouvissem dois profissionaes na materia, pertence á phalange das Heliconias. Denominei-a logo Papilio Innocentia, em honra á filha do sr. Pereira, de quem tenho recebido tão bom tratamento. Tributo todo o respeito ao grande sabio Linneu—e Meyer levou a mão ao chapéu—mas a sua classificação já está um pouco velha. A classe é, pois, *Diurna*; a phalange, *Heliconia*; o genero, *Papilio* e a especie, *Innocentia*, especie minha e cuja gloria ninguem mais me pode tirar... Daqui vou, hoje mesmo, officiar ao secretario perpetuo da Sociedade Entomologica de Magdeburgo, participando-lhe facto tão importante para mim e para a sabia Germania.

Dizia Meyer tudo isto com legitima ufania e lentidão dogmatica. (167)

Mello Moraes Filho

(1843)

Alexandre José de Mello Moraes Filho, nascido na Bahia, doutorou-se em medicina na Universidade de Bruxellas. E' poeta, prosador e historiographo. Entre as suas obras são de nota: *Patria Selvagem*; *Curso de lite-*

(167) Do romance- *Innocencia* -cap. XXI, pags. 290 a 932.

ratura brazileira; *Cantos do Equador; Festas e tradições populares do Brazil*, etc. E' director do Archivo municipal do Districto Federal.

No pouso

Venho da serra; ao grito da araponga,
Deixei alegre o rancho dos tropeiros,
Nem sequer prolongavam doces cantos
As graúnas no tôpo dos coqueiros.

As brisas suspiravam manso e manso,
Franjando as aguas do crystal do rio;
As sericoras s'encolhiam tremulas
Das nevoas matinaes a um beijo frio.

Era tudo esplendor; junto ás cabanas
Entornavam perfume as granadilhas,
As guabirobas sacudiam flores
Correndo as viraçõnes nas longas trilhas.

Porem, patricio, meu peito
Era uma veiga sem flor,
Um lyrio sem ter orvalhos,
Aurora sem ter fulgor;
Minha serrana indolente
Como as auroras do sertão,
Chora, de mim tão distante,
Distante não vive, não.

Tenho saudades, patricio,
Desse meu anjo do lar;
Mas, a tarde vae tão longe...
Eu venho aqui sestear,
Nesta viola que as maguas
Sabe tristonha carpir,
Quero tocar meu fandango
Quero a *tyranna* ferir.

Toca, toca na viola,
Corram versos á porfia,
Sapateia minha gente
Que eu parto ao romper do dia!.
Minha serrana, se dormes
Como a coerana ao luar,
Não te despertem do somno
As trovas do meu trovar...

— De lá das bandas do valle
Sôa a canção do vaqueiro,
Passa a briza, leva os sonhos,
Leva os cantos do tropeiro.

«Leva os cantos do tropeiro
Leva o perfume das flores
Todos têm sorrisos d'alma
Todos têm os seus amores.

« Todos têm os seus amores,
Todos têm su'affeição;

Como a tarde que descora
'Stá triste o meu coração.

«'Stá triste o meu coração...
—Loura flor da sapucaia,
Junto d'haste ella tem vida,
Sôlta ao vento, ella desmaia.

«Sôlta ao vento, ella desmaia
Como a bonina da serra,
Vou deixar-vos, meus patricios,
Vou viver na minha terra.

«Vou viver na minha terra
Que fica n'outro sertão,
Minha serrana me espera,
Não posso cantar mais, não».

A densa nuvem de tucanos bravos
Segue ás mattas oppostas á collina,
Pende o calix a flor aos lumes tredos
Que entorna a grande estrellá peregrina.
No taquaral deserto, da palmeira
Ouviu-se ao longe um threno de magia:
Era o canto suave e dolorido,
Da *viuvinha* ao desmaiar do dia.

Morria a tarde; o sol já descambava
Quebrando os raios na extensão dos mares,

E Deus co'a dextra omnipotente, augusta,
Erguia a lua na amplidão dos ares (168).

Religiões no Brazil

Entre as raças existentes no Brazil e as colonisadoras, as relações religiosas são tão disparatadas como a approximação dos dois typos zoologicos, completamente extremes:—o branco e o negro.

O caboclo bravo, sem a menor ideia de Deus, como attestam os chronistas; o negro idolatra no periodo mais atrazado da escala dos cultos, protestam contra um ideal definido no regimen espiritual. Os deuses tupy-guaranys, comprehendendo mythos homeomorphos e anthropomorphos nem mesmo pertenciam aos nossos indios, segundo investigações de recentes americanistas, mas eram accomodações; as tribus africanas, que para aqui vieram, não iam mais longe nas suas adorações, do que á transmissão que faziam das faculdades rudimentares do seu cerebro pouco denso aos *manipanços*, elevados a categoria de divindades nos candomblés convulsionarios.

Para os negros nunca foram as conjurações as formulas do commercio com os fetiches.

Nos *serviços* que conhecemos, ás uncções narcoticas, ás macerações, ás excitações das dansas ao *pango* e ás

---

(168) Dos *Mythos e Poemas*.

beberagens tetanisantes, attribuimos as acções pretendidamente magicas.

O indio e o negro, no nosso modo de entender, contribuiram apenas para a nossa mythologia popular, o que se verifica com a crença da *Caipora*, das *Uyáras*, do *Sacyserêrê* e dos *Dongás*.

Emquanto a superstições propriamente ditas, augurios, encantamentos e rezas, a collaboração portugueza é evidente, apesar de pouco avultada.

Um factor porem, com o qual nunca contamos—o cigano—parece-nos ahi representar o principal papel, mais de accordo com a indole e tradições da raça, com seu caracter mysterioso e remoto.

O portuguez, como espirito mais pratico, mais preoccupado, por conseguinte menos impressionavel, aceitava o milagre como uma imposição, sem indagar, sem mutilal-o para crear outros deuses. (169)

Luiz Guimaraes Junior

(1844—1898)

Luiz Caetano P. Guimarães Junior, nascido no Rio de Janeiro, foi um romantico moderado, gozando a vida

(169) De *Os ciganos do Brazil*, pags. 52-53

nos salões e dedicando-se, por fim, á carreira diplomatica. Escreveu: *Sonetos e Rimas; Corymbos; Historias para gente alegre; Contos sem pretenção*; *Filagranas; Curvas e Zig-zags;* e *As quedas fataes* (drama). Pertenceu á Academia Brazileira de Letras.

Visita á casa paterna

Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno,
Eu quiz tambem rever o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo:

Entrei. Um genio carinhoso e amigo,
O phantasma talvez do amor materno,
Tomou-me as mãos,—olhou-me grave e terno,
E, passo a passo, caminhou commigo.

Era esta a sala (Oh! se me lembro! e quanto!)
Em que da luz nocturna á claridade
Minhas Irmãs e minha Mãe... O pranto

Jorrou-me em ondas... Resistir quem ha-de?
Uma illusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade. (170)

(170) Transcripto dos *Sonetos Brazileiros*, de LAUDELINO FREIRE.

As ondas

Nós somos as ondas negras e espumantes, as ondas terriveis, as monstruosas ondas da tempestade! Como o odio que agita a alma do homem, como o ciume que a dilacera, e a duvida que a ennodôa, ruge dentro do nosso abysmo mysterioso um poder fatal, a cujo imperio irresistivel nós nos movemos eternamente, fustigadas pelo livido raio das estrellas pavorosas! Foge das ondas negras, espumantes e terriveis da tempestade!

II

Nós somos as vagas perfidas, que adormecem ao lethal affago das calmarias! Como o coração humano, simulamos o repouso e a doçura; no bronzeado espelho de nossas aguas os passaros marinhos molham tranquillos a erradia penna, e das vergas do navio, cujos pannos cahem ao longo dos mastros, á espera do vento, os marinheiros debruçam-se contemplando socegados o nosso enganador epilogo! Foge das ondas perfidas, que adormecem ao lethal affago das calmarias!

III

Nós somos as serenas, as festivas, as celestes ondas da bonança! Como os labios amorosos da mulher querida, desprendemos encantadores murmurios que a fugaz aragem sorve e espalha risonha na atmosphera azul! Como

as desatadas tranças da formosura adorada, enlaçamo-nos voluptuosas e ternas, sob a cupola bemfazeja do firmamento. Como os beijos que se partem, tremendo, em labios venturosos, nós nos confundimos delirantemente, e estendemo-os, languidas, para de novo nos partirmos, e confundirmo-nos de novo! Foge das serenas, festivas e celestes ondas da bonança! (171)

Rosendo Moniz Barretto

(1845—1897)

Rozendo Moniz Barretto, nascido na Bahia, formou-se em medicina, tendo estado como estudante nos campos da guerra do Paraguay. Escreveu: *Cantos da Aurora; Vôos Icarios; Favos e travos; Interpretação philosophica dos factos historicos; Preito a Camões; Moniz Barretto o repentista*, etc. Foi um literato no sentido rigoroso do termo.

Synthese

Filha do verbo, a luz anima o espaço
E myriades de orbes patenteia!...

(171) Avulsa.

Da creação no provido regaço
—Dos seres brilha a universal cadeia.

No recanto da terra mais escasso
—Pedra, planta, animal—tudo se enleia!
Do espirito e materia—em vivo laço—
Forma-se o homem... do homem brota a ideia.

Os dominios penetra mais profundos
O pensamento, a procurar o élo
Que o prenda á vida em jubilos fecundo...

Para satisfazer a tanto anhelo,
Deus, expandindo na amplidão dos mundos,
Na graça da mulher resume o bello (172)

---

2 de julho na Bahia

A Grecia antiga, que encheu os poemas de Homero e os dramas de Eschylo, preparava, á sombra da paz, os seus guerreiros nos jogos olympicos.

O cavalleirismo da idade media, com sua divisa—Deus, patria e damas—tanto se recommenda nos bellicos arrojos de cruzada a Jerusalem, quanto no delirio festival dos paladinos em justas e torneios de Hespanha.

Actualmente as exposições internacionaes, sobrelevando a todos os manifestos da civilisação, antiga e me-

---

(172) Transcripto dos *Sonetos Brazileiros*, de Laudelino Freire.

dieva, synthetisam, em festas do trabalho, em certamens da industria, os progressos do homem na eterna lucta do espirito com a materia.

Guardadas as proporções, não era menos edificante, expressivo e fecundo, em dias de prosperidade, o povo bahiano patrioticamente absorto, para incentivo proprio e exemplo aos vindouros, na commemoração jubilosa do seu inolvidavel 2 de julho.

Imagine-se uma conbinação maravilhosa de flores, luzes, bandeiras, insignias, emblemas e divisas de todas as côres, numa columna de numerosos batalhões patrioticos, perfeitamente uniformisados e desfilando em marcha triumphal até o ponto objectivo; imagine-se uma jovialissima convivencia de parentes e amigos, com todos os attractivos de confortavel saráo, em cada habitação por onde passava o deslumbrante prestito, atravez de alguns kilometros; imagine-se o inexpremivel conjuncto de gyrandolas, fogos cambiantes, hymnos marciaes, palmas e vivas estrepitosos e discursos e versos que accendiam a chamma do patriotismo em mais de cem mil almas. Acima de tudo isto imagine-se a alacridade popular a transluzir, durante uma semana, em todos os semblantes, sem distincção de sexos, edades, raças, condições e classes, identificados em honra da patria, influidos por um só desejo—o de folgarem até o derradeiro instante do incomparavel dia 2 de julho, que aliás durava muitos

dias, reproduzindo-se os festejos, em miniatura, por alguns arrabaldes e cidades da provincia.

Lia-se a faustissima data ao longo das ruas, no meio das praças, em palacios e tugurios, no templo e no theatro, na escola e na officina, em claustros e fortalezas, nos hospitaes e nos quarteis, em fardas bordadas e vestidos de seda, em blusas e casacas, por sobre a cabeça e o coração de patriotas a festejarem o 2 de julho. (173)

Barao do Rio Branco

(1845—1912)

José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco, nascido no Rio de Janeiro, fez brilhante carreira na diplomacia do Brazil, em momentos e situações difficeis. A sua acção internacional em favor do Brazil foi, portanto, das mais dignas e das mais apreciaveis. Deixou, entre outros trabalhos: *Episodios da guerra do Prata*; *Annotações á guerra da triplice alliança; Ephemerides Brazileiras;* Memorias apresentadas aos arbitros nas questões de Oyapoc e Missões. Foi membro da Academia Brazileira de Letras.

(173) *Muniz Barretto, o repentista,* pags. 91 a 99.

Sobre o militar

Toda a nossa vida, como Estado livre e soberano, attesta a moderação e os sentimentos pacificos do governo Brazileiro, em perfeita consonancia com a indole e a vontade da nação. Durante muito tempo, fomos, incontestavelmente, a primeira potencia militar da America latina, sem que essa superioridade de força, tanto em terra como no mar, se houvesse mostrado nunca um perigo para os nossos visinhos. Só nos lançamos a lutas no exterior, quando provocados ou quando invadido o nosso territorio. Mas, cumpre notar, jamais nos empenhamos em guerras de conquistas. E muito menos poderiamos ter planos aggressivos, agora que a nossa Constituição politica prohibe expressamente a conquista, e impõe o recurso ao juizo arbitral, antes de qualquer appello ás armas, como ha pouco advertiu o distincto orador a quem respondo.

Querer a educação civica e militar de um povo, como na liberrima Suissa, como nas democracias mais cultas da Europa e da America, não é querer a guerra: pelo contrario, é querer assegurar a paz, evitando a possibilidade de affrontas e de campanhas desastrosas.

Os povos, que a exemplo dos do Celeste Imperio, desdenham as virtudes militares e se não preparam para a efficaz defesa do seu territorio, dos seus direitos e da

sua honra, expoem-se ás investidas dos mais fortes e aos damnos e humilhações consequentes da derrota.

Meus senhores: no pouco que tenho dito, vai implicitamente a affirmação do meu incessante culto pelos que, em tempos já afastados, souberam honrosamente expôr a vida pela terra do nosso nascimento; e estará tambem, penso eu, no conceito imparcial dos nossos compatriotas, a verdadeira explicação dos meus sentimentos de affectuosa estima por quantos, dignamente, se dedicam á nobre profissão das armas.

Sinto-me verdadeiramente feliz, vendo a minha velha amizade correspondida pela corporação dos nossos officiaes; e em nenhum outro recinto poderia eu achar-me com mais intima satisfacção do que neste, onde hoje penetro pela primeira vez... (174)

Gonsalves Crespo

(1845—1883)

Antonio Candido Gonsalves Crespo, nascido no Rio de Janeiro, naturalisou-se português e diplomou-se, pela Universidade de Coimbra, bacharel em direito. Foi poeta lyrico dos mais distinctos.

(174) Discurso pronunciado a 15 de outubro de 1911, por occasião da collocação de seu retrato no Club Militar do Rio de Janeiro.

Chimeras

O mar já me tentou: aspirações fogosas
Fizeram-me idear phantasticas viagens:
Eu sonhava trazer de incognitas paragens
Noticias immortaes ás gentes curiosas.

Mais tarde desejei riquezas fubulosas,
Um palacio escondido em múrmuras folhagens,
Onde eu fosse occultar as candidas imagens
Das virgens que evoquei por noites silenciosas.

Mas tudo isso passou: agora só me resta
Das chimeras que tive, uma visão modesta,
Um sonho encantador, de paz e de ventura,

E' simples: uma alcova, um berço, um innocente,
E uma esposa adorada, envolta, a negligente!
De um longo penteador na immaculada alvura... (175)

Castro Alves

(1847—1871)

Antonio de Castro Alves, nascido em Curralinho, na Bahia, tem sido o maior poeta bahiano de todos os tempos. Estudou direito em Pernambuco e em São Pau-

(175) Dos *Sonetos Brazileiros*, de Laudelino Freire.

lo, não chegando a diplomar-se. Passou uma existencia inteira de bohemia, sacrificando-se por ella. Escreveu um drama: *Gonzaga;* livros de versos: *Espumas fluctuantes* e *Poema dos Escravos*. Foi emulo de Tobias Barretto. A sua *Carta ás senhoras bahianas* é citada e referida como pagina tocante. Filiado ao condoreirismo, coube-lhe posição eminente na poesia brazileira.

Mudo e quedo

E calado ficou... Do pranto as bagas
Pelo moreno rosto deslisaram,
Qual da b'raúna, que o machado fere,
Lagrimas saltam de um sabor amargo.

Mudos, quedos os dois neste momento
Mergulhavam no dedalo da angustia,
No labyrintho escuro da desgraça...
Labyrintho sem luz, sem ar, sem fio...

Que dor, que drama torvo de agonias
Não vai naquellas almas!... Dor sombria
De ver quebrado aquelle amor tão santo,
De lembrar que o passado está passado...
Que a esperança morreu, que surge a morte!...
Tanta illusão!... tanta caricia meiga!...
Tanto castello de ventura feito
A' beira do riacho, ou na campanha!...

Tanto extase innocente de amorosos!...
Tanto beijo na porta da choupana,
Quando a lua invejosa no infinito
Com uma benção de luz sagrava os noivos!...
Não mais! não mais! O raio quando esgalha
O ipê secular, atira ao longe
Flores, que ha pouco se beijavam n'hastea,
Que unidas nascem, juntas viver pensam,
E que jamais na terra hão de encontrar-se.

Passou-se muito tempo... Rio abaixo
A canôa corria ao tom das vagas.
De repente elle ergueu-se hirto, severo,
—O olhar em fogo, o riso convulsivo—
Em golfadas lançando a voz do peito!...

Maria! diz-me tudo... Fala! fala
Emquanto eu posso ouvir... Criança, escuta!
Não vês o rio?... é negro!... é um leito fundo...
A correnteza estrepitando arrasta
Uma palmeira, quanto mais um homem!...
Pois bem! Do seio turgido do abysmo
Ha de romper a maldição do morto;
Depois o meu cadaver, negro, livido,
Irá seguindo a esteira da canôa
Pedir-te inda que fales, desgraçada,
Que ao morto digas o que ao vivo occultas!...

Era tremenda aquella dor selvagem,
Que rebentava emfim, partindo os diques
Na furia desmedida!...

Em meio ás ondas
Ia Lucas rolar...
Um grito fraco,
Uma tremula mão susteve o escravo...
E a pallida creança, desvairada,
Aos pés cahiu-lhe a desfazer-se em pranto.

Ella encostou-se ao peito do selvagem
—Como a violeta, as faces escondendo
Sob a chuva nocturna dos cabellos!...—
Lenta e sombria após contou d'est'arte
A treda historia desse tredo crime!... (176)

Ode ao Dois de Julho

Era no Dois de Julho. A pugna immensa
Travara-se nos cerros da Bahia...
O anjo da morte pallido cosia
Uma vasta mortalha em Pirajá.

—Neste lençol tão largo, tão extenso,
Como um pedaço roto do infinito...
O mundo perguntava erguendo um grito:
—Qual dos gigantes morto rolará?!

Debruçados do céu... a noite e os astros
Seguiam da peleja o incerto fado...

---

(176) De *A Cachoeira de Paulo Affonso.*

Era a tocha—o fuzil avermelhado!
Era o Circo de Roma—o vasto chão!
Por palmas—o troar da artilharia!
Por feras—os canhões negros rugiam!
Por athletas—dois povos se batiam!
Enorme amphitheatro—era a amplidão!

Não! Não eram dois povos que abalavam
Naquelle instante o solo ensanguentado...
Era o porvir—em frente do passado,
A liberdade—em frente á escravidão.
Era a lucta das aguias— e do abutre,
A revolta do pulso—contra os ferros,
O pugilato da razão—com os erros,
O duelo da treva—e do clarão!...

No entanto a luta recrescia indomita...
As bandeiras—como aguias eriçadas
Se abysmavam com as azas desdobradas
Na selva escura da fumaça atroz...
Tonto de espanto, cego de metralha
O archanjo do triumpho vacillava...
E a gloria desgrenhada acalentava
O cadaver sangrento dos heróes!...

. . . . . .

. . . . . .

Mas quando a branca estrella matutina
Surgiu do espaço... e as brizas forasteiras

No verde leque das gentis palmeiras
Foram cantar os hymnos do arrebol,
Lá do campo deserto da batalha
Uma voz se elevou clara e divina:
Eras tu—liberdade peregrina!
Esposa do porvir—noiva do sol!...

Eras tu que com os dedos ensopados
No sangue dos avós mortos na guerra,
Livre sagravas a Columbia terra,
Sagravas livre a nova geração!
Tu que erguias, subida na pyramide,
Formada pelos mortos do Cabrito,
Um pedaço de gladio—no infinito...
Um trapo de bandeira—n'amplidão!... (177)

As Senhoras Bahianas

(*Fragmento da carta*)

Pedem-se donativos para uma sociedade abolicionista.

Quem pede?

Quem pede são homens, que vos dizem simplesmente:—Para nossos irmãos!

---

(177) Das *Espúmas Fluctuantes*.

São escravos, que vos repetem com a monotonia da verdade:—Para nossos filhos!

E a quem se pede?

Não é a vós, banqueiros ou millionarios, ricos ou poderosos.

Não! Ha um instincto e um pudor neste pedido.

O pudor diz—a esmola de uma moça não humilha.

O instincto diz—o coração de uma virgem não faz economias.

Pede-se a vós, senhoras! a vós, donzellas! a vós, crianças!

A caridade pede *a vós*, *que sois a caridade*.

E' que o nosso coração acostumou-se a encarnar a virtude primeira do christianismo na fórma purissima da mulher—Charitas.

Symbolo divino... esta figura, cujos braços semelham duas ramas pesadas de fructos, em cujo regaço as crianças abandonadas se entrelaçam como as aves de um só ninho... sob cujo manto cobrem-se os nús, e dormem os cansados... esta figura benefica— é a synthese de uma religião... é a deificação de uma classe!

Acolá está todo o espirito do christianismo, todo o futuro da mulher nas sociedades modernas.

De seculo em seculo os homens ganharam um palmo no terreno da liberdade e do pensamento. As victorias da mulher foram no terreno do amor.

O Christo disse aos apostolos:—Ensinai a todas as gentes!—Mas disse ás mulheres:—Amai a todas as gentes!

O amor era uma corôa; desde então a caridade foi um resplendor. Houve dilatação no circulo dos affectos.

A estatua da esposa grega tinha os pés sobre uma tartaruga, para lembrar-lhe a immobilidade do coração.

Teu universo é o—lar. (178)

O adeus de Gonzaga

Scena VIII

O GOVERNADOR, O TENENTE-CORONEL, E MUITOS CAVALHEIROS, GONZAGA, MARIA E LUIZ

O GOVERNADOR

Sr. Dr. Thomaz Antonio Gonzaga, é tempo de partir... Espera-o alli uma masmorra, alem Moçambique ou o cadafalso...

GONZAGA

Não, espera-me aqui o amor de Maria, alem a gloria e o céu... Luiz. meu velho amigo, adeus! .. venha o ultimo abraço, meu companheiro de infancia...meu companheiro de desgraça... Adeus!...

---

(178) *Carta de Castro Alves ás Senhoras Bahianas.*

LUIZ

Não, senhor, a ordem deve ser para todos os presos... Eu que o apanhei no berço, só o largarei no tumulo... Minha senhora, elle terá um amigo junto ao seu leito de agonia, ou ao pé de seu cadafalso. 'Adeus...minha senhora... *(Passa)*.

GONZAGA

Maria!

MARIA

Gonzaga! *(Abraçam-se chorando)*

O GOVERNADOR

Oh! desespero! Elles são ainda mais felizes na sua desgraça do que eu na minha vingança! Eis o meu castigo!... Deus e elles se vingaram...

MARIA

Meu noivo...meu esposo, meu unico amor! lembra-te de mim nas tuas horas de agonia.

GONZAGA

Adeus, Maria. Lembra-te de mim, quando estiveres em Villa Rica. Lembra-te de mim, quando te sentares na encosta do rio, quando escutares o sabiá cantando á tardinha nas palmeiras, quando vires minha casinha deserta e fechada...Quando caminhares por onde nós passea-

vamos juntos... Lembra-te de mim... lembra-te de mim!...

MARIA

Ah! eu suffoco! Ah! dá-me o ultimo abraço! dá-me o primeiro beijo...

GONZAGA

Adeus! *(Destaca-se dos braços della e vai precipitadamente para o fundo, donde volta pela ultima vez.)* Maria! até á terra ou até ao céu!... *(Sae).*

MARIA

Adeus! Teu cadaver será da patria, teu coração meu, tua alma de Deus... Parte para a agonia e para a gloria. (179)

Victoriano Palhares

(1847—18...)

Victoriano J. Marinho Palhares, nascido no Rio, morreu moço, não chegando a concluir o curso de preparatorios. Escreveu diversos livros: *Mocidade e Tristeza*, *Centelhas*; *Peregrinas;* etc. Foi um poeta lyrico, mas de

(179) Final do drama *Gonzaga ou a revolução de Minas*, drama historico brazileiro, Acto IV, scena XIII.

um lyrismo muito pessoal, intimo e subjectivo. Quanto á forma não foi menos condoreirista do que Castro Alves de quem foi intimo amigo. Tem cantos patrioticos, bem como versos de preoccupação philosophica.

Riachuelo

Foi prodigio! Riachuelo assombra
E' custoso pensar n'essa batalha:
Deus alli trabalhou.
Alli da morte diffundiu-se a sombra,
Em manto, que era purpura e mortalha,
E que ao mundo espantou.

O direito de um lado, d'outro a raiva.
Rancor de abutre, o odio sem motivo;
Um capricho do mal.
Fecha-se o tempo, e a morte, qual saraiva,
Fulmina o homem livre e o captivo
Em combate infernal.

A peleja rompeu como um incendio;
Um diluvio de fogo inunda o rio,
Que referve em cachão,
E róla e sobe e engole o vilipendio
De mistura co'a legião sem brio,
Que defende o falcão.

Foi hora de explosão e de loucura;
Hora sem luz, sem vida, hora da morte;
Uma hora, que é um fim.
Hora que aterra o anjo da bravura,
Hora em que tudo oscilla, até a sorte,
Hora sem outra assim!

Transformou-se em catastrophe a coragem;
Surgiu de unhas de tigre o heroismo;
Foi tudo combustão!
Rasgou-se o rio em horrida voragem,
E sedentos travaram-se no abysmo
A hyena e o leão.

Tudo range, vacilla, chia, estala;
O machado, o vapor, o arpéo, a espada,
Homerico fragor!
Os navios varados pela bala;
A bandeira voando esfarrapada,
E os Brázidas sem côr!...

Luctam, morrem, ou matam nos seus postos,
Os sabres nús faiscam mil centelhas:
Duello de vulcões!
Corusca o desespero pelos rostos
Onde as almas reflectem-se vermelhas
Já do ceu aos clarões.

Barroso empolga o genio do perigo;
Quasi estatua de chofre se electrisa,

E embocca o porta-voz.
E parte e vôa e cáe sobre o inimigo
Em quem, já fundo, o medo paralysa
O delirio feroz.

A victoria scintilla de repente
Como luz de relampago; a esquadra,
Como um orgão, soou
Nas mil notas do hymno refulgente
Que a epopeia brazileira enquadra
E que o mundo saudou!... (180)

O sorriso

E' a hora do crepusculo.

Contemplemos o quebranto universal.

As eminencias se azulam, as profundidades se ennegrecem; todo o rubor da natureza se concentra na face do occidente.

O oceano já não tem um rugido, o vento, ja não tem um silvo; a vaga como que suspira, a viração como que canta.

E' o instante da ternura dos elementos; Neptuno e Eolo derramam no espaço a estrophe de seus amores profundos.

---

(180) Das *Centelhas*, 1870, pags. 36-37

O vôo da ave é tremulo, o perfume da flor é fugitivo! nas azas do passaro um pavor innocente; na folhagem do arvoredo um langor desconhecido.

Nas côres ha o quer que seja de desmaio, nos sons o quer que seja de delirio.

Em toda a terra ha um como que arruido suave de duas azas que se fecham; em todo o céu um como silenciar vago de um veu que se adelgaça.

E' a hora da languidez divina.

No relogio da creação a pancada dessa hora é um suspiro, um suspiro de coração em extasi ou de alma em arroubo.

E' a hora da melancholia, porque tudo é pallido; é a hora da poesia, porque tudo é vago; é a hora do coração, porque tudo é saudade; é a hora da alma, porque tudo silencia.

E' a hora em que o homem pensa olhando para o chão, a mulher ora olhando para o ceu e a criança adormece sorrindo para Deus.

E' a hora em que a sombra estende-se como uma mortalha, e a noite desce como uma lousa. (181)

---

(181) *As noites da virgem*, 4.ª edição, pags. 13 a 15.

III

LITERATURA CONTEMPORANEA

(*Seculo XIX—Segunda Metade*)

Carlos de Laet

(1847)

Carlos de Laet, nascido no Rio de Janeiro, é professor do Gymnasio Pedro II, e conceituado chronista e pamphletario temido, que se compara a Veuillot. E' da Academia Brazileira de Letras. O seu volume *Em Minas* encerra excellentes descripções e paisagens. E' reputado profundo conhecedor da lingua portuguêsa.

Microcosmo

—Asseguro-te, meu caro Raul, que estás eleito membro da Academia de Medicina.

—Não é possivel!

—E todavia nada mais verdadeiro. Encontral-o-has em todas as folhas, e com todas as lettras.

—Inaudito! Phantasmagorico! Phenomenal!

—Pódes, como quizeres, accumular os epithetos. O facto deu-se. Facto consummado. A douta corporação reuniu-se, avaliou os teus meritos scientificos na provincia do saber humano em que tem competente alçada, e conferiu-te a honrosa distincção que vae causar inveja a innumeros filhos de Esculapio.

—Parece-me estar sonhando!

—Nem ha razão melhor para que acredites. *La vida es sueno*. Tudo que entra na ordem do inacreditavel acaba sempre por verificar-se. Ao menos neste paiz. *Cosas de Espana*.

—Estás hoje muito hespanhol.

—Influencia do collega Isasi. Deixa-te de coisas, Raul, e vai já preparando o teu discurso para o dia da recepção solemne. Espero ser convidado.

—Tal dia não chegará. Não me presto a debiques. Basta-me debicar os outros. Recuso a estupenda distincção.

—Fazes mal porque foi merecida.

—Tambem tu me queres apurar a paciencia!

—Não: quero convencer-te... E porque recusarias?

—Porque não sou medico; não entendo patavina da arte de curar.

—Puro, purissimo engano, meu caro Raul. Em primeiro logar tu és a flor dos anatomistas.

—Eu?!

—Certamente. Desenhas como um mestre, que já és, na *charge*, na caricatura. Ora, não é possivel esboçar, de relance, a figura humana sem ter a noção exacta das proporções do corpo. Escusado é lembrar-te que em todos os cursos de bellas-artes, quer para a pintura, quer para a estatuaria, desgraçado é o artista que não se prepara estudando o *esfolado*;—e que é o *esfolado* senão a minuciosa estampa dos musculos que nos cobrem o arcabouço? Raul, tu és um grande anatomista, e a anatomia, como não ignoras, entra no rol das disciplinas medicas.

—Realmente; mas é só isso.

—Não. Não se desenha um rosto humano, não se exprime com alguns traços uma physionomia, não se surprehende de improviso a ideia, o sentimento, a paixão de um individuo sem que igualmente se hajam apprehendido as relações mysteriosas entre a alma e o organismo. O tratadista escreve um livro sobre a physiologia das paixões: o caricaturista mostra em rapido debuxo o que para se explicar gastaria muitas palavras. Raul, tu és um habil physiologista.

—Já começo a concordar.

—Ainda bem; mas não é tudo. Tu entendes tambem de microbios. Tu és microbiologista.

—Ora, essa!

—Sem duvida. Filho do teu seculo e sabendo que todo o scientista que se presa deve, pelo menos, ter inventado, quero dizer—descoberto um microbio, tu inventaste ou descobriste um, mais demolidor que todos os outros: o do riso. Deus me livre que te dê na venêta açulal-o contra mim! Era capaz de te quebrar o laboratorio. Ainda bem que nas tuas culturas não propendes para a perversidade!

—Muito obrigado. Continúa; quero ver qual o ramo das sciencias medicas a que me julgas extranho.

—Quasi nenhum. A orthopedia (que se póde pronunciar paroxytona ou proparoxytonamente, *vide* Ramiz e Candido de Figueiredo) tem por fim a correcção das deformidades. Ora, quem quer que olhe para as tuas caricaturas, logo entende que, se tiveras sido o creador, terias feito a gente com pés e mãos muito maiores que o natural, que está errado. Tu corriges a natureza, no que obras muito bem. Em nossa terra onde ha falta de braços, as mãos deviam ser maiores, para guardarem proporções com as unhas, que as ha bem compridas. Já não fallo de pés, porque vai muito contra a verdade quem chama de *patas* as extremidades volumosas. O burro, por exemplo, com a devida venia, tem um pé mais pequeno que o da mais catita chineza. A ferradura, em pontos de calçado, não chega a 35. Emendando mãos e patas, tu orthopedias a raça humana.

—Era sem querer.

—Mas fizeste muito bem. A's vezes um homem acerta por brincadeira. Olha os que presagiavam desgraças pela vinda do cometa... Morte do Eduardo VII, terremotos na America Central, estatuaria positivista, alça da taxa cambial.. Raul, repito, ás vezes o brinquedo sae verdade. Só o caipora do Mucio é que nem gracejando acerta! Tambem chupa cada verrina! O Bricio, que andava meio impressionado com uma das previsões sinistras, o empastellamento pela brigada estrategica, quando terminou o praso fatal quasi mata o astrologo.

—Felizmente a mim nunca me deu para propheta.

—Não: mas és muito feliz no prognostico. Desde o principio debuxaste a Aguia de Haya com um tal geitinho no beiço de baixo que parecia estar dando um muchocho. E não será a annunciada perlenda, sobre a inelegibilidade do outro, o ultimo e despeitoso amúo do illustre derrotado?

—Será como dizes. Mas inabalavel é a minha resolução. Recuso! Não me lembra ter curado ninguem.

—Sim, tens curado innumeros *spleens* com as gostosas risadas que lhes arrancas. E, depois, se visses, por exemplo, um confrade enfurecido e querendo bater em todo o mundo,—que é que lhe applicarias?

—Camisola de força...

—Perfeitamente. Acabas de revelar uma nova face da tua erudição: és perito psychiatra.

—E se a teu lado um amigo espirrasse tres vezes?

—*Dominus tecum* e *allium sativum*.

—Raul, tu me assombras! Imagina agora que um hierarcha do Instituto Historico, o Fleiüss, *verbi gratia*, absolutamente se obstinasse em nada produzir, provavelmente pelo abuso de ingestão erudita.....

.....

—*Optimé cum laudé*! E como é que, anatomista, physiologista, microbiologista, orthopedista, profundamente versado em therapeutica, em psychiatria, abalisado clinico e especialista em molestias dos orgãos respiratorios... poderias escapar á intelligente escolha da Academia de Medicina? (182)

Alencar Araripe Junior

(1848—1911)

Tristão de Alencar Araripe Junior, nascido no Ceará, foi uma das intellectualidades mais eruditas da literatura contemporanea. Escreveu romances, paginas de critica e de philosophia, e estudos de direito. Pertenceu á Academia Brazileira de Letras. Entre as suas

(182) Do jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro, maio de 1910.

obras estão estas: *Miss Kate* (romance); *O movimento literario de 1893*; *José de Alencar; Gregorio de Mattos; Ibsen; Dialogo das novas grandezas do Brazil;* etc. Usou muito do pseudonymo de *Cosme Velho*. Exerceu diversos cargos publicos, entre os quaes o de consultor geral da Republica.

Miss Kate

(*Fragmento*)

.....

O convalescente parou no meio da estrada. O olhar circumvagou como á espera de alguma coisa

A manhan estava divinal. Dir-se-ia que tudo em roda conspirava para exalçar a alma de Agrippino no enlevo dessa natureza dyonisiaca, que tem sido tantas vezes objecto de poemas, em verso, em prosa. A luz erguia-se victoriosa, explendente, cheia de polarisações. Havia no ar um cheiro de ozona; e das folhas das arvores pendiam gottas de orvalho,—diamantes espalhados prodigamente por mão de fada. As aves chilreavam, esvoaçando, cantantes, dos arbustos para a copa dos arvoredos, n'uma crescente inquietação de alegria. Embora fosse agosto, os vortilhões de nevoas tinham fugido inteiramente ao amanhecer; e a nitidez do azul do ceu e o intenso fulgor do verde da floresta contrastavam com o torvo das

grotas, que, em baixo, escancaravam o seu mysterio apregoado pelo grito soturno da araponga.

Simões havia estacado por acaso no ponto do caminho de onde se avistava o rochedo da Gavea, no qual, segundo dizem, existe um letreiro cryptogamico. Lançando os olhos para esse lado, teve a ideia de que talvez o agitava o genio do logar, o *genius loci*. Seguramente a sympathia da região lhe annunciava acontecimentos concordantes com o seu intenso desejo de curar-se e de voltar em paz a goso do seu temperamento antigo.

Ferio-lhe os ouvidos um ruido surdo de vozes intercadentes. Na volta da estrada appareceram acompanhadas das amas, creanças, que passeiavam alegres, festivaes. O bando jucundo e papagueador passou rapido, deixando-o mergulhado no sentimento da duvidosa convalescencia, que elle, por illusão, acreditava estar firmando. Tudo voltou ao silencio relativo das solidões: O doutor pôz-se então a apurar o ouvido, attento, mas sem objectivo. Da matta partiam, de vez em vez, os gemidos de uma rôla que chamava o amigo. Estes sons confundiram-se logo com um gargalhar sonoro, que vinha de cima da volta da estrada; e immediatamente o estrupido de patas de cavallos e o rasgar da areia pelas rodas de um carro chamaram-lhe a attenção para aquelle ponto. Um pequeno *break*, puxado por animaes de raça, e guiado por cocheiro inglez, mostrou-se a poucos passos trazendo uma rapariga em toilette matinal.

Simões não poude vel-a a principio; mas sentia que se tratava desse *alguem*, que o ambiente lhe annunciára.

Era miss Kate.

Assoberbou-o uma sensação de jubilo intraduzivel. A um signal, o *break* parou e a estrangeira descendo, atirou-se-lhe nos braços. O cocheiro seguiu discretamente; e os dois, inlaçados, soluçando palavras desconnexas, quasi sem fallar, metteram-se pelo primeiro trilho que se lhes offereceu á vista. Adiante havia uma lage posta a geito de um divan. Sentaram-se. (183)

Ibsen e o symbolismo

Fui, ha dias, apresentado a um distincto engenheiro norueguez.

No decurso da conversa que se seguiu aos cumprimentos do estylo, fallando-se, como era natural, no grande dramaturgo escandinavo, perguntei-lhe qual das obras de Ibsen mais lhe agradava. O engenheiro hesitou. A sua palavra, como em geral acontece a todos os naturaes dos *fjords*, tardia, não balbuciada, mas reflectida, como que se debatia num trabalho interno de evocação plutonica do pensamento amodorrado.

—E' difficil responder. Ibsen teve etapas na sua vida de artista.

---

(183) *Miss Kate*, Rio, 1909.

Calou-se. Recolheu-se. O homem do norte europeu, descendente porventura de algum *viking* illustre, hoje entregue aos arduos trabalhos da engenharia e da architectura, sorprendido por uma pergunta tão extranha ao mundo pratico e principalmente ao ambiente que nos cercava, pois nos achavamos no *Franciscanen Bar*, sentio necessidade de descer ao fundo da alma para colher a impressão que lhe deixára a leitura do poeta de *Solness*, *o constructor*, seu patrono.

A voz, então, tremeu ligeiramente. O pensamento, por fim, chegára aos labios.

—*Peer Gynt!* disse.

—Provavelmente! exclamei eu. Contava com isto mesmo. *Peer Gynt* é o *Don Quichote* dos povos teutonicos.

—Sim!...

E tornou a emmudecer.

Chalrei alguns minutos em torno daquella ideia. O engenheiro, por ultimo, de accordo ou não com as proposições que eu emittia, accrescentou:

—A obra-prima de Ibsen, todavia, é o *Pato selvagem*.

Era um juizo secco, mas inabalavel.

Separamo-nos. Na Avenida, o companheiro-amigo que fizera a apresentação, disse, preoccupado:

—Como estes Norueguezes são frios e enregelados! E' preciso um boticão para arrancar-lhes alguma cousa das entranhas do pensamento.

—Um escaphandro! ponderei. Entretanto, nesses abysmos, apparentemente silenciosos, fervem paixões, e os ideaes se sublevam como vulcões submarinos.

Ibsen tinha a feição de um mercador de queijos. O seu aspecto exterior era quasi algido, como o de um burguez que vivia a ruminar negocios. Sob essa crosta de gelo, todavia, elaborava-se, em permanente convulsão, a tragedia da vida diurna, que o pezadelo do genio fazia germinar á noite no silencio tragico da procreação artistica.

Effectivamente, não ha quem leia com attenção a obra de Ibsen, em qualquer das suas partes, por menos dotado que seja de cultura literaria, que não sinta o arrepio da epiderme do espirito. E' que o leitor, o mais desapparelhado em arte theatral, vê de subito emergir das aguas tranquillas a cabeça do escaphandro. Os olhos desse animal semi-artificial trazem o susto nas pupilas vitreas, sem expressão, desmesuradamente enormes e abertas para a escuridão do fundo do mar. A cabeça monstruosa lembra o Tritão mythologico, desfigurado pelo capacete de aço dos cavalleiros da Edade Media. As pernas envoltas em calças de *caoutchouc*, esmolambadas e escorrendo agua, desnorteam a visão do observador, lembrando a imagem truncada de um elephantiaco tropego a cambalear sob o peso de uma cabeça que não é sua.

As mãos núas são, porem, do homem. Ellas são delicadas, alvas, intelligentes, vivas e intensas no movi-

mento como é viva e intensa a civilisação que estão preparando. Os dedos afilados trazem algas: mas entre as algas surgem madreporas.

Não é preciso ser artista para sentir nesse conjuncto de enormidades e delicadezas alguma cousa que interessa a alma universal.

Do sobresalto commum, variando apenas de aspecto, conforme o temperamento, sem embargo da ignorancia do leitor, ou do espectador, originou-se o triumpho do escandinavo. (184)

Joaquim Nabuco

(1849—1910)

Joaquim Nabuco, nascido em Pernambuco, logrou renome nas letras e na politica. Aqui, exerceu com grande brilho cargos electivos no Parlamento do Imperio e altas posições na diplomacia, morrendo como embaixador em Washington. Ali, teve elogiavel capacidade de trabalho, produzindo, entre outros, os seguintes volumes: *Pensamentos avulsos*, *Minha formação*, *Um estadista do Imperio*, e *Discursos e conferencias* (de publicação posthuma). A

(184), *Ibsen*, Porto, 1911.

sua figura foi uma das mais salientes na intellectualidade brazileira, pertencendo elle á Academia de Letras.

Nada

Tudo é nada no mundo, o nada é tudo
Porque tudo do nada foi tirado!
Porque no nada tudo é transformado,
E ao nada volverá n'um dia tudo!

Deus do nada com um gesto tirou tudo,
Pois do nada o universo foi tirado!
E n'um dia no nada transformado,
Deixará de existir! e assim vae tudo.

Só nossa alma persiste! e Deus eterno
Cuja essencia é de si mesmo increada,
Por um ser divino,—Ente Superno!

Na potencia do mundo agigantada
Nesta terra, nos céos, no proprio inferno,
Sómente uma palavra eu leio:—Nada. (185)

Academia Brazileira

(Fragmento)

A principal questão ao fundar-se uma Academia de Letras brazileira é se vamos tender á unidade literaria

(185) Transcripto dos *Sonetos Brazileiros*, collectanea feita por Laudelino Freire.

com Portugal. Julgei sempre esteril a tentativa de crearmos uma literatura sobre as tradições de raças que não tiveram nenhuma; sempre pensei que a literatura brazileira tinha que sair principalmente do nosso fundo europeu. Julgo outra utopia pensarmos em que nos havemos de desenvolver literariamente no mesmo sentido que Portugal ou conjunctamente com elle em tudo que não depende do genio da lingua. O facto é que, falando a mesma lingua, Portugal e Brazil têm de futuro destinos literarios tão profundamente divididos como são os seus destinos nacionaes. Querer a unidade em taes condições seria um esforço perdido. Portugal, de certo, nunca tomaria nada essencial ao Brazil, e a verdade é que elle tem muito pouco, de primeira mão, que lhe queiramos tomar. Uns e outros nos fornecemos de ideias, de estylo, de erudição e pontos de vista, nos fabricantes de Paris, Londres ou Berlim... A raça portugueza, entretanto, como raça pura, tem maior resistencia e guarda assim melhor o seu idioma; para essa uniformidade de lingua escripta devemos tender. Devemos oppôr um embaraço á deformação que é mais rapida entre nós; devemos reconhecer que elles são os donos das fontes, que as nossas empobrecem mais depressa e que é preciso renoval-as indo a elles. A lingua é um instrumento de ideias que póde e deve ter uma fixidez relativa; nesse ponto, tudo precisamos empenhar para secundar o esforço e acompanhar os trabalhos dos que se consagrarem em Portugal á pureza do nosso idioma, a conservar as formas genuinas, cara-

cteristicas, lapidarias, da sua grande epoca... Nesse sentido nunca virá o dia em que Herculano, Garrett e os seus successores deixem de ter toda a vassalagem brazileira. A lingua ha de ficar perpetuamente *pro-indiviso* entre nós; a literatura, essa, tem que seguir lentamente a evolução diversa dos dois paizes, dos dois hemispherios. A formação da Academia de Letras é a affirmação de que literaria, como politicamente, somos uma nação que tem o seu destino, seu caracter distincto, e só póde ser dirigida por si mesma, desenvolvendo sua originalidade com os seus recursos proprios, só querendo, só aspirando a gloria que possa vir de seu genio. (185 bis)

Ruy Barbosa

(1849)

Ruy Barbosa, nascido na Bahia, tem sido o mais pujante talento do Brazil, revelando-se um grande orador e maior escriptor, muito rico em erudição e de requintado purismo de estylo. Tem exercido varios cargos de representação, e distinguiu-se sobremodo como embaixador do Brazil na Conferencia de Haya, em 1907. A sua

(185 bis) Transcripto da *Revista da Academia Brazileira de Letras*, num. 1, anno 1, Julho de 1910.

producção está em varios volumes, dos quaes são estes os mais notaveis: *Cartas de Inglaterra; Politica e finanças; Amnistia inversa; Visita á minha terra natal; Replica ás defesas da redacção do projecto de Codigo Civil Brazileiro; O habeas-corpus, etc.* E' o presidente da Academia Brazileira de Letras.

Sobre o prestigio do homem politico

(Fragmento)

A força politica adquire-se na tribuna das assembleias deliberantes, ou no exercicio dos altos cargos do governo; e eu, depois de renunciar espontaneamente a vice-chefia do Estado, e deixar a dictadura, quando não dependia senão da minha vontade manter-me nella, associado ao marechal Deodoro, cuja confiança disputou os meus serviços até ao ultimo momento, acabei por devolver aos meus eleitores o mandato de senador.

Não são essas as artes da ambição politica. O agitador não repudia taes armas, as mais formidaveis na conquista do poder.

Quizesse eu levantar escarceus politicos, e não me dirigiria ao remanso deste tribunal, a este recanto de paz, abrigado contra todos os ventos, a esta enseada á cuja beira vêm morrer as marulhadas do oceano, que brame lá fóra. Aqui não podem as paixões, que tumul-

tuam na alma humana; porque este lugar é o refugio da justiça.

A justiça é a minha ambição, senhores juizes: a justiça, para a qual se voltam os interesses contemporaneos, mas que deve cobrir egualmente as gerações futuras, ou entregal-as indefezas ás intemperies da força, si lhe faltar, de vossa parte, a protecção de um aresto reparador. Meu unico pensamento é arrancar ás miserias de uma situação inconstituicional cidadãos inculpados; e, si elles têm culpa entregal-os aos tribunaes.

A's victimas dessas medidas indefensaveis nenhuma dependencia me vincula, a não serem as relações geraes de humanidade. Amigos quasi os não tenho entre elles. Desaffeiçoados, adversarios, inimigos, isso sim, muitos. Dessa leva, atirada para as prisões e para o degredo, a parte mais numerosa, ou, pelo menos, a mais saliente, compõe-se de antagonistas do Governo Provisorio, que, combatendo-o, o enfraqueceram, e, enfraquecendo-o, apparelharam a situação, de que é procedencia a actualidade. Fôsse minha alma capaz de aninhar despeitos, e a minha vingança ter-se-ia feito agora em mel para a taça do ditador. E' lá, no côro da lisonja, entre os escanções do triumphador, que estaria o meu logar, si o meu temperamento me permittisse fazer da palavra instrumento de instinctos inferiores, si o amor da patria não fôsse a grande paixão de minha vida.

Entre esses condemnados, senhores juizes, ha grandes influencias sociaes, potestades do alto commercio, opu-

lentos capitalistas. Todo um mundo de interesses, subalternidades e affeições gravita em torno delles. Ninguem imaginaria que as forças desse circulo de relações, despertadas por um appello á justiça como este, não se agitassem vivamente no campo da acção, que entre ellas e o patrono deste *habeas-corpus* não se estabelecesse a mutualidade mais activa de esforços pela causa commum. Pois bem: a verdade é que não houve entre mim e ellas, até hoje, communicação nenhuma. Que circumstancias poderiam explicar esta retracção dos interessados, o silencio dos parentes, das familias, dos amigos, derredor desta tentativa legal de liberdade? O medo, senhores juizes, já teve força uma vez, para abrir este vasio entre o defensor e seus clientes! Debaixo desses tectos, a que o golpe dictatorio arrebatou os chefes, penetrou o terror. Mães, mulheres, filhas, irmãs, não sabem si a propria defeza não será, para os envolvidos na colera do poder, um principio de novos soffrimentos. Cada uma dellas, heroina capaz de todos os sacrificios pelas grandes affeições domesticas, pelos grandes deveres do coração, treme, por isso mesmo, de que um movimento de energia, um grito publico pela justiça actue como provocação ao arbitrio daquelles cuja soberania não conhece limites. Ninguem sabe a que ponto se possa aggravar a sorte dos flagellados. Ninguem pode prever as cabeças ameaçadas pelo raio, que se occulta nas mãos da dictadura. E' o sentimento da escravidão na sua plenitude.

E depois (recebei na vossa magnanimidade esta franqueza como homenagem do meu respeito)... não se

confia bastante na justiça. Ainda não se experimentou a autoridade deste Tribunal, ainda não se lhe sentiu a força amparadora contra os excessos do poder. Quer-se um exemplo e esse exemplo reanimará a nação. (186)

O processo Dreyfus

Não me cabe descrever a cerimonia atroz da degradação militar, preludio feroz da expiação sobrehumana, que se abriu hontem para o malfadado. Essa cruel solemnidade horrorisou a Europa. Antes de se separar irremissivelmente da patria, amaldiçoado pelos seus conterraneos, para ir agonisar, sob o indelevel ferrête, em remoto presidio penal, esse infeliz passou pelos tratos do mais tremendo supplicio conhecido na historia das torturas moraes. O formidavel espectaculo fôra preparado com todos os requintes da euscenação regulamentar. Quando o condemnado entrou no quadrangulo da Escola Militar, as insignias, que ainda lhe sobresahiam na farda, já não figuravam ali senão por artificio convencional, como outros tantos stygmas no peito e na fronte daquelle homem. O alfaiate substituira de vespera as costuras por alinhavos; o cutileiro partira e resoldára a espada, que no outro dia se devia quebrar publicamente deante das tropas. A lenta e implacavel pragmatica esgotou no flagellado o calix das affrontas possiveis. Se entre ellas

(186) *O Habeas-corpus*, pags. 64-65-66

não figura o esbofeteamento, dir-se-ia que não é senão para poupar á mão do executor o vilipendio do contacto com o rosto do reprobo. Desde o *kepi* até ás listas vermelhas das calças, um a um lhe cahiram aos pés, arrancados por um subalterno, os emblemas da dignidade militar. Ficaram-n'o envolvendo apenas os restos negros e rotos da farda, imagem do luto pela honra que acabava de despir. Nesse miseravel extremo ainda lhe coube a penitencia de transpôr as filas do quadrado; e, entregue então á policia civil, submettido, como os criminosos communs, á medição anthropologica, passou das mãos dos seus camaradas ás dos gendarmes, para acabar os dias em Nova Caledonia, entre a escoria dos criminosos, onde a familia irá respirar com elle o ar dos galés.

Qualquer que fôsse o crime daquelle desgraçado, a rebuscada e caprichosa deshumanidade dessa punição revolta profundamente o sentimento contemporaneo. Aqui o effeito foi de indignação e espanto. A repugnancia ao escandalo por pouco se não transmudou em misericordia e sympathia pelo afflicto. «A cerimonia da degradação», escreve o sr. de Blowitz em um dos seus telegrammas ao *Times*, «apresenta hoje em dia um espectaculo de aspecto barbaro, do qual nenhuma lição se póde colher. E' deploravel que se não pudesse pronunciar a pena de morte». (187)

(187) *Cartas de Inglaterra, O processo Dreyfus*, pags. 2-3.

Da "Plataforma"

Se eu não soubesse estar na Bahia, nesta região saturada de espiritualidade, onde a intelligencia nos envolve e enche o ambiente, como o azul da atmosphera, a luz solar e a doçura das nossas viraçÕes, não me animaria a dirigir a um auditorio popular um documento arido, longo e fastidioso como este. As multidões amam a eloquencia, e bebem com delicia os prazeres da palavra nos labios dos grandes oradores. A arte de governar, a razão politica, a sciencia do Estado reservam as suas considerações reflexivas, complicadas e graves para as academias, os parlamentos, as convenções de partidos onde circulos selectos de especialistas, de estudiosos, de correligionarios, de interessados, escutam a voz fria das leis, dos documentos, dos algarismos, das predições calculadas, nos cursos, nas dissertações, nos relatorios, nos programmas.

Submetter um destes á prova de uma audição num theatro, á impetuosa alluvião das turbas apaixonadas, seria, noutro qualquer lugar, uma das minhas temeridades maiores nesta campanha, uma das maiores coragens minhas nesta lucta. Mas nesta cidade as massas têm, por instincto, o sentimento das grandes questões nacionaes. Como o oiro nos garimpos dos nossos admiraveis sertões, o genio politico assoma e resurte aqui, do seio do povo, com a espontaneidade das prendas de raça debaixo de certos ceos privilegiados. Cada homem do po-

vo, nesta terra, como que traz no seio alguma coisa, uma intuição, um rudimento, um traço das qualidades do homem de Estado. Se daqui vos falasse agora um tribuno, iriamos assistir, esta noite, a um comicio agitado e tumultuoso. Mas é um programma de governo que se vos endereça, e já não sois a multidão sedenta de emoções. Uma impressão nova e diversa vos vae transfigurar. Sobre essas cadeiras baixa a consciencia de uma deliberação. E' um parlamento, ou um tribunal, que entra a funccionar, paciente, sereno, reflexivo, com o ouvido indulgente, a attenção resignada, o animo equitativo, o juizo moderado pelo sentimento da sua responsabilidade. (188)

O regimen republicano

A physionomia usual das revoluções é a violencia. A indole natural das dictaduras é a oppressão. Mas a dictadura revolucionaria de 15 de novembro não opprimiu, nem violentou. Seus actos, ao contrario, sempre se procuraram nortear pelos intuitos da clemencia, conciliação e equidade. Seus erros foram os da tolerancia, os da justiça, os da compaixão. O monte-pio dos funccionarios federaes não é a creação da benevolencia de um homem: é a expressão instinctiva da humanidade de uma epocha. Sobre essa epocha, sobre os estadistas que a

(188) *Ruy Barbosa na Bahia*, Bahia, 1910, pags. 133-134.

regeram, não sei qual venha a ser definitivamente o juizo dos homens: tão obstinada tem sido a conspiração abominavel das influencias odiosas e baixas, das subalternidades malignas e torpes, que raivam contra a politica destes tempos, contra as individualidades que a encarnam. Mas, se a providencia da verdade vela pela pureza da historia, esta dirá que nunca uma dictadura tão desmedidamente senhora do poder do mal esparziu sobre sua patria somma tão extraordinaria de bem. E, se os tribunaes da terra são apenas a imagem infiel de uma justiça ulterior, recta sempre nas suas sentenças, perante esta me assegura a consciencia que a nossa obra não ha de responder, como está respondendo, pelos crimes de seus destruidores.

Contra estes a reacção ha de vir, a reacção pela republica ameaçada E todos os que desta receberam allivio nos seus soffrimentos estão no dever de retribuil-o á grande bemfeitora, cooperando com fervor para a durabilidade do seu triumpho. Neste caso vos achaes vós: o reconhecimento, que transborda nestas manifestações não me cabe; elle pertence de direito absoluto ás instituições, de que eu fui apenas orgão leal e servidor solicito. A politica imperial, a cada mudança de situação, exercia sobre vós brutalmente a lei de guerra, que expolia os vencidos, para premiar os vencedores. A politica republicana, pelo contrario, egualando-vos perante o seu zelo, ampliou alem da propria morte a estabilidade dos vossos direitos. Pela previdencia, pelo coração, pela familia, deveis, portanto, considerar-vos consagrados a

esta fórma de governo, e trabalhar sinceramente na sua organisação. Politicos sois, e deveis ser francamente, não no sentido dos interesses da ambição, que convulsionam as facções, mas no da fidelidade constitucional, que desacoroçôa as cabalas insidiosas. (189)

Domingos Olympio

(1850—1906)

Domingos Olympio de Braga Cavalcanti, nascido no Ceará, formou-se em direito no Recife, dedicou-se ao jornalismo e á advocacia, escrevendo tambem dramas, comedias, novellas e romances. No fim da vida era director da revista *Os Annaes*, em que manteve uma chronica politica semanal e publicou um longo romance *O Almirante*. Escreveu ainda mais: *O Negro* (romance); *Luzia Homem* (romance); *Uirapurú* (novella); e uma *Historia da Missão de Washington*.

O Almirante

(*Como termina o romance*)

Cansada de esperar, a marqueza recolhia ao palacio quando encontrou o conselheiro, d. Eugenia e Laura,

(189) Do livro *Visita á terra natal*, Bahia, 1893, pags. 61, 62, 63.

muito assustados pelos rumores de movimento de tropas, pela agitação que repercutia nas ruas mais affastadas do centro da cidade.

—Que houve?—perguntou a marqueza, dirigindo-se ao conselheiro.

—Não sei, minha senhora—respondeu elle, num angustioso tom de timidez—Ha grande agitação na cidade, mas nós nada sabemos com segurança. Pensamos na senhora, que estava só neste palacio, e viemos demonstrar-lhe que o lugar dos seus amigos, nos momentos afflictivos, deve ser ao seu lado.

—E a eleição?—retorquiu a marqueza—Venceu o Prudente? A tropa revoltou-se?...

—Não sabemos—interrompeu d. Eugenia—Mas alguma coisa houve... A marqueza fazia gestos de impaciencia e proferia phrases que lhe traiam a agitação dos nervos distendidos na longa e torturante espera da desejada noticia da eleição.

—E' possivel?—murmurou ella—Nada sabes então? Como verificar a verdade?... Seria capaz de ir em pessôa á cidade. Esta incerteza me tortura...

E caiu extenuada sobre a poltrona de couro da Russia que ella costumava occupar quando recebia os amigos.

—Si v. exa. ordena—observou o conselheiro—irei eu saber o que houve.

—Não; não exijo esse sacrificio, meu caro amigo— respondeu ella, vivamente—E o Castrinho, o Sergio? onde estarão?...

Amelia sorria, não comprehendendo a razão dessa anciedade. E havia nos seus labios esse tom de ironia com que os devotos julgam as futilidades humanas, o que não concerne á salvação das almas, a unica preoccupação dos mortaes.

Ouviu-se, então, um ruido de carruagem, estacando defronte do palacio. Pouco depois, Sergio de Lima e o dr. Amador entraram no salão. Vinham extremamente pallidos e pararam hesitantes, antes de poderem usar da palavra, embargada pela commoção e pela fadiga.

A marqueza ergueu-se subitamente numa attitude de interrogação, que Sergio de Lima respondeu com um expressivo gesto de desespero.

—Venceram—murmurou o moço, desanimado—Tudo perdido...

—Perfidia dos amigos—rugiu o dr. Amador, como si a sua voz rouca passasse atravez de um filtro de odio.—Mas... Deus é grande e protege o Brazil.

Fulminada pela noticia, a marqueza tombou sobre a poltrona, os olhos fixos, o rosto decomposto numa lividez marmorea, as mãos hirtas, recurvadas como garras.

—Coragem, minha senhora—murmurou Amador, compondo os cabellos revoltos, a lhe cairem sobre a

fronte—Não devemos desanimar com esse revez, pagaremos mais caro a victoria final, decisiva.

Sergio approximou-se da marqueza e, em attitude genuflexa, beijou-lhe as mãos, murmurando meigamente:

—E' preciso que viva para nos alentar na adversidade, para nos guiar com a sua inspiração. As decepções da politica não devem abalar o seu grande espirito. A sua missão providencial não terminou para nós, para aquelles que a amam.

—Sim—exclamou a marqueza, com grande esforço, como si lhe voltassem restauradas as energias de um olhar superior—Eu viverei para a familia, para Oscar, para a esperança na minha consoladora illusão.

Num gracioso gesto maternal, ella tomou a cabeça de Sergio, beijou-o na fronte e indicou Laura, que contemplava essa scena com os olhos esmaltados de lagrimas. (190)

Sylvio Romero

(1851)

Sylvio Roméro, nascido em Sergipe, exerce a sua grande actividade intellectual, não só como prosador,

(190) *O Almirante*, cap. XXX, *in fine*, em *Os Annaes*, anno III, num. 96, pags. 524-525.

historiador e critico, mas tambem como pamphletario e polemista, quando se revela de uma superioridade de vistas apreciavel. E' bacharel em direito e exerceu o cargo de professor do Gymnasio Pedro II, em que se aposentou, e de direito na Faculdade Livre do Rio de Janeiro. A sua obra é vasta, della sendo grandiosa a *Historia da Literatura Brazileira*, traçada sob um criterio sociologico muito seu. E' membro da Academia Brazileira de Letras.

O Exodo dos Livres

E' tempo, é já tempo.—Rebentam vorazes
As iras guardadas nos peitos audazes;
Prorompem nas almas as fortes paixões:
Expulsos da patria, cahidos no açoite,
São homens que surgem das trevas da noite,
Formando trincheiras dos seus corações.

São homens escravos!—Os homens liberrimos,
Que aos olhos dos grandes, aos tratos acerrimos
Respondem mostrando dos livres a fé.
Banhadas as faces nas chammas ethereas,
São homens que surgem das tristes miserias,
Dos crimes profundos, firmados de pé!...

E rompem a marcha, deixando os tyrannos
Entregues aos vicios crueis, deshumanos,

Que estampa a deshonra na sua nudez...
Deixae-os ousados! Que trilhem sosinhos
As sendas da sorte, da gloria os caminhos...
Quem sabe?—A ventura sorri-lhes talvez...

Oh! ide ligeiros; temei as ciladas,
Que os fortes, os nobres vos trazem armadas...
Oh! sombras das mattas, deixae-os passar!
E as mães desditosas, chegando os filhinhos
Aos peitos, medrosas, por entre carinhos,
As magoas sentidas temiam soltar:—

«Ah! como é livre o ar que vôa ás soltas,
Percorrendo as campinas, os vergeis...
Sómente ao pobre escravo os pulsos prendem
Da cadeia os anneis!

«Ah! como é livre a nuvem que se estira
Risonha pela face da amplidão...
Sómente ao triste escravo um laço pesa
No morto coração!

«E como livre o passaro volteia
Na varzea que se estende e morre alem...
Para o captivo o sussurrar das folhas
E' a dor que ahi vem!

«E como é livre no troar possante
O rio que se arroja sobre o mar...

Mas ao escravo, que definha aos poucos
Nem é dado chorar!»

Mas não... calai-vos, auras do deserto,
Silencio, moitas, não faleis assim...
O exodo dos livres passa incerto,
Vae o futuro desvendar-se emfim.

Ide morrer nas solidões bravias,
Vozes de mãis, que aos filhos alentaes,
Ao som dos écos das mansões sombrias,
Feras, algozes podem vir fataes.

Que digo?—As faces levantou insontes,
Caminheiros do bem, podeis brilhar;
E sobre o azul dos vastos horizontes,
Como livres que sois, podeis fitar... (191)

Sobre a politica brazileira

Com poucos annos ainda de existencia, a republica do Brazil tem passado por intensas commoções internas, que estam a pedir o estudo e as apreciações dos publicistas e philosophos.

Quaes as causas historicas das luctas entre nós pugnadas nesse lapso de tempo?

Quaes os seus moveis proximos e quaes os remotos?

(191) *Ultimos harpejos*, Pelotas (Rio Grande do Sul), 1883, pags. 40-41.

Qual a lei sociologica que vai presidindo ao desdobramento dos factos?

A elucidação d'estes e d'outros problemas congeneres seria de inestimavel valor para a orientação dos espiritos, o que importa dizer—para a apasiguação geral, que, nas actuaes circumstancias, seria o melhor serviço prestado a este paiz.

O interesse immediato, o estimulo de victoria prompta, até no sentido mais elevado, é sempre da parte dos combatentes um obstaculo á apreciação calma, um obice á comprehensão nitida dos phenomenos contemporaneos. Um esforço, porem, do pensamento, que o faça levantar-se á esphera superior de onde se possa descortinar a amplitude geral do horizonte politico, é cousa praticavel aos espiritos contemplativos, que são aquelles que nas luctas dos homens deixam-se sempre impressionar e dirigir pelo ideial.

Dentre as diversas agitações, que estam n'esta hora vasculejando a alma brazileira, é talvez a mais curiosa e a mais formidavel a que se refere ao que se poderia chamar o genesis e a formação das principaes correntes da opinião. E' o trabalho, lento ás vezes, precipitado quasi sempre, da stratificação das ideias na consciencia do povo nas epocas de revolução. Como massas candentes ellas deslocam-se, precipitam-se, escorrem, por assim dizer, ora em um sentido, ora em outro. Mas, as ideias, as doutrinas, os conceitos, as opiniões não caem do ceo, como as chuvas, nem brotam do chão, como as hervas

dos campos. Sahem dos cerebros e vão achar asylo nos corações.

As correntes da opinião não são outra cousa mais do que os agrupamentos dos homens em torno de uma bandeira, o combate dos espiritos no encalço de um ideial. (192)

Inglez de Souza

(1853)

Inglez de Souza, nascido em Obidos, no Pará, é um prosador distincto. E' formado em direito, por São Paulo, e exerceu os cargos de presidente de Sergipe e do Espirito Santo. Tem escripto obras de direito, de instrucção publica, e romances. Destes, é typico *O Missionario*. Publicou egualmente um volume de contos: *Contos Amazonicos*. E é membro da Academia Brazileira de Letras.

Trecho de «O Missionario»

Chovia. Era um aguaceiro forte de meiados de Março que lavára as ruas mal cuidadas da villa, ensopando o

(192) De: *Doutrina contra doutrina-O evolucionismo e o positivismo no Brazil*, Rio, 1895, 2ª edição melhorada, pags. XXVII-XXVIII.

solo resequido pelos ardores de verão. O professor Francisco Fidencio Nunes despedira cedo os rapazes da classe de latim, os unicos que haviam affrontado o temporal e olhava pela janella aberta, sem vidros, pensando na necessidade que lhe impuzera o Regalado de passar aquelle dia inteiro dentro de quatro paredes, por causa da humidade, fatal ao seu figado engorgitado.

A caseira, uma mulata ainda nova, chamara-o para almoçar. Naquelle dia podia offerecer-lhe uma boa posta de pirarucú fresco, e umas excellentes bananas da terra, que lhe mandára de presente a velha Xica da Beira do Lago, cujo filho cursava gratuitamente as aulas do professor. A caseira, a Maria Miquilina, sabendo que o sr. professor não poderia comer as bananas crúas, por causa da dieta homeopathica do Regalado, cozera-as muito bem em agua e sal, preparara-as com manteiga e assucar e puzera-as no prato, douradas e appetitosas.

Mas o dono da casa nem sequer as provára. Fizera má cara tambem ao pirarucú fresco, rosado e cheiroso, preparado com cebolas e tomates, e, por almoço, tomara apenas uma chicara de café forte com uma rosquinha torrada, porque o estomago lhe não permittia alimento de mais sustancia. Tivera durante a noite um derramamento de bilis, devido á mudança de tempo, erguera-se de cabeça amarrada, icterico e nervoso. Fôra rispido com os dois ou trez rapazes que compareceram á classe de latim, e despedira-os dizendo que iam ter ferias, por que a semana santa se approximava. Tratassem de de-

corar bem o *Novo Methodo*, senão pregava-lhes uma peça.

Depois da sahida delles, Xico Fidencio ficara aborrecido, vagamente arrependido de os ter despachado tão cedo. Que iria fazer agora? A chuva continuára a cahir torrencialmente, transformando a rua num regato volumoso que arrastava paus, folhas, velhos paneiros sem prestimo, latas vazias e barcos de papel, feitos pela creançada vadia que não tinha medo á chuva. Não passava ninguem, *para dar uma prosa*. As casas visinhas estavam fechadas, para evitar que a chuva penetrasse pelas janellas sem vidraça. A flauta do Xico Ferreira, ás moscas na alfaiataria, interrompia o silencio da villa recolhida, casando os sons agudos e picados com o ruido monotono da agua repinicando nos telhados. (193)

Lucio de Mendonca

(1854—1909)

Lucio Furtado de Mendonça, nascido no Rio de Janeiro, foi bacharel em direito, attingindo a posição de ministro do Supremo Tribunal Federal. Escreveu verso

(193) *O Missionario*, (2ª edição revista pelo autor), tomo I, Rio, 1899, pags. 118 a 120.

e prosa. Deixou tres volumes de versos, dos quaes o mais interessante é o de titulo *Brumas matinaes*. Publicou um romance: *O marido da adultera;* um livro de contos, e outro de memorias e fantasias. Foi membro da Academia Brazileira de Letras, cabendo-lhe a iniciativa de sua fundação.

O rebelde

E' um lobo do mar; numa espelunca
Mora á beira do Oceano, em rocha alpestre,
Ira-se a onda, e, qual tigre silvestre,
De mortos vegetaes a praia junca.

E elle, olhando, como um velho mestre,
O revoltoso que não dorme nunca,
Recurva o dedo, como garra adunca,
Sobre o cachimbo, unico amor terrestre.

Então, assoma-lhe um sorriso amargo...
E' um rebelde tambem, cerebro largo
Que odeia os reis e os padres excommunga.

Dorme sem rezas, a palhoça torta...
Enorme cão feroz guarda-lhe a porta:
O velho mar soturno que resmunga. (194)

(194) Das *Vergastas*.

Os votos de Estacio

I

Beatriz era filha unica de uma casa opulenta. Estacio um engeitado, que se criára junto della, como si irmãos fossem.

A' noite, o menino religioso, resava assim:

—Meu Deus! fazei Beatriz formosa e muito feliz e não desampareis nunca esta casa.

II

Cresceu Estacio e estudava. Na academia era admirado entre os primeiros condiscipulos.

E, á noite no seu quarto, silencioso templo do estudo, resava assim:

—Meu Deus! fazei feliz a minha Beatriz e a mim digno della!

III

Graduou-se e voltou á fazenda.

A recepção foi com festas, que duraram tres dias e a que vieram todas as familias da visinhança.

E, á noite, no seu quarto cheio de flôres e com a alma enflorada de esperanças, o engenheiro resava assim:

—Meu Deus! eu vos agradeço tanta felicidade! Fazei agora, Senhor, com que os meus votos mais fervorosos sejam coroados!

IV

Pediu a mão de Beatriz e foi-lhe recusada.

Como os paes da moça o estimavam, disseram-lhe, para amortecer o golpe, que a Beatriz estava pedida por um primo da visinhança. Com esse foi o casamento.

Nessa noite, no seu quarto já sem flôres, e no intimo de sua alma ainda mais núa, o triste resava assim:

— Meu Deus! meu Deus! concedei-me agora a felicidade della, e eu continuarei a abençoar o vosso nome. (195)

Manoel Victorino

(1854—1902)

Manoel Victorino Pereira, nascido na Bahia, foi um dos mais fortes talentos do Brazil contemporaneo. Formou-se em medicina e cedo foi professor da Faculdade. Tornou-se um notavel cirurgião. A sua obra está

(195) Avulsa.

esparsa na imprensa diaria e periodica. Foi o primeiro governador republicano da Bahia. Exerceu o mandato de senador federal, bem como o de vice-presidente da Republica, por força do qual chegou á presidencia em 1897.

Sursum corda

Exulta, ò Patria: as nuvens negras que toldavam os horizontes da tua grandeza e da tua gloria, os vagos e sombrios terrores que ameaçavam o teu venturoso porvir, o medonho vendaval dos odios e das coleras sangrentas que conturbava, nos epodos convulsivos dos seus primeiros impetos, aquella doce e meiga serenidade da tua vida de cordura e de paz, vai-se dissipando! Já na cuspide dos montes dessa cordilheira, a cujas plantas a bahia de Guanabara suavemente se embala, não paira mais o fumo das batalhas; não sóbe mais o troar dos canhões; de quebrada em quebrada já não se repete naquellas massas de granito o echo aterrador e lutuoso do feroz bombardeio: calou-se esse brado cruel e fratricida da destruição e da morte.

Renderam-se os navios e fortalezas revoltados: essa rendição, si nos ultimos momentos custou mais algum sangue, mais alguma vida, não foi, porem, o fructo de uma batalha terrivel e desesperada, como a anciedade e os receios da Nação, em angustiosa espectativa, previam.

Entregaram-se á discrição os revoltosos ou asylaram-se em navios extrangeiros surtos no theatro da lucta.

O movimento sedicioso de uma parte da armada, na manhã de 6 de setembro, ao qual adherira o sr. Saldanha, levantando a bandeira da restauração, está completamente anniquilado. Os dous navios, que ainda transportam os destroços e os foragidos da revolta, pairam no oceano, como as sombras condemnadas de um crime, vagando pela immensidade, como quem procura nas aguas infindas do mar, nos espaços illimitados dos céos, onde lavar ou esconder aquella mancha indelevel de sangue, que a ambição e o odio derramaram.

Voltou a paz ás cidades bombardeadas, Nictheroy, a immortal, a invicta, descansa do grande martyrio que lhe inflingiu a ferocidade cannibal dos seus implacaveis aggressores: no silencio das suas noites, a meditação do passado ou do presente, hoje ou amanhã, ha de ensinar a grande lição da historia, ninguem jamais afastará dalli a lembrança dos mortos gloriosos que embeberam aquelle solo com o sangue derramado por uma grande causa, o remorso inextinguivel para aquelles que, perjuros, dirigiam e animavam os inimigos da Republica, mantendo um sitio criminoso, cujo triumpho era a mais sacrilega das traições á fé jurada.

A imaginação dos vindouros evocará os heróes dessa defesa assombrosa, os guerreiros cujas cinzas fertilisaram as entranhas da liberdade e da paz, as phalanges

que fizeram de seus peitos os mais valentes baluartes da honra e da fé republicana, os patriotas que cairam martyres, porem immortaes; os seus nomes serão ouvidos no murmurio das ondas, no sussurro das brizas; a sua gloria ficará escripta no granito daquelles morros, nos penhascos cavados pelas ondas, nas ruinas restauradas pela solicitude dos homens, na cidade que uma subscripção nacional devia reedificar, como o mais eloquente e grandioso monumento da coragem e civismo do povo brazileiro.

O ultimo reducto do monarchismo de todo se esboroou!

Rendição com garantia apenas de vida, pediu no derradeiro momento o fidalgo paladino da restauração, o cavalleiro andante da morta instituição!

Desfez-se a ultima esperança, nenhuma illusão póde mais alimentar a loucura dynasta.

Salvou-se a grande obra constitucional, firmou-se o respeito ao poder constituido, baqueou o espirito de caudilhagem, ficaram de pé a lei e a ordem!

Aos que conquistaram o grande triumpho, a gratidão da Patria, as benemerencias da Historia, aos que succumbiram em defesa da Republica, os louros embebidos em lagrimas, glorias e tristezas deste dia de jubilos e saudades!

Sursum corda! (196)

---

(196) Artigo do *Correio de Noticias*, da Bahia, em março de 1894.

Garcia Redondo

(1854)

Garcia Redondo, nascido no Rio de Janeiro, é um prosador afamado. Estudou preparatorios em Coimbra e recebeu o gráu de bacharel em sciencias physicas, mathematicas e naturaes, na Escola Polytechnica do Rio. Tem escripto: *Arminhos; Caricias; A choupana das rosas; Salada de fructas*; *Atravez da Europa*; *Conferencias; A intelligencia dos animaes e das plantas*, etc. E' membro da Academia Brazileira de Letras.

Um homem venturoso

(*Começo dum conto*)

Anoitecia.

Nas ruas principaes da Capital Federal começava o borborinho dos passeantes nocturnos.

Gravemente, lentamente, de sobretudo no braço, vestido pelo Raunier, barbeado de fresco, enluvado, de cartola e monoculo, com uma grande papoula rubra espalmada na botoeira e um charuto caro a fumegar-lhe entre os labios, todo elle rescendendo a *peau d'Espagne*, o conselheiro, á hora combinada, descia a rua do Ouvi-

dor e entrava no restaurante, expondo a sua figura franzina, mas aprumada á claridade offuscante das lampadas electricas.

Um creado solicito tomou-lhe o sobretudo, a bengala e o chapeu e conduzindo-o a um gabinete, disse-lhe:

—O sr. Tussot já chegou.

Effectivamente, Tussot esperava o conselheiro no gabinete em que deviam jantar em *tête a tête* intimo para conversarem em liberdade sobre assumptos defesos á orelha do vulgo.

E, quando o creado abriu a porta e o conselheiro entrou, Tussot—um rapaz de vinte e cinco annos, de physionomia viril e esperta—abandonou o divan em que lia, deitado, uma revista estrangeira e veio ao encontro do amigo com um sorriso nos labios.

—Foi pontual, conselheiro.

—Fomos pontuaes, Tussot.

Depois do aperto de mão e de algumas phrases banaes, Tussot fez o *menu*, que entregou ao creado e a porta fechou-se.

A sós, os dois sentaram-se em frente á pequena mesa pejada de crystaes, onde deviam jantar. (197)

---

(197) Da *Choupana das rosas*, S. Paulo, 1897, pags. 133-134.

Os primeiros exames

—Acha, então, que os pequenos estão preparados?

Esta pergunta era feita ao professor dos meninos—um homunculo gordo e baixo, muito pelludo e suarento, possuidor de uma bocca colossal, uma dessas boccas que, quando riem, rasgam-se até as orelhas deixando ver dentes, lingua, uvula, garganta e...estomago.

—Perfeitamente no portuguez e no francez, regularmente em geographia e historia do Brazil.

—Pensa que podem entrar em exame sem receio?

—Positivamente.

—Nas quatro materias?

—Não; só em portuguez e francez.

—Muito bem. Faço-os requerer a inscripção.

Nesse dia, ao jantar, os dois apresentaram-se alegres e um delles, o mais velho, disse, a mim e a mãe:

—Sabem? Hoje requeremos a nossa inscripção em portuguez e francez.

E, esfregando as mãos um pouco tremulo, accrescentou:—Estou com um medo...

—Medo! de que? indaguei.

—Da *bomba*, respondeu elle nervoso.

—Mas, não te achas preparado?

—Acho-me, mas apezar disto, tenho medo.

O mais moço, o Alfredinho, engulindo a sopa, tranquillo e satisfeito, disse-me:

—Eu cá não tenho medo nenhum; hei de sahir-me bem. Assisti o anno passado aos exames do Ricardo, e vi que aquillo não é tão difficil como eu suppunha.

—Não ha nada difficil, quando se sabe, disse a mãe.

E a palestra continuou até ao fim do jantar sobre esse thema unico.

Dahi em deante, os dous diziam-me a miude:

—Se nós sahirmos approvados, o senhor necessariamente nos ha de dar um presente. Qual é?

—Isso depende do grau da approvação.

—Se fôr com a nota de simplesmente?

—Com tal nota não merecem cousa alguma.

—E se fôr com plenamente?

—Dar-lhes-ei lindos livros.

—E com distincção?

—Ah! com distincção...com distincção...merecem cousa melhor.

—O que é?

—Um bom abraço e....e...mais livros.

Elles sahiam desapontados, mas voltavam á carga e o mais velho insinuou uma vez que, aos lindos livros,

preferiam uma bicycleta. Todos os collegas, todos os amigos possuiam bicycletas, só elles não tinham. Eram já socios do Veloce Club Olympico, já disputavam premios no Velodromo, em bicycletas de aluguel, montavam bem, conheciam todos os segredos do cyclismo, e, todavia, ainda, não tinham uma machina propria.

A todos estes argumentos eu respondia invariavelmente:

—Um bom livro vale mais que a melhor bicycleta.

E, para os não desanimar de todo, accrescentava:

—Emfim...veremos. (198)

Guerra Junqueiro

Foi na *Folha* de João Penha que Guerra Junqueiro começou a tornar-se notado e a impor-se como poeta, mas ninguem suspeitava ainda que existisse nelle o revolucionario, que havia de surprehender um dia o nosso microcosmo literario com a *Morte de D. João* e a *Velhice do Padre Eterno* e depois com *Os simples* e a *Oração ao pão*.

Bohemio e janota requintado, Guerra Junqueiro fazia garbo em atravessar Coimbra, ás tardes, de calça muito justa e bota de polimento apertada, mettido num sobre-

(198) Do *Caricias*, pags. 125 a 128.

tudo longo, de larga gola de astrakan, que lhe cobria todo o pequenino corpo dos hombros aos pés, deixando ver ao fim das mangas uns punhos muito alvos e reluzentes e as mãos enluvadas em *peau de Suéde*. O charuto não lhe sabia dos labios e a badine de castão de ouro revoluteava-lhe nas mãos.

Só ao anoitecer é que apparecia no quarto de Gonçalves Crespo ou de João Penha para seguir com elles para as legendarias tavernas das *Tias Camellas* ou do *Homem do Gaz*.

Quão differente era este Junqueiro, de bigode incipiente e negro, ainda frivolo, paradoxal e trocista, que fazia com immensa graça o folhetim fallado, do pensador e scientista, do vinhateiro de longa barba que eu vim encontrar agora a falar-me com enthusiasmo das conquistas da sciencia e das suas investigações e descobertas sobre a radiação universal, a zootherapia, a *maromba* e outros flagellos que dizimam as videiras.

No dia seguinte fui procural-o na casa em que reside, gozando a delicia de atravessar ainda cedo, com sol brando e brisa amena, a praça do Anjo, o jardim da Cordoaria e a extensa rua da Boa Vista, que tantas vezes eu percorri outrora em velocipede, quando o meu velocipede, e o de Gastão Mesnier eram os unicos que existiam no Porto. (199)

(199) *Atravez da Europa*, Porto, 1908. pags. 99 a 101.

Jose do Patrocinio

(1854—1905)

José Carlos do Patrocinio, nascido em Campos, formou-se em pharmacia e foi um grande jornalista. Escreveu: *Motta Coqueiro* (romance); *Os retirantes* (romance); etc. Foi elemento activo na politica abolicionista e pertenceu á Academia Brazileira de Letras.

Chronica Politica

E' deveras uma realidade a abolição total do captiveiro.

A lei de 13 de maio já recebeu as duas bençãos eternas: a de Deus e a do Povo. O acontecimento foi tão grande e de tal instantaneidade, que ainda ha quem duvide de que elle resultasse da força dos seus factores immediatos.

Viu-se, finalmente, que bastava um punhado de estrellas, apanhado por um governo decidido, no regaço de uma princeza, para atterrar, de todo, o pantano formado em nossa historia pelas enxurradas de tres seculos de cubiça.

Havia setenta annos, que o povo trabalhava para obter o saneamento moral da sua alma e de sua nacionalidade.

Os heróes de 17 haviam atirado lá dentro do lamaçal insondavel, os seus esqueletos; os primeiros legisladores constitucionaes, o seu arcabouço de constituição; Pedro I, as clausulas de um tratado; Odorico Mendes e Rebouças, o antigo, as suas reclamações e incriminações de legisladores philosophos; Souza França, a sua portaria; Diogo Feijó, a sua energia convertida em lei de 1831; Ferreira França, os seus sarcasmos e a sua indignação, seu bill Aberdeen e a sua esquadra; Candido Mendes, o parecer creando o Cruzeiro; Eusebio de Queiroz, os destroços dos navios piratas e os decretos de deportação dos traficantes; Pedro Pereira e Silveira da Motta os seus projectos; Alves Branco, o *Correio Mercantil*; França e Leite e Bellegarde, o *Philantropo;* Perdigão Malheiros, o seu livro; o Imperador, os seus sentimentos e o respeito pelos sabios do mundo; marquez de S. Vicente, a sua iniciativa temeraria e o prestigio da sua sabedoria; Rio Branco, as gerações nascidas desde 28 de Setembro de 1871; Joaquim Serra, a sua verve e os seus conselhos; a *Gazeta de Noticias*, as suas columnas de aço e crystal; Joaquim Nabuco e os seus poucos companheiros de 1879, o sacrificio das suas posições no parlamento; o immortal Luiz, a erupção vulcanica da sua alma que desde a mocidade agitava, como um terremoto, a provincia de S. Paulo; Ferreira de Menezes, a sua penna e o seu coração; Castro Alves, as suas estrophes diamantinas; José Mariano e João Ramos, a barcaça redemptora; o Rio Grande do Norte, a cidade de Mossoró;

Ruy Barbosa, a sua cabeça encantada como um palacio de fadas; Antonio Bento, os seus quilombos e as suas retiradas mais bellas que a dos Dez Mil; Carlos de Lacerda, a sua coragem, as suas *bastilhas*, os seus combates ensanguentados; Dantas, o seu governo de martyr, a dôr pelo abandono e pelas deserções dos seus melhores amigos; José Bonifacio, a sua palavra—nebulosa, fonte perenne de constellações; Antonio Pinto, o seu sacrificio: Raymundo de Souza e Miguel Dias, a santa resignação de missionarios; o mascate italiano, o metro com que ia, atravez das fazendas, medindo as esperanças do captivo; o clero, o sigillo de confissionario; as creanças e os moços, o amor pelas mães pretas; a imprensa, as audacias de Ferreira de Araujo, a valentia de Quintino Bocayuva, o lapis formidavel de Angelo, o veneno subtil de Dermeval da Fonseca, a tenacidade de Pamphilo de Santa Cruz, a coherencia heroica de Luiz de Andrade, o prestigio de Luiz de Castro; a revolta da geração nova, o *Mulato*, a ironia de Arthur Azevedo, os alexandrinos de Luiz Murat, os periodos estrellas de Coelho Netto; Macedo Soares, Accioli de Britto, Trigo de Loureiro, Monteiro de Azevedo, a honra da magistratura; João Marques, a *Filiação desconhecida;* André Rebouças, o mineiro imperterrito, habituado a descubrir o veio de oiro na noite subterranea, essa propaganda de tribuna popular; João Clapp e o capitão Pereira, essa immortal Confederação Abolicionista, que foi a synthese e a alma de toda a propaganda dos ultimos annos.

E' impossivel resenhar nas estreitas linhas do meu artigo tudo quanto o povo tirou de bem, de generoso e de grande da sua alma, para atterrar o pantano desde a circular do padre Miguelinho até ao sagrado arrependimento de Antonio Prado.

O lodaçal continuava.

Quando se conquistava uma das margens, elle vingava-se subindo, estufando-se. Havia nelle alguma coisa do oceano de Edgard Quinet. Ia devorando tudo, a uivar, a uivar sinistramente.

O Imperador teve uma vertigem, sentindo-lhe as ultimas exhalações e adoeceu infeccionado por elle.

O mar da lama subiu mais e, revolvendo-se e espumando, tentou manchar tudo quanto era recinto sagrado da Patria. (200)

Arthur Azevedo

(1855—1908)

Arthur Nabantino Gonçalves Azevedo, nascido no Maranhão, dedicou-se á burocracia, sendo um dos mais operosos escriptores de seu tempo. Escreveu contos, in-

(200) Transcripto de *Os Annaes*, do Rio, 1906.

numeros; traçou chronicas, numerosas; e produziu um grande numero de comedias, dramas, operetas e revistas. Os seus livros principaes são: *Contos fora da moda*; *Contos possiveis; Contos em verso*, etc. Pertenceu á Academia Brazileira de Letras, tendo feito a sua carreira literaria no Rio de Janeiro.

Eterna Dor

Já te esqueceram todos neste mundo...
Só eu, meu doce amor, só eu me lembro
Daquella escura noite de setembro,
Em que da cova te deixei no fundo.

Desde esse dia, um latego iracundo
Açoitando-me está membro por membro,
Por isso que de ti não me deslembro,
Nem com outra te meço ou te confundo.

Quando, entre os brancos mausoléos, perdido,
Vou chorar minha acerba desventura,
Eu tenho a sensação de haver morrido;

E até, meu doce amor, se me afigura,
Ao beijar o teu tumulo esquecido,
Que beijo a minha propria sepultura. (201)

(201) Transcripto das *Paginas de ouro da Poesia Brazileira*, de Alberto Oliveira.

A praia de Santa Luzia

Fragmento

Mauricio exercia na Alfandega um modesto emprego de escripturario, e, como residisse nas proximidades do Passeio Publico, e era por natureza commodista e ordenado, tomava systematicamente, ás nove horas, o bondinho que contornava parte do morro do Castello, e ia despejal-o no Carceller, perto da repartição.

Habituou-se a atravessar todas as manhans dos dias uteis a praia de Santa Luzia, e, afinal, tanto se apaixonára por aquelle sitio, realmente bello, que por coisa alguma renunciára ao innocente prazer de contemplal-o com tão rigorosa pontualidade.

Num dia as montanhas da outra banda parecia desfazerem-se em nuvens tenues e azuladas, confundindo-se com o horizonte longinquo; noutro, violentamente batidas pelo sol, tinham contornos energicos e destacavam-se no fundo ceruleo da tela maravilhosa. O oiteiro da Gloria, a fortaleza de Willegaignon, a ponta pedregosa do Arsenal de Guerra,—tudo isso encantava o nosso Mauricio pelos seus diversos e successivos aspectos de coloração. Era alli e só alli que notava e lhe comprazia a volubilidade caracteristica da natureza fluminense—moça faceira que cada dia inventa novos enfeites e arrebiques.

E o bello e opulento arvoredo defronte da Santa Casa? Como era agradavel atravessar a sombra daquellas ar-

vores frondosas e venerandas, cuja seiva parece alimentada por tantas vidas que se extinguem no hospital fronteiro!

A praia de Santa Luzia de tal modo o extasiava, que, ao passar pelo Necroterio, Mauricio descobria-se, mas desviava os olhos para que o espectaculo da morte não lhe desfizesse a boa e consoladora impressão do espectaculo da vida.

Notava com desgosto que outros passageiros do bondinho estendiam o pescoço, voltando-se, para inspeccionar a lugubre capellinha. Pela expressão de curiosidade satisfeita, ou de contrariedade, que elle claramente lia no rosto desses passageiros, adivinhava se havia ou não cadaveres lá dentro.

Um velhote, com quem se encontrava assiduamente no bondinho, e já o cumprimentava, de uma feita o aborreceu bastante, dizendo-lhe, depois de olhar para o Necroterio:

—Tres hospedes! (202)

Urbano Duarte

(1855—1904)

Urbano Duarte, nascido na Bahia (em Lençóes), abraçou a carreira militar, entrando para o magisterio

(202) Dos *Contos fora da moda*, 1ª.edição, Rio, 1894, pags. 58-59.

da Escola Militar do Brazil. Escrevia prosa abundante e por vezes praticava a critica. Deixou alguns volumes de *Humorismos*, collecção de suas chronicas publicadas na Imprensa, especialmente n'*O Paiz*, do Rio. Pertenceu á Academia Brazileira de Letras.

Ruy Barbosa

No collegio do dr. Abilio, na Bahia, eu fui contemporaneo de Ruy Barbosa, de Benicio de Abreu, Aristides Milton e de outros notaveis talentos, que hoje fazem bonita figura.

Estou a me recordar de alguns episodios interessantes daquelles priscos tempos.

Ruy Barbosa sempre foi lá considerado *menino genial*. Obtinha approvações distinctas, era escolhido, para fazer discursos nas solemnidades de collegio. O dr. Abilio o intilulava *minha perola*.

Alem de magnifico estudante, Ruy se comportava perfeitamente. Jamais soffrera castigo ou simples reprehensão.

Certo dia, porem, Ruy Barbosa teve uma *inticancia* com o padre Fiuza, professor de latim.

Discordando sobre a traducção de uma phrase de Tito Livio, o pequeno Ruy, muito zangado e vermelhinho, atirou o livro no chão e retirou-se da aula.

O padre Fiuza *deu parte*.

O dr. Abilio magoou-se profundamente com aquella primeira jaça de *sua perola*.

Era seu dever castigal-o, afim de não desmoralisar o padre Fiuza, antigo professor do collegio e seu amigo pessoal.

Chamou o Ruy particularmente e pediu-lhe que apresentasse desculpas ao seu mestre de latim, solicitando-lhe o perdão.

O menino Ruy saltou de indignação.

E retorquiu:

—Nunca! Padre Fiuza não sabe latim!... Se elle quizer chegar-se ás bôas commigo, ha de confessar que errou! Se não, não!

—Menino, tenha juizo... respondia o velho Abilio, com sorriso paternal e bondoso. Fiuza conhece o latim como Cicero! Elle é um Tito Livio bahiano, de corôa e báculo.

—Está enganado, não vae alem de *hora*, *horæ*, *res*, *rei* e *qui*, *quæ*, *quod*.

—Com que então—concluiu o Abilio—você não quer pedir perdão ao padre Fiusa?!!!

—Não peço!

—Metto-o na cafúa!

—Metta!

—Suspendo-lhe a sobremesa...

—Suspenda!

—Mando-o ficar *de pé em cima do banco* durante o jantar, em presença de todo o collegio.

—Mande.

.....

O immortal educador bahiano começou a se sentir agastado, ao ver o orgulho e firmeza do joven Ruy.

E á hora do jantar, ordenou-lhe que ficasse em pé em cima do banco.

Elle obedeceu promptamente.

Que escandalo para a meninada!... Oh! o Ruy Barbosa de pé em cima do banco.

Vinha o mundo abaixo!

Aquelle estudante modelo a soffrer um castigo proprio dos peraltas e galopins!

De sorte que dahi por deante, quando mandavam algum vadio trepar ao banco, elle o fazia a rir-se sem a menor vergonha, dizendo com certa vaidade:

—O Ruy já esteve tambem! (203)

(203) Avulsa.

Aluisio Azevedo

(1857)

Aluisio Azevedo, nascido em São Luiz (Maranhão), dedicou-se á carreira de consul, passando quase toda a sua vida no extrangeiro. Foi o iniciador do naturalismo na literatura nacional. Tem escripto romances, contos e theatro: *O mulato; O cortiço; Uma lagrima de mulher; A mortalha de Alzira; Livro de uma sogra; O coruja*; *Casa de pensão; Gyrandola de amores; Condessa Vesper; Demonios; Pégadas*; *O homem*, etc. Pertence á Academia Brazileira de Letras.

O Coruja

Com o correr do seguinte anno, a dedicação do Coruja pelo amigo parecia crescer de instante para instante. Uma leôa não defenderia os seus cachorros com mais amor e mais zelos.

Já não se contentava André com resguardal-o das ameaças e malquerenças dos collegas, como exigia tambem de todos que lhe rendessem a mesma estima e o mesmo respeito, que lhe tributava elle.

Theobaldo, vadio como era por natureza, quasi nunca estudava as lições, e quando não lhe valiam os recur-

sos do seu «proverbial talento» ou da sua astucia, tinha de copial-as quatro, cinco, ou seis vezes, conforme fosse o castigo. Então se revoltava e queria protestar contra a sentença dos mestres, mas o Coruja puxava-lhe a ponta do casaco e dizia-lhe baixinho:

—Não te importes, não te importes, que eu me encarrego de tudo...

E, com effeito, mal chegava a hora do recreio, enterrava-se André no quarto de estudo e, imitando a letra do amigo, apromptava as copias, feliz com aquelle trabalho, como se o descanso do outro fosse o seu melhor prazer.

Muita vez perdeu com isso grande parte da noite, e no dia seguinte ainda encontrava tempo para tirar os significados da lição do amigo, para resolver-lhe os problemas de algebra e fazer-lhe os themas de latim.

Uma vez, em que o Coruja se apresentou nas aulas sem haver preparado as proprias lições, o professor exclamou com surpreza:

—Oh! pois o senhor, *seu* André, pois o senhor não traz a sua lição sabida!.. Então que diabo fez durante o tempo de estudo o senhor que não larga os livros?...

Entretanto, o outro, Theobaldo, estava perfeitamente preparado.

Esta dedicação fanatica de Coruja pelo amigo crescia com o desenvolvimento de ambos; mas em Theobaldo

a graça, o espirito e a sagacidade eram o que mais florescia; emquanto que no outro eram os musculos, o bom senso, a força de vontade e o ferreo e inquebrantavel amor pelo trabalho.

Agora, o pequeno do padre já emittia opinião sobre varias cousas, ja conversava; tudo isso, porem, era só com o seu amigo intimo, com o seu Theobaldo. Parecia até que, á proporção que abria o coração para este, mais o fechava para os extranhos.

Quando terminou o anno, o filho do barão havia crescido meio palmo e o Coruja engrossado outro tanto; aquelle se fizera ainda mais esbelto, mais distincto e mais formoso; este ainda mais pesado, mais insociavel e mais feio.

Afinal, assim tão completados, formavam entre os seus companheiros uma força irresistivel. Theobaldo era a palavra scintillante e ferina, era a temeridade e o arrojo; o outro era o braço em acção, a força e o peso do musculo. Um provocava e o outro resistia.

Um era o florete aristocratico, fino e aguçado, que só tem a serventia de palitar os dentes do orgulho; o outro era malho grosseiro e solido, que tanto serve para esmagar, como serve para construir. (204)

---

(204) De *O Coruja*, 1885, 1ª edição. pags. 48-49.

Theophilo Dias

(1857—1889)

Theophilo Dias de Mesquita, nascido em Caxias, no Maranhão, foi bacharel em direito e professor da Escola Normal de São Paulo. Era sobrinho de Gonsalves Dias de quem herdou admiraveis qualidades poeticas. Escreveu livros de versos: *Lyra dos verdes annos; Cantos tropicaes; Fanfarras; A comedia dos deuses* (poema), etc. Na ultima parte de sua obra houve grande paixão parnasianista.

O Rio e o Vento

Muitas vezes se vê, sobre os rios do Norte,
Na quadra em que o calor abafa mais ardente,
Horrisono tufão rugir, sanhudo e forte,
Em direcção contraria á indomita corrente.

Freneticos pegões, com impavidos roncos,
Arrancados com furia ás validas entranhas,
No impetuoso correr lascam os velhos troncos,
E fazem desabar as pedras das montanhas.

De encontro ás aguas rúe a turbida descarga,
E em brusco assalto ferve, e remoinha e brama,

—Sem colera, encrespando a superficie larga,
Atravez da floresta o rio se derrama.

Como um athleta, o vento, em porfiado esforço.
Cava a humida arena;—o rio, que se empóla,
Sob a affronta erriçando o magestoso dorso,
Com lento passo igual á rude massa róla.

Apenas, nesse dorso herculeo, que fumega,
Brincam da espuma errante os fervidos matizes,
E elle vai fecundando as regiões, que rega,
Nutrindo e avigorando as sofregas raizes.

Ideal! ideal! tu és como esse rio
—Sem ouvir o clamor dos sceptros, das thiaras,
Com grave placidez, imperturbavel, frio
Vaes rolando em triumpho as tuas ondas claras.

Embalde sobre ti a bava dos insultos
O preconceito cospe, e golfeja a insolencia:
—Vaes nutrindo de amor os corações incultos,
Fecundando o dever em cada consciencia.

Fatigando ao passado a resistencia, a furia,
Marchas para o futuro inalteravelmente;
—Não te póde sustar a força, nem a injuria:
—O tufão não suspende aos rios a corrente! (205)

(205) Das *Paginas de ouro da Poesia Brazileira* de Alberto de Oliveira.

Sobre Augusto de Lima

(*Um prefacio*)

A meu ver, a arte é a expressão immutavel das impressões multiplas e successivas que o espectaculo da natureza ou o drama da existencia reflectem no espirito que os contempla e interpreta. O que caracterisa o artista é a faculdade de descobrir e aprimorar symbolos que, revestindo, com a belleza da forma, o sello e a virtude da perpetuidade, conservam e communicam, sempre viva e energica, a emoção que se recebe das cousas que passam.

A principal inspiração é a da fórma. A mais fina essencia perde-se, despercebida e ignorada, quando a encerra um vaso grosseiro. Os mais suaves sentimentos repugnam, se contrastam com a expressão que os envolve.

A arte suprema consiste na correspondencia exacta, na equivalencia perfeita, entre a fórma e o pensamento. Os artistas dignos deste nobre nome não têm, não conhecem outro *ideal*.

Entre as innumeraveis expressões a que uma mesma ideia pode amoldar-se, ha uma unica que lhe dá, na existencia exterior, a vida intensa e completa, que a faz palpitar na imaginação creadora.

Para encontrar essa expressão unica, insubstituivel, escondida mysteriosamente no vasto abysmo das ex-

pressões semelhantes, é que se requer o dom divino, o prestigio sobrenatural da inspiração.

Nem sempre se attinge esse ideal, quasi inaccessivel; mas para merecer a immortalidade, é imprescindivel procural-o sempre, e tel-o attingido algumas vezes, ao menos.

Neste livro nota-se a preoccupação infatigavel, o esforço constante desta tendencia, frequentemente victoriosa, affirmando-se em fragmentos de uma perfeição inimitavel, em que não ha palavras superfluas, em que cada vocabulo contem uma intenção artistica complexa, já pelo valor intrinseco, já pelo valor do logar que no verso occupa:—trechos irreprehensiveis, em que tudo concorre para o effeito esthetico, que o poeta quer produzir, e realmente produz.

Não cito. O leitor por si verificará o que digo. (206)

Mucio Teixeira

(1858)

Mucio Teixeira, nascido em Porto Alegre (Rio Grande do Sul), é um dos mais fecundos e espontaneos poetas. Tem numerosas obras poeticas, entre as quaes *Prismas*

(206) Prefacio das *Contemporaneas*, de Augusto de Lima, da 2ª edição, Rio, 1909.

e Vibrações; Hugoanas; Campo Santo; Poesias e Poemas, etc. Escreveu já alguns dramas: *O filho do banqueiro*; *A flor de um dia; Tempestades moraes; A virtude no crime*, etc. E' de sua lavra um volume sobre *Vida e Obras de Castro Alves*. Actualmente está exercendo as funcções de hierophante, no Rio de Janeiro.

Evolução

Morri no mineral, para nascer na planta.
Fui pedra e fui semente;
Brilhei no diamante e no crystal luzente,
E fez em mim seu ninho o passaro que canta.

Na planta adormeci, e despertei um dia
No animal, que move os musculos e anda;
Percorri apressado uma senda sombria,
Vendo indistinctamente uma luz na outra banda.

Do animal passei para as fórmas do homem,
E sendo homem estou muito perto do Anjo;
Só assim chegarei aos circulos que abranjo
Com a Razão, que ainda as duvidas consomem.

Poderei amanhan voar, batendo as azas
Pela vasta amplidão constellada dos céos:
Faisca, que desceu ás cinzas e ás brazas,
Ascenderei mais tarde á Eterna Luz que é *Deus!* (207)

(207) Avulsa, em jornal do Rio, 1902.

Sobre Castro Alves

Castro Alves appareceu em Pernambuco no momento mais opportuno possivel. A acção do meio e do tempo cooperou poderosamente para o prompto e extraordinario desenvolvimento da sua possante cerebração. O Recife era então a cidade onde se encontravam os nossos mais esperançosos poetas.

Era tambem o tempo das lutas epicas, em que os valentes cavalleiros do Pampa, cruzavam com relampagos no horizonte da guerra contra o Paraguay; tudo inspirava vivamente aquella geração patriotica, que via as esposas dos guerreiros cobrir o berço dos seus filhos com o crepe da viuvez e da orphandade.

Foi então que o poeta, que só tinha vibrado na lyra a corda dos amores, arrancou sons mais fortes e perduraveis, cantando em voz alta a patria e a liberdade. São desse periodo as bellas paginas das *Espumas Fluctuantes* que se intitulam: *O Vôo do Genio*, *A Maciel Pinheiro*, *Pedro Ivo, As duas Ilhas*, *A uma Actriz* e *O Seculo*.

Foi então que Tobias Barretto, invejoso das consecutivas victorias de Castro Alves (que o desthronára, sendo acclamado o primeiro poeta da Academia) se improvisou o paladino de uma outra actriz da mesma companhia, e travou-se a lamentavel polemica, que passou do jornalismo para os partidos theatraes, por elles capitaneados, produzindo esse odio que os tornou inimigos irreconciliaveis.

Tobias Barreto, uns dez annos mais velho que Castro Alves, era o poeta mais festejado da Academia do Recife, quando este se matriculou, contando apenas 17 annos de edade. Castro, porem, apesar dos seus verdes annos, na primeira noite em que recitou versos seus no theatro S. Izabel, arrastou comsigo toda a mocidade academica, que em poucos annos devia espalhar a sua fama por todos os pontos do Brazil. (208)

Castro Rebello Junior

(1858—1912)

João Baptista de Castro Rebello Junior, nascido na Bahia, foi jornalista e primoroso poeta. Bacharelou-se em direito pela Faculdade de Direito do Recife. Escreveu: *Poema do lar; Ardentias; Livro de um Anjo*; *Louros e Myrtos; Pseudo-realismo* (satira), etc.

O Guarany

Nunca subiram tanto as raias do proscenio.
Dilata-se num sonho o que se passa aqui:

(208) *Vida e obras de Castro Alves*, Bahia, 1896, pags. 75 a 77.

Faz-se imponente, augusta, a elevação do genio;
Dá-se uma coisa enorme, extranha—*O Guarany*.

Accordam-se emoções vulcanicas de um povo
Em cujo peito bulha a fé nacional.
Tudo isto é bello, e altivo, e gigantesco, e novo;
Assume as proporções do sobrenatural.

Tudo, ao maravilhoso aspecto do scenario,
Nos arrebata; e forte, energica, viril,
Alardeando um brilho immenso, extraordinario,
Vê-se a descommunal figura do Brazil.

Contempla-se da patria o vulto primitivo,
A rude magestade, as formas colossaes,
E sente-se que puja esse vigor nativo,
Como que ultrapassando as leis universaes.

E ante a bizarra pompa, a validez supina
Dessa prodigiosa e mascula visão,
Assombra-nos tamanha hyperbole divina
A exorbitar assim de toda a creação.

Quando epica, vivaz, profunda, alta, solemne,
Repercutindo inteira em nossos corações,
Irrompe essa harmonia em catadupa infrene,
Que, amontoada, espuma em fervidos cachões;

Quando remonta, e vae, nuns impetos supremos,
Do que ha de mais suave ao que ha de mais atroz;

Quando em não sei que sons attinge esses extremos
Como se do equador ouvissemos a voz;

Quando essa alluvião de musica extravasa
E da arte á phantasia arranca o ultimo véo,
—Esplendida effusão da natureza em braza,
—Transbordamento azul do americano ceo;

Quando Cecy desata, em nódulos divinos,
Do palpitante seio as virgens emoções,
Como si fossem mesmo uns echos peregrinos
De azas de amor transpondo ethereas solidões;

Quando Pery, lhe arrosta a furia dos jaguares
E intrepido, desarma o braço do traidor,
Quando Pery, que entorna em mysticos olhares
A chamma tropical desse infinito amor,

Quebrando-lhe nuns tons de angelical ternura,
Nuns suspirosos tons de immaculada fé,
Esse desvélo infindo, essa paixão tão pura,
Em que sua alma ri, mas que nem sabe o que é;

Quando no arbusto em flor o passaro gorgeia,
E da feroz pocema estruge a invocação;
Quando sorriem da moça os labios de sereia,
E troam do cacique as fauces de vulcão;

Quando estremece a matta, aos canticos selvagens,
Aos hymnos marciaes dos broncos aymorés,

E passam do deserto as tumidas aragens,
Arrebatando os sons da inubia dos borés...

Parece que nos foge a alma,
Transpondo vagas regiões,
Nas grandes azas convulsas
Desse pampeiro de sons,
—Ardente sopro fecundo,
Que irrompe do Novo Mundo
E vae num echo profundo
Estremecendo as nações.

No arranco vertiginoso
Dessa musica em tropel
Sons ha que espadanam sangue
E sons que distillam mel.
Uiva e ri, geme e ribomba
A escala, que sóbe e tomba,
Desde os arrulhos da pomba
Aos silvos do cascavel.

Não sei de que abysmo ignoto
Assoma esse turbilhão
De vozes como inflammadas
Em sonora ebulição.
Não sei de que extranhas cavas
Rebenta a harmonia em lavas,
Golfando essas notas bravas
Nos estos de uma explosão.

Ouve-se o brando cicio
Dos adejos matinaes
Frolando suavemente
A pluma dos taguaraes;
E escutam-se os estampidos
Desses horridos bramidos,
Que retumbam desabridos
Pelas florestas nataes.

Sente-se então que, vibrante,
A aza do genio passou
Como um relampago immenso
Que toda patria inundou:
E' Carlos Gomes—o artista,
Que os olhos perdem de vista
Na remontada conquista
Desse ideal, que abordou.

Sente-se mais... que no meio
Destes assomos febris
Paira um clarão deslumbrante,
Que a turba inteira bemdiz:
E' de Alencar a memoria
—Vasta purpura de gloria,
Que tomba do alto da historia
Nos hombros deste paiz.

Avé, memoria excelsa do que fôra
A profunda existencia edificante,

O luminoso ponto culminante,
O espirito maior de uma nação!
Avé, nome immortal, que sobre o mundo,
Em vivos raios de um clarão superno,
Hão de as edades reflectir eterno,
Sol glorioso desta geração!

E tu, que imperas, combalindo as massas,
Dessa harmonia aos tragicos accessos,
Vê com que alma de mãe, vê com que excessos
Te adora a patria, ouvindo *O Guarany*!
Si alem, nas longes terras extrangeiras,
Os Alpes medes como um capitolio,
Fita nos Andes o soberbo solio
Que esta *alma parens* te alevanta aqui! (209)

Augusto de Lima

(1858)

Augusto de Lima, nascido em Minas-Geraes, é formado em direito e tem trabalhado na poesia parnasiana. A sua obra é composta destes volumes: *Contemporaneas; Symbolos;* e *Poesias* (Completas). Dedicou-se á politica,

(209) Dos *Loiros e Myrthos.*

sendo deputado federal por Minas-Geraes em diversas legislaturas. E' membro da Academia Brazileira de Letras.

Historia de uma fonte

Que vida tão curta a nossa
e a tantas luctas entregue!
Nossa alma ideaes persegue,
embora obtel-os não possa.

Sei de uma fonte que brota
de agreste penha, num ermo,
e cae, por annos sem termo,
lentamente, gota a gota...

E' tão pequena que quase
á luz do sol se evapora;
mas tanto correu que agora
tem uma pia na base.

Na pia já se presume
mais forte e não se recorda
da humilde origem:—transborda
vaidosa de seu volume.

Ferve, espuma, rodopia,
e, em meandros, derivando,
com murmurio doce e brando,
e eil-a a correr noite e dia...

Sorri-lhe o oceano já perto,
os coraes abrem-lhe arcadas,
e mil conchas nacaradas
ostentam-lhe o seio aberto.

Que futuro! Tu, mesquinha
fonte nascida entre abrolhos,
num abrir e fechar de olhos
tornada vaga marinha!

Veres as gotas obscuras,
tu, miserrima agua doce,
do sal das ondas na posse,
entre as perolas mais puras;

Livre dos saltos violentos,
em que hoje te dilaceras,
livre da guéla das feras,
e dos rochedos sedentos;

No alcochoado da espuma,
sobre o dorso azul das vagas,
—eis a ventura que affagas,
sem mais ambição nenhuma.

No meio, porem, do sonho,
desta visão favorita,
a fonte se precipita
num desengano medonho.

Sorve-a toda no rochedo
fenda profunda rasgada,
mas tão estreita e acanhada
que nella mal cabe um dedo.

Nutrindo ainda a esperança
de encher o abysmo algum dia,
nasce e, correndo, porfia
e para o baratro avança.

Mas, nessa eterna revolta
contra a ventura, que a esquece,
por uma fenda apparece,
por outra vae e não volta. (210)

Valentim Magalhaes

(1859—1903)

Antonio Valentim da Costa Magalhães, nascido no Rio de Janeiro, formou-se em direito, escrevendo poesia, romance, chronicas, contos e sobre assumptos philosophicos. São de sua obra estes volumes: *Cantos e Luctas; Vinte contos; Horas alegres; Flor de sangue; Alma; Escriptores e escriptos; Philosophia da algibeira; Bric-á-brac; A*

(210) Do volume—*Poesias*,—pags. 139 a 141.

Literatura Brazileira, etc. Exerceu a advocacia e escreveu para jornaes, tendo pertencido á Academia Brazileira de Letras.

Visita a um tumulo

Tudo é paz; tudo repousa,
A propria luz, merencorea.
Parece querer fugir...
A cada passo uma lousa,
E em cada lousa uma historia
E um coração a dormir...

Quantos mundos de ventura,
Quantos aureos paraizos,
Quanta illusão, quanto amor
Não devora a sepultura:
Livro de prantos e risos,
Sem leitores, sem autor.

E', todavia, um piedoso
E doce consolo á magua
Que n'alma a saudade faz,
Desse livro mysterioso,
Ler, com os olhos rasos d'agua,
Na capa o triste—« Aqui jaz. »

Duas palavras apenas,
Que são duas martelladas

Profundas, longas, crueis...
E adeus, illusões serenas,
Adeus, crenças estrelladas,
Adeus, sonhos infieis!

Tudo afundam, quebram tudo!
De uma vida, ha pouco em flores,
Fazem um pouco de pó.
Depois...um deserto mudo,
Em que só vegetam dores
E correm lagrimas só.

A' noite, á lua tristonha,
Pallidos lumes escassos
Tremem sobre os mausoléos...
Cada marmore então sonha,
Frios olhos, petreos braços
Erguem--se lentos aos céos.

Dormem villas e cidades...
Silencio enorme! no entanto,
Eis surgem brancas visões...
São as pallidas saudades
Que vêm visitar em pranto
Esses mortos corações.

Como as saudades, agora,
Vou, de saudades pungido,
Um coração visitar;
Coração morto na aurora,

Quando ia alegre e querido,
Abrir as azas, voar!

Vou levar-lhe este punhado
Das lindas flores singelas
Que tanto no mundo quiz;
No seu tumulo gelado,
Aos olhares das estrellas,
Talvez a façam feliz.

Coitada! passou na terra
Como irisada phalena
Que numa luz se perdeu;
Dos homens por entre a guerra
Passou, candida e serena:
Cantou, sorriu...e morreu.

Quem foi? Um sorriso, um hymno,
Uma benção consolante...
Uma estrella, um rouxinol.
Fez de um lar—pouso divino,
Que sem seu olhar brilhante
E' como um dia sem sol.

Vou levar-lhe este punhado
Das lindas flores singelas
Que tanto no mundo quiz;
No seu tumulo gelado,
Aos olhares das estrellas,
Talvez a façam feliz...(211)

(211) Das *Paginas de ouro da Poesia Brazileira*, de Alberto de Oliveira.

O primeiro dente

Anda pela casa uma alegria extraordinaria.

Algum notavel e estranho acontecimento põe em todos e em tudo esses tons, vivamente coloridos, de jubilo e de festa...

Que foi?

Foi isto: *Tim-tim* já tem um dente, já tem um pequenino dente da côr da neve.

Ha pouco, quando traquinava no collo materno, destroçando com uma vara,—vandalo divino!—uma columna de aguerridos soldados de pau, dispostos no soalho, abrira a bocca, num grito de victoria talvez, e a joven mãe descobriu, então, na gengiva do maxillar inferior, uma pontinha de diamante, rompendo, como um sol, as rosas da carne e enchendo de luz todo o céu... da bocca. Um dente—o primeiro! Deliciosa surpresa!

—Mariquinhas! Paula! Babú! O' gentes! Venham cá! venham depressa ver uma cousa!

A esses gritos festivos correram as primas, precipitou-se a tia, voaram as irmãs de *Dadá*, mãe do menino; arrufadas as saias, cabellos no ar, ligeiras, garrulas, alegres,—como uma revoada de pombos descendo ao comedouro.

—O que foi?

—O que é, *Dadá*?

—O que foi? o que foi?

Dadá sentada em um banquinho quasi ao rez do chão, tem, de pé sobre os joelhos, o filhinho. Envolve-o amorosamente na luz humida e carinhosa de seus grandes olhos castanhos; as tranças desfazem-se, cahidas pelos hombros, emmoldurando, com o seu ebano lusidio, a um pequeno rosto moreno, bello, mas de uma belleza terrena, feita de serenidade, de angelitude, de amor, de muito amor.

Sua larga bocca, energicamente talhada em nacar, arqueia-se em um adoravel sorriso de contentamento.

Arfa-lhe o collo, meio adivinhado atravez do santo desalinho da maternidade.

Tim-tim bate-lhe o rosto com as mãosinhas papudas e roseas, vestido apenas de uma camiseta de cambraia. Mal se aguenta nas perninhas curtas, muito gordas, cavadas em roscas nas coxas e nos joelhos.

Sorri-se candidamente, inconscientemente, para todos aquelles rostos amigos, extasiados deante delle em uma idolatria sagrada.

E o seu dentinho lá está... Mal se percebe surgindo entre o circulo côr de rosa, que vae alargando na gengiva... Mal se percebe, e no entanto que festas! que jubilos! que estupefacções!

Todos querem vel-o, todos querem apalpal-o.

—Cá está elle! picou-me o dedo. Que engraçadinho.

Mas, de subito, veiu uma ideia triste eclipsar por um momento a festa:

—Agora elle vae ficar doentinho! murmura a mãe.

Mas a sombra fugio célere á entrada radiante de um velhinho, todo encanecido, muito risonho, muito asseiado.

E' o avô.

Toma ao collo o netinho, que lhe empolga travessamente um punhado de cabellos...

Apalpa-lhe com dedo tremulo a gengiva, e exclama alegremente, casquinando uma velha risada infantil:

—Eh! eh! já tem um dente, o maroto! E' como o *vovô*, que tambem só tem um! (212)

Literatura Brazileira

José de Alencar no romance, Gonçalves Dias na poesia,—eis os dois fundadores da Literatura Brazileira, com a creação do Indianismo.

Alguns dos seus predecessores haviam aproveitado já o elemento indico, como Santa Rita Durão e Basilio da Gama; mas os seus poemas são muito eivados de lusitanismo. O autor do *Uruguay* é brazileiro nato, filho de Minas Geraes, mas foi educado em Portugal; tenden-

(212) *Alma* (paginas intimas), Rio 1899, pags. 7 a 10.

cias e gostos tinha-os portuguezes, e em Lisboa foi que ideiou e compoz o seu bello poema para comprazer o marquez de Pombal, que de seu inimigo se fizera protector, e a quem soube ser sempre reconhecido o poeta. Estas observações se applicam tambem, mais ou menos, ao cantor do *Caramurú*, que em Portugal tomou o habito agostiniano e se formou em theologia.

A elles cabe, é certo, a precedencia sobre Domingos de Magalhães e Gonçalves Dias, na poesia, e José de Alencar, na prosa, como cultores do elemento indianista; mas a estes compete a gloria de verdadeiros fundadores do genero ou escola, porque foram elles que lhe imprimiram o verdadeiro e puro caracter braziliense. (213)

Alberto de Oliveira

(1859)

Antonio Marianno Alberto de Oliveira, nascido no Rio de Janeiro, é o mais alto representante do parnasianismo no Brazil. Tem uma obra poetica numerosa, e merecimento como prosador. Foi director da Instrucção Publica do Districto Federal. E' membro da Academia Brazileira de Letras.

(213) *A Literatura Brazileira*, Lisbôa, 1897, pags. 15-16.

Rêde selvagem

Entre duas palmeiras se embalança
A leve rêde em que, sem vida agora,
Jaz o corpo da misera creança.

A mãe cabloca, do romper da aurora
A' noite, desolada, ao pé lhe vela,
Cobre-o das folhas da taioba e chora.

Sobre elle o sassafraz verte a singella
Fragancia e os pequiás sobre elle, ao vento,
A copa inclinam, múrmura, amarella.

Por entre os tinhorões sôa o lamento
Do rio, como uma oração sentida...
Esplende o sol no claro firmamento.

E junto ao berço que alli está sem vida
Alardêa seus dons, rindo e cantando,
A alma da selva, próspera e florida.

E a mãe as negras moscas enxotando
Que tontas zumbem, cujo enxame passa
Sobre o franzino corpo miserando,

Chora. Mas o gemido, o pranto espaça...
Perto, na rósea chamma matutina,
Esvoaça um beija-flor, esvoaça, esvoaça...

Como se fosse um' alma pequenina. (214)

(214) Dos *Versos e Rimas* (*Poesias*), edição definitiva, pags. 257-258.

Perola

Na Grecia, á beira mar, sob um platano em flôr, vivia uma nympha. Era o tempo em que para as bandas da Arcadia se ouviam, noite alta, os sons de uma flauta, primeira a soluçar então na terra cheia de ovelhas, pastores, heróes e semideuses.

—Quem tangerá tão mavioso instrumento, cujas notas vêm misturadas com os raios da lua e me enlouquecem, pondo-me um calafrio nas carnes tremulas! Ah! não póde ser outro senão Actés, o pastor moreno amigo das rosas, e que uma vez aqui passou, uma só vez, fazendo-me estremecer ao ver-lhe os olhos avelludados e humidos como a folha do loctus sob a corrente...

Conjecturava assim a formosa nympha, attento o ouvido e como em extase á viração fugitiva que sobre as aguas, sobre as dunas do mar, sobre as flores, por tudo, e, sobre seu corpo franzino e branco, derramava, trazendo-as, de envolta com a luz do luar, as notas da flauta arcadica.

E cem noites, cem longas noites havia já que durava o enlevo da apaixonada da extranha harmonia na Grecia, á beira-mar, sob um platano em flor, quando uma vez, na extrema da praia, mais proxima soou a flauta.

—Oh! ahi vem elle, afinal! Ahi vem Actés! exclamou a nympha—vem porque sabe que morro cançada de tanto esperar.

E alongou os olhos pela orla de areias alvissimas.

Mas, alternando com a flauta, outros instrumentos soavam: soavam tymbales, soavam pandeiros, sistros e tambores; e confusamente, em clamor orgiaco, ouviam-se gritos, acclamações, latidos, e uivos. E começaram de apparecer: um carro triumphal, tirado por pantheras de hiantes fauces; Bacchantes e Nayades, Cyclopes e Talchinas, Satiras e Egipans.

Era que, adolescente ainda, deixando Nysa e os valles do Menalo, coroado de racimos e parras, Baccho passava em derrota das Indias, entre os applausos e ovações de seu cortejo fantastico. Lá vinha o velho Sileno, cançado e tropego, como borracho, as Ciedones núas, e touros e jumentos e bodes, todos á luz de longos brandões de fachos resinosos que fumegavam.

Encolheu-se tremula e receiosa ao desfilar o cortejo.

Oh! hei de vel-o, dizia; em meio destas caras horrendas seu rosto deve ser como o de Apollo entre as nuvens. Ouço-lhe a flauta cada vez mais perto... Oh! bello pastor...

E iam passando as grotescas figuras aos gritos: Evohé! Lyceni! Passaram as primeiras récuas de Satyros, Kuretas, rafeiros e onagros, passaram outras e outras. Subito naquelle meio cahotico, estrugidor e infernal, destacou-se o informe vulto de Pan, alto e capripede, o peito de chatas mamas cingido de bacellos e pampanos, e-oh! desespero, oh! horror!—á bocca espumenta de

mosto virgem, entre os beiços lubricos, lá estava a flauta delicada em que a alma de Syrinx, a perseguida, parecia ainda soluçar e gemer!...

Tão horroroso era o monstro, tal foi ao vel-o o pavor da nympha, que não havendo mais seguro logar onde occultar-se, se encolheu, mettendo-se dentro de uma concha ali acaso esquecida: rolou-a depois, impellindo-a até ao mar, em cuja profundeza aquietou-se, escondendo a sua dor, o seu panico e a sua desillusão.

Data de então o nascimento da perola: exigua e delicada, ella representa o corpo franzino que ali se purificou, cheio de medo e cheio de sons harmoniosos—sons que algumas conchas guardam ainda como saudosa recordação... (215)

Clovis Bevilaqua

(1859)

Clovis Bevilaqua, nascido no Ceará formou-se em direito na Faculdade do Recife, de onde foi professor, até que occupou o cargo de consultor juridico do ministerio do exterior, passando a residir no Rio. A sua obra juridica é vasta. Della fazem parte os seguintes volumes:

(215) Publicação avulsa.

Juristas philosophos; Criminologia e direito; Direito da familia; Direito das obrigações; Direito das successões; Theoria geral de direito civil; Direito internacional publico, etc. De sua pequena obra literaria, constam: *Esboços e fragmentos; Phrases e phantasias; Epochas e individualidades*, etc. E' membro da Academia Brazileira de Letras.

Trecho de psychologia das plantas

Nunca fui apaixonado pela botanica; mas, nem por isso, adoro menos as plantas e as flores. Ao contrario, sinto por ellas uma affeição tam profunda que muitas vezes me illudo julgando comprehender-lhes o sentir.

E porque será uma illusão? Não vivem as plantas como nós, não se movem voluntariamente, não respiram, não dormem, não se contrahem assustadas?

As lianas e todas as trepadeiras se enroscam como serpentes aos colmos e aos troncos das arvores, prendendo as garras de suas gavinhas ás rugosidades que encontram e, muitas vezes, vão, atirando-se de arvore em arvore, formar essas maravilhosas pontes enrediças, de cipó, extendidas sobre as torrentes espumantes e rugidoras. E' que avançam luctando pela vida, em busca do espaço e em busca da nutrição. E não sobem tambem pelo dorso dos cedros e dos ipés, somente para beberem, avidas, gulosas, a luz do sol que lhes dá a chlorophylla?

Quem viaja, atravez de campos e mattas por noites claras de luar, comprehende que não é uma expressão despida de senso essa de que a rethorica vulgar tanto abusou, em certa epocha, e que ainda repetimos hoje por ser uma traducção de factos reaes:—*a natureza inteira dorme*. Não são sómente algumas flores que retrahem as petalas, fechando, para o somno da noite, a setinosa corolla, onde se encerram, como numa caçoila, as essencias puras de que só a natureza sabe o segredo. As arvores mesmas, deixam pender em abandono as frondes, como nós os membros entorpecidos pelo orgasmo somnifero. (216)

Os elementos psychicos da evolução da propriedade

O pavor do homem primitivo fel-o volver os olhos d'alma para o idealismo e lançar-lhe no coração o primeiro sentimento de culto religioso. Como, porem, a sociedade dos entes sobrenaturaes não era sufficientemente sensivel, nem de um soccorro immediato nas attribulações de todo instante, a necessidade de viver levou-o, naturalmente, a approximar-se de seu similhante e a crear essas fortes associações cimentadas pelo instincto sexual e mantidas pelos vinculos do sangue, as

(216) Do *Phrases e Phantasias*, Recife, 1894, pags. 109-110.

quaes, em frente umas das outras, são organisações para a guerra ou para a paz, e em frente á natureza, são sociedades de exploração economica.

Esse collectivismo originario, porem, vae-se lentamente desfazendo e a evolução da propriedade póde ser designada como a marcha do communismo para o individualismo. E quaes teriam sido os factores psychicos dessa transformação? Landry e Kohler aqui se acham de accordo e ambos approvam as deducções da psychologia experimental: a necessidade moral de obter a maior somma de gozo e o desejo de dominio sobre os outros.

Sem duvida alguma as causas determinantes da actividade humana são, como disse Lotze, os esforços para prolongar e renovar o prazer e para evitar a dor. Applicando esta observação á historia da propriedade, reconhecer-se-á que ella traduz, para o homem, a satisfacção de um instincto, o instincto de acquisição que é apenas uma fórma do instincto de conservação. Não estava, pois, longe da verdade o poeta idealista, quando via, na fome e no amor, os estimulos que, em ultima analyse, punham em movimento a machina do mundo. Convinha sómente não ser tão exclusivista, e deixar alguma cousa para as aspirações de ordem ideal.

Mas, nos primeiros tempos, esse goso, que a propriedade das cousas externas faculta, não podia ser alcançado pelo individuo, pelo esforço isolado de cada um (217).

(217) Fragmento do *Literatura e Direito*, Bahia, 1907, pags. 102-103.

Vicente de Carvalho

(1859)

Vicente de Carvalho, nascido em Santos (São Paulo), não prejudicou o seu talento poetico por ser magistrado em São Paulo. E' um grande romantico. A sua obra compõe-se dos seguintes volumes: *Ardentias; Relicario; Poemas e canções; Rosa, rosa de amor; Versos da mocidade; Paginas soltas*, etc. E' membro da Academia Brazileira de Letras

Pequenino morto

Tange o sino, tange, numa voz de chôro,
Numa voz de chôro. .tão desconsolado...
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino, levam-te dormindo...Accorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tange numa voz de chôro...
Pequenino; accorda!

Como o somno apaga o teu olhar inerte
Sob a luz da tarde tão macia e grata!
Pequenino é pena que não possas ver-te...
Como vais bonito, de vestido novo
Todo azul celeste com debruns de prata!

Pequenino, accorda! E gostarás de ver-te
De vestido novo.

Como aquella imagem de Jesus, tão lindo,
Que até vai levado em cima dos andores,
Sobre a fronte loura um resplendor fulgindo,
— Com a grinalda feita de botões de rozas
Trazes na cabeça um resplendor de flores...
Pequenino, accorda! E te acharás tão lindo
Florescido em rozas!

Tange o sino, tange, numa voz de chôro,
Numa voz de chôro...tão desconsolado...
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino levam-te dormindo...Accorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tange numa voz de chôro...
Pequenino, accorda!

Que caminho triste, e que viagem! Alas
De ciprestes negros a gemer no vento;
Tanta bocca aberta de famintas valas
A pedir que as fartem, a esperar que as encham...
Pequenino, accorda! Recupera o alento,
Foge da cobiça dessas fundas valas
A pedir que as encham.

Vai chegando a hora, vai chegando a hora
Em que a mãi ao seio chama o filho... A espaços,
Badalando, o sino diz adeus, e chora

Na melancolia do cair da noute;
Por aqui, só cruzes com seus magros braços
Que jamais se fecham, hirtos sempre... E' a hora
Do cair da noute...

Pela Ave Maria, como procuravas
Tua mãi!... Num éco de sua voz piedosa,
Que suaves cousas que tu murmuravas,
De mãosinhas postas, a rezar com ella...
Pequenino, em casa, tua mãi saudosa
Reza a sós... E' a hora quando a procuravas...
Vai rezar com ella!

E depois... teu quarto era tão lindo! Havia
Na janella jarras onde abriam rosas;
E no meio a cama, toda alvor, macia,
De lençóes de linho no colxão de pennas.
Que accordar alegre nas manhãs cheirosas!
Que dormir suave, pela noite fria,
No colxão de pennas...

Tange o sino, tange, numa voz de chôro,
Numa voz de chôro... tão desconsolado...
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino, levam-te dormindo... Accorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tange numa voz de chôro...
Pequenino, accorda!

Porque estacam todos dessa cova á beira?
Que é que diz o padre numa lingua extranha?
Porque assim te entregam a essa mão grosseira
Que te agarra e leva para a cóva funda?
Porque assim cada homem um punhado apanha
De caliça e espalha-a, debruçado á beira
Dessa cova funda?

Vais ficar sózinho no caixão fechado...
Não será bastante para que te guarde?
Para que essa terra que jazia ao lado
Pouco a pouco róla, vai desmoronando?
Pequenino, accorda!—Pequenino!...E' tarde!
Sobre ti cái todo esse montão que ao lado
Vai desmoronando...

Eis fechada a cóva. Lá ficaste...A enorme
Noite sem aurora todo amortalhou-te.
Nem caminho deixam para quem lá dorme,
Para quem lá fica e que não volta nunca...
Tão sózinho sempre por tamanha noute!...
Pequenino, dorme! pequenino, dorme!...
Nem accordes nunca! (218)

Jesus

O moço galileu sob cujo nome e sobre cujas palavras se fundou o christianismo, é, sem duvida, a mais inte-

---

(218) Dos *Poemas e Canções*, Porto, 1909, pags. 67 a 69.

ressante physionomia moral de toda a Historia. Desenfeitada da contribuição lendaria com que a imaginação popular accrescenta sempre a memoria dos grandes typos que a apaixonam, a sua biographia é de extrema simplicidade. Pela sua origem, pela sua situação social na sociedade em que viveu, pela acção insignificante que exerceu no seu tempo, Jesus foi um humilde e um obscuro.

Tardio rebento do esgotado tronco israelita, surgiu no seio de um povo abatido pelo captiveiro e prestes a perder pela mais completa e definitiva dispersão, não só a individualidade, mas a propria existencia nacional. Nasceu de uma familia proletaria e sem influencia. Num recanto quasi ignorado do mundo viveu a sua curta vida. Expiou pelo supplicio e pela morte, como tantos outros revolucionarios de todos os tempos, as palavras novas e blasphemas com que escandalisava uma sociedade organisada sobre o respeito intransigente de velhos dogmas. Vivo, falou a um resumido auditorio de pescadores, de rusticos, de ignorantes. Morto, a sua memoria ficou apenas palpitando no enthusiasmo fiel de um pequeno nucleo de adeptos. Entretanto, transmittidas ao mundo pelo reduzido auditorio que as entendera, as palavras de Jesus ha quasi dois mil annos repercutem sonoramente no mais fundo da alma humana. Ha quasi dois mil annos, por uma faculdade intrinseca de maravilhosa infiltração moral, o nome symbolico do Christo, vai conquistando, lenta mas irresistivelmente, sobre todas as regiões

da terra, a adhesão de todas as raças. Já hoje mal haverá na superficie terrestre, mesmo nos ultimos reductos das outras grandes criações religiosas, povo em cujo seio não fermente, no seu trabalho de incessante germinação invasora, alguma das multiplas doutrinas em que proliferaram as palavras tão maravilhosamente fecundas que Jesus pronunciou ha desenove seculos, no obscuro dialecto de uma inculta provincia hebraica... (219)

B. Lopes

(1859)

Bernardino da Costa Lopes, nascido no Rio Bonito (Rio de Janeiro), é um dos mais exquisitos poetas da nossa literatura. Valentim Magalhães definiu-o assim: «E' o versejador das elegancias, dos refinamentos, dos exotismos». Tem escripto: *Chromos; Pizzicatos; Dona Carmen; Brazões; Sinhá Flor; Hellenos; Val de Lyrios; Hynverno*, etc. Exerceu forte influencia nas gerações modernas.

Minha varanda

Mettido em claros, folgados linhos,
Passo os domingos nesta varanda,

(219) Do *Paginas soltas*, vol. I, São Paulo, 1911, pags. 29-30.

Cheia de rosas na platibanda;
Entre crianças e passarinhos.

A meninada fala e casquina
Com alaridos de ingenuo riso
E, em sons festivos de flauta e guizo,
O passarêdo gorgeia e trina.

Que grata sombra, que doce fresco
Trazem-me as brizas e as ventarolas
De largas folhas, entre as gaiolas
Enfileiradas sob o arabesco!...

Minha mãe, perto, moureja e canta,
Ralhando aos netos a travessura;
De cá, eu sinto que me procura
O olhar bemdito daquella santa.

De avental branco, doce e garrida,
—Bogari fresco na trança ao alto—
Vem lá de dentro batendo o salto
A flor singela de minha vida.

Jardim que aos ventos não se destouca,
Na minha clara varanda aberta
E' ella, rindo, que, a hora certa,
Desfolha beijos na minha bocca!

Musica simples é a das crianças,
Acompanhada de um côro de aves;

As melodias, as mais suaves,
Andam voando nas horas mansas.

Lá fóra, o dia vibrando em oiro
Sobre a verdura dos quintalejos,
Onde, nas flores palpita aos beijos,
Das borboletas o enxame loiro.

Releio historias da minha estante,
Deitado á fresca na minha rêde;
Bebendo um copo, si tenho sêde,
De qualquer cousa refrigerante.

Fructas na mesa, flores no jarro;
E eu no meu gozo todo embebido!
De quando em quando passa um vestido
Na espiral branca do meu cigarro...

E levo as horas entre carinhos,
Jamais sabendo, que a bulha é tanta!
Quem na varanda mais ri ou canta:
Si a criançada, si os passarinhos! (220)

Arthur Orlando

(1859)

Arthur Orlando da Silva, nascido em Pernambuco, gosa de justa fama como prosador e publicista. Em

(220) Do *Val de lyrios*, Rio, 1900, pags. 51 a 54.

suas obras revela cultura philosophica. Tem exercido innumeros cargos de representação politica. Da sua obra constam: *Philocritica*; *Meu Album; Pan Americanismo*. E' membro da Academia Brazileira de Letras.

Theorias Literarias no Brazil

Começo por uma affirmação bem entristecedora: apesar da publicação quasi diaria de livros, de folhetos, de avulsos, nós—brazileiros—não temos uma literatura.

A razão é simples: os livros, atirados á publicidade no Brazil, nem brilham pela belleza do estylo, nem primam pela frescura de idéas.

Os nossos literatos, ordinariamente anachronicos e atrazados, si não são artistas da palavra, ainda menos podem ser considerados architectos do pensamento.

O pouco bom que possuimos, como as explorações geologicas de Araujo Ribeiro, os estudos anthropologicos de Couto de Magalhães, as investigações philologicas de Baptista Caetano, as notas lexicographicas de Manoel de Mello, Macedo Soares e Paranhos Junior, os trabalhos botanicos e zoologicos de Barbosa Rodrigues e Ladislau Netto, as vistas philosophicas de Guedes Cabral e Pereira Barretto, as experiencias physiologicas do dr. Lacerda, a critica encantadora e deliciosa de Tobias Barretto, e mais umas raras publicações attestando es-

tudos e vistas novas, como os livros de Sylvio Romero Souza Pinto, e Carlos von Koseritz, não bastam para salvar-nos da anemia intellectual, que está a annuvear este bello pedaço da America, onde tudo é grandioso excepto o pensamento.

Não ha muito, um dos nossos belletristas dizia ao publico:

«Quando o Brazil tentar escrever a epopeia da humanidade em cyclos historicos, quando explicar o homem pelo universo, a natureza pela arte, o drama pela alma, o romance pela sociedade, então sim, então póde dizer-se: possuimos uma literatura».

Mas no Brazil onde está o sabio que já tivesse estudado a vida physica, psychica e historica, combinando estas tres phenomenalidades em uma grande unidade e formando com ella uma concepção mecanica do universo? o romancista que já tenha descripto o drama da vida social moderna, analysando com profundeza os segredos da alma humana? o critico que já diagnosticasse as causas das nossas desillusões e prophetisasse as nossas aspirações e os nossos ideaes? o artista que em harmonias de linhas, de côres, ou de sons já *monumentasse* um bello hymno á natureza?

Onde está o nosso Kant, Spinosa ou Hœckel, o nosso Shakespeare, Goethe ou Tolstoi?

Na minguada galeria das notabilidades brazileiras seria inutil procurar um espirito com uma centelha de

genio na fronte a abrir largos horizontes ao pensamento humano, ou uma natureza selecta, em cujo coração tenham feito eclosão chrysallidas de sentimentos superiores em busca de novos ideaes.

No primeiro seculo de colonisação—XVI—seria fatuidade falar numa literatura brazileira.

Ainda não ha bastante tempo para que o solo, a atmosphera, a flóra, o clima tenham modelado uma nova estructura cerebral.

Era o momento da lucta entre a natureza moral e intellectual, constituida pelas ideias, pelos sentimentos, pelos costumes e tradições portuguezas, e as novas condições de existencia dos que nasciam no Brazil. (221)

Raymundo Correia

(1860—1911)

Raymundo Correia, nascido na bahia de Moguncia (a bordo de um vapor, no Maranhão), dedicou-se á poesia, produzindo, com caracteristicas admiraveis, versos melodiosos e parnasianos. Exerceu varios cargos publicos, de juiz e até de diplomacia. Escreveu: *Sympho-*

(221) *Philocritica*, Rio, Cap. II, pags. 67 a 70.

nias, Versos e versões e *Aleluias,* sendo celebrado o seu bello soneto *As pombas.* Pertenceu á Academia Brazileira de Letras.

O anoitecer

Vê: esbrazea o Oceano na agonia
O sol; aves em bandos destacados
Por ceus de ouro e de purpura raiados
Fogem...fecha-se a palpebra do dia...

Delineam-se alem da serrania
Os vertices de chamma aureolados,
E em tudo emtorno abatem derramados
Uns tons suaves de melancolia...

Um mundo de vapores no ar fluctúa;
Como uma informe nodoa, avulta e cresce
A sombra, á proporção que a luz recúa...

A natureza apathica esmaece...
Pouco a pouco entre as arvores a lua
Surge tremula, tremula...Anoitece! (222)

As pombas

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra...mais outra...emfim dezenas

---

(222) Das *Symphonias.*

De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia, sanguinea e fresca, a madrugada...

E, á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Ruflando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Tambem dos corações onde abotôam
Os sonhos, um por um, celeres voam
Como voam as pombas dos pombaes;

No azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem...mas aos pombaes as pombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais. (223)

O papão

Desse velho carrancudo e feio, de queixo duro e olhar severo, porque o seu ar é o de quem tem soffrido muito e o de quem sabe muitas coisas, dizem que é máu e feiticeiro; e todo o mundo tem medo do grosso bordão a que se apoia.

Que importa, porem, Xavieria, que a *gente grande* não goste delle, se os pequenos o amam? E' verdade, sim, que o seu desconforme chapeu alto seria bem capaz de afugentar de sobre a terra todos os passarinhos do céo.

(223) Das *Symphonias*

Mas de uns melros, sei eu, que foram fazer o seu ninho na copa daquelle descommunal chapeu; e o bom do velho andou durante muito tempo com a cabeça descoberta, e ao sol, ás chuvas, até que os implumes filhotes criassem azas e podessem voar...

E' bem verdade que quando elle passa as mamães o apontam aos filhinhos manhosos dizendo-lhes:

«Olha o *Papão* que te vem cortar a orelha!»

Mas os filhinhos que já viram o *Papão* sorrir um dia, e, desde então, fazem o que muita gente grande não ousa fazer: approximam-se delle sem receio.

Com effeito o bom do velho nunca fez mal a ninguem: elle passa a mão com brandura sobre a cabeça dos meninos, e estes bem sabem que nos longos bolsos do seu casacão temeroso não ha thesouras taes que cortam orelhas, mas sim ha «bonbons» para as creanças ou bocadinhos de pão para atirar pachorrentamente ás avesinhas famintas. (224)

Eduardo Prado

(1860—1901)

Eduardo Prado, nascido em São Paulo, foi um dos mais illustres escriptores nos fins do seculo passado. Da

(224) Avulsa.

sua obra, que não é pequena, são para se destacar os volumes sobre *A illusão americana; Viagens;* e *Fastos da ditadura militar no Brazil.* Exerceu o jornalismo com vantagem, e fez parte da Academia Brazileira de Letras.

A Bandeira Nacional

(*Fragmento*)

Não comprehendemos porque a cruz será no Brazil um symbolo de divergencia. Ha naquelle paiz quatorze milhões de christãos. O brazileiro é baptisado com o signal da Cruz e, no seu descanço final, dorme no seu tumulo á sombra da cruz. Como pretende o sr. Teixeira Mendes que este signal, que o brazileiro recebe ao entrar na vida e que o acompanha na morte, seja um symbolo de divergencia? E' infima a minoria não christã no Brazil.

Demais, a cruz da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo tem na bandeira, alem da significação religiosa, a alta significação historica e patriotica, de ter sido o symbolo representado na bandeira que o primeiro descobridor portuguez hasteou no Brazil.

O Governo Provisorio conservou para os militares a cruz verde e florenceada da ordem de São Bento de Aviz, e nenhum militar tem divergido até hoje recusando-a. Ainda ninguem regeitou essa condecoração, tão larga e

fraternalmente distribuida, a pretexto de divergencias theologicas.

Porque é que um symbolo é apagado da bandeira como emblema de discordia e, ao mesmo tempo, é pregado ao peito dos soldados como insignia de honra?

Quanto á constellação do Cruzeiro fomentando a mais vasta fraternidade, pensamos que o sr. Teixeira Mendes entrou neste ponto no dominio da Astrologia. A influencia daquella constellação sobre a fraternidade humana, não deve ser sensivel aos povos que habitam o hemispherio norte, pois estes povos não vêem o Cruzeiro. Os hispano-americanos, que não são modelos de fraternidade, pois vivem em dissensões continuas, alimentando odios inextinguiveis; as tribus selvagens d'Africa; os barbaros das ilhas do Oceano Indico e do Pacifico e os colonos da Australia e da Nova Zelandia, esses que vivem debaixo da influencia da constellação fomentadora da fraternidade, esses devem ser os povos mais fraternaes da Terra. (225)

Affonso Celso

(1860)

Affonso Celso de Assis Figueiredo, nascido em Minas Geraes, formou-se em direito, e muito cedo dedicou-

(225) Das *Paginas Esquecidas*, de *Os Annaes*, do Rio, anno II, num. 40, pags. 441-442, julho de 1905.

se á politica, exercendo cargos de representação. E' poeta, romancista e escriptor, bem como professor de direito. A sua obra é numerosa, della se destacando os seguintes volumes: *Rimas de outrora*; *Vultos e factos*; *Minha Filha; O imperador no exilio; Lupe*; *Notas e ficções; Giovanina; Contradictas monarchicas*; *Guerrilhas*; *Um invejado; Oito annos de parlamento; Porque me ufano do meu Paiz*, etc. Faz parte da Academia Brazileira de Letras.

A joia

I

Ao pé de uma vidraça, estavam mãe e filha,
O olhar todo cobiça, acarinhando o brilho
E os bordados subtis das joias. Que esplendor
Na fina exposição! Artistico primor
Ha nas facetas mil da rara pedraria:
Era o sonhar em prata, em ouro a phantasia,
Chimeras de coral, caprichos de rubim,
Scismares de esmeralda e perolas; emfim,
Um mimo tentador, uma visão tirada
De opulenta legenda arabica...

II

Enlevada,
A creança lançava alternativo olhar

Ao panorama e á mãe, incerta, a interrogar,
Se o maternal amor não suspeitára ainda
Quanto desejo atroz ia-lhe n'alma.
Finda
A eloquente mudez da suplica, outra vez
Os olhos embebeu, frementes de avidez,
Dos lavores da joia, e, morbida, attrahida,
Tal como a mariposa á lampada accendida,
Sentio, a pouco e pouco, ir-se tornando audaz...
Resolveu-se afinal, e, sem conter-se mais,
Num subitaneo arrojo, a voz erguendo, disse,
Numa fala de mel e angelica meiguice,
De as pedras commover:
«Mamãi, vou-lhe pedir
Um immenso favor...»
A mãi poz-se a sorrir
E—dize—respondeu.
«Mas faz?» replicou elle
«Faço» «Faz mesmo?!...» «Sim!»
«Pois bem, não vê aquelle
Adereço gentil, que ali fulgindo está?!
Desejo-o muito... muito... e quem promette, dá;
Por isso...»
Mas a mãi interrompeu-lhe a phrase,
Fitou-lhe o trajo humilde e, soluçando quase:
«Aquelle, não,—tornou,—mas outro que tambem
E' lindo e vale mais...»
«Qual é?!»

«Ora ahi tem!»
E assentou-lhe na testa um' prolongado beijo.

III

A creança entendeu. Sumio-se-lhe o desejo.
«De certo, disse a rir, joia melhor não ha;
Mas se tão rica, assim, e generosa está,
Sem demora, em signal de nosso regozijo,
Mais um broche, um collar e uma pulseira exijo!» (226)

Na fazenda

Dorme a fazenda. Uniformes,
Com seu inclinado tecto,
Têm as senzalas o aspecto
De um bando d'aves enormes.

Os cães, no pateo encoberto,
Repousam de orelha erguida;
São como oasis de vida
Da escuridão no deserto.

De vagos tons uma enfiada
Com o torpor lucta e vence-o;
E' no burel do silencio
Franja sonora bordada.

---

(226) Das *Rimas de outr'ora*, Rio, 1894, pags. 43 a 47.

A's vezes, da porta estreita
Sae um chorar de creança,
Chamando a mãi que descança
Morta do afan da colheita.

Talvez no infantil assombro
Já se lhe antolhe mais tarde:
—O eito emquanto o sol arde,
E o peso da enxada ao hombro.

Os cães levantam-se a meio,
Geme a creança um momento
E, a pouco e pouco, em lamento
Succumbe o isolado anceio.

Longe, na sombra perdido,
Ha no perfil de um oiteiro
Algo de extranho guerreiro
Da cota de armas vestido.

Ao lado reluz a linha
De extensa e alvacenta estrada,
Como a lamina da espada
Que lhe saltou da bainha.

E o disco da lua nova
No lar azul das espheras,
De nuvens que lembram féras,
Como um reptil sae da cova.

Ondula no espaço o fumo
De algum incendio invisivel;
Chóra a creança, impassivel
Prosegue a noite em seu rumo. (227)

Visconde de Ouro Preto

O Visconde de Ouro Preto, que succedeu a João Alfredo, organisando o ministerio de 7 de Junho de 1889, só uma vez compareceu á Camara no meu tempo: a 11 d'aquelle mez, para apresentar o gabinete.

Pronunciou então dois discursos, o primeiro enunciando o seu programma de largas reformas, o segundo retorquindo aos vehementes oradores que o atacaram, dois dos quaes se declararam republicanos. O padre João Manoel, um delles, terminou a sua calorosa profissão de fé com o grito de—*Viva a Republica!*—nunca ouvido no Parlamento. Imagine-se a agitação produzida!

O Visconde de Ouro Preto, no dizer de seus proprios inimigos, esteve na altura das tremendas responsabilidades que aceitara. No seu discurso de replica, fremente de indignação, inflammado de patriotica bravura, lampejou a mais alta eloquencia. Dominou o audictorio, na maioria infenso, arrancou-lhe acclamações, impôz-se.

Ao viva sedicioso e applaudidissimo de João Manoel, ergueu-se impetuosamente e com energia, conforme

227) Das *Rimas de outr'ora*, pags. 79 a 81.

rezam os *Annaes*, exclamando: «Viva a Republica, não! Não e não; pois é sob a monarchia que temos obtido a liberdade que outros paizes nos invejam, e podemos mantel-a em amplitude sufficiente para satisfazer o povo mais brioso. Viva a monarchía!—que é a forma de governo que a immensa maioria da nação abraça, e a unica que póde fazer a sua felicidade e a sua grandeza! Sim! Viva a monarchia brazileira, tão democratica, tão abnegada, tão patriotica que seria a primeira a conformar-se com os votos da nação, e a não lhe oppôr o menor obstaculo, si ella pelos seus orgãos competentes, manifestasse o desejo de mudar de instituições».

Estas palavras, segundo ainda os *Annaes*, levantaram applausos enthusiasticos e prolongados, no recinto e nas galerias, e grandes demonstrações de adhesão, abafando por momentos a voz do orador.

O Bispo do Pará, D. Antonio de Macedo Costa, que assistiu a esse memoravel debate, um dos mais valiosos e ardentes do parlamentarismo brazileiro, declarou, após o discurso do visconde de Ouro Preto: «Acabo de ter ideia do que foi uma sessão na Convenção Franceza!» (228)

O futuro do Brazil

Com os elementos congregados em si, póde o Brazil, como nenhum outro paiz, caminhar desassombrado, o

(228) Do *Oito annos de parlamento*, Rio, 1901 Laemmert & C., editores, pags. 104 a 106.

olhar alto, o passo firme. Desempenhará nos negocios humanos papel proporcional ao lugar que occupa no Globo. Como José Bonifacio declarava em 1789, perante a Academia Real de Lisboa, está preparado para novo assento de sciencias, para fóco de nova civilisação.

E' verdade que a grandeza não deriva da simples posse de dons valiosos, mas do seu sabio aproveitamento. Porque, porem, deixaremos de pôr em acção os nossos prodigiosos recursos? Quando não o quizessemos, seriamos forçados a isso pela ordem natural das cousas, á lei infallivel do desenvolvimento das forças e das necessidades. Viveremos, cresceremos, prosperaremos. A educação, o aperfeiçoamento, hão de vir. Somos ainda uma aurora. Chegaremos necessariamente ao brilho e ao calor do meio dia. Ao terminar o seculo XIX, já constituimos a 2ª potencia do Novo Mundo, a 1ª da America do do Sul, a 1ª em extensão e a 3ª em população da raça latina. Seremos a 2ª ou a 1ª do orbe, quando a hegemonia se deslocar da Europa para a America, o que fatalmente succederá. Encarnaremos então as qualidades, guardaremos as tradições, representaremos os serviços dos latinos no trabalho universal. Si taes qualidades, tradições e serviços são eminentes (e quem ousará negal-o?) eminente será a nossa missão. Não temos o direito de desanimar nunca. Assiste-nos o dever de confiar sempre. Desanimar no Brazil equivale a uma injustiça, a uma ingratidão; é um crime. Cumpre que a esperança se

torne entre nós, não uma virtude, mas estricta obrigação civica.

Desanimar, porque? quando nada nos falta que não possamos conseguir? Penosissima embora a situação actual, é incomparavelmente mais auspiciosa que a da Grecia, a da Italia, a de Portugal, a da França mesmo.

Quão menos grave que a dos Estados europeus! Neste, a população emigra; naquelle decresce cada dia. Vive condemnada em todos a não largar as armas, minada pela miseria, dividida por odios implacaveis, explorada pelo argentarismo, ameaçada pelos anarchistas. Apesar de tudo, lá não desanimam. Havemos nós de desanimar?!

Não! Compenetremo-nos das nossas responsabilidades, ufanemo-nos do que somos, mostremo-nos dignos de tamanhas vantagens e beneficios, façamos, em summa, o nosso dever.

Confiemos. Ha uma logica immanente: de tantas premissas de grandeza só sahirá grandiosa conclusão. Confiemos em nós proprios, confiemos no porvir, confiemos, sobretudo, em Deus que não nos outorgaria dadivas tão preciosas para que as desperdiçassemos esterilmente. Deus não nos abandonará. Si aquinhoou o Brazil de modo especialmente magnanimo, é porque lhe reserva alentados destinos. (229)

(229) Do *Porque me ufano do meu Paiz*, Rio, 1901, pags. 255 a 258.

A entrada no Rio

UM MENINO, CORRENDO E GRITANDO

Terra... terra... avista-se terra.

Reboliço intenso entre os emigrantes. Arremessam-se todos ás amuradas e á prôa, esquadrinhando os planos longinquos da perspectiva, as mãos abobadadas sobre a vista. Muitos trepam nos bancos e nos bahús; rapazes buscam içar-se ás vergas do mastro. Pais suspendem pequeninos impacientes aos hombros. Velhos tropegos arrimados a bengalas ou muletas, limpam os vidros dos oculos de aro enferrujado.

A VOZ DO MENINO

Terra... Terra...

Dos orificios das escotilhas emergem, como resuscitados, rostos lividos, galvanisados de subito alento. Milhares de olhos avidos varrem em todos os sentidos o horizonte.

UMA VOZ

Não é terra; é uma nuvem.

OUTRA VOZ

Não é terra, nem nuvem; é um navio que se afasta.

OUTRA VOZ

Nada disso. Simples effeito da luz nas aguas.

OUTRA VOZ

E' terra; é terra; diviso uma cadeia de montanhas.

VARIAS VOZES

Aonde? Aonde?!

A PRIMEIRA VOZ

Ali... á esquerda... ali... ali... Distingo as montanhas. Reparem. Uma dellas lembra o meu querido e terrivel Vesuvio, cuja proximidade dá, pelo perigo constante, saboroso encanto ao viver.

OUTRA VOZ

E' terra... é terra... Vêde o movimento que vai na primeira classe. O commandante subiu ao passadiço.

VARIAS VOZES

Vamos chegar... vamos chegar...

Accusa-se e accentua-se, a pouco e pouco, o contorno da serrania remota. Alegria febril alvoroça os passageiros. Tratma de apromptar a bagagem, de mudar de roupa, de lavar as crianças. Raparigas consultam o espelho, enfeitando os cabellos. Um grande grupo não sai da amurada, pregoando alviçareiro a mais ligeira modificação dos aspectos. E as horas passam. Gaivotas se alçam de repente das ondas e fendem o espaço, arregimentadas, num vôo calmo e symetrico.

UMA VOZ

Passaros... passaros... mensageiros ao nosso encontro...

OUTRA VOZ

Azas brancas... azas brancas... Excellente presagio...

OUTRA VOZ

Portentosa vista... Panorama explendido! Magnifica linha de montes resguardando a costa!

OUTRA VOZ

Que côres fulgurantes! O céu é feito de ouro, azul ferrete e carmim.

OUTRA VOZ

E as montanhas... e as montanhas. Estas, polidas e lisas, como bronze. Hirsutas aquellas, como ursos. E as grenhas são florestas colossaes.

OUTRA VOZ

Semelham fortalezas, torres, trincheiras...

OUTRA VOZ

Mais adiante sentinellas destacadas.

OUTRA VOZ

Um mundo de enormes estatuas, entre pyramides.

OUTRA VOZ

Que será aquillo na encosta de algumas colinas?! Arvores, ou columnas de fina architectura, coroadas de leques?

OUTRA VOZ (*gritando*)

Vinde ver todos... vinde ver... Um vulto immenso de homem, ali, deitado de costas. Olhem o nariz curvo, o tronco, as pernas, o pé...

OUTRA VOZ

E' o *Gigante de Pedra* de que me falaram. Tomei por invenção e é verdade!

VARIAS VOZES

Que coisa assombrosa! Que prodigio!... que prodigio!... (230)

MARTINS JUNIOR

(1860—1904)

JOSÉ IZIDORO MARTINS JUNIOR, nascido em Pernambuco, bacharelou-se em direito e foi professor da Faculdade do Recife. Instaurou na poesia brazileira o scienti-

(230) *Giovanina*, Rio, 1896, pags. 54 a 56.

ficismo. Jornalista e escriptor, exerceu tambem varios cargos de representação politica. Da sua obra são os seguintes volumes: *Historia geral do Direito; Fragmentos juridico-philosophicos; Historia do direito nacional; Visões de hoje; Retalhos; Estilhaços; Téla polychroma;* etc. Pertenceu á Academia Brazileira de Letras.

Soneto

Se azas inda possúes, alma! podes abril-as
Pela azulea amplidão dos sonhos encantados!
Podes sorver a luz que reverdece os prados,
Podes mirar dos céos as rutilas pupilas!

Pódes librar-te, exul, pódes cantar gloriosa,
Podes ter força e fé, podes illuminar-te
Com o sereno clarão da nobre lua d'Arte
E pairar, e viver na esphera radiosa

Da creadora Illusão! Tu resurgiste, ó alma!
Tu sahiste do pó, da modorra da morte,
E vibras dentro em mim como ao tufão a palma!

Já me sinto viver de novo como um forte,
Já não me afundo mais em somnolenta calma:
Tenho ambição e amor, tenho ideal e norte! (231)

(231) Do *Numero especial de A Cultura Academica*, consagrado á memoria de Martins Junior, Recife, 1904, pag. 117.

Aspectos do direito

Uma vez que consideramos o Direito um organismo social *sui generis*, não é difficil attribuir-lhe um aspecto physiologico, ou antes, *anatomo-physiologico* e um aspecto morphologico.

E' o que julgamos necessario fazer para mais regular o encaminhamento do trabalho que temos em vista. Vamos, pois, indagar separadamente: 1.° qual o modo de evolução do direito encarado como organismo activo, dotado de energias funccionaes; 2.° qual o modo de evolução de suas fórmas exteriores. Vejamos.

Nos primordios das velhas sociedades, avós da civilisação, a vida collectiva ostentaria o vultuoso polymorphismo que verificamos nas sociedades de hoje?

Absolutamente não. A confusão mais completa, o syncretismo mais absoluto, dominavam naquellas epochas as instituições sociaes e as relações individuaes; religião, moral, sciencia, arte e industria eram raios de um mesmo circulo, coincidindo e sobrepondo-se uns aos outros. A autoridade que anthropomorphisava Deus ou os Deuses, era a mesma que estatuia sobre os costumes privados, que dava a explicação do enigma do mundo, que inspirava as creações artisticas e regulava a actividade pratica. Tudo estava como no cahos biblico: escuro e amorpho.

Abra-se o *Manava Dharma Sastra*, a collecção de leis de Manu, e ver-se-á que os seus doze livros têm por objecto, alem da creação, da vocação religiosa, das regras de abstinencia, da penitencia e expiação e da transmigração das almas, mais: o casamento, os modos de acquisição, os deveres dos juizes, as leis civis e criminaes, o direito de successão e os deveres dos agricultores, dos industriaes, e dos famulos. (232)

Luiz Murat

(1861)

Luiz Murat, nascido em Itaguahy (Rio de Janeiro), cursou direito em São Paulo, dedicando-se ao jornalismo politico e á poesia. Tem exercido, por diversas vezes, o mandato de deputado federal. A sua obra publicada compõe-se destes volumes: *Ondas* I, II e III. A sua feição é pantheista, revelando grande cuidado na fórma, ao modo parnasiano. Por vezes, a sua poesia é pamphletaria ao serviço da politica. E' membro da Academia Brazileira de Letras.

(232) Do *Compendio de Historia Geral do Direito*, Pernambuco, 1898, pag. 15.

No bosque

Entro no bosque... Fulvas, zarelhantes,
Rêdes de insectos movem o ar cheiroso:
Fecham e abrem os calices brilhantes,
Junto de um lyrio branco e voluptuoso,
Rosas sanguineas, como a palma fina
Da tua perfumosa mão, querida!
O amor palpita e fulge-me á retina,
E em glaucos copos bebo o sol e a vida.
Comparo então esta existencia agreste
A' nossa antiga e placida existencia.
Tu cheia d'essa emanação celeste,
Que é aurora—no céo, n'alma—innocencia,
De folha em folha o meu olhar vagueia
Sob tendas de errantes melodias,
Como de vaga em vaga uma sereia
Acompanhada pelas ardentias...
Trilos de aves sussurram no arvoredo,
Como um sorriso de mulher que sonha,
Ou como um beijo a estremecer de medo
Na tua bocca, tumida e risonha.
Flavas ondas de aroma em torno ondeiam...
Lhamas de prata colmam o ar silente,
E entre pampanos múrmuros gorgeiam
Os gaturamos amorosamente.
Parece que ás magnolias entreabertas
Vem beijar um deus loiro, de arco e flécha;

Porque ha um ruido subtil de azas incertas,
E uma abre o calix e outra o calix fecha.
«Tens o sol», digo então ao bosque, rindo;
«Tens a relva», onde guardas os teus beijos,
E uma napéa em cada folha, ouvindo
Da tua orchestra os modulos arpejos:
Tens crepusculos róridos e ardentes
Que vêm cantar ás margens dos riachos;
Caçadoras de labios sorridentes
Com estrellas na testa em vez de cachos.
Donas e cavalleiros sobre a alfombra
Bebem e cantam arias abraçados;
Dás-lhes um véo de perfumada sombra
E sumptuosos leitos perfumados.
Porem se ella viesse fulgirias
Como um soberbo e esplendido castello:
Que phantastico aspecto não terias
Illuminado pelo seu cabello!... (233)

Gralhas

Deixae passar, versos immaculados,
Esses deformes gregotins emphaticos,
Facticios, uns, outros, lentejoulados,
Todos, porem, exanimes e apathicos...
Com que desplante enfeiam-vos a fórma,

---

(233) Das *Ondas II*, Rio, 1895, pags. 81-87.

E mudam-vos a côr e a linha altiva
Qual, em larva resurge, qual, deforma
O modelo da graça primitiva
Vem um tolo qualquer: «Sois o primeiro
Dos menores!» Em phrase alvar exclama.
Outro menos injusto e chocalheiro,
Depára, attento, em vossas veias chamma.
Não andamos, é certo, como andaram
Os que os velhos autores esqueceram,
—Almas cheias de amor que a fé pregaram,
—Genios cheios de fé que a amar viveram.
E' mais que inveja a dessa confraria
Que não quer vêr o sol alto e radiante,
E a esse que o orgulho traz, como trazia,
Miguel de A'snide o rábido montante.
Mas vou deixal-os socegados e ermos,
Como a cella soturna de uma monja,
Como a vigilia num salão de enfermos,
E o pobre nome que apagou a esponja,—
Para ir por esses múrmuros remontes,
Por esses valles, que o silencio habita,
Fitar de perto os largos horizontes,
—Coruchêo do albatroz e do levita!—
«Não vacilles!» alguem com voz pesada
E severa, assim falla: «Olha e surprehende!
Petrarcha disse que na côr amada
De um rosto Deus o seu dominio estende».
Não é só nesse olhar ou nesse gesto

Que vive a luz mysteriosa e infinda:
Laura é luz que morreu, depois da festa,
Mas tu, ó luz do céo és luz ainda!
E a flor e o aroma e o caule que os sustenta
Sem pedir ao casal, que o sol dispersa,
O premio da hospedagem opulenta
Tão cedo extincta pela sorte adversa.
Bemdito o amor das rochas e das grutas,
Do colibri, da rosa entrefechada,
Que deixam, rindo, as almas impollutas
Voar nos raios da lua desmaiada.
Bemdito o sol que á madrugada, volta
Chilchilreando em torno da palhoça,
E a viração do mar, fresca e revolta,
Que a onda irrequieta, levemente, roça.—
Bemdita a ascése a que se entrega o monge
Na mudez tumular do claustro agreste;
Bemdida a prece que, de longe em longe,
Compunge e abranda a abobada celeste,
Lyrio que despertaste, recolhendo
Todo o olor sideral do firmamento.
Vê como a vista pelo espaço extendo,
Como me inspiro no rumor do vento!...
Oh! quem não vê, de perto, a natureza,
Quem não sae para amar o astro sublime,
Não póde ter na mente a ideia accesa,
E se ouro quer fazer, só faz alchime.
Pobres que vão buscar em fonte clara

O que Deus lhes não deu, como a outros déra!
Que, ao repartir a luz, della os privára,
Apesar de haver tanta ainda na esphera!
Róe e alastra, como herpes, essa récua
De imitadores e de plagiarios;
Quando em prosa amarissima disséco-a,
E lhes grito de cá: «rua, falsarios!»
Acham que eu é que sou o injusto e o pobre;
Que sou eu quem lhes péde esmola á porta,
E que é com os seus mulambos que se cobre
A minha musa deslembrada e morta!

E andam, rhapsodos reles, copiando
Homero, sem o rythmo, e a força, apenas,
Um ou outro vocabulo mudando,
Isto é, tingindo ou disfarçando as pennas.
E, como ociosos zingaros, dispersos,
Forjaes a mais odiosa das mentiras:
Oh! bardo fazedor de alheios versos,
Quanto odio accordas, quanto nojo inspiras!
Deixae, senhores, que ao fulgir da rima,
O anjo da gloria com fragor perpasse,
E que tudo que a Illiada sublima
Um novo verso, novamente, trace.
E que resôem, como resoavam
Na epopéa os tambores e adamanes,
Arautos, que nos prelios conclamavam
A eterna gloria de invenciveis manes.

Cantae, ó musas, do apollineo feito
O que havia de mais cavalheresco,
E depois com um symbolo e um conceito
Entecei o dramatico ao grotesco.
Sorride, como o idyllio entre a folhagem,
Cortae, como Amphitrite, a vaga cérula;
A dor, passando, deixa-vos a imagem,
O mar, bramindo, lança-vos a perola. (234)

O poder das lagrimas

Com que saudade para o céo não olhas,
Vendo de nuvens todo o céo coberto,
E engastadas de perolas as folhas
E o coração das arvores deserto.

Como uma grande rosa, a alma desfolhas
Dentro do seio, inteiramente aberto,
E esses restos de flor passando molhas
N'agua do arroio que colleia perto!

Molha-as, sim, nesta lympha algente e casta!
Que uma só gotta crystalina basta
Para o calor em chuva ir transformando.

Has de ficar com olhos rasos d'agua,
A dor ha de acalmar, que a propria magua
Tem dó de ver uma mulher chorando. (235)

---

(234) *Ondas, III*, Porto, 1910, pags. 155 a 157.
(235) Dos *Sonetos Brazileiros*, de Laudelino Freire.

Cruz e Souza

(1862—1898)

João da Cruz e Souza, nascido em Santa Catharina, foi o maior poeta symbolista do Brazil. Escreveu *Missal; Broquéis; Evocações*; *Pharóes;* e *Ultimos sonetos*. A sua prosa teve um geito unico. E por sua raça mereceu o epitheto de «cysne negro».

Flor nirvanisada

O' cegos corações, surdos ouvidos,
Boccas inuteis, sem clamor, fechadas,
Almas para os mysterios apagadas,
Sem segredos, sem echo e sem gemidos;

Consciencias hirsutas, de bandidos,
Vêsgas, nefandas e desmanteladas,
Portas de ferro, com furor trancadas,
Dos ócios máos hystericos Vencidos.

Desenterrae-vos das sangrentas furnas
Sinistras, cabalisticas, nocturnas,
Onde ruge o Pecado caudaloso...

Fazei da Dor, do triste Gozo humano,
A Flor do Sentimento soberano,
A Flor nirvanisada de outro Gozo! (236)

---

(236) Dos *Ultimos sonetos* pags. 77-78.

Região azul...

As aguias e os astros abrem aqui, nesta doce, meiga e miraculosa claridade azul um raro rumôr d'azas e uma rara resplandescencia solemnemente immortaes.

As aguias e os astros amam esta região azul, vivem nesta região azul, palpitam nesta região azul. E o azul, o azul virginal onde as aguias e astros gozam, tornou-se o azul espiritualisado, a quintessencia do azul que os estrellejamentos do Sonho corôam...

Musicas passam, perpassam, finas, diluidas, finas, diluidas, e d'ellas, como se a côr ganhasse rythmos preciosos, parece se desprender, se diffundir numa harmonia azul, azul, de tal inalteravel azul, que é ao mesmo tempo colorida e sónora, ao mesmo tempo côr e ao mesmo tempo som...

E som e côr e côr e som, na mesma ondulação rythmal, na mesma etherificação de fórmas e volupias, conjunctam-se, compõem-se, fundem-se nos corpos alados, intégram-se n'uma só onda de orchestrações e de côres que vão assim tecendo as auréolas eternaes das Espheras...

E d'essa musica e d'essa côr, d'essa harmonia e d'esse virginal azul, vem então alvorando, atravez da penetrante, da subtil influencia dos rubros Canticos altos do sól e das soluçadas lagrimas nocturnas da lua, a grande Flôr

original, maravilhosa e sensibilisada da Alma, mais azul que toda a irradiação azul e em torno á qual as aguias e os astros, nas magestades e delicadezas das azas e das chammas, descrevem claros, largos gyros ondeantes e sempiternos...» (237)

Raul Pompeia

(1863—1894)

Raul Pompeia, educado no Rio de Janeiro, estreiou-se precocemente no romance, publicando a *Tragedia no Amazonas*. Escreveu contos ligeiros, fantasias e chronicas que tiveram reunião sob os nomes de *Bocêta de Pandora*, e *Canções sem metro*. A sua melhor obra foi o romance *O Atheneu*, que mereceu repetidos e francos elogios.

Primeiras palavras de «O Atheneu»

«Vaes encontrar o mundo, disse-me meu pae, á porta do *Atheneu*. Coragem para a lucta».

Bastante experimentei depois a verdade d'este aviso, que me despia, num gesto, das illusões de criança edu-

(237) Das *Evocações*, Rio, 1898, pags. 110-111.

cada exoticamente na estufa de carinho que é o regimen do amor domestico, differente do que se encontra fóra, tão differente, que parece o poema dos cuidados maternos um artificio sentimental, com a vantagem unica de fazer mais sensivel a creatura á impressão rude do primeiro ensinamento, tempera brusca da vitalidade na influencia de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hypocrita, dos felizes tempos, como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Euphemismo, os felizes tempos, euphemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a actualidade é a mesma em todas as datas. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base phantastica de esperanças, a actualidade é uma. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhan, um pouco mais de purpura ao crepusculo—a paysagem é a mesma de cada lado beirando a estrada da vida,

Eu tinha onze annos.

Frequentára como externo, durante alguns mezes, uma escola familiar do Caminho Novo, onde algumas senhoras inglezas, sob a direcção do pae, distribuiam educação á infancia como melhor lhes parecia. Entrava

ás nove horas, timidamente, ignorando as lições, com a maior regularidade, e bocejava até ás duas, torcendo-me de insipidez sobre os carcomidos bancos que o collegio comprára, de pinho e usados, lustrosos do contacto da malandragem de não sei quantas gerações de pequenos. Ao meio-dia, davam-nos pão com manteiga. Esta recordação gulosa é o que mais pronunciadamente me ficou dos mezes de externato; com a lembrança de alguns companheiros—um que gostava de fazer rir á aula, especie interessante de mono louro, arrepiado vivendo a morder, nas costas da mão esquerda, uma protuberancia callosa que tinha; outro, adamado, elegante, sempre retirado, que vinha á escola de branco, engommadinho e radioso, fechada a blusa em diagonal do hombro á cinta por botões de madreperola. Mais ainda: a primeira vez que ouvi certa injuria crespa, um palavrão cercado de terror no estabelecimento, que os partistas denunciavam ás mestras por duas iniciaes como em monogramma.

Leccionou-me depois um professor em domicilio.

Apezar d'este ensaio da vida escolar a que me sujeitou a familia, antes da verdadeira provação, eu estava perfeitamente virgem para as sensações novas da nova phase. O internato! Destacada do conchego placentario da dieta caseira, vinha proximo o momento de se definir a minha individualidade. (238)

(238) *O Atheneu*, Rio, 1905, edição definitiva, pags. 5 a 7.

Domicio da Gama

(1863)

Domicio da Gama, nascido em Maricá (Rio de Janeiro), cursou a Escola Polytechnica do Rio. Dedicou-se á carreira diplomatica, tendo servido de secretario nas missões especiaes que trataram das questões de limites brazileiros—*Missões*, *Amapá* e *Guyana Inglêsa*. Foi ministro plenipotenciario na Argentina. E' embaixador em Washington. Da sua obra constam dois volumes de contos: *Contos á meia-tinta* e *Historias curtas*. E' membro da Academia Brazileira de Letras.

O capitulo das viagens

Fragmento

O animo de dizer coisas novas nasce do caracter impulsivo e generoso, que as desillusões não modificam, porque exclúe o senso critico, que dellas tiraria ensinamento. Nem mesmo póde ser muito ensinado um espirito assim decidido a ver as coisas como as imaginou, atravez dos seus desejos deformativos. Esta decisão, capaz de nos apresentar realidades poeticas já inteiramente construidas para as nossas necessidades, emquanto outros ainda desenham penosamente a épura incerta da

verdade deduzida, esta confiada e ingenua e simples visão pessoal dos espectaculos da vida promovem em nós a sympathia maxima, com que lemos os livros de divertimento. Mas a honestidade logica, incompativel com a phantasia graciosa e facil, e a humildade espiritual do que não pretende o privilegio de aprender sem esforço, cedo extinguiram em mim o poder creador das verdades para uso proprio, cedo estancaram-me a fonte da poesia corrente cantando entre jardins de flores conhecidas. Do mal dahi proviudo não sou culpado, que me não escolhi um caracter e assim me encontrei cauteloso e analysta. Cultivo, sim, essa terra secca da critica com o severo carinho de um amador de cactos rebarbativos, considerando que ha lugar para esthetica até no trabalho ingrato das classificações abstractivas. Somente o divertimento tirado de taes contemplações costuma ser reservado e austero como as alegrias que, de tão profundas, nem chamam o sorriso aos labios.

Receio bem que o leitor destas notas avulsas seja ainda mais rigoroso que o auctor e não encontre nellas merecimento para serem conservadas em volume. A justificação do volume presumpçoso seria o conselho instante dos amigos. Porem, ainda mesmo sem esse grato estimulo, eu sinto que era fatal a crise das saudades em que do remecher em jornaes velhos e cadernos resultaria o livro, falhado e escasso embora, dos itinerarios e registros de impressões recebidas pelas estradas e nos pousos do mundo. Será elle o *alpenstock* literario das minhas

excursões de mocidade, omittidos os nomes evocativos das estações sentimentaes. Se coubesse em escriptos como este a completa expansão de memorias intimas, sobraria por ahi materia para novellas captivantes. Assim serviriam as viagens para justificar a mudança dos scenarios na comedia tragica, que cada um de nós representa na vida.

Escasso e falho é o livro, mas a sua pouquidade não é impertinente. Quem o percorrer com paciencia, não achará aggressivo o seu personalismo, que não doutrina. E' que as minhas viagens foram feitas para aprender, não para ensinar. O mesmo é de certos livros que lemos para os ter lido, não para falar delles. Descrever paisagens classicas e contar emoções consagradas sempre me pareceu exercicio de poeta sem respeito pela imaginação alheia. Dahi a parcimonia das descripções nestas paginas descuidosas. (239)

Coelho Netto

(1864)

Henrique Coelho Netto, nascido em Caxias (Maranhão), tem sobresahido pelo esmero de seu estylo. E' professor de literatura do Gymnasio Pedro II, membro

(239) Da *Revista Americana*, do Rio, anno II, num 2, Fevereiro de 1911, pags. 228-229.

da Academia Brazileira de Letras, e tem exercido o mandato de deputado federal. Tem uma obra volumosa e variada: contos, novellas, chronicas, romances, theatro, etc. Apontam-se como os seus melhores livros: *Inverno em flor*, *Baladilhas*, *Jardim das Oliveiras*, *A Conquista*, *Capital Federal*, *A muralha*, *A seára de Ruth*, *etc.*

Ser mãe

Ser mãe é desdobrar fibra por fibra
O coração! Ser mãe é ter no alheio
Labio, que suga o pedestal do seio,
Onde a vida onde o amor cantando vibra.

Ser mãe é ser um anjo que se libra,
Sobre um berço dormindo! é ser anceio,
E' ser temeridade, é ser receio,
E' ser força que os males equilibra!

Todo o bem que mãe gosa é bem do filho,
Espelho em que se mira afortunada,
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho!

Ser mãe é andar chorando num sorriso!
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!
Ser mãe é padecer num paraiso! (240)

---

(240) Transcripto dos *Sonetos Brazileiros*, de Laudelino Freire.

As letras

Admiras-te de que só com o barro, a pedra e a cal, possam os homens levantar palacios.

Abre o teu livro. Que vês nelle? letras, simples signaes: material poderoso com que se constróe obra mais solida do que a do pedreiro.

Tens uma ideia? as letras emprestam-lhe corpo formando uma curta palavra, uma phrase, ou desenvolvendo-a em paginas dilatadas.

O que o pedreiro, com todos os materiaes, não póde edificar, fal-o o sabio só com as letras.

O palacio arruina-se, a ideia é eterna e o material de que se serve o Pensamento cabe, como vês, em duas linhas estreitas, que tantas são as que contém o alphabeto.

E, com tão pouco, o homem tem feito tudo quanto possuimos, transmittindo, de seculo a seculo pelo livro, como um lume, que era centelha e que é hoje clarão e que ainda ha de ser dia esplendido, os conhecimentos accumulados.

Applica-te ao livro e poderás, um dia, erigir um pequenino edificio com os teus pensamentos, e, ainda que o não offereças á Humanidade, que exige obra forte, poderás dedical-o aos teus mostrando-lhes, como exem-

plo, a tua vida ora feliz, ora nublada de tristeza, mas sempre pura, correndo sobre a virtude. (241)

A Fórma

Por ella o meu sangue, toda minh'alma para resguardal-a: é o meu amor, é o meu idolo, é o meu ideal—a Forma.

Para mim ella é a synthese, a concreção de tudo que é bello, de tudo que é puro, de tudo que é grande.

Teve o seu berço no Paraiso—foi feita de luz como todos os astros e, creada, tornou-se o modelo de todas as obras primas que têm sahido da altissima officina onde Deus trabalha ha milenios.

A' noite, quando o ceu constellado lembra uma enorme palheta suspensa, uma artista invisivel labora no espaço—é a discipula do Creador, a espiritualidade sonora, a Forma, que dá feição, contorna e buríla as coisas deste baixo mundo. Ella, luz como é, tem, como todo clarão, o dom da ubiquidade—trabalha tanto no corpo da flor como no profundo labyrintho subterraneo onde o diamante, luz de pedra accende-se. Palpita em tudo: na luz impalpavel—foi ella que fez as aureolas e os halos, as miragens são debuxos seus nos desertos calados;—tinta, o sol, unicamente o sol. Nas hervas, ella é que

---

(241) Do livro *Alma*, Rio, 1911.

veste os bravios espinhaes de botões, ella é que corôa de flores os troncos centenarios fazendo pensar, quando a gente os encontra, nos velhos satyros exhauridos, mas sempre com os vistosos pampanos á fronte e torsaes de rosas nos quadris. Ella é que torna serenas as noites, ella é que as torna tempestuosas. D'ahi uma diversidade de estylos de noites.

As noites de crescente: o ceu parece um brazão do outomno—em campo azul estrellas como espigas e no meio a foice de ceifar cahida. Forma primitiva das pastoraes. A impressão que nos deixa uma dessas noites é toda de doçura; parece, ás vezes, que se está a ouvir um bando de harpas distantes soando em concerto, de repente, porem, espirra uma estrella alastrando de luz o ceu penumbrado—é como se um homem do campo jogasse o laço claro ao armentio para prender pelas aspas um touro rebelde.

Vêm á imaginação as bucolicas antigas—é a Forma lyrica no espaço.

Tempo de plenilunio, noites romanticas. A Forma amenisa, uniformisa tudo espalhando conjunctamente com o pallor da lua, tal ou qual sonoridade que a gente não sabe bem se desce das estrellas ou se sobe da terra concentrada.

Tem-se, durante essas noites, a impressão de uma leitura mansa, alguma coisa como uma ballada tirando ao genero de Uhland.

Resta uma referencia—a derradeira.

Nas espessas noites sem luz, noites opacas, feitas para feriado das estrellas, restos de cháos, lembranças da primitiva sombra, a Forma deixa o buril com que rendilha Althair, a igual ao sol, toma proporções titanicas, e, como no tempo da gigantomachia, põe-se a amontoar cirrus sobre cirrus, cumulos sobre cumulos. Vê-se, de quando em quando, o flammante cinzel do fulmen desbastar uma nuvem, os ventos levam de roldão em roldão as ampolas escuras; ruge, estrepita, estronda a estropeada dos trovões longinquos; ha uma concentração primeiro, subito tudo explode em formidando embate rispido—é a tormenta, a forma epica da noite.

Era por essas occasiões que os guerreiros germanicos viam passar, malhando com o camartello, Thor, o aereo, Thor, o deus das trovoadas, galgando nuvens com a cabelleira solta, rangendo os dentes e arrancando ao espaço a cada martellada, faiscas vermelhas de coriscos. (242).

A arvore

Ninguem sabia explicar como, em tão arido deserto, conseguira medrar a arvore propicia.

Fóra da sombra amenissima da sua cópa, tudo era

---

(242) Das *Rhapsodias*, Rio, 1891, pags. 1 a 5.

esterilidade adusta—areias amarellas, sem herva, sem sulco de riacho, esbrazeando ao sol.

Os viajantes respiravam alliviados quando, de longe, avistavam o vulto frondoso da arvore; os animaes amiudavam os passos e, sob a densa e derramada folhagem, impenetravel aos raios caniculares, juntavam-se as caravanas e, como havia uma cisterna no diversorio virente, todos bebiam á farta e renovavam a provisão dos odres.

A providencia daquella arvore não era apreciada, mal lhe prestavam attenção os viajantes e muitos, por passatempo, escorchavam-lhe o tronco com as facas, detoravam-lhe os ramos ou accendiam fogueiras sobre as suas robustas raizes.

Certo ancião, abrigando-se á sombra da arvore, descobriu que um mal roaz a consumia e logo, piedosamente, poz-se a tratal-a com o desvello carinhoso com que se dedicaria a um ser humano.

Mofaram da sua paciencia os homens da caravana e o velho, sem agastar-se, assim lhes falou:

—Rides de mim porque pratico o bem; talvez venhais a arrepender-vos da vossa descuidosa ingratidão quando, de regresso, não achardes sombra que vos acolha. A arvore succumbe, nada ha mais a fazer-lhe.

Foram-se os caminheiros.

Certa tarde, a um rijo golpe de vento, a arvore, cuja folhagem amarellecera, rolou, com fragor, no sólo.

Vinha de volta a caravana e os homens antegozavam a delicia de um lento repouso á sombra, quando pasmaram de encontro: ruinaria—folhas seccas, ramos quebrados e o tronco desconforme meio coberto pelas areias.

A cisterna ficára entulhada e a alfombra verde morrera resequida.

Foi então que os homens comprehenderam o valor da arvore e a fortuna que haviam perdido.

Pobre arvore! emquanto viveu foi sempre desprezada, soffrendo toda a sorte de máos tratos; morta, porem, deixando o vasio eis todos lamentando a sombra agasalhadora que ella sempre generosa offerecia, as flores de perfume suave que se abriam aos seus ramos, os passaros que nelles se juntavam, alegrando a região com os seus cantos concertados, a agua que parecia brotar das suas fundas raizes.

Ainda hoje, os que brilham o deserto inhospito, mostrando um tóro que apparece acima das areias, param e, tristemente, murmuram:

—Era aqui que a grande arvore, coberta de flores e de passarinhos, abria ás caravanas a sua sombra hospitaleira. (243)

Um panorama do Rio

A rua esburacada e tortuosa, reluzia em abafeira escura. Iamos lentamente ao longo dos grandes trapi-

(243) Do livro *Fabulario*, Porto, 1907, pags. 17 a 19

ches, por entre caminhões que rodavam aos solavancos, com um forte estridor de ferros.

Tanoeiros besuntados, com aventaes de couro, martellavam aduellas, raspavam quintos e um cheiro acido, avinhado, exhalava-se em bafio de dórna.

Embarcadiços, de blusa ou em mangas de camisa, os braços robustos avergoados de veias turgidas, tanados, a pelle franzida em rugas, aos grupos ao portão das vendas, cachimbavam ou riam ás cascalhadas. Em vastos armazens sombrios as saccas, em pilhas, por entre as quaes enfiavam esgalgadas ruellas, topetavam com o tecto.

No fundo fuliginoso de fundições havia um como flammejar de pyras, tiniam ferros atravez do rumor reboante das machinas.

Carregadores trotavam cravados ao peso de saccas e, chapinhando na lama, desappareciam em casarões vetustos e gente, num aforçurado ir e vir, abalroava-se aos encontrões, no mourejo ou na calaçaria: mulheres esmolambadas, crianças maltrapilhas farejando ás portas, negros agigantados, o busto nú, retinto, reluzindo ao suor, rinchavelhando ás guinadas com os biceps entumescidos em ampollas de força.

Viellas subiam desguelha, enviesavam-se em cotovello, ladeira acima, por entre um casario chato com a cimalha esborcinada e a borda do telhado coberta de

herva e ao alto, no remonte agreste, sotopunham-se, em pombal, vivendas miserrimas—casotas acaçapadas, bauicas, pardieiros apinhados, um refugo de ruinas na desordem desmantellada dum desmoronamento.

As longas chaminés, em obeliscos, bufavam rolos espessos de fumo negro e, de instante a instante, vencendo todo o rumor, um silvo esganiçava um grito histerico, ou o retrôo duma *sereia* prolongava-se soturno.

Quando chegamos ao cemiterio, em silencio, ajudamos os dois inglezes a retirarem o caixão respingado de lama e, tomando as alças, subimos vagarosamente a aspera e pedrenta ladeira entre grossa muralha laivada de humidade e uma ala flexuosa de bambús. O sol brilhava triumphante, livre das nuvens que fugiam em derrota. A aragem soprava suave.

Triste cemiterio de exilio!

Encostado á montanha, todo em accidentes: ora corcoveado, em cómoros, ora abysmando se em ribanceiras ingremes, com os jazigos abandonados, ennegrecidos, dentro de moutas hirsutas de herva brava, as cruzes de ferro roidas pela ferrugem, as de marmore veiadas de negrume, era desolador como a propria morte naquelle recanto lugubre, entre arvores retorcidas e engelhadas, cujas raizes repontavam expostas, orfans da terra carreada pelos aguaceiros.

A montanha, com uma torre fina espetada no viso, vertia o seu flanco esteril para o cemiterio. Em frente, o mar

sereno, pelo qual entraya longamente uma ponte carregada de wagons, refulgia coalhado de barcos; e longe, cintando as aguas lisas, o redente da serra, mais azul do que o ceu.

Chegamos á capella—núa, sem um symbolo a não ser a cruz triste, de ferro, no vertice do frontão, entre andorinhas que esvoaçavam.

No interior, de paredes brancas, abertas, ao alto, em persianas. só havia, ao centro, uma mesa funerea sobre a qual descançamos o caixão. (244)

Do «Saldunes»

(Fragmento do II—Canon)

Scena I

JOEL, JULYAN E ARMEL

Merencoreo silencio. Subitamente, módulo, um passaro desfere entre a densa folhagem dos carvalhos: é o rouxinol nocturno. JOEL, JULYAN *e* ARMEL *apparecem ao fundo e, saltando de pedra em pedra, passam, por entre os sagrados monolithos respeitosamente, inclinando-se diante da ara tabular. Ao rumor que fazem cala-se o rouxinol.*

---

(244) Fragmento do romance *A Esphynge*, Porto, 1906, pags. 176 a 180.

JOEL

Eis de Carnac os marcos millenares!
E' aqui que os druidas vêm falar aos deuses
Sobre as sagradas pedras dos altares.

JULYAN, *tristemente*:

Aqui vai ser o ponto dos adeuses...

JOEL

Se Mikael foi prompto na embaixada,
Annunciando á Patria o imigo trêdo.
Deve achar-se no seio do arvorêdo
A Gallia congregada.

Avança até á orla da floresta e faz soar a buzina; outra responde, sonora, d'entre as possantes arvores.

ARMEL

A voz de Rittha-Gaur...

JOEL, *com enthusiasmo:*

A voz sonóra,
A voz possante da buzina forte
Inda vibra em minha alma como outr'ora...

JULYAN, *presago:*

A voz de Rittha-Gaur...a voz da Morte!...

JOEL, *aos saldunes:*

Esperai-me aqui fóra na clareira
Emquanto falo aos principaes do clan
Com que a Gallia bretan
Vai defender, impavida, a fronteira.

Caminhando para a floresta, stentorosamente:

Por Hesús!

VOZES, *na floresta:*

Por Hesús!

JOEL

Pela Gallia sagrada!
Repilla o parr gaulez a lamina da espada
Do bandido feroz que esta terra profana
Querendo escravisal-a á tétra aguia romana!

Perde-se na floresta

VOZES, *longinquas, na floresta, entoam o*

EPINICIO

Familias gaulezas foragidas, em grande miseria, atravessam a scena, ao fundo, desapparecendo entre as arvores protectoras. De quando em quando, soturnamente, como um soluço, o nome de Hesus resôa no bosque.

Silencio. O rouxinol recomeça o canto elegiaco. JULIAN, *d'olhos em terra, entristecido, medita.* ARMEL *contempla*

extasiadamente o mar que o plenilunio assoalha de claridade.

Scena II

JULYAN E ARMEL

JULYAN, *suspirando:*

Hena!

ARMEL, *voltando-se:*

Que tens, Julyan? porque suspiras?

JULYAN

E' minh'alma que geme em minha bôcca...
Trôa a buzina na floresta; cala-se o rouxinol. Assomado:
Ouves a voz d'essa buzina rouca?
E' a voz da Morte, Armel...

ARMEL

Que tens? deliras?!

JULYAN, *com amargura:*

Talvez...nem-sei meu coração desvaira
E não sinto minh'alma que, em verdade,
Muito longe d'aqui, saudosa, paira.
Com muita melancolia:
Tu não sabes, Armel, que é ter saudade,

Tu não sabes, Armel, que é ser amado,
E andar longe do ser extremecido...
Tu não sabes, Armel, que é ter gozado...

ARMEL, *com angustia:*

Tu não sabes, Julyan, que é ter soffrido...

JULYAN

Chegando-se muito a ARMEL
como em segrêdo:

Esta corrente que nos liga
Forte, de ferro, é menos forte
Que uma palavra dôce e amiga
Que ouvi a alguem, em noite antiga
Quando inda uivava o vento Norte.
Alguem que é toda a minha sorte
E que a viver inda me instiga...

ARMEL, *ancioso:*

Dize quem é!...

JULYAN

Queres que eu diga?
Com enlevo:
E' uma formosa rapariga
De rosto branco e altivo porte.

ARMEL

Extasiado como num sonho, os olhos no céo:

Louros cabellos bastos
Vestem-n'a d'ouro e de luz
E os seus lindos olhos castos
São como dois céos azúes.
Quando ella fala—se é dia...

JULYAN

Cala-se a cotovia.
Se a lua rendeu o sol...

ARMEL

Cala-se o rouxinol.

JULYAN, *suspeitoso:*

Seu nome?

ARMEL

Pois inda queres
Que eu diga mais do que hei dito?
Não ha outra entre as mulheres
Que tanto valha...

JULYAN, *apaixonadamente:*

Acredito.

ARMEL

Foi no tempo da mésse
Que ella me appareceu
E certamente, ao que parece,
Sem perceber, meu coração colheu.

Foi no tempo da mésse
Que o meu amor nasceu.
Ella, talvez porque não désse
Pelo engano fatal, não percebeu
Que, em vez da flor que pelos campos cresce,
Colhia um triste coração—o meu.
E essa donzella que me traz captivo,
Essa donzella que me não conhece
E' justamente, irmão, ao que parece,
A mesma...

JULYAN, *fogosamente:*

Por quem vivo!
Seu nome! Dize!

ARMEL

Dil-o tu mesmo!...

JULYAN

Hena!

ARMEL

Meu coração responde como um éco.

JULYAN, *com espanto e despeito:*

Amas a filha de Joel?!

ARMEL, *baixando os olhos:*

Se pécco
A culpa é d'ella, irmão, e minha é a pena.

Silencio. O rouxinol canta maviosamente (245)

(245) Do *Saldunes*, acção legendaria em 3 episodios, Lisbôa, 1900, pags. 49 a 56.

Alcindo Guanabara

(1865)

Alcindo Guanabara, nascido no Rio de Janeiro, goza a fama de *principe do jornalismo*, pois é na imprensa que tem estabelecido as mais exhuberantes exhibições de seus talentos. Entre as suas obras apontam-se: *Amor*, romance de mocidade; e *Discursos fóra da Camara*. Tem exercido varios cargos electivos, sendo membro da Academia Brazileira de Letras.

O jornal

O prélo completou a cruz. A moral nova, a cuja influencia a humanidade renasce, não se propaga, não se infiltra, não se dissemina, não vence mares e montanhas, -senão por effeito da imprensa. E' graças a ella que o pensamento se liberta, que o espirito humano se emancipa de preconceitos, que a tradição se escoima e se selecciona, que a prepotencia dogmatica se attenúa e que o livre exame surge, como alicerce e fundamento de uma nova moral social. O christianismo transformou a humanidade em vista de uma vida futúra; a imprensa permittiu que ella usasse dessa transformação, a beneficio da vida terrena. A luz que a Allemanha assim accendeu, illuminou todos os desvãos do passado e illu-

mina todos os arcanos do futuro; supprimiu o tempo e a distancia; approximou as terras e as gentes; e, ardendo, sem se consumir, estimula a sciencia, incita a arte, protege e resguarda as religiões e é o palladium da liberdade! Não foi sem razão que o nosso romantico Castro Alves declamou, um dia, que, quando ella surgiu,

....os polos se abraçaram!

O norte ouviu, chorando, o soluçar do sul!

E' á sua sombra fecunda que os agrupamentos humanos crescem e se desenvolvem, adquirindo a consciencia, a dignidade e a liberdade, que os elevam á categoria de nações. Vereis, na historia a força formidavel d'esse instrumento de lucta. Elle crêa, defende, impõe preserva a liberdade de consciencia. Livro, dissemina ideias, divulga noções, dispersa conhecimentos, dilata os horizontes do espirito, gera a fome de liberdade. Pamphleto, distilla fel e veneno, fulmina a tyrannia com o sarcasmo, traspassa, como um florete, o corpo dos despotas. E', porem, o jornal a expressão completa do seu triumpho. O pamphleto, clandestino e anonymo, é ainda uma arma de rebellião; o jornal só vive numa atmosphera de liberdade. Mesmo nos paizes ainda flagellados pelo fogo interior, em cujas crostas se não fez a consolidação dos regimens de liberdade, as erupções da tyrannia se accentúam pela perseguição, pela suspensão, pela eliminação dos jornaes livres. Tambem se velam as faces dos deuses, para se praticarem os supplicios cruentos!

Podem, porem, desencadear-se as borrascas politicas; a livre imprensa cede, como os salgueiros á violencia do tufão, mas não se anniquila: entra, nos dias limpidos que se seguem, a luctar por fazer cada vez mais raros os cataclysmos. A liberdade é arvore de trato tão difficil, que muitos são chamados a soffrer por seu cultivo, antes que se faça frondosa. Onde, porem, foi possivel o apparecimento de um livre jornal, em que alguem escreva, por sua propria inspiração pessoal, ahi podem os povos solemnisar uma victoria de sua força e averbar uma esperança de seu predominio.

Nem é preciso que esse jornal se faça uma catapulta, ou se afie como uma adaga. A liberdade não se assignala nem se affirma pelo combate ou pela paixão: existe, porque existe. Na serenidade das paginas do jornal que mais alheio se mostra e seja ás contendas e disputas de cunho politico, a liberdade resplandece, no registro diario dos factos e das cousas, na divulgação do pensamento humano, na disseminação das ideias de philosophia e dos factos da sciencia, que as gerações que passaram nos têm legado e constituem todo o nosso patrimonio de civilisação. Assim, o jornal é um centro de onde irradia a força geradora do progresso social; é um elemento de conservação, rememorando diariamente a syuthese da vida humana; é uma fonte de esperança, despertando nos espiritos e nos corações, o estimulo para o trabalho para a lucta por um futuro melhor. (246)

(246) *Discursos fóra a Camara*, Rio, 1911 Livraria Editora, pags. 119 a 122.

Olavo Bilac

(1865)

Olavo dos Guimarães Bilac, nascido no Rio de Janeiro, é um dos mais festejados poetas brazileiros. Cursou, sem diplomar-se, medicina e direito. E' jornalista e exerceu o cargo de inspector escolar. Tem os seguintes livros publicados: *Poesias; Critica e Phantasias; Conferencias*, e diversos outros de uso escolar. Faz parte da Academia Brazileira de Letras.

A um grande homem

Olha: Era um tenue fio
De agua escassa. Cresceu. Tornou-se em rio
Depois. Roucas, as vagas
Engrossa agora, e é turbido e bravio,
Roendo penedos, alagando plagas.

Humilde arroio brando!...
Nelle, no emtanto, as flores, inclinando
O debil caule, inquietas
Miravam-se. E, em seu claro espelho, o bando
Se revia das leves borboletas.

Tudo, porem:—cheiro as
Plantas, curvas ramadas rumorosas,

Humidas relvas, ninhos
Suspensos no ar entre jasmins e rosas,
Tardes cheias da voz dos passarinhos,—

Tudo, tudo perdido
Atraz deixou Cresceu. Desenvolvido,
Foi alargando o seio,
E do alpestre rochedo, onde nascido
Tinha, crespo a rolar descendo veio...

Cresceu. Atropelladas,
Soltas, grossas, as ondas apressadas
Estendeu largamente,
Tropeçando nas pedras espalhadas,
No galope impetuoso da corrente...

Cresceu. E é poderoso:
Mas enturba-lhe a face o lodo ascoso...
E' grande, é largo, é forte:
Mas, de parceis cortado, caudaloso,
Leva nas dobras de seu manto a morte.

Implacavel, violento,
Rijo o vergasta o latego do vento.
Das estrellas, cahindo
Sobre elle em vão do claro firmamento
Batem os raios limpidos, luzindo...

Nada reflecte, nada!
Com o surdo estrondo espanta a ave assustada;

E turvo, é triste agora...
Onde a vida de out'rora socegada?
Onde a humildade e a limpidez de outr'ora?

....

Homem que o mundo acclama!
Semi-deus poderoso cuja fama
O mundo com vaidade
De echo em echo no seculo derrama
Aos quatro ventos da celebridade!

Tu, que humilde nasceste,
Fraco e obscuro mortal, tambem cresceste.
De victoria em victoria,
E, hoje, infiado de orgulhos, ascendeste
Ao solio excelso do esplendor da gloria!...

Mas, ah! n'esses teus dias
De fausto, entre essas pompas luzidias,
—Rio soberbo e nobre!
Has-de chorar o tempo em que vivias
Como um arroio socegado e pobre... (247)

Surdina

No ar socegado um sino canta,
Um sino canta no ar sombrio...

(247) Das *Poesias*, edição definitiva, Rio, 1902, pags. 17 a 19.

Pallida, Venus se levanta...
Que frio!

Um sino canta. O campanario
Longe, entre nevoas, apparece...
Sino, que cantas solitario,
Que quer dizer a tua prece?

Que frio! embuçam-se as collinas:
Chóra, correndo, a agua do rio;
E o céo se cobre de neblinas...
Que frio!

Ninguem... A estrada, ampla e silente,
Sem caminhantes, adormece...
Sino, que cantas docemente,
Que quer dizer a tua prece?

Que medo panico me aperta
O coração triste e vasio!
Que esperas mais, alma deserta?
Que frio!

Já tanto amei! já soffri tanto!
Olhos, porque indas estaes molhados?
Porque é que choro, a ouvir-te o canto,
Sino que dobras a finados?

Trevas, cahi! que o dia é morto!
Morre tambem, sonho erradio!

—A morte é o ultimo conforto...
Que frio!

Pobres amores, sem destino,
Soltos ao vento, e dizimados!
Inda vos choro... E, como um sino,
Meu coração dobra a finados.

E com que magua o sino canta,
No ar socegado, no ar sombrio!...
Pallida, Venus se levanta...
Que frio! (248)

Gonçalves Dias

Fragmento

Não me demorarei em contar-vos a infancia de Gonçalves Dias, a sua mocidade, as suas peregrinações pela Europa, os seus estudos, a sua virilidade occupada e afanosa, os seus triumphos, a sua tragica morte no naufragio do *Ville de Bourgogne*. Neste baixo mundo,—e, provavelmente, nos outros—, todas as vidas se parecem. Baste dizer que a infancia do poeta foi atormentada e triste: o nascimento illegitimo e a côr deviam dar-lhe momentos de magua e veixame, na velha provincia dada ao culto dos preconceitos e á filaucia. Alem disso, na-

(248) Das *Poesias*, edição definitiva, pags. 222-223.

quelles rudes tempos de rivalidades entre nacionaes e reynóes, o pai do poeta viveu homiziado nas brenhas, com o coração sobresaltado e os haveres em perigo; mas tempos melhores sorriram, apezar das desgraças domesticas que o pequeno maranhense teve de ver e chorar; caixeiro a principio, e guarda-livros do pai, pôde Gonçalves Dias seguir para Coimbra, onde estudou, amou, fez versos, e adquiriu o cabedal literario com que se partiu da vida vulgar para a conquista da gloria.

A's vezes alguma triste recordação dos primeiros dissabores vem turbar a nascente dos versos:

«...antes meu berço,
Que vagidos de infante vivedouro
Os sons finaes de um moribundo ouvisse!»

ou

«Senhor! porque do nada me tiraste?
Ou porque tua voz omnipotente
Não fez seccar da minha vida a seve
Quando eu era principio e feto apenas?»

Mas tudo isto desappareceu logo. A vida tomou conta do mancebo, e elle começou a amal-a e a servil-a.

Quando publicou a collecção dos seus primeiros versos, aos vinte e poucos annos de edade, já o poeta estava senhor do seu destino, apercebido de um estylo proprio;—e se ainda, em uma ou outra pagina, um vago desalento suspira, o tom geral do volume é de enthusias-

mo e de amor:—amor das letras, amor das mulheres, amor principalmente da terra querida, da sua natureza, e da tradição das gentes que a povoavam antes da conquista. São desse volume a *Canção do exilio*, o *Canto do Guerreiro*, a lenda da *Mãe d'agua*, e a *Canção do Tamoyo*. (249)

Virgilio Varzea

(1865)

Virgilio Varzea, nascido em Cannavieiras (Santa Catharina), depois de ter estado na Escola Naval, foi deputado, promotor publico e é inspector escolar no Rio. E' contista, tendo a paixão do mar. A sua obra é numerosa, della se destacando: *O brigue flibusteiro; A noiva do paladino; Os argonautas*; *Contos de amor; Jorge Marcial; Rose Castle; Nas ondas*; *Mares e campos*, etc.

A bordo do "Livádia"

(*Fragmento*)

A tarde descambava, fulva e resplendente ao vivo sol de verão, sobre as margens altas e curvas do Mar Negro,

(249) *Conferencias Literarias*, Rio, 1912, pags. 8 e 9.

destacando-se, numa angulosa barra recuada a oeste, a ponta proeminente do Kersoneso, por detraz da qual se divisava ainda, esbatido e quasi sumido no horizonte, o recórte oxtenso e alvo do famoso baluarte de Sebastopol.

Uma secca ventania de procella sublevava as aguas —e o *Livádia*, o grande *yacht* de guerra do imperador da Russia, cabriolava no cimo alto das ondas, não obstante a sua poderosa marcha a vinte *nós* por hora.

No tombadilho, onde se agglomerava a numerosa comitiva imperial, rebrilhando na profusão dos dourados das fardas e dos capacêtes marciaes, só logravam manter-se de pé os veteranos do mar, em meio dos quaes, gigantesco e de pernas abertas, á maneira dos marujos em alto mar, equilibrava-se contra os grandes balanços o tzar Alexandre III.

Era um verdadeiro colosso esse homem robustissimo, espadaúdo, membrudo, de amplo e possante thorax e volumosa cabeça, cujo rosto tinha uma elevada e serena magestade, longas barbas bondadosas e esse expressivo olhar azul, nostalgico, dos Romanoff. Achava-se na estação média da vida, com uma saúde viva e plena, representando um perfeito e raro organismo e lembrando, pelo conjuncto de seu todo musculoso e potente, um esplendido gladiador dos antigos tempos da Grecia ou de Roma.

A' sua direita um velho, adamastorico como elle e de longas barbas brancas como o Tempo, firmava-se aos

balaústres metallicos das amuradas, meneando, de momento a momento, e desordenadamente o largo tronco ás caturradas bruscas do *yacht* na vaga, mas sem interromper a conversação em que vinha com o forte monarcha europeu nesse tom de voz franzina, delgado e penetrante, que tanto o caracterisava. Era D. Pedro II, imperador do Brazil.

Completava o grupo destacante e selecto, alem dos grandes dignitarios da côrte da Russia, uma outra figura de pórte gigante, um velho magro, porem musculoso, de alentada cabeça e physionomia a traços fidalgos, austeros, tendo a barba em collar, tradicional nos embarcadiços britannicos e lusitanos. Era o almirante de Lamare. (250)

Rodrigo Octavio

(1866)

Rodrigo Octavio de Langaard Menezes, nascido em Campinas (São Paulo), formou-se em direito na Faculdade de São Paulo. Tem exercido varios cargos publicos, entre os quaes o de Consultor Geral da Republica. Escreve sobre direito. E' poeta e contista. Da sua obra fazem parte: *Direitos do Estrangeiro no Brazil; Pampa-*

(250) Do *Nas Ondas*, Rio, 1911, Garnier, editor, pag. 126.

nos; Poemas idillios; *Aristo; Festas nacionaes; Sonhos funestos; Bodas de sangue; A Balaiada; Felisberto Caldeira; A estrada; Aguas passadas*, etc. E' membro da Academia Brazileira de Letras.

Patriotismo brazileiro

E levantando-se da meza, Adelyne veio sentar-se numa cadeira, bem conchegada a Paulo.

O moço agradeceu-lhe com os olhos a curiosidade gentil e, tomando-lhe a mão delicada, começou, a principio de mansinho, como quem começa uma historia, mas depois animando-se, eloquente e vivaz, atravez da sua saudade, apologia da terra distante, amada e bella, que a ausencia mais fazia amar e desejar.

E Adelyne, interessada e attenta, olhos nos olhos do narrador brilhante, ouvia embevecida a narração pittoresca.

E ante ella surgiu a visão de todo um mundo. Vasta região que se estende ao longo do globo atravez de todas as zonas, desde os calores ardentes do equador, até quasi a frialdade intensa das terras polares, abrigando todas as faunas, abrindo-se na exhuberancia radiante e olorosa da flora toda do mundo, desdobrando-se em magestosas perspectivas em que entram rios que são mares interiores, cordilheiras que escalam os céos, campinas que se perdem no horisonte... Pretendeu-se já que essa

região teria sido o sitio privilegiado e hoje ignorado do paraiso terrestre. Nas quentes entranhas de pedra correm as arterias e veias onde o sangue se cristallisa em ouro; á flor dos campos e montanhas estende-se a sementeira das pedras preciosas e do ferro, mais precioso ainda pelo auxilio que presta ao homem; no fundo de seus rios, rolam os diamantes peregrinos, pequenos sóes que a nebulosa esverdeada do limo esconde ás vistas inespertas... E, nessa região encantada, vive e labora o homem, preparando o advento de uma patria maravilhosa. Certamente as bellezas do paiz natal de Paulo, supplantam os panoramas dessa tambem maravilhosa costa do Mediterraneo. O céu é tambem lá inteiramente azul e nitido; e, se estes ceus têm estrellas, estas varzeas têm flores, estes bosques têm vida, elle e a sua gente podiam repetir com o poeta que os outros têm mais estrellas, mais flores e mais vida e ainda que lá a vida tem mais amores.

E Adelyne acenou com a cabeça, quando ouviu o derradeiro versiculo, como a confirmar o dizer do narrador, ao menos quanto a essa ultima parte, de que ella estava tendo amplo, perfeito, delicioso conhecimento.

E tambem lá cantavam poetas, conhecedores de todos os segredos do coração, ouvindo as vozes das estrellas tremulas e entendendo as cantilenas dos ribeiros sussurrantes. E noivas palpitavam esperando a volta victoriosa dos namorados, anciando por se tornarem esposas, companheiras reaes dos seos esposos e mães effectivas de seus filhos. Como taes, são bem diversas das

destas terras, onde a convenção da cultura esmaeceu a espontaneidade do sentimento. Ellas são as amas dos seus filhos, e nem outra mais gloriosa e compensadora funcção, a natureza lhes creou. Ellas lhes chamam o somno com as primitivas canções, que aprenderam tambem no berço; velam-lhes o dormir tranquillo; acompanham nos nos folguedos innocentes; nelles concentram o seu mundo e a sua vida e, se a morte insidiosa as sorprehende e lh'os rouba, nunca mais de sua alma a saudade se parte, nunca mais de seus olhos o pranto se estanca. (251)

Emilio de Menezes

(1867)

Emilio de Menezes, nascido em Curitiba (Paraná), entregou-se ao jornalismo no Rio de Janeiro. E' poeta, manejando, com geral agrado, o humorismo e a ironia. Tem um volume de versos: *Poesias*, que se compõz de dois outros anteriores: *Symbolos* e *Poemas da morte*.

Salto do Guahyba

Largo, oceanico, azul, ora margeando
Campina extensa, ora frondosa matta,

(251) Do *Aguas Passadas*, Rio, 1912, H. Garnier, editor, pags. 53 a 56.

Leguas e leguas marulhoso e brando
O rio enorme todo o céo retrata.

Subito, as aguas, brusco, represando
Em torvelins de espuma se desata;
Vertiginoso, indomito, raivando
Ruge, fracassa e tomba em cataracta.

Tomba, e de novo em arco se levanta.
Nada a brancura esplendida lhe turva,
Em tanto resplendor e gloria tanta.

E na apotheose em que a caudal se expande,
Do sol aos raios, multicor se encurva
Rútilo arco-iris, luminoso e grande!... (252)

Euclydes da Cunha

(1867—1909)

Euclydes da Cunha, nascido no Rio de Janeiro, abandonou a carreira militar, dedicando-se com grande exito ás sciencias e letras. Como scientista, desempenhou diversas commissões espinhosas, e, como literato, escreveu versos e prosa, num estylo rebuscado, que lhe foi unico e não teve seguidores. Pertenceu á Academia de Letras,

(252) Das *Poesias*, Rio, 1902, Francisco Alves, editor, pags. 78.

sendo a sua obra reduzida: *Sertões; Contrastes e Confrontos; Perú versus Bolivia;* e *A' margem da historia.* Morreu de um crime prématuramente.

A ultima visita

Na noite em que falleceu Machado de Assis, quem penetrasse na vivenda do poeta, em Laranjeiras, não acreditaria que estivesse tão proximo o triste desenlace da sua enfermidade. Na sala de jantar, para onde dizia o quarto do querido mestre, um grupo de senhoras—hontem meninas que elle carregava nos braços carinhosos, hoje nobilissimas mães de familia—commentavam-lhe os lances encantadores da vida e reliam-lhe antigos versos, ainda ineditos, avaramente guardados nos albuns caprichosos. As vozes eram discretas, as maguas apenas rebrilhavam nos olhos marejados de lagrimas, e a placidez era completa no recinto, onde a saudade glorificava uma existencia, antes da morte.

No salão de visitas viam-se alguns discipulos dedicados, tambem apparentemente tranquillos.

E comprehendia-se desde logo a antilogia de corações tão ao parecer tranquillos na imminencia de uma catastrophe. Era o contagio da propria serenidade incomparavel e emocionante em que ia a pouco e pouco extinguindo-se o extraordinario escriptor. Realmente, na phase aguda de sua molestia, Machado de Assis, si

por acaso trahia com um gemido e uma contracção mais viva o soffrimento, apressava-se em pedir desculpas aos que o assistiam, na ancia e no apuro gentillissimo de quem corrige um descuido ou involuntario deslize. Timbravam em sua primeira e ultima dissimulação: a dissimulação da propria agonia, para não nos magoar com o reflexo da sua dor. A sua infinita delicadeza de pensar, de sentir e de agir, que no trato vulgar dos homens se exteriorisava em timidez embaraçadora e recatado retrahimentó, transfigurava-se em fortaleza tranquilla e soberana.

E gentilissimamente bom durante a vida, elle se tornava gentilmente heroico na morte.

Mas aquella placidez augusta despertava na sala principal, onde se reuniam Coelho Netto, Graça Aranha, Mario de Alencar, José Verissimo, Raymundo Correia e Rodrigo Octavio, commentarios divergentes. Resumia-os um amargo desapontamento. De um modo geral não se comprehendia que uma vida que tanto viveu as outras vidas, assimilando-as atravez de analyses subtilissimas, para nol-as transfigurar e ampliar, aformoseadas em syntheses radiosas,—que uma vida de tal porte desapparecesse no meio de tamanha indifferença, num circulo limitadissimo de corações amigos. Um escriptor da estatura de Machado de Assis, só devera extinguir-se dentro de uma grande e nobilitadora commoção nacional.

Era pelo menos desanimador tanto descaso —a cidade inteira, sem a vibração de um abalo, derivando imperturbavelmente na normalidade de sua existencia complexa—quando faltavam poucos minutos para que se cerrassem quarenta annos de literatura gloriosa...

Neste momento, precisamente ao enunciar-se esse juizo desenlatado, ouviram-se umas timidas pancadas na porta principal da entrada.

Abriram-n'a. Appareceu um desconhecido: um adolescente, de 16 ou 18 annos no maximo. Perguntaram-lhe o nome. Declarou ser desnecessario dizel-o: «ninguem ali o conhecia; não conhecia por sua vez ninguem; não conhecia o proprio dono da casa, a não ser pela leitura dos seus livros, que o encantavam. Por isto ao ler nos jornaes da tarde que o escriptor se achava em estado gravissimo tivera o pensamento de visital-o. Relutara contra esta ideia, não tendo quem o apresentasse: mas não lográra vencel-a. Que o desculpassem, portanto. Se lhe não era dado ver o enfermo, dessem-lhe ao menos noticias certas de seu estado».

E o anonymo juvenil,—vindo da noite—foi conduzido ao quarto do doente. Chegou. Não disse uma palavra. Ajoelhou-se. Tomou a mão do mestre: beijou-a num bello gesto de carinho filial. Aconchegou-o depois por algum tempo ao peito. Levantou-se e, sem dizer palavra, sahiu.

A' porta José Verissimo perguntou-lhe o nome. Disse-lh'o.

Mas deve ficar anonymo. Qualquer que seja o destino desta creança, ella nunca mais subirá tanto na vida. Naquelle momento o seu coração bateu sósinho pela alma de uma nacionalidade. Naquelle meio segundo—no meio segundo em que elle estreitou o peito moribundo de Machado de Assis, aquelle menino foi o maior homem de sua terra.

Elle sahiu—e houve na sala ha pouco invadida de desalentos uma transfiguração.

No fastigio de certos estados moraes concretisam-se ás vezes as maiores idealizações.

Pelos nossos olhos passara a impressão visual da Posteridade... (253)

Guimaraes Passos

(1867—1909)

Sebastião Cicero de Guimarães Passos, nascido em Alagôas, seguiu para o Rio, por um méro acaso, onde exerceu o jornalismo e fez toda a sua carreira de poeta. Entregue á bohemia, muito cedo adoeceu de molestia incuravel, da qual veiu a fallecer em Paris. A sua obra é toda poetica. Pertenceu á Academia Brazileira de Letras.

(253) Transcripto do *Jornal do Commercio*, do Rio, de 1908.

Mystica

Como aerea visão, leve e formosa,
Que só aos sonhos dos amantes desce,
Assim ante os meus olhos apparece
A sua imagem doce e luminosa.

Tão pouco nos falamos que, parece,
Quando lhe vejo a fórma vaporosa,
Que a vejo morta, e que ella vem, chorosa,
Pedir-me ainda a derradeira prece.

Olho-a, cheio de magua e de carinho;
Beijo-a, e o meu beijo perde-se na altura,
Como um canóro passaro sem ninho.

E aos poucos, vejo-a, muda, entre outras bellas,
Subindo ao céo com as azas da candura,
Coroada de um circulo de estrellas. (254)

Medeiros Albuquerque

(1867)

J. de Medeiros e Albuquerque, nascido no Recife, dedicou-se ás letras, estreiando em 1889, com um livro de versos *Pecados*. De sua obra constam os seguintes

(254) Das *Paginas de ouro da Poesia Brazileira*, de Alberto de Oliveira.

trabalhos: *Remorso* (pamphleto); *Um homem pratico; Mãitapuia; Contos escolhidos; Poesias* (edição definitiva); e *Em voz alta* (conferencias). Tem exercido cargos de representação politica, bem como se tornou figura saliente no jornalismo do Rio de Janeiro, escrevendo chronicas politicas e criticas literarias, em diversos jornaes diarios. Faz parte da Academia Brazileira de Letras.

Illusões

Velas fugindo pelo mar em fóra...
Velas... pontos—depois...depois, vasia
A curva azûl do mar, onde, sonora,
Canta do vento a triste psalmodia...

Partem pandas e brancas...Vem a aurora
E vem a noite após, muda e sombria...
E, si em porto distante a frota ancora,
E' p'ra partir de novo em outro dia...

Assim as Illusões. Chegam, garbosas,
Palpitam sonhos, desabrocham rosas
Na esteira azul das peregrinas frotas...

Chegam...Ancoram n'alma um só momento:
Logo, as velas abrindo, amplas, ao vento,
Fogem p'ra longes solidões remotas (255)

(255) Dos *Sonetos Brazileiros*, de Laudelino Freire.

A Joaquina da onça

Tinhamos saido de madrugada, a cavallo, matto a dentro. Deixamos a fazenda, tomamos a estrada, enfiamos por um atalho da floresta. O declive quasi a pino, pedregoso e abrupto, mal permittia o passo dos animaes. Pedras, de quando em quando, desprendendo-se do chão ao bater das patas, rolavam até ao extremo da ladeira. Um garganteio de aves assustadas passava com um turbilhão de azas a cada rumor mais vivo. Seguiamos a custo. Mais adiante entramos, emfim, em uma vereda lisa e larga. Por sobre as nossas cabeças a ramaria densa fechava-se inteiramente. O chão estava humido. Poças, ás vezes, faziam chapinhar os cavallos, respingando-nos de lama. O caminho abria-se para uma planicie, ao lado do nascente; abria-se como a bocca de um tunel de verdura. A'quella hora o sol estava prestes a despontar. O céo no oriente tingia-se de um vermelho vivo chammejante, que distinguiamos de longe, como um pequenino reposteiro escarlate corrido á porta da estrada, lá longe, lá muito longe... Da matta, á direita e á esquerda, vinha um reboliço de folhagens mexidas; folhas pisadas, galhos afastados, ruflos de azas abrindo vôo por entre as frondes das arvores...

Meu companheiro era um cabra do norte, um vaqueiro cearense, de rosto largo, olhos maliciosos, damnado no violão. Vivia cantando, cantando alto, quadras populares repassadas de ternura que casavam bem os arru-

lhos da sua voz e o exhalar das flôres silvestres. Agora mesmo, as redeas largadas sobre o pescoço do cavallo, elle ia resmungando á meia voz:

"A estrada que vai p'ra villa
Todo o mundo sabe bem,
Mas só eu sei o caminho
Do coração de meu bem."

Precisamente um rumorejo de aguas correntes começou a perceber-se. Era o sussurro quasi indistincto de um ribeirão engrossado pelas chuvas. O matuto ouvindo-o, talvez inconscientemente, como acontece nas percepções que durante o somno evocam e modificam os sonhos, emendou logo a outra quadra:

«O rio bate na pedra,
A pedra fica parada...
Passa o dia, passa o anno:
Não esqueço minha amada».

A claridade ia aos poucos penetrando toda a mattaria, sem que se soubesse ao certo de onde vinha a luz naquelle intrincamento de ramos fechados. O chilreio dos passaros partia de todos os pontos, esfusiava sonoro, cantante, alegre. Do resfolegar dos cavallos a respiração sahia em nuvens de vapor, manchando o ar. O matuto, por sua vez, atirava grandes baforadas de fumo. Os animaes tinham acertado o passo, iam de manso, quasi sem barulho, sobre a folhagem humida e pisada.

De subito, ouvimos uma gargalhada, uma gargalhada longa, estridente, metallica. Vinha do alto. Olhamos o cimo de uma arvore e vimos trepada a figura hedionda de uma cabocla que ria incessantemente, apontando-nos com gestos escarninhos.

Estava sentada na bifurcação de dois galhos com uma das pernas dobrada; e a outra, núa até o joelho pendendo lamentavel e magra. A face, como um genipapo encolhido, estava cortada de rugas em todos os sentidos.

Os malares proeminavam muito, parecendo furar a pelle.

Os cabellos, muito negros e muito corridos, pendiam pelos hombros. Os olhos tinham uma claridade extranha, uma chamma desusada e selvagem...

—Ah! é a Joaquina da Onça, disse o matuto, indifferentemente. E tocou o animal.

Perguntei-lhe quem era. Contou-me que era uma cabocla que, atravessando uma tarde por ali com um filhinho nos braços, vira uma onça faminta saltar daquella arvore e, como no desespero da fuga, deixasse cahir o pequeno, levara-lh'o a féra. Dahi por deante endoudeceu. Viera morar alli, passando a vida naquelle lugar, a rir constantemente. Vivia de fructas e raizes e havia quem a temesse como feiticeira.

Estavamos quasi na orla do matto. O clarão do dia era cada vez maior. Um bando de jurity's levantou vôo

da estrada, arrulhando. Um bem-te-vi denunciou-nos a passagem.

O matuto não se conteve por mais tempo. Soltou a voz:

«Naquella manhã de julho
Bem-te-vi, tambem me viste...
Passarinho, tu não sabes
Porque é que eu' stava triste» (256)

Adolpho Caminha

(1867—1897)

Adolpho Caminha, nascido no Ceará, foi official da armada brazileira, de que se demittiu arrojadamente. Foi poeta e romancista distincto. A sua feição foi a naturalista. Destacam-se dentre os seus livros: *No paiz dos Yankees; A Normalista; Cartas literarias; Bom Crioulo; A Tentação*, etc. Como redactor de uma revista foi escriptor pamphletario.

A normalista

(Fragmento)

Ao meio dia, pontualmente, chegou o professor de geographia, o Berredo, um homemsarrão, alto, grosso e

(256) Dos *Contos escolhidos*, Rio, 1907, pags. 29 a 32.

trigueiro, barba espessa e rente, quasi cobrindo o rosto, olhos pequenos e concupiscentes. Cumprimentou o director, muito affectuoso, limpando o suor da testa. E consultando o relogio:

—Meio-dia! São horas de dar o meu recado. Com licença!...

Contavam-se na sala d'aula pouco mais d'umas dez alumnas, quasi todas de livro aberto sobre as carteiras, silenciosas agora, á espera do professor. Maria occupava um dos bancos da primeira fila.

Ao entrar o Berredo, houve um arrastar de pés, todas simularam levantar-se, e o illustre preceptor sentou-se, na forma do louvavel costume, passeando o olhar na sala, vagarosamente, com bonhomia paternal—tal um pastor d'ovelhas a velar o casto rebanho.

A sala era bastante larga para comportar outras tantas discipulas, com janellas para a rua e para os terrenos devolutos, muito ventilada. Era ali que funccionavam as aulas de sciencias physicas e naturaes, em horas differentes das de geographia. Não se via um só mappa, uma só carta geographica nas paredes, onde punham sombras escuras pelles de animaes selvagens collocadas por cima de vidraças que guardavam, intactos, apparelhos de chimica e physica, redomas de vidro bojudas e reluzentes, velhas machinas pneumaticas nunca servidas, pilhas electricas de Bunsen, incompletas, sem amalgamas de zinco, os conductores pendentes num abandono

glacial; collecções de mineraes, numerados, em caixinhas, no fundo da sala, em prateleiras volantes...Nenhum indicio, porem, de esphera terrestre.

O professor pediu um compendio que folheou de relance.—Qual era a lição? A Oceania? Pois bem...

—Diga-me, senhora D. Maria do Carmo: A Oceania é ilha ou continente?

Maria fechou depressa o compendio que estivera lendo, muito embaraçada, e, fitando o *mestre* batendo com os dedos na carteira, com um risinho:

—Somente uma parte da Oceania pode ser considerada um *continente*.

—Perfeitissimamente bem! (257)

Oliveira Lima

(1867)

M. de Oliveira Lima, nascido em Pernambuco, tem feito brilhante carreira diplomatica, tendo estudado em Lisbôa, onde recebeu o titulo de doutor em philosophia e letras. Dedicou-se ao jornalismo, á historia, á critica e ás letras em geral, sendo de notar a sua vocação para a

(257) De *A Normalista*, Rio, 1893, pags. 98 a 100.

conferencia. Da sua obra fazem parte os seguintes volumes: *Aspectos da literatura colonial; No Japão; O Secretario d'El-Rey; Coisas diplomaticas; Escriptores brazileiros contemporaneos; Machado de Assis e a sua obra literaria; Elogio de Varnhagem; Formation historique de la Litterature Brèsilienne*, etc. Faz parte da Academia Brazileira de Letras.

Colonia e reino

Nos fins do seculo XVII a marcha geral da civilização brazileira, ou mais precisamente, a expressão principal d'esta marcha, mudou inteiramente de orientação, desdenhando o pristino caracter agricola, regular, methodico, pouco aventuroso apóz a completa dispersão dos indios do litoral e o commum abandono das loucas investigações do El-Dourado, para abraçar a feição problematica, apaixonada, febril das pesquizas mineiras. Uma população turbulenta, em parte composta dos audaciosos exploradores paulistas, internados á caça do gentio, e assim levados a resuscitar e dar corpo ás faiscantes fantasias e imaginosas tradições do seculo XVI, proseguidas como que em um sonho no seculo immediato, e em parte de reinóes que lhes seguiam o rasto d'óra avante seguro de proventos, transplantou-se para os sertões de Minas onde surgira o oiro, e logo depois para os de Matto Grosso e Goyaz. Era toda essa população ambiciosa de lucro, despida na amplidão das florestas virgens dos

preconceitos sociaes mais rudimentares, entregue corpo e alma á allucinação da riqueza.

A historia das suas primeiras installações nas soberbas paizagens de Minas, opulentas de magestade, admiraveis pelos contrastes imprevistos de mattas quasi impenetraveis, rios impetuosos, montes escarpados e profundos valles sombrios, é uma historia de sangue. A lucta pela existencia perdia no seio da natureza as convenções, as hypocrisias dos meios cultos, para revestir uma apparencia perfeitamente animal, um aspecto essencialmente anarchico na concorrencia feroz pela obtenção do appetecido metal. Estão presentes na memoria de todos os que conhecem, mesmo medianamente, a historia brazileira, as contendas cruentas entre os paulistas, descobridores das minas e os forasteiros por elles denominados emboabas, attrahidos pela fascinação do oiro. Caminhou lentamente a pacificação de tão desordeiros elementos: realizou-a porem a metropole com firmeza, e, esboçada a constituição das novas capitanias interiores, entrou a affluir ao reino uma corrente cada dia mais volumosa de riquezas. (258)

Pedro Rabello

(1868—1905)

Pedro Rabello, nascido no Rio de Janeiro, passou uma vida muito obscura para os seus meritos literarios.

(258) Do—*Aspectos da Litteratura Colonial Brazileira*, pags. 136 a 138.

Escreveu prosa e verso. E' afamado o seu livro de contos *Alma alheia*, traçados ao gosto naturalista do seu tempo. Foi membro da Academia Brazileira de Letras.

Mana Minduca

Bella carta! « Volto afinal... Espera-me; irei hoje... » Mana Minduca sorriu. De pé, ao lado, o moleque esperava. Era em 80, na velha casa da rua de Riachuelo, ao canto da rua dos Invalidos... «Volto, afinal... » Mana Minduca fitava attentamente os olhos no papel; soffria acaso da duvida de que aquella não fôsse a sua letra... E mirava o talhe delgado da escripta. Verdade é que não parecia a mesma. Um pouco mais firme... Dahi, em doze annos, a gente muda de letra. Valha-me Nossa Senhora! O moleque esperava, timido, amarrotando o chapéu entre as mãos.

Bemdita carta! E Mana Minduca mirava o talhe delgado da escripta. Agora já lhe parecia que era delle; o córte daquelle *t*, os *ll*... « Volto afinal... » Era. Mana Minduca sorria; o sorriso derramou-se-lhe por todo o rosto, appareceu brilhando nos olhos. Nem havia mais duvidas, era delle; Nossa Senhora trazia-o alfim. E Mana Minduca olhou em roda. Pareceu-lhe que se alegrava a sala. A mesa redonda, ao centro, coberta de poeira e de livros, era justamente agora tocada de um raio de sol.

Esses que ha doze annos lhe falam do rosto pallido, das lagrimas e da voluntaria clausura, vissem-n'a agora!

Mana Minduca sorria; nem se lembrava mais do moleque. Si alguem houvesse, que fôsse passando pela rua, que surpreza não haveria de ter quando visse que ella abria as janellas. Abriu-as todas; não um bocadinho, como o fazia ha doze annos, não como aquella por onde entrou o raio de sol; abriu-as de par em par. Debruçou-se bem para fóra cantarolando. Voltou, sentou-se. O moleque esperava, olhos fitos no chão, amarrotando o chapéu. Levantou a cabeça, olhou timidamente. Mana Minduca relia a carta. Por certo que era delle...Milagrosa Nossa Senhora das Dores!

—Tá intrégue?

O amo que fôsse ficaria para alli, sem resposta como o moleque. (259)

Affonso Arinos

(1868)

Affonso Arinos de Mello Franco, nascido em Paracatú (Minas Geraes), é diplomado em direito, dedicou-se ao jornalismo e á prosa. Da sua obra constam: *Pelo sertão* e *O Mestre de Campo*. E' membro da Academia Brazileira de Letras.

(259) Avulsa, transcripto de *Os Annaes*, do Rio, 1906.

Fragmento de discurso

O que eu chamo *americanismo* é simplesmente a reciproca do que os europeus e anglo-americanos chamam expansionismo e imperialismo. O momento, para as grandes nações pejadas de população e de riquezas, é de se desdobrarem; para nós, donos de vastos territorios despovoados, é de formarmo-nos, de constituirmo-nos, de crescermos e de sermos uma nação, emfim. Aquellas, já formadas, tendo já attingido a maturidade, estão na phase biologica do desdobramento, da prolificação, de que Spencer chama «excesso de crescimento». Nós temos que receber delles, temos que crescer á custa do velho mundo, temos que tonificar-nos com as sobras da sua população, com o producto do seu trabalho. Ora, o que eu chamo *americanismo* é o estado peculiar ás duas Americas—de serem nações a formar-se, de caracter ainda indeciso, de feições mal pronunciadas, não tendo ainda nem passado, nem historia, nem arte, nem litteratura constituidas e definidas; o que eu chamo *americanismo* é o reconhecimento desse estado de elaboração, se o quizerdes de fermentação, ou melhor, de fuzão de elementos, de concurrencia, emfim, de factores, para que se desenhe o nosso typo nacional; o que eu chamo *americanismo* é ainda, senhores, a defesa dos elementos nacionaes já pronunciados, já vivos, denunciando já as linhas do typo futuro, relevando já, no vago dos traços do Brazil-infante, as linhas masculas do Brazil-homem.

Rio Branco, senhores, foi dos mais completos interpretes desse americanismo. Eduardo Prado tambem o foi. Mas Rio Branco, vivendo na vigencia do antigo espirito conservador, propulsava a machina, em largos arrancos, para o futuro; ao passo que Eduardo, agindo num periodo opposto, de monomania de reformas, de despreso de tradições, de destruição do passado, dava contra-vapor, volvia-se com todas as véras da alma para esse passado; ambos, porem, defendiam na sua mais vehemente, mais nobre, mais leal expressão, o que de mais nobre, de mais leal, de mais brazileiro se possa encontrar no Brazil. (260)

Graca Aranha

(1868)

Graça Aranha, nascido no Maranhão, formou-se em direito em Pernambuco, dedicando-se á carreira diplomatica. Foi discipulo de Tobias Barretto. Tem publicado: *Chanaan* (romance); *Malazarte* (theatro); e um prefacio philosophico no livro *Concepção monistica do universo*, de Fausto Cardoso. E' membro da Academia Brazileira de Letras.

(260) Da *Revista da Academia Brazileira de Letras*, anno I, num 2, pags. 488-489.

Discurso academico

Em 1882, Tobias Barretto, que os seus condiscipulos não comprehenderam e de cuja immensa reputação ainda se espantam e sorriem, abalava como um cyclone a somnolenta Academia do Recife. Elle invade a sociedade espiritual do seu tempo como um verdadeiro homem da sua raça. E o segredo da sua força está na absoluta e constante fidelidade a esse temperamento, em cuja formidavel composição entram dóses gigantescas de calor, de luz e de todas aquellas ondas da vida que o sol transfunde regiamente ao sangue mestiço... Tinha a exhuberancia, a seiva, a negligencia que o fazia extranho a todo o calculo, mesmo o da sua reputação de alem tumulo, o prodigioso dom de fantasiar, o *fabuliren* dos criadores, e mais a impaciencia e a temivel explosão da revolta que permanecerá como o traço vivaz do seu caracter. Não houve vaso que o amoldasse; não conheceu senão os limites inabordaveis da liberdade e os da extrema irresponsabilidade. Poude como um sertanejo viver com o povo, foi descuidado, miseravel e infeliz. Cresceu musico e poeta. E mais tarde quando lhe chegar a altura, ella virá na barca fantastica da poesia. E foi pelo impulso dessa volatil essencia do seu temperamento que Tobias Barretto passou da arte para a philosophia. O pensador nelle é uma modelação do vate. Transportára para a metaphysica, para as sciencias biologicas, para o direito a magia da advinhação, o improviso mi-

lagroso, a necessidade de idealisar e de imaginar, que é a poesia. Quasi toda a sua sciencia quando não vem da legislação ou da lingua, é feita principalmente de intuição e os seus vastos descortinamentos, os clarões que abre, a vida que dá ás ideias apenas imprevistas no prisma da sua visão, é mais a criação do poeta que a logica do sabio. E nisto foi um homem do seu tempo e da nossa raça. E' preciso que o sangue corra longamente durante seculos, numa infinita descendencia, para que o precipitado das forças originaes do nosso espirito seja a idealisação scientifica. O maximo, a que por emquanto podemos attingir, foi o que nos deu Tobias Barretto, a philosophia atravez das côres solares da poesia.

Não é um signal de incapacidade; é uma segurança de que estamos no principio, pois na realidade a inspiração dominante da nossa vida será sempre a preoccupação intellectual e neste sentido o Brazil será gloriosamente uma nação de metaphysicos. Pelas nossas origens, pela multiplicidade das nossas raças, pela variedade de deuses, que povoam as almas geradoras deste paiz, pela immensidade territorial que exalta a imaginação e engrandesce o espirito, nós, como os povos da India, sentimos uma attracção imperiosa, que nos arrebata para o sonho, para o vôo mystico, onde achamos o consolo da tremenda realidade. Seria o momento da religião... A cultura scientifica apenas iniciada não permitte a completa expansão do espirito religioso e o substituiu pela metaphysica da mathematica, a principal

manifestação das tendencias abstractas do nosso genio. Nós desenvolvemos admiravelmente a faculdade de calcular como a mais importante gymnastica do cerebro e nos absorvemos nella, como si fosse a poesia da sciencia. Não ha paiz onde o calculo tenha mais devotos, sectarios, templos e mesmo poetas, e como todas as religiões, essa tambem terá as suas incompatibilidades e desdens. (261)

Antonio Mendes Martins

(1876)

Antonio Mendes Martins, nascido no Recife (Pernambuco), dedicou-se á poesia, não obstante os encargos da vida commercial a que se entregou. E' um dos poetas lyricos da actual geração pernambucana. Tem escripto: *As duas lagrimas*, poemeto; *Calvario*, versos; *Vencido*, poema.

O Verme e a Estrella

Elle era um pobre verme e, como tal, de rastro,
Vegetava no lodo, emquanto que ella—um astro,

(261) *Rev. da Acad. Braz. de Letras*, anno II, num. 3, pags. 183-184.

Uma estrella formosa, esplendida, luzente,
Campeava em pleno azul da abobada silente.

A' tarde quando o sol no occaso mergulhava
E a paisagem longinqua a sombra amortalhava,

Elle—o verme infeliz, o grande desditoso—
A' tona do paúl miasmatico e lodoso,

Subia. E, olhando o ceu, sem se cansar de vel-a
Começava, coitado, a namorar a estrella.

II

—Como é grande este amor!—monologava o triste.
—De certo um outro egual na terra não existe.

O peregrina estrella, ó lagrima irisada
Scintillando atravez da noite erma e fechada

Em que levo a existencia!... Ao verme, ao desherdado,
Não negues o fulgôr do teu olhar sagrado!...

Póde, acaso, viver, no mundo, quem não ama?...
E eu te amo, linda estrella. O amor, bem como a chamam,

Que, ás vezes, alimenta a podridão inerme,
Tambem pode existir no coração de um verme.

Um verme?!... E eu sou um verme!... O' perola divina,
Perdôa ao desgraçado. O affecto que o domina

Não vê, como o condor, para maior tormento,
A distancia que vai da terra ao firmamento.

Porque nasci, meu Deus, tão pobre, tão mesquinho?...
Ah! Si eu pudesse voar, si eu fosse um passarinho!...

Dizei-me, aves do ceu, flores azues do valle!...
Si outro amor póde haver que ao meu amor se eguale...

III

Certa noite, o maldito, os olhos espraiando,
Viu, perto, um arvoredo enorme e o qual alteando.

No espaço indefinido, o bojo corpulento,
Parecia tocar no azul do firmamento.

—Si eu fôsse por ali!...—disse elle quase a medo.
—Si eu chegasse até junto áquelle alto arvorêdo!

E subisse! Meu Deus, de certo, iria tel-a,
Scintillando, a meu lado. Oh minha branca estrella!

Para sentir, de perto, a luz com que me banhas,
—Intrepido viajante—eu galgarei montanhas.

E seguiu para a frente, heroico, extraordinario,
Como, outrora, Jesus em busca do Calvario...

IV

Foi uma luta insana, homerica, tremenda.
A Historia não regista egual e a propria Lenda

Não refere, de certo, um caso semelhante.
Surgira, ha muito tempo, a noite no levante,

Quando, mezes depois—mezes de atroz degredo—
Chegou, emfim, o verme ao cimo do arvorêdo.

—Meu Deus, como está longe ainda!...—soluçava
O triste, contemplando a estrella, que brilhava:—

Oh minha branca estrella, oh perola engastada
Desses longinquos ceus na abobada sagrada!...

Escuta a minha voz do extremo desses ares,
Não negues ao maldito a luz dos teus olhares.

Não quero mais viver nesse paúl sem fundo
E que, outrora, eu julguei synthetisar o mundo.

E si tu nem me vês siquer?... Si ao teu regaço,
Não chega a minha queixa e, da amplidão do espaço,

Amortece o meu grito esse torvo abysmo hiante?
Si outra cousa não resta ao desditoso amante,

Sinão, como Moysés, no extremo desta vida,
Succumbir vendo, ao longe, a terra promettida?...

E si ouves o que eu digo, e zombas, sem piedade,
Deste affecto sem nome e em cuja intensidade,

Acho a força precisa, a mascula energia
Para fazer da vida a immensa travessia!...

Não pôde ir mais adiante. O vento refrescava.
O infeliz agarrou-se á folha em que pousava,

Que, subito, rolou no espaço, arrebatada.
...E sumiram-se, os dois, na esphera illuminada. (262)

Luiz Guimaraes Filho

(1877)

Luiz Guimarães Filho, nascido no Rio de Janeiro, dedicou-se á diplomacia, tendo passado alguns annos da sua carreira no Japão. Desse facto resultou a publicação do seu livro *Samurais e Mandarins*. E' um poeta apreciavel, não obstante o exquisitismo que predomina em sua arte. Tem escripto os seguintes livros de versos: *Avé Maria!*, *Uma pagina do Quo Vadis?*, e *Pedras preciosas*. Tem o curso de philosophia feito na Universidade de Coimbra.

Hydrophana

I

Em certa montanha existe
Uma pedra branca e triste

(262) Transcripto da revista *A Seára de Ruth*, anno I, num 2, pags. 22, 23. Bahia, 1911.

Que dentre as mais se destaca...
Deo-lhe a immortal Natureza
A extravagante belleza
De ser translucida e opaca!

II

No enxuto rosto ninguem
Lhe enxerga as magoas que tem
Como escondidas num cofre...
Mas se a molhaes de repente,
Logo se põe transparente
Para mostrar o que soffre!

III

Lindos olhos de Maria!
Quando seccos de alegria
Tambem opacos ficaes...
Mas ai! se o pranto vos banha,
Como a joia da montanha
Transparentes vos tornaes! (263)

Hymno

Numa tarde de Abril, á luz de um sol bemdito,
O' Patria! tu rasgaste as virginaes entranhas,
E os abysmos do mar, e as nevoas do Infinito,

(263) *Pedras preciosas*, Montevideu, 1904, pags. 81 a 83.

Offerecendo ao céu as rochas de granito,
E aos beijos do oceano os beijos das montanhas!

O velho mundo, ao sol de musicas vibrantes,
Viu-te sorrir á vida entre canções de festas...
E nos bosques em flor e nos montes gigantes,
Saúdaram-te num hymno as aves palpitantes,
O fecundo paiz de abysmos e florestas!

Como bençãos de luz cahindo entre luares,
Deus de estrellas encheu as calmas amplidões,
Para que houvesse amor na paz dos nossos lares,
O' terra de jardins, de fontes e de mares,
Soberana immortal dos maximos sertões!

Hoje o povo ao rumor dos cantos da victoria,
Cerca-te o vulto ideal de constellados brilhos...
E como o Astro que segue a ardente trajectoria,
Vais subindo, subindo ao sol da eterna gloria,
Patria das nossas mãis! terra dos nossos filhos! (264)

Nas montanhas de Chuzenji

A montanha touca-se de lyrios: e é uma delicia para os olhos esse brocado de flôres, como é um deleite para os ouvidos a symphonia das cascatas que de todos os lados rebentam...

---

(264) *Ave Maria*, Rio, 1900, pags. 11-12.

Soror Agua! Soror Agua! exclamava S. Francisco de Assis em presença das fontes... Ah! se alguma vez o bom do Santo houvesse andado por estas serras de Chuzenji que palavras não teria proferido para applaudir a orchestra das cachoeiras?

Sobre os lyrios que enxergo voltêa toda a sorte de seres alados: mas são sobretudo os imponderaveis nevropteros de ouro e as borboletas de *Kimonos* escuros que mais a meúdo nos apparecem...

Os contrastes enfeitiçam-me: á epopéa das cascatas oppõem-se os madrigaes das cigarras. Aos templos de lacca vermelha as Casas-de-Chá, que direis brinquedos de creança. A' estatura gigantesca das cryptomerias os esbeltos arbustos dos lyrios. E ao longo da serra, nas pedras, no *torii*, no basaltodas fontes, nos troncos das arvores, falam-vos as lendas de feitos immortaes, de rixas valerosas, de façanhas nunca assaz celebradas...

Tudo no Japão é lendario e symbolico. O habitante da aldeia vos dirá quem plantou aquella arvore que se encolhe á bocca do caminho. O vendedor da cidade vos explicará a historia de cada objecto; se comprais uma espada sabereis o nome do *samuráï* que a brandiu, e se queireis um cachimbo tereis noticia de todos os *daimios* que por elle fumaram qualquer tabaco precioso.

A lenda envolve a alma do Japão como a faixa de seda envoleve a cintura dos Japonezes... (265)

(265) Dos *Samuráis e Mandarins*, pags, 120-121.

Francisco Mangabeira

(1879—1904)

Francisco Mangabeira, nascido na capital da Bahia, foi um dos maiores poetas bahianos no ultimo quartel do seculo XIX, escrevendo os seguintes livros: *Hostiario*; *Tragedia epica; Ultimas poesias*; *Visões de Santa Thereza; Ihalmo*; *Paginas intimas*; *Poemetos*; *Cartas do Amazonas*. Exerceu a medicina, estando, ainda estudante, nos hospitaes de sangue de Canudos, e, já formado, como medico do exercito acreano. Morreu no Maranhão, onde se acham os seus restos mortaes.

Ballada

I

Numa choupana morria
De Amor uma camponeza,
Que era a flor de mais valia
E a santa da redondeza.

II

Sobre ella os camponezes
Contavam sempre, ao luar,

Historias, em que eu ás vezes
Não podia acreditar...

Garantiam que era filha
De um rei de longinquas terras
Que a desterrou numa ilha
E foi bater-se nas guerras.

Depois, passaram-se os annos
E o rei nunca mais voltou...
E a noite dos desenganos
A' princeza acompanhou.

Soffreu muito... Numa tarde,
Certa galéra formosa
Ancorou, fazendo alarde,
Na plaga mysteriosa.

Saltou na ilha um guerreiro
Altivo como um leão...
E ella amou o forasteiro
E elle deu-lhe o coração.

E então a ilha encantada
Ficou de todo surpreza,
Vendo como era adorada
Essa adoravel princeza.

III

Um dia o guerreiro ardente
Partiu, levando-a... Depois

Numa plaga rescendente
Saltaram, rindo-se, os dois.

O guerreiro valoroso
Era um pastor ignorado
Que para um prelio horroroso
Partira como soldado.

Foi tão audaz nas batalhas,
Praticou prodigios taes,
Que se cobriu de medalhas
E de louros triumphaes.

A princeza mais o amava
Ao ouvir isto, e, em desejos,
Emquanto o pastor falava
Ella o cobria de beijos.

E' que o pae lhe vinha á vista
Em meio a taes narrações,
Como o genio da conquista
A' frente dos batalhões.

Um dia um presentimento
Mergulhou-a na tristeza
E depois d'esse momento
Ficou sem graça a princeza...

IV

Muito após teve sciencia
De que seu amante-ai!

De uma peleja na ardencia
Foi quem matára a seu pai.

O pastor fugiu, e longe,
Em um convento sombrio,
Tomou o habito de monge,
E após atirou-se a um rio.

Seu corpo boiou nas aguas
E no outro dia bateu
Na terra, onde, toda maguas,
A princeza o recolheu.

Nunca mais os passarinhos
A viram de manhan cêdo
A sorrir pelos caminhos
Como o sol entre o arvorêdo.

Ella morria assim como
O dia se a noite vem,
Tinha a tristeza de um pomo,
Quando verdura não tem.

Ia murchando a inditosa
Aó peso d'esse martyrio
Como se fosse uma rosa
Transfigurada num lyrio.

. . . . . .
. . . . . .

Soffria o povo da rude
Aldeia transes de dor,
Vendo morrer a virtude
Encarnada numa flor.

Mas esta angustia crescia
Porque a formosa princeza
Morria de amor... morria
Como qualquer camponeza. (266)

O Radjah

O sol em pino doira os telhados das casas e incendeia as arvores, despenha-se uma catadupa de labarêdas sobre a terra abrazada ...Não se ouve o canto dum passarinho, nem o ruido duma aza...

A aragem, abafada, talvez, fugiu para bem longe...

Inexplicavel torpor invade tudo e tudo domina...

Chovem pedrarías incandescentes na amplidão deslumbradora, como lanças inflammadas na cabeça d'uma rainha. E esta riqueza triumphante e magnifica penetra explendorosamente na cella de Santa Thereza, clareando-a toda... O mocho foge, insensivelmente.

Uma alegria subita povôa o modesto aposento, que se transforma num palacio oriental cheio de crystaes

---

(266, *Ultimas poesias*, obra posthuma, Bahia, 1906, pags. 53 a 58.

accesos. Os olhos da santa abrem-se, extasiados... Suas faces tingem-se duma côr quasi rosea e sadia... Abre ainda mais os olhos vendo dirigir-se para ella um radjah possante, de constellações no olhar e alvoradas coruscando nas vestes... Os cabellos delle ardem e são cheios de estrellas, as suas mãos são brandas e trescalam a jasmins...

Sustem o sceptro nos dedos e um céu no olhar...

Quando caminha, deixa atraz de si um rasto de coriscos... Quando fala, se ouve um hymno triumphante que fanfarras estridulas entoam. Conta aventuras extranhas. Veiu de longe, d'um paiz azul, onde as aguas são mais crystallinas e as mulheres mais voluptuosas...

Foi numa tarde de verão que, abandonando as favoritas cheirosas, partiu num batel feito de sandalo, para estas plagas... As velas de seda da luxuosa embarcação impelliam-n'a vertiginosamente sobre as aguas placidas...

Já ia bem distante de seu paiz natal e ainda ouvia os soluços intensos das amantes, que choravam desgrenhadas, desconfiando de sua ausencia. E o batel singrou, cantando por mares de esmeraldas e lagos de saphiras... As sereias fugiam, assombradas, e acompanhavam a esteira argentea da maravilhosa embarcação, humildes como escravas, supplicantes como mendigas...

A' noite, abriam alas para poder passeiar livremente pelo céu a nebulosa do seu olhar sumptuoso...

As brisas iam contar ás ondas a historia phantastica desse que amára, ouvira dez mil mulheres e mandara decepar cem mil cabeças.

E as ondas calavam medrosas, e a brisa tiritava em torno da sua fronte altiva... (267)

---

(267) *As visões de Santa Theresa*,, Porto, 1906, pags. 43 a 46.

NOTAS FINAES

NOTAS FINALES

I

O PLANO DO LIVRO.—E' novo o plano da *Anthologia da Lingua Vernacula*. Não podemos deixar de accentuar que o estudo de uma lingua não póde ser feito sem o estudo de sua literatura. Dahi o plano adoptado e a distribuição feita em fórma de *Curso de Literatura Brazileira*. Algures se escreveu que «a lingua e a poesia portuguêsa (bem como as outras todas) nasceram gemeas, e se crearam ao mesmo tempo». (268) Assim ali como em toda a parte. As linguas nascem com as literaturas e com estas progridem e se distinguem. Dentro destes conceitos, agimos, de modo que a *Anthologia da Lingua Vernacula*, perdendo o caracter commum ás suas semelhantes de collectanea, de simples selecta ou chrestomathia, obtivesse o caracter novo de *Curso de Literatura Brazileira*. Partimos, pois, dos classicos de Portugal, fontes magnificas do falar e do escrever das nossas gentes. Assim procedendo, não precisamos de mais para pôr em claro o espirito e as fórmas de nossa lingua. E,

268) *Parnaso Lusitano ou Poesias Selectas*, tomo I, Paris, MDCCCXXVI, *Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua Portuguesa*, pag. VII.

sobre essa introducção, que ficou sendo a nossa primeira parte, foi que desenvolvemos, sob um criterio puramente evolutivo, o nosso *Curso de Literatura Brazileira*, como se acabou de ver.

II

A ORTHOGRAPHIA.—A escripta portuguêsa, depois, especialmente, das reformas orthographicas adoptadas em Portugal e experimentadas no Brazil, e das simplificações ordenadas pela Academia Brazileira de Letras, é um verdadeiro chaos. Já dantes, por corruptelas de varias ordens, era difficil saber escrever bem a nossa lingua. Agora, porem, quase que é impossivel fazer-se o que estava apenas difficil. Dentro desta confusão tivemos de resolver-nos por um systema orthographico. O nosso pessoal tem inconveniencias para outros. Cortamos as dificuldades optando, como o fizemos, por trazer conservadas, o mais possivel, as formas graphicas dos fragmentos escolhidos conforme os usos de suas melhores edições. Por consequencia, em nossa *Anthologia*, não tivemos uma orthographia, mas tantas orthographias quantas obras de autores referidas. Cuidamos de trazer muito ao pé da letra as transcripções feitas de autorisadas fontes. Isto mesmo, ao que nos parece, poderá servir egualmente para accentuar as simplificações estructuraes de nossa linguagem, e do nosso vocabulario, atravez dos tempos.

III

O PROCESSO EVOLUTIVO.—Sobre o processo evolutivo de que fizemos uso na *Anthologia da Lingua Vernacula*, pouco teremos de dizer, porquanto a justificação desse processo aqui se assentará resumidamente, tratado que foi o assumpto, com toda larguêsa, em paginas do nosso trabalho sobre *A cultura literaria na Bahia Contemporanea*. Ali estão os motivos por que dividimos a historia da nossa literatura nos tres periodos que aqui adoptamos. E para lá enviamos os que, pelo proprio compulsar dos nossos autores, não tenham comprehendido a razão de ser da nossa divisão.

IV

CLASSICOS PORTUGUESES.—Praticamos rigorosa selecção entre os classicos de nossa lingua. Tendo, apenas, o intuito de salientar o modo de escripta dos maiores autores de Portugal, nem barateamos o rol dos classicos, nem repetimos, em demasia, fragmentos de suas obras. Demos dos principaes typos classicos, esbarrando na trindade romantica de GARRETT, HERCULANO e CASTILHO, sobejos fragmentos para se conhecerem a influencia delles sobre a nossa literatura, e os progressos reaes nas fórmas do estylo portuguêz.

V

Escriptores modernos.—A mais rigorosa selecção foi a que praticámos na escolha dos escriptores modernos. Não obstante isto, figuraram na *Anthologia* autores e escriptos menos puros em assumpto de lingua e de estylo. Tal era, porem, o seu renome nas nossas letras que falha sensivel seria a da sua exclusão de um *Curso de Literatura Brazileira*. Corrigir-lhes, ou apontar-lhes os defeitos, desde que os mencionamos, seria peior do que não os ter contemplado. Preferimos incluil-os taes como os encontramos nas melhores edições dos seus livros. E si incorreções grammaticaes escaparam nos seus fragmentos, que corrijam os que fizerem uso desta *Anthologia*, tanto mais quanto aos mestres incumbe não só fazer a analyse do melhor, mas tambem a do peior, apontando os senões encontrados, e indicando as boas e melhores fórmas de falar e de escrever.

INDICE ANALYTICO

PARTE PRIMEIRA

OS CLASSICOS DA LINGUA PORTUGUESA

GIL VICENTE (1460—1536) 9
Do « Auto da historia de Deus » 9
Epistola dedicatoria a D. João III . . . 11
BERNARDIM RIBEIRO (1475—1553) 15
A Visão (romance) 15
Menina e moça (Capitulo I). 21
SÁ DE MIRANDA (1495—1558) 25
Psychis. 25
De « Os Estrangeiros » 33
JOÃO DE BARROS (1496—1570) 35
Em Gôa. 35
DAMIÃO DE GÓES (1501....) 37
Antigualha na ilha do Corvo. 37
LUIS DE CAMÕES (1524—1580) 41
Sonteo 19.º 41
O desemparo 42
O Adamastor 47
FREI LUIZ DE SOUZA (1555—1632) 55

Duas mysteriosas visões. 55
PADRE ANTONIO VIEIRA (1608—1697) . . . 59
A palavra de Deus. 59
Cinzas 61
PADRE MANUEL BERNARDES (1644—1710) . . 65
A amizade (XXVII). 65
FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO (*Philinto Elysio*) (1734—1819) 69
Ad Sodales (fragmento) 69
A' liberdade (fragmento) 71
Os Novos Gamas (fragmento) 73
JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO (1761—1831). . 75
Culto aos romanos (fragmento). . . . 75
BARBOSA DU BOCAGE (1765—1805) 79
O macaco declamando. 79
Epigramma (XVII) 80
Ode (XXI). 81
Insomnia (soneto) 82
Inventario da casa do guarda-mór . . . 82
VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT (1799—1854) . 85
A morte de Catão. 85
O arco da Sancta. 92
ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO (1800—1876). 93
Cantico da Noite 93
Parallelo entre Bernardes e Vieira . . . 98
ALEXANDRE HERCULANO (1810—1877) . . . 101
A cruz mutilada 101
Recordações. 106

PARTE SEGUNDA

OS ESCRIPTORES BRAZILEIROS

I

Phase das trasladações literarias

Seculo XVI

Bento Teixeira Pinto (Meiados de 1500) . . 111
Descripção do Recife de Pernambuco. . . 111
Vicente do Salvador (1564 — 163...) . . . 113
Fundação do Rio de Janeiro. 114

Seculo XVII

Antonio de Sá (1620 — 1678) 117
O homem e o christão 117
Gregorio de Mattos Guerra (1623 — 1696) . 119
Soneto. 119
Aos vicios. 120
Euzebio de Mattos (1629 — 1692) 123
Ecce Homo. 124
Padre Francisco de Souza (1630 — 1724) . . 127
Sobre o falso rumor da morte de Xavier . . 128
Manoel Botelho de Oliveira (1636 — 1711) . 131
A ilha da Maré 131

Nuno Marques Pereira (1652—1728) . . . 144
Romance 144
Sebastião da Rocha Pitta (1660—1738) . . 148
O Brazil 149
A flor de Maracujá 150
As fructas do Brazil. 151

Seculo XVIII

Santa Maria Itaparica (1700—17...). . . 152
Descripção da ilha de Itaparica 152
Antonio José da Silva (1705—1739) . . . 156
Glosa (fragmento) 156
Um proemio 158
As variedades de Protheo 159
Claudio Manoel da Costa (1729—1789) . . 165
Temei penhas... 166
Soneto 167
Santa Ritta Durão (1737—1784) 168
A morte de Moema 168
José Basilio da Gama (1740—1785) . . . 171
A morte de Lindoya 171
Domingos Caldas Barbosa (1740—1800) . . 174
Soneto 174
Thomaz Antonio Gonzaga (1744—1807) . . 175
Lyra 1.ª da Parte II 176

ALVARENGA PEIXOTO (1744 — 1793) 178
Estella e Nize. 179
Ao Marquez de Lavradio. 179
SILVA ALVARENGA (1749 — 1814). 180
Soneto 181
A' Lua. 182
ANTONIO DE MORAES SILVA (1755 — 1824) . . 182
Prologo do Autor á 1.ª impressão . . . 183
Nota 186
ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA (1756 — 1815). 188
Sobre costumes de indios. 188
JOSÉ DA SILVA LISBÔA (1756 — 1835) . . . 190
Um prologo 191
BALTHAZAR DA SILVA LISBÔA (1761 — 1840). . 196
Estudos americanos 197
SOUZA CALDAS (1762 — 1814). 199
A *immortalidade da alma*. 200
JOSÉ BONIFACIO (1765 — 1838) 202
Ser e não ser. 203
Representação sobre a escravatura . . . 204
FRANCISCO VILELA BARBOSA (1769 — 1846). . 205
Lyra 206
M. J. PEREIRA DA FONSECA (1773 — 1848) . . 207
Maximas 207
DOMINGOS BORGES DE BARROS (1779 — 1855). . 213
Os tumulos (fragmento). 213

Caetano Lopes de Moura (1780 — 1860) . . 215
Das «Harmonias da Creação» 216
Mont'Alverne (1784 — 1858) 218
Do «Panegyrico de S. Pedro de Alcantara». 219
O systema de philosophia. 220
Natividade Saldanha (1796 — 1830) . . . 222
Soneto 222
Soneto 223
Antonio Pereira Rebouças (1798 — 1880). . 224
Sobre o tutor do Imperador 224
Manoel Odorico Mendes (1799 — 1864). . . 227
Hymno á tarde 228

II

PHASE DAS FORMAÇÕES LITERARIAS

Seculo XIX

Francisco Muniz Barretto (1804 — 1868) . . 233
E' paio. 233
Manoel de Araujo Porto-Alegre (1806—1882). 235
Colombo (fragmento do *Prologo*) . . . 236
A destruição das florestas. 237
Maciel Monteiro (1804 — 1867). 239
Soneto 239
Sobre o trafico. 240

JOAQUIM CAETANO DA SILVA (1810 — 1873). . 243
A lei da gravidade 244
DOMINGOS DE MAGALHÃES (1811 — 1882) . . 246
Napoleão em Waterloo 247
De « A Confederação dos Tamoyos ». . . 252
JOÃO FRANCISCO LISBÔA (1812 — 1863). . . 257
Sobre o Maranhão. 257
TEIXEIRA E SOUZA (1812 — 1861) 259
De « Os tres dias de um Noivado » . . . 260
A noite de sabbado 262
MARTINS PENNA (1815 — 1848) 265
A questão das vocações 266
F. A. DE VARNHAGEN (1816 — 1878). . . . 267
Descripção do Brazil. 268
MELLO MORAES (Pae) (1816 — 1882) . . . 270
Começo da guerra entre o general Madeira e a força brazileira 271
PEREIRA DA SILVA (1819 — 1898). 274
As finanças do Brazil. 275
NORBERTO DE SOUZA (1820 — 1891). . . . 276
Ballata. 277
Sobre D. Barbara Heliodora. 278
LAURINDO RABELLO (1820 — 1864) 279
A' Bahia 280
JOAQUIM MANOEL DE MACEDO (1820 — 1882). . 285
A Nebulosa 286

O saráo de Thomazia. 287
GONÇALVES DIAS (1823—1864) 289
Poseidon 290
Uma scena do « Leonor de Mendonça ». . 292
BERNARDO GUIMARÃES (1827—1885) . . . 297
Soneto. 298
A Cavalhada 299
JOSÉ DE ALENCAR (1829—1877). 301
Os filhos de Tupan 301
Scena intima 303
A hospitalidade 305
ALVARES DE AZEVEDO (1831—1852) . . . 308
Soneto 309
Uma noite do seculo. 310
JUNQUEIRA FREIRE (1832—1855). 312
A orphã na costura 312
AGRARIO DE MENEZES (1834—1863). . . . 315
Um scena de « Os miseraveis » 315
LUIZ DELPHINO (1834—1911) 318
A cidade da luz 319
FRANKLIN DOREA (1836—1906). 320
A estatua de Moysés. 321
Do prologo dos « Enlevos » 322
CASIMIRO DE ABREU (1837—1860) 323
Balsamo. 323
CARNEIRO RIBEIRO (1839). 324

O padre Antonio Vieira. 325
TOBIAS BARRETTO (1839—1889). 328
Presentimento. 328
Ideia do direito 330
PEDRO LUIZ (1839—1884) 332
O que eu quero 333
MACHADO DE ASSIS (1839—1908) 334
A Carolina. 335
José de Anchieta 337
Meninice 338
Do «Memorial de Ayres» 339
Os deuses de casaca 340
FAGUNDES VARELLA (1841—1875) 345
A estatua equestre. 346
FRANKLIN TAVORA (1842—1888). 348
Sacrificio 349
VISCONDE DE TAUNAY (1843—1898). . . . 351
Papilio innocentia. 351
MELLO MORAES FILHO (1843). 353
No pouso 354
Religiões no Brazil 357
LUIZ GUIMARÃES JUNIOR (1844—1898) . . . 358
Visita á casa paterna. 359
As ondas 360
ROZENDO MUNIZ BARRETTO (1845—1897) . . 361
Synthese 361

2 de Julho na Bahia 362
Barão do Rio Branco (1845 — 1912). . . 364
Sobre o militar 365
Gonsalves Crespo (1845 — 1883) 366
Chiméras 367
Castro Alves (1847 — 1871) 367
Mudo e quedo. 368
Ode ao 2 de Julho 370
A's senhoras bahianas 372
O adeus de Gonzaga. 374
Victoriano Palhares (1847 — 18...). . . . 376
Riachuelo 377
O sorriso 379

III

LITERATURA CONTEMPORANEA

(Seculo XIX — Segunda Metade)

Carlos de Laet (1847) 381
Microcosmo. 381
Alencar Araripe Junior (1848 — 1911) . . 386
Miss Kate 387
Ibsen e o symbolismo. 389
Joaquim Nabuco (1849 — 1910) 392
Nada 393

Academia Brazileira 393
Ruy Barbosa (1849). 395
Sobre o prestigio do homem politico. . . 396
O processo Dreyfus 399
Da «Plataforma». 401
O regimen republicano 402
Domingos Olympio (1850—1906) 404
O Almirante 404
Sylvio Roméro (1851) 407
O Exodo dos Livres. 408
Sobre a politica brazileira. 410
Inglez de Souza (1853) 412
Trecho de «O Missionario». 412
Lucio de Mendonça (1854—1909) 414
O rebelde 415
Os votos de Estacio 416
Manoel Victorino (1854—1902) 417
Sursum corda. 418
Garcia Redondo (1854) 421
Um homem venturoso. 421
Os primeiros exames 423
Guerra Junqueiro. 425
José do Patrocinio (1854 - 1905). . . . 427
Chronica Politica. 427
Arthur Azevedo (1855—1908). 430
Eterna Dor 431

A praia de Santa Luzia. 432
URBANO DUARTE (1855 — 1904) 433
Ruy Barbosa. 434
ALUISIO AZEVEDO (1857) 437
O Coruja 437
THEOPHILO DIAS (1857 — 1889) 440
O Rio e o Vento. 440
Sobre Augusto de Lima. 442
MUCIO TEIXEIRA (1858) 443
Evolução 444
Sobre Castro Alves. 445
CASTRO REBELLO JUNIOR (1858 — 1912) . . . 446
O Guarany 446
AUGUSTO DE LIMA (1858) 451
Historia de uma fonte. 452
VALENTIM MAGALHÃES (1859 — 1903). . . . 454
Visita a um tumulo 455
O primeiro dente 458
Literatura Brazileira. 460
ALBERTO DE OLIVEIRA (1859). 461
Rêde selvagem. 462
Perola 463
CLOVIS BEVILAQUA (1859). 465
Trecho de psychologia das plantas . . . 466
Os elementos psychicos da evolução da propriedade 467

VICENTE DE CARVALHO (1859) 469
Pequenino morto 469
Jesus. 472
B. LOPES (1859) 474
Minha varanda. 474
ARTHUR ORLANDO (1859) 476
Theorias literarias no Brazil. 477
RAYMUNDO CORREIA (1860 — 1911) 479
O anoitecer. 480
As pombas 480
O papão. 481
EDUARDO PRADO (1860 — 1901) 482
A bandeira Nacional 483
AFFONSO CELSO (1860). 484
A joia 485
Na fazenda. 487
Visconde de Ouro Preto 489
O futuro do Brazil. 490
A entrada no Rio. 493
MARTINS JUNIOR (1860 — 1904) 496
Soneto 497
Aspectos do direito. 498
LUIZ MURAT (1861). 499
No bosque 500
Gralhas. 501
O poder das lagrimas 505

Cruz e Souza (1862—1898) 506
Flor nirvanisada 506
Região azul 507
Raul Pompeia (1863—1894). 508
Primeiras palavras de «O Atheneu» . . 508
Domicio da Gama (1863) 511
O capitulo das viagens. 511
Coelho Netto (1864) 513
Ser mãe. 514
As letras. 515
A Fórma 516
A arvore 518
Um panorama do Rio. 520
Do «Saldunes» 523
Alcindo Guanabara (1865) 530
O Jornal 530
Olavo Bilac (1865) 533
A um grande homem 533
Surdina. 535
Gonçalves Dias. 537
Vigilio Varzea (1865). 539
A bordo do «Livádia» 539
Rodrigo Octavio (1866) 541
Patriotismo brazileiro. 542
Emilio de Menezes (1867). 544
Salto do Guahyba 544

EUCLYDES DA CUNHA (1867—1909) 545
A ultima visita. 546
GUIMARÃES PASSOS (1867 — 1909) 549
Mystica. 550
MEDEIROS DE ALBUQUERQUE (1867) 550
Illusões. 551
A Joaquina da Onça. 552
ADOLPHO CAMINHA (1867 — 1897). 555
A normalista 555
OLIVEIRA LIMA (1867). 557
Colonia e reino 558
PEDRO RABELLO (1868 — 1905) 559
Mana e Minduca. 560
AFFONSO ARINOS (1868) 561
Fragmento de discurso 562
GRAÇA ARANHA (1868). 563
Discurso academico 564
ANTONIO MENDES MARTINS (1876). 566
O Verme e a estrella 566
LUIZ GUIMARÃES FILHO (1877) 570
Hydrophana 570
Hymno. 571
Nas montanhas de Chuzenji. 572
FRANCISCO MANGABEIRA (1897 — 1903) . . . 574
Ballada. 574
O Radjah 578

NOTAS FINAES

O plano do livro 583
A orthographia. 584
O processo evolutivo 585
Classicos portuguêses 585
Escriptores modernos. 586

INDICE SYNTHETICO

Parte primeira.—Os classicos da lingua Portuguêsa 7
Parte segunda.—Os escriptores brazileiros . . 109
I-Phase das trasladações literarias 111
Seculo XVI 111
Seculo XVII 117
Seculo XVIII 152
II-Phase das formações literarias. 233
Seculo XIX (Primeira metade) . . . . . 233.
III-Literatura Contemporanea. 233
Seculo XIX (Segunda metade) 381
Notas finaes. 581
Indice analytico. 587
Indice synthetico 603

Impresso na "Typographia Catilina"

410116

LPor.C
D5851a

Diniz, Almachio
Anthologia da lingua vernacula.

NAME OF BORROWER.

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED

NOVAS EDIÇÕES

ALMACHIO DINIZ—"Curso de philosophia elementar", para uso dos candidatos ao curso de bacharel em direito, em volume de 220 paginas, elogiado por Clovis Bevilaqua, Sylvio Romero, Alfredo Pinheiro, etc.—1 vol. broc. . . . . 10$000
enc. . . . . 13$000

ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO—"A Redacção do Codigo Civil e replica do Dr. Ruy Barboza, 1 vol. broc. 15$000

Serões Grammaticaes, obra de 900 paginas, nitidamente impressa, 1 vol. cartonado . . . . . $

Elementos de Gramnatica Portugueza 1 vol. cart. 3$000

Ligeiras Observações sobre as emendas do Dr. Ruy Barbosa feita a Redacção do Projecto do Codigo Civil, 1 vol. broc. . . . . 2$500

BERNARDINO DE SOUZA—"Por Mares e Terras" (Leituras Geographicas), obra prefaciada pelo Dr. Theodoro Sampaio, contendo vinte estudos diversos nos moldes da moderna sciencia geographica . . . . . $

GUSTAVO DE ANDRADE—Grammatica Intuitiva da Lingua Portuguesa (elementar), 1 volume com 150 paginas cart. . . . . 1$500

ALMACHIO DINIZ—"Uma thetoria geral do direito" (ou um Curso de Encyclopedia Juridica), precedido de uma introducção sobre a "Concepção mecanica da sociedade". 1 volume de mais de quinhentas paginas, broc. 20$000; enc. 23$000

ALMACHIO DINIZ—"A Carne de Jesus", novella excommungada pelo Arcebispo da Bahia e elogiada por Abel Botelho, Max Nordau, etc., com seis gravuras adequadas, impressão feita em Paris, em volume de 200 e tantas paginas, broc. . . . . 3$000

ALMACHIO DINIZ—"O pomo de ouro e outros contos maravilhosos", contos para creanças gravurados, com 150 paginas, 1 volume cartonado. . . . . 2$000

COELHO NETTO—"Contos escolhidos", collectanea dos contos que o autor julgou melhores em toda a sua obra, em 1 volume de mais de 100 paginas, broc. 3$000; enc. . 4$000

SYLVIO ROMERO—"As minhas contradicções", obra de polemica e critica, com um prefacio de Almachio Diniz, em 1 volume de mais de 200 paginas, broc. 3$000; enc. . 4$000